

GILLIAN FLYNN

AUTORA DO BEST-SELLER MUNDIAL
EM PARTE INCERTA



LUGARES ESCUROS

N.º 1 DO NEW YORK TIMES



BERTRAND EDITORA



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.us](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."





GILLIAN FLYNN é autora de *Em Parte Incerta*, *best-seller* do *New York Times* e um dos melhores livros de 2012. É também autora de *Objetos Cortantes*, vencedor do Dagger Award e nomeado para o Edgar Award de romance de estreia, escolha do BookSense Award e Discover Award da cadeia de livrarias Barnes & Noble. A autora está publicada em vinte e oito países. Vive em Chicago com o marido e o filho.

Título original: Dark Places
1.ª edição em papel: outubro de 2013
Autora: Gillian Flynn
Tradução: Tânia Ganho
Revisão: Catarina Andrade
Design da capa: Ana Monteiro
Imagem da capa: Shutterstock Images

© 2009 by Gillian Flynn

[Todos os direitos para a publicação desta obra em língua portuguesa, exceto Brasil, reservados por Bertrand Editora, Lda.]

Esta edição segue a grafia do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Bertrand Editora
Rua Prof. Jorge da Silva Horta, n.º 1
1500-499 Lisboa
www.bertrandeditora.pt
Tel. 217 626 000 · Fax 217 626 150

ISBN: 978-972-25-2743-9

Para o meu elegante e arrojado marido,
Brett Nolan

O clã dos Day podia ter vivido para sempre
Mas Ben Day não regulava bem da mente
De Satanás cobiçava o negro poder
Por isso matou a família com todo o prazer

A pequena Michelle de noite ele estrangulou
A seguir foi Debby que ele esquartejou
A mãe Patty para o fim ele guardou
Com um tiro de caçadeira a cabeça ele lhe rebentou

Da chacina a bebé Libby escapou
Mas para o resto da vida com sequelas ficou.

— Cantilena entoada no recreio das escolas
por volta de 1985

Tenho uma ruindade dentro de mim, palpável como um órgão. Cortem-me a barriga e provavelmente ela escorrega cá para fora, escura e carnuda, e cai no chão e alguém a pisa. É o sangue dos Day. Tem qualquer coisa de errado. Nunca fui uma menina boazinha e, depois dos crimes, piorei. A orfãzinha Libby cresceu mal-humorada e mole, arrastada de casa em casa — entregue a um grupo de familiares afastados, primos em segundo grau e tias-avós e amigos de amigos —, enfiada numa série de rulotes e quintas decrépitas espalhadas de uma ponta à outra do Kansas. Eu ia para a escola vestida com a roupa que herdei da minha irmã morta: camisas com as costuras amareladas debaixo dos braços, calças com os fundilhos demasiado largos, comicamente penduradas da cintura, presas com um cinto andrajoso repuxado até ao último buraco. Nas fotografias de turma, apareço sempre com o cabelo em desalinho — ganchos a escorregarem pelas madeixas abaixo, como se fossem objetos voadores apanhados no cabelo emaranhado — e uns grandes papos por baixo de olhos de alcoólica. E talvez um ricto rancoroso nos lábios, no sítio onde devia estar um sorriso. Talvez.

Nunca fui uma criança adorável e transformei-me num adulto detestável. Se fizessem um desenho da minha alma, seria um rabisco com presas de animal.

Estávamos em março, um mês deprimente e torrencial, e deitei-me na cama a pensar em matar-me, um dos meus passatempos prediletos. Um devaneio diurno autocomplacente: uma caçadeira na boca, um disparo e a cabeça a ser impelida para trás, uma, duas vezes, sangue na parede. Esguichos, salpicos. «Ela queria ser enterrada ou cremada?», perguntariam as pessoas. «Quem é que deveria vir ao funeral?» E ninguém saberia dizer. As pessoas, fossem elas quem fossem, limitar-se-iam a olhar para os sapatos ou para os ombros umas das outras até o silêncio se instalar e, depois, alguém poria o café ao lume, apressadamente e com considerável estrépito. O café condiz muito bem com mortes súbitas.

Libertei um pé dos lençóis, mas não consegui levá-lo ao chão. Acho que estou deprimida. Acho que estou deprimida há cerca de vinte e quatro anos. Sinto que existe uma versão melhor de mim algures dentro do corpo — escondida por detrás de um fígado ou agarrada a um pedaço de baço, no interior do meu corpo atrofiado de criança —, uma Libby que me está a dizer para me levantar, fazer alguma coisa, crescer, andar com a vida para a frente. Mas, geralmente, a ruindade é que ganha. O meu irmão chacinou a minha família quando eu tinha sete anos. A minha mãe e duas irmãs, assassinadas: tiro, machadada, estrangulamento. Depois disso, não precisei de fazer nada, ninguém esperava que eu fizesse fosse o que fosse.

Herdei 321 374 dólares quando fiz dezoito anos, provenientes de todas aquelas pessoas bem-intencionadas que tinham lido a minha triste história, benfeitores que me desejavam o melhor, do fundo do coração. Sempre que ouço essa expressão, e ouço-a com frequência,

imagino desenhos de corações sumarentos, com asinhas e tudo, a esvoaçarem em direção a um dos muitos lares de merda da minha infância, e eu, miúda, à janela, a acenar e a apanhar cada coração colorido, dinheiro verde a chover sobre mim, obrigada, mil vezes obrigada! Quando era pequena, os donativos foram colocados numa conta bancária de gestão conservadora, que, na época, sofria um acréscimo a cada três ou quatro anos, sempre que alguma revista ou estação de rádio se lembrava de mim. Um Novo Dia para a Pequena Libby: A Única Sobrevivente do Massacre na Pradaria Faz uns Amargos 10 Anos. (Eu, de puxinhos mal-amanhados, no relvado cheio de urina de gambá à porta da rulote da minha tia Diane. As canelas grossas como troncos da tia Diane, expostas por baixo de uma saia curta, fincadas na relva amarela atrás de mim.) Os 16 Anos da Corajosa Menina Day! (Eu, ainda minúscula, com o rosto iluminado pelas velas de aniversário e uma camisa demasiado apertada no peito, que nesse ano tinha dado um salto para uma copa D, umas mamas caricaturais para uma estrutura tão pequena como a minha, ridículas, obscenas.)

Vivi desse dinheiro durante mais de treze anos, mas já se foi quase todo. Tinha uma reunião nessa tarde para determinar ao certo como é que o tinha gastado. Uma vez por ano, o indivíduo que geria o dinheiro, um bancário impassível e de faces rosadas, chamado Jim Jeffreys, fazia questão de me levar a almoçar, para fazermos um «exame de rotina», como ele lhe chamava. Comíamos qualquer coisa na gama dos vinte dólares e falávamos sobre a minha vida; no fim de contas, ele conhecia-me desde que eu tinha treze anos, hehe. Quanto a mim, não sabia quase nada sobre Jim Jeffreys, e também nunca fiz perguntas, encarando as reuniões sempre da mesma perspetiva de miúda: sê educada, mas apenas o suficiente, e despacha o assunto. Respostas monossilábicas, suspiros cansados. (A única coisa de que eu desconfiava sobre Jim Jeffreys era que devia ser cristão praticante; tinha a paciência e o otimismo de uma pessoa que achava que Jesus via tudo.) A próxima reunião deveria ser só daí a oito ou nove meses, mas Jim Jeffreys mostrara-se insistente, deixando-me mensagens no telefone numa voz séria e abafada, a dizer que fizera os possíveis para prolongar «a vida do fundo», mas estava na hora de pensar «nos próximos passos».

E a minha ruindade veio novamente ao de cima: lembrei-me de imediato da outra menina dos tabloides, uma Jamie qualquer coisa, que perdeu a família no mesmo ano que eu: 1985. Ela ficou com uma parte do rosto queimada num incêndio que o pai ateou e que matou todos os membros da família. Sempre que utilizo o Multibanco, lembro-me dessa Jamie e de como eu teria o dobro do dinheiro se ela não me tivesse roubado as luzes da ribalta. Essa Jamie não-sei-das-quantas estava algures, num centro comercial qualquer, com o meu dinheiro, a comprar malas caras e joias e maquilhagem aveludada e fina para espalhar no rosto reluzente, marcado por cicatrizes. O que era um pensamento horrível, como é óbvio. Mas pelo menos eu tinha noção disso.

Finalmente, finalmente, finalmente, arranquei-me da cama com um gemido teatral e dirigi-me para a parte da frente da casa. Vivo numa casinha de tijolos alugada, construída numa espiral de outras casinhas de tijolos, todas elas instaladas numa enorme colina íngreme com vista sobre os antigos currais de Kansas City. Kansas City do lado do Missouri e não Kansas City do lado do Kansas. O que não é a mesma coisa.

O meu bairro nem sequer tem nome, de tal maneira foi votado ao esquecimento.

Chama-se No Meio de Nenhures. Uma zona estranha, de classe baixa, cheia de becos sem saída e merda de cão. As outras casas estão apinhadas de velhos que aqui vivem desde que elas foram construídas. Os velhos passam o dia sentados à janela, por detrás das telas de rede, cinzentos e moles como pudins, a espreitarem a vizinhança a toda a hora. Às vezes, deslocam-se até aos respetivos carros em cuidadosos bicos de pés idosos que me fazem sentir culpada, como se devesse ir ajudá-los. Mas eles não gostariam disso. Não são velhinhos simpáticos; são velhos calados e irritados com a vida, que não apreciam o facto de eu ser vizinha deles, de terem uma pessoa nova na vizinhança. O bairro inteiro emana a desaprovação deles. Portanto, há o ruído do desprezo deles e há o cão fulvo e escanzelado, duas portas abaixo, que ladra todo o dia e uiva toda a noite, aquele tipo de ruído de fundo constante que uma pessoa só percebe que está a dar com ela em doida quando para, por uns abençoados instantes, e depois recomeça. O único som alegre do bairro que geralmente me embala o sono é o arrulhar matinal das crianças. Um magote de crianças pequeninas, de rostos rechonchudos e enchouriçadas, que vão a pé para um infantário qualquer escondido nas profundezas do ninho de ratos que são estas ruas atrás de mim, todas elas agarradas a uma longa corda puxada por um adulto. Todos os dias de manhã, marcham como pinguins diante da minha casa, mas nunca, nem uma só vez, as vi regressar. Às tantas, percorrem o mundo inteiro e só regressam a tempo de passar novamente diante da minha janela, de manhã. Seja qual for a história por detrás deste mistério, afeiçoei-me a elas. São três meninas e um menino, todos com uma predileção por casacos vermelho-vivo. E quando não os vejo, quando durmo para lá da hora, fico triste. Ou mais triste. É a palavra que a minha mãe usaria, em vez de uma coisa dramática como deprimida. Há vinte a quatro anos que ando triste.

Visto uma blusa e uma saia para a reunião, sentindo-me minorca; as minhas roupas de adulta, de menina crescida, nunca me assentam bem. Mal chego ao metro e meio de altura, tenho um metro e quarenta e sete, para ser mais precisa, mas costumo arredondar — prenam-me. Tenho trinta e um anos, no entanto as pessoas tendem a falar comigo em vozes cantaroladas, como se me quisessem dar tintas para eu fazer pinturas com os dedos.

Desci a minha encosta cheia de ervas daninhas, o que fez o cão fulvo dos vizinhos lançar-se num dos seus ataques frenéticos de latidos. No passeio junto do meu carro estão os esqueletos esmagados de dois passarinhos bebés e os bicos e as asas amassados dão-lhes um aspeto reptiliano. Faz um ano que aqui estão. Não resisto a olhar para eles sempre que entro no carro. Precisamos de uma boa inundação para os levar na correnteza.

Duas velhinhas estavam a conversar nos degraus da entrada de uma casa do outro lado da rua e senti a recusa delas em olharem para mim. Não conheço ninguém pelo nome. Se uma destas mulheres morresse, eu nem sequer poderia dizer: «Coitada da senhora Zalinsky, morreu.» Teria de dizer: «A cabra da velha da casa em frente esticou o pernil.»

Sentindo-me uma criança-fantasma, meti-me no meu carro anónimo, de tamanho médio, que parece ser feito maioritariamente de plástico. Estou sempre à espera que

alguém do stande apareça para me dizer o óbvio: «Era uma piada. Essa coisa não anda. Foi uma brincadeira nossa.» Conduzi numa espécie de transe o meu carro a fingir até à baixa — um trajeto de dez minutos —, para ir ao encontro de Jim Jeffreys, e entrei no parque de estacionamento vinte minutos depois da hora marcada, sabendo que ele sorria, todo simpático, e não diria nada sobre o meu atraso.

O combinado era eu ligar-lhe do telemóvel quando chegasse, para que ele viesse cá fora buscar-me. O restaurante — um ótimo KC da velha guarda — está rodeado de edifícios esventrados que o inquietam, como se um bando de violadores estivesse permanentemente à coca no interior das suas carcaças vazias, à espera da minha chegada. Jim Jeffreys recusa-se a ser O Homem que Deixou que Acontecesse Alguma Coisa de Mal a Libby Day. Nada de mal pode acontecer à CORAJOSA BEBÉ DAY, A MENINA PERDIDA, a trágica menina ruiva de sete anos com uns grandes olhos azuis, a única sobrevivente do MASSACRE DA PRADARIA, da CARNIFICINA NO KANSAS, do SACRIFÍCIO SATÂNICO NA QUINTA. A minha mãe e as minhas duas irmãs mais velhas chacinadas pelo Ben. Fui a única que escapou e acusei-o de ser o assassino. Fui a coisinha fofa que levou à justiça o irmão adorador do diabo. Fui notícia em toda a imprensa. O Enquirer publicou a minha fotografia chorosa, na primeira página, com a parangona rosto de anjo.

Espreitei para o espelho retrovisor e consegui ver o meu rosto de quando era bebé. As sardas esbateram-se, os dentes foram endireitados, mas o nariz continuava ligeiramente achatado e arrebicado na ponta e os olhos muito redondos como os de um gato. Eu tinha pintado o cabelo de um louro quase branco, mas já se viam as raízes ruivas. Parecia que tinha o escalpe a sangrar, sobretudo à luz do final do dia. O efeito era macabro. Acendi um cigarro. Passava meses sem fumar e de repente lembrava-me: preciso de um cigarro. Sou assim, nada dura muito comigo.

— Vamos, Bebé Day — disse em voz alta. É assim que chamo a mim própria quando me sinto odiosa.

Saí do carro e fumei até à porta do restaurante, segurando no cigarro com a mão direita para não ter de olhar para a esquerda, a mutilada. Era quase noite: nuvens nómadas flutuavam de uma ponta à outra do céu, como manadas de búfalos, e o sol estava suficientemente baixo para pintar tudo de rosa. Na direção do rio, por entre as espirais dos viadutos da autoestrada, erguiam-se as torres obsoletas dos silos, vazias, negras como o crepúsculo e inúteis.

Atravessei o parque de estacionamento sozinha, por cima de uma constelação de vidros partidos. Não fui atacada. No fim de contas, passava pouco das cinco da tarde. Jim Jeffreys jantava cedíssimo e orgulhava-se disso.

Ele estava sentado no bar, quando entrei, a bebericar um refrigerante, e a primeira coisa que fez foi, como eu já sabia, tirar o telemóvel do bolso do casaco e olhar para ele como se o tivesse traído.

— Ligaste? — perguntou, de sobrolho franzido.

— Não, esqueci-me — menti.

Ele sorriu.

— Bom, enfim. Enfim, fico contente por te ver, querida. Podemos ir diretos ao assunto? Pôs dois dólares em cima do balcão e conduziu-me para uma mesa com assentos de

couro vermelho e bocados de estofa amarelo a saírem pelas brechas. Os sítios onde o couro estava rasgado arranharam-me a parte de trás das pernas, quando me sentei, e os estofos soltaram um fedor a tabaco.

Jim Jeffreys nunca bebia álcool à minha frente e nunca me perguntava se eu queria uma bebida, mas, quando o empregado veio à mesa, pedi um copo de vinho tinto e vi-o esforçar-se por conter a surpresa, ou a desilusão, ou qualquer outro sentimento que não fosse típico do seu comportamento. Que tipo de tinto?, perguntou o empregado, e eu não fazia ideia. Nunca me lembrava de marcas de tintos ou brancos, nem de qual a parte do nome do vinho que se devia dizer, por isso respondi simplesmente: Da casa. Ele pediu um bife, eu pedi uma batata assada recheada e, depois, o empregado afastou-se e Jim Jeffreys soltou um longo suspiro de dentista pesaroso e disse:

— Bem, Libby, estamos a entrar numa fase nova, completamente diferente.

— Quanto é que resta? — perguntei, pensando dizdez mildizdez mil.

— Mas tu lês os relatórios que eu te envio?

— Às vezes — menti outra vez. Eu gostava de receber correspondência, mas não de a ler; os relatórios deviam estar numa pilha qualquer, algures em minha casa.

— E ouviste as minhas mensagens?

— Acho que o seu telemóvel está estragado. Ouve-se tudo entrecortado. — Eu só tinha ouvido o suficiente das mensagens para perceber que estava em sarilhos. Geralmente, deixava de prestar atenção depois da primeira frase de Jim Jeffreys, que começava sempre: Fala o teu amigo Jim Jeffreys, Libby...

Jim Jeffreys uniu as pontas dos dedos esticados e espetou o lábio inferior para fora.

— Restam 982 dólares e 12 cêntimos no fundo. Como já disse antes, se tivesses feito reforços regulares, teríamos conseguido manter as coisas sob controlo, mas... — abriu as mãos e crispou o rosto — ... infelizmente, não foi isso que aconteceu.

— Então e o livro, o livro não...?

— Lamento, Libby, mas não. Todos os anos te digo a mesma coisa. Não tens culpa, mas o livro... não. Nada.

Há anos, para tirar proveito do meu vigésimo quinto aniversário, um editor de livros de autoajuda convidou-me para escrever sobre a maneira como superei «os fantasmas do meu passado». Eu não tinha superado nada, mas aceitei a encomenda e falei por telefone com uma mulher de Nova Jérсия, que se encarregou da escrita em si. O livro saiu no Natal de 2002, com uma fotografia minha na capa com um penteado infeliz, de cabelo desgrenhado. Chamava-se Vida Nova! Não se Limite a Sobreviver a um Trauma de Infância: Supere-o! e incluía umas quantas fotografias da minha infância e da minha família morta, encaixadas no meio de duzentas páginas de conversa da treta sobre pensamento positivo. Pagaram-me oito mil dólares e um punhado de grupos de sobreviventes convidou-me para participar numa tertúlia. Apanhei um avião para Toledo, para um encontro com homens que tinham ficado órfãos quando eram pequenos; para Tulsa, para um encontro especial de adolescentes cujas mães tinham sido assassinadas pelos maridos. Autografei livros para miúdos ofegantes, que me fizeram perguntas duras e inesperadas, como, por exemplo, se a minha mãe fazia tartes. Autografei livros para homens grisalhos e carentes, que me fitavam por detrás de óculos bifocais, com um hálito

explosivo a café queimado e bilis. «Comece um novo dia!», escrevia eu, ou «Tem um novo dia pela frente!». Era uma sorte ter um apelido que dava para fazer trocadilhos. As pessoas que me vinham ver tinham sempre um ar exausto e desesperado, e rodeavam-me, inseguras, em grupos esparsos. Os grupos eram sempre pequenos. Quando percebi que ninguém me pagava para fazer aquilo, recusei-me a ir onde quer que fosse. De qualquer forma, o livro já tinha entrado em declínio.

— Continuo a achar que o livro devia ter vendido mais — murmurei. Eu queria mesmo que o livro vendesse muito bem, desejava-o de uma maneira obsessiva e infantil: aquela sensação de que, se desejasse uma coisa com muita força, ela tinha obrigação de acontecer. Tinha obrigação.

— Eu sei — concordou Jim Jeffreys, tendo esgotado o assunto passados seis anos. Observou-me, enquanto eu bebia o meu copo de vinho em silêncio. — Mas de certa maneira, Libby, esta situação coloca-te perante uma nova fase da tua vida que pode ser muito interessante. O que é que queres ser quando fores grande?

Percebi que a intenção dele era ser simpático, mas suscitou em mim um ataque de raiva. Eu não queria ser nada, era precisamente essa a porra da questão.

— Não sobrou nada?

Jim Jeffreys abanou a cabeça, pesaroso, e começou a pôr sal no bife que acabara de vir para a mesa numa poça de sangue vivo como mercurocromo.

— E que tal novos donativos? Aproxima-se o vigésimo quinto aniversário do massacre. — Senti mais uma onda de raiva por ele me levar a dizer isto em voz alta. Ben começou a sua chacina por volta das duas da manhã do dia 3 de janeiro de 1985. A data e hora do massacre da minha família, e ali estava eu a desejar que chegasse o dia. Quem é que dizia coisas daquelas? Porque é que não sobravam sequer cinco mil dólares?

Ele abanou novamente a cabeça.

— Não sobrou nada, Libby. Já tens, o quê, trinta anos? És uma mulher. As pessoas deixaram essa história para trás. Querem ajudar outras meninas pequenas e não...

— E não eu.

— Infelizmente, não.

— As pessoas deixaram essa história para trás? A sério? — Senti uma pontada de abandono, como acontecia sempre em miúda, quando uma tia ou uma prima me deixava em casa de outra tia ou de outra prima: Para mim, chega, agora fica tu com ela durante uns tempos. E a nova tia ou prima era muito simpática durante cerca de uma semana, esforçava-se muito para lidar com a minha personalidadezinha amarga, e depois... verdade seja dita, geralmente a culpa era minha. Era mesmo, não estou aqui com paleio de vítima. Borrifei a sala de uma prima com laca do cabelo e peguei-lhe fogo. A minha tia Diane, a minha tutora, irmã da minha mãe, a minha amada, acolheu-me — e mandou-me embora — meia dúzia de vezes até finalmente me pôr fora de casa de vez. Fiz coisas terríveis à coitada da mulher.

— Infelizmente, há sempre um novo assassinio, Libby — comentou Jim Jeffreys, numa voz monocórdica. — As pessoas têm a memória curta. Vê só como anda tudo em polvorosa por causa de Lisette Stephens.

Lisette Stephens era uma bonita morena de vinte e cinco anos que desapareceu no

caminho para casa, depois de um jantar em família no dia de Ação de Graças. Toda a Kansas City se empenhou nas buscas, era impossível ligar a televisão nas notícias e não ver a fotografia dela a sorrir no ecrã. No início de fevereiro, já a história alastrara pelo país inteiro. Durante um mês, não aconteceu nada. Lisette Stephens estava morta e, por essa altura, toda a gente sabia isso, mas ninguém queria ser o primeiro a abandonar o barco.

— Mas — continuou Jim Jeffreys — acho que toda a gente gostaria de saber que estás bem.

— Espetacular.

— E que tal tirares um curso universitário? — sugeriu, mastigando um pedaço de carne.

— Não.

— E se te arranjássemos emprego num escritório, a arquivar documentos e coisas desse género?

— Não. — Encolhi-me, ignorando o prato, taciturna. Essa era outra das palavras que a minha mãe usava: taciturno. Significava estar triste de uma maneira que irritava as outras pessoas. Estar triste de uma maneira agressiva.

— Bom, porque é que não tiras uma semana e pensas no assunto? — Ele estava a devorar o bife, o garfo subia e descia em movimentos rápidos. Jim Jeffreys estava desejoso de se ir embora. Jim Jeffreys não tinha mais nada para fazer ali.

Deixou-me com três cartas e um sorriso que pretendia ser otimista. Três cartas, todas com ar de correspondência indesejada. Jim Jeffreys costumava entregar-me caixas de sapatos a abarrotar de correspondência, na sua maioria cartas com cheques no interior. Eu punha o cheque no nome dele e, depois, o doador recebia uma carta-tipo escrita na minha letra de imprensa. «Obrigada pelo seu donativo. São pessoas como o senhor que me permitem encarar o futuro com esperança. Os meus mais sinceros cumprimentos, Libby Day.» Escrevia mesmo «cumprimentos», um erro que Jim Jeffreys pensava que as pessoas achariam comovente.

Mas as caixas de sapatos com donativos tinham acabado e a única coisa que me sobrava eram três míseras cartas e o resto da noite para ocupar. Voltei para casa, com vários carros a fazerem-me sinais de luzes até eu perceber que me tinha esquecido de acender os faróis. A linha do horizonte de Kansas City brilhava a leste, uma extensão modesta e mal semeada de edifícios medianos, com algumas torres de rádio espetadas aqui e ali. Tentei imaginar coisas que poderia fazer para ganhar dinheiro. Coisas que os adultos faziam. Imaginei-me de farda de enfermeira a segurar num termómetro; depois, de farda azul justa de polícia a ajudar uma criança a atravessar a estrada; a seguir, com uma fiada de pérolas e um avental florido a preparar o jantar para o meu maridinho. Tens a cabeça mesmo lixada, pensei. A tua noção do que é um adulto continua a ser a dos livros de histórias. E, enquanto pensava nisto, vi-me a mim própria a escrever o abecedário num quadro à frente de miúdos do primeiro ano com olhos interessados.

Tentei pensar em empregos realistas: qualquer coisa relacionada com computadores.

Inserir informações numa base de dados, isso não era um emprego? Serviço de apoio ao cliente? Uma vez, vi um filme em que uma mulher passeava cães para ganhar a vida, vestida com um macacão e uma camisola de malha e sempre com ramos de flores na mão, os cães babosos e afeiçoados a ela. Mas eu não gostava de cães, tinha medo deles. Por fim, lembrei-me de trabalhar numa quinta, claro. A minha família trabalhava na agricultura há cem anos e a minha mãe seguia a tradição, até Ben a matar. Nessa altura, a quinta foi vendida.

Seja como for, eu não entendia nada de agricultura. Tenho algumas recordações da quinta: Ben a brincar na lama da primavera fria, a afugentar vitelas do caminho; as mãos ásperas da minha mãe a enterrarem-se em bolinhas cor de cereja que se transformariam em sorgo; os guinchos de Michelle e de Debby aos pulos em cima de fardos de feno no celeiro. «Faz comichão!», queixava-se sempre Debby e depois desatava outra vez aos pulos. Nunca consigo entregar-me muito tempo a estes pensamentos. Rotulei as recordações como se fossem uma região particularmente perigosa: Lugar Escuro. Se me demorasse demasiado tempo numa imagem da minha mãe a tentar arranjar pela quinquagésima vez a maldita cafeteira ou de Michelle a dançar às voltas na sua camisa de noite de lã, com as meias puxadas até aos joelhos, a minha mente saltava para o Lugar Escuro. Borrões obsessivos de ruído vermelho-vivo a meio da noite. O machado rítmico e implacável a mover-se mecanicamente como se estivesse a cortar lenha. Tiros de caçadeira na pequena entrada. Os gritos de gaio-azul da minha mãe, ainda a tentar salvar as filhas, apesar de já não ter metade da cabeça.

O que é que fará um assistente de administração?, perguntei-me.

Estacionei diante da minha casa e pus o pé numa laje do passeio onde alguém riscara «Jimmy ama Tina» no cimento, há décadas. Às vezes, eu tinha vislumbres do que acontecera ao casal: ele era um jogador de basebol de segunda divisão/ela era dona de casa em Pittsburgh, a braços com um cancro. Ele era um bombeiro divorciado/ela era uma advogada que se afogou ao largo da Costa do Golfo no ano passado. Ela era professora/ele morreu com vinte anos, fulminado por um aneurisma. Era um bom jogo mental, ainda que macabro. Tinha por hábito matar pelo menos um deles.

Levantei os olhos para a minha casa alugada e perguntei-me se o telhado não estaria torto. Se o telhado abatesse, eu não perderia grande coisa. Não possuía nada de valor, a não ser um gato muito velho chamado Buck, que me tolerava. Quando cheguei aos degraus encharcados e abaulados, o miado rancoroso de Buck chegou-me aos ouvidos e apercebi-me de que me tinha esquecido de lhe dar de comer nesse dia. Abri a porta e o gato vetusto avançou em direção a mim, lento e tolhido, como uma carriola com uma roda partida. A comida de gato tinha acabado — fazia parte da minha lista de coisas para fazer há uma semana —, por isso fui ao frigorífico, tirei umas fatias de queijo suíço duro e dei-lhas. Depois, sentei-me para abrir os meus três envelopes, com os dedos a cheirarem a leite azedo.

Fiquei-me pela primeira carta.

Espero que esta carta lhe chegue às mãos, uma vez que, segundo parece, não tem um site na Internet. Li uma notícia sobre si e tenho seguido a sua história de perto, ao longo dos anos, e gostava muito de saber o que é feito de si. Costuma fazer apresentações públicas? Pertença a um grupo que está disposto a pagar-lhe quinhentos dólares só para que apareça numa sessão. Contacte-me, por favor, e dar-lhe-ei mais informações.

Os meus sinceros cumprimentos,
Lyle Wirth

P.S. Esta é uma proposta de trabalho séria.

Uma sessão de strip? Um filme porno? Quando o livro saiu, com o seu capítulo de fotografias da Bebé Day Crescida, a que mais se destacava era uma de mim aos dezassete anos, com os seios bamboleantes a quererem rebentar pelas costuras de uma camisola de alças ordinária. Consequentemente, recebi várias propostas de revistas porno marginais, mas nenhuma delas oferecia dinheiro suficiente para que eu pensasse em aceitar. Mesmo hoje, quinhentos dólares não chegavam; se estes tipos queriam que me despiasse, teriam de pagar mais. Mas talvez — pensamento positivo, Bebé Day! —, talvez fosse mesmo uma proposta séria, mais um daqueles grupos de pessoas enlutadas, a precisarem que eu aparecesse para terem um pretexto para falarem sobre si próprias. Quinhentos dólares por umas horas de empatia era uma troca exequível.

A carta era datilografada, à exceção de um número de telefone que fora escrito à mão no fundo da página, numa caligrafia firme. Liguei, na esperança de ir parar às mensagens de voz. Em vez disso, ouvi um silêncio cavernoso na linha, o ruído do auscultador a ser levantado, mas nenhuma voz respondeu. Senti-me constrangida, como se tivesse telefonado para uma pessoa a meio de uma festa da qual eu não devia ter conhecimento.

Passados três segundos, uma voz masculina disse:

— Estou?

— Boa tarde. Fala Lyle Wirth? — Buck roçou-se nas minhas pernas, ansioso para que eu lhe desse mais comida.

— Quem fala? — Por trás, o mesmo ruidoso nada. Como se ele estivesse no fundo de um poço.

— Fala Libby Day. Recebi uma carta sua.

— Ahhhhh, fogo! A sério? Libby Day. Hum, onde é que está? Está cá?

— Cá onde?

O homem — ou rapaz, parecia jovem — gritou qualquer coisa para alguém que estava atrás dele e que incluiu a frase: «Já tratei disso» e depois gemeu no meu ouvido.

— Está em Kansas City? Vive em Kansas City, certo? Libby?

Eu estava prestes a desligar, mas o tipo começou a gritar está-ááá? Está-ááá? ao telefone, como se eu fosse uma miúda maluca que estava distraída na aula, por isso disse-lhe que de facto vivia em Kansas City e perguntei o que queria. Ele soltou uma daquelas gargalhadas heheheh, daquelas que querem dizer não vai acreditar nisto, mas.

— Bom, tal como eu disse, queria falar consigo sobre a hipótese de participar numa sessão. Eventualmente.

— Para fazer o quê?

— Bom, eu pertenço a um clube especial... há uma sessão especial do clube na próxima semana e...

— Que tipo de clube?

— Bom, é um clube diferente. É uma espécie de coisa clandestina...

Fiquei calada, ele que se desenvencilhasse. Passado o momento inicial de exibicionismo, senti-o ficar constrangido. Ótimo.

— Oh, bolas, não dá para explicar por telefone. Posso oferecer-lhe um café?

— É demasiado tarde para tomar café — respondi e, depois, percebi que provavelmente ele não estava a sugerir um café nessa noite, provavelmente queria dizer durante a semana e, em seguida, perguntei-me outra vez o que é que havia de fazer para ocupar as próximas quatro ou cinco horas.

— Uma cerveja? Um copo de vinho? — perguntou ele.

— Quando?

Pausa.

— Hoje?

Pausa.

— Pode ser.

Lyle Wirth parecia um assassino em série. O que significava que provavelmente não o era. Uma pessoa que andasse a esartejar prostitutas ou a comer foragidos tentaria parecer normal. Ele estava sentado a uma gordurosa mesa de cartas no meio do Tim-Clark's Grille, um antro húmido ao lado de uma feira da ladra. O Tim-Clark's ganhara fama pelos seus pratos no churrasco e começava agora a aburguesar-se, apresentando uma desconfortável mistura de velhos clientes grisalhos e rapazes de melena comprida e skinny jeans. Lyle não era nem uma coisa, nem outra: devia ter uns vinte e poucos anos, com um cabelo ondulado muito fininho, que tentava domar pondo demasiado gel nos sítios errados, de modo que metade era uma penugem baça e a outra metade, umas pontas espetadas e brilhantes. Usava óculos sem aros, um impermeável da Members Only e jeans muito justos, mas não com estilo como os skinny, pareciam simplesmente apertados. Tinha feições demasiado finas para que pudessem ser consideradas atraentes num homem. Os homens não devem ter lábios em forma de coração.

Olhou para mim quando me dirigi para ele. Não me reconheceu a princípio, estava só a tirar-me as medidas, a mim, a desconhecida. Quando já estava quase junto da mesa dele, fez-se luz: as sardas, a estrutura magra de passarinho, o nariz ligeiramente achatado, que se tornava ainda mais achatado quando alguém me fitava longamente.

— Libby! — começou, mas depois percebeu que era uma forma de tratamento demasiado íntima e acrescentou: — Day! — Levantando-se, puxou de uma cadeira de armar, pareceu arrepende-se do gesto cavalheiro e voltou a sentar-se. — Pintou o cabelo de louro.

— Pois pintei — respondi. Detesto pessoas que começam uma conversa com constatações; o que é que esperam que uma pessoa faça perante isso? Está mesmo calor hoje. Pois está. Olhei à minha volta para pedir uma bebida. Uma empregada de minissaia e uma voluptuosa cabeleira preta estava de costas para nós, com o seu bonito traseiro em destaque. Bati com os dedos na mesa até ela se virar, mostrando-me um rosto que tinha no mínimo uns setenta anos, com uma grossa camada de maquilhagem empastada nas pregas das bochechas e veias roxas a raiarem-lhe as mãos. Uma parte qualquer dela rangeu quando se dobrou para assentar o meu pedido, franzindo o nariz porque pedi uma simples cerveja.

— O peito de vaca é uma das especialidades da casa — disse Lyle, mas ele também não ia comer nada, limitou-se a bebericar os restos de uma bebida qualquer leitosa.

Eu não costumo comer carne, não desde que vi a minha família cortada aos bocados. Ainda estava a tentar apagar da cabeça a imagem de Jim Jeffreys e do seu bife cheio de nervos. Encolhi os ombros em sinal de negação e esperei pela minha cerveja, olhando em redor como um turista. As unhas de Lyle estavam sujas, foi a primeira coisa em que reparei. A peruca da empregada velha estava torta: viam-se madeixas de cabelo branco transpirado coladas ao pescoço. Ela enfiou umas quantas para baixo da peruca, enquanto pegava num pacote de batatas fritas que crepitava debaixo da luz infravermelha. Um homem gordo estava sozinho na mesa ao lado, a comer entrecosto e a inspecionar a compra que fizera na feira da ladra: uma jarra velha e kitsch, com uma sereia. Os dedos dele deixaram marcas de gordura nas mamas da sereia.

A empregada pousou a cerveja com firmeza à minha frente, sem dizer nada, e depois ronronou para o homem gordo, tratando-o por «querido».

— Então, que clube é esse? — disse eu, dando a deixa a Lyle.

Ele ficou vermelho, com os joelhos nervosos debaixo da mesa.

— Bom, está a ver aqueles tipos que jogam Futebol Fantasia ou colecionam cartas de jogadores de basebol? — Fiz que sim com a cabeça. Ele soltou uma estranha gargalhada e continuou: — E aquelas mulheres que leem revistas cor-de-rosa e sabem tudo sobre um ator qualquer, como é que se chama o filho que acabou de nascer e em que cidade o ator cresceu e essas coisas todas?

Inclinei a cabeça com uma expressão desconfiada, como que a dizer-lhe para ter cuidado.

— Bom, isto é mais ou menos a mesma coisa, só que, bom, só que lhe chamamos um Kill Club. — Bebi um gole de cerveja, sentindo gotas de suor despontarem-me no nariz. — Não é tão estranho quanto parece pelo nome.

— Pois a mim parece sinistro.

— Está a ver aquelas pessoas que gostam de mistérios? Ou que adoram blogues sobre crimes reais? Então, este clube é formado por um grupo de pessoas dessas. Toda a gente está obcecada por um crime: Laci Peterson, Jeffrey MacDonald, Lizzie Borden...¹ você e a sua família. Você e a sua família são uma das obsessões do clube. Uma obsessão das grandes. Maior do que o JonBenét². — Ele viu o meu rosto crispar-se e acrescentou: — Uma tragédia, o que aconteceu. E o seu irmão está preso há... quê... vinte e cinco anos?

— Não tenha pena do Ben. Ele matou a minha família.

— Pois. Sim, claro. — Chupou um cubo de gelo leitoso. — Costuma falar com ele sobre o que aconteceu?

Senti as minhas defesas porem-se em riste. Há pessoas que juram que Ben está inocente. Enviaram-me recortes de jornal sobre Ben e eu nunca os leio, deito-os fora assim que vejo a fotografia dele: o cabelo ruivo pelos ombros, num corte à Jesus Cristo a condizer com o seu rosto iluminado e cheio de paz. Quase com quarenta anos. Nunca fui visitar o meu irmão à cadeia nestes anos todos. A prisão onde ele está detido agora fica, convenientemente, nos arredores da nossa cidade natal — Kinnakee, Kansas — onde ele cometeu os crimes. Mas não sou dada a nostalgias.

A maior parte dos devotos de Ben são mulheres. De orelhas espetadas e dentes compridos, com permanentes e fatos de calça e casaco, de lábios crispados e martirizadas. Aparecem-me à porta de casa de vez em quando, com os olhos demasiado brilhantes. Dizem que o meu testemunho estava errado. Que eu estava confusa, que fui coagida, que contei uma mentira quando jurei, com sete anos de idade, que o meu irmão era o assassino. Muitas vezes berram comigo e têm sempre muita saliva. Várias até já me bateram, o que as torna ainda menos convincentes: é muito fácil menosprezar uma mulher corada e histérica, e eu ando sempre à procura de uma razão para as menosprezar.

Se fossem mais simpáticas para mim, talvez me tivessem apanhado.

— Não, eu não falo com o Ben. Se é disso que se trata, não estou interessada.

— Não, não, não, não é. A Libby limitava-se a comparecer, é quase uma espécie de colóquio, e deixava-nos fazer-lhe perguntas. Não costuma pensar naquela noite?

Lugar Escuro.

— Não, não costumo.

— Talvez descobrisse alguma coisa interessante. Há alguns fãs... especialistas, que sabem mais do que os políciais que investigaram o caso. Não que isso seja difícil.

— Estamos a falar, portanto, de um grupo de pessoas que me quer convencer de que o Ben é inocente?

— Bom... talvez. Talvez a Libby os convença do contrário. — Senti uma pontinha de condescendência. Ele estava inclinado para a frente, com os ombros contraídos, excitado.

— Quero mil dólares.

— Posso oferecer-lhe setecentos.

Olhei novamente à minha volta, sem me comprometer. Estava disposta a aceitar o que quer que fosse que Lyle Wirth me oferecesse, caso contrário teria de arranjar um emprego de verdade e rapidamente, e não estava pronta para isso. Não sou uma pessoa com quem se possa contar cinco dias por semana. Segunda terça quarta quinta sexta? Nem sequer saio da cama cinco dias de seguida. Muitas vezes, nem me lembro de comer cinco dias de seguida. Apresentar-me num local de trabalho, onde teria de permanecer oito horas — oito longas horas fora de casa — era inexequível.

— Setecentos, então — respondi.

— Ótimo. E vão lá estar muitos colecionadores, por isso leve souvenirs, quero dizer, quaisquer objetos da sua infância que queira vender. Pode fazer facilmente uns dois mil

dólares. Sobre tudo se tiver cartas. Quanto mais pessoais, melhor, como é óbvio. Qualquer uma que tenha uma data próxima do dia do crime: 3 de janeiro de 1985. — Recitou a data como se estivesse habituado a fazê-lo. — Qualquer coisa da sua mãe. As pessoas estão completamente... fascinadas pela sua mãe.

Sempre estiveram. Sempre quiseram saber: que tipo de mulher é chacinada pelo próprio filho?

-
- 1** Laci Peterson desapareceu em 2002, quando estava grávida de sete meses, e depois de um processo extremamente mediático o marido foi considerado culpado e condenado à morte. Jeffrey MacDonald foi condenado em 1979 por ter assassinado a mulher, que estava grávida, e as duas filhas, em 1970; encontra-se a cumprir pena, tendo já recorrido várias vezes da sentença, alegando que é inocente e que os crimes foram cometidos por uma seita de hippies do tipo da de Charles Manson. Lizzie Borden (1860-1927) foi acusada, em 1892, de ter assassinado o pai e a madrastra à machadada; foi absolvida dos crimes, mas nenhum outro suspeito foi levado à justiça, pelo que o mistério perdura até hoje. (N. da T.)
- 2** JonBenét Patricia Ramsey (1990-1996) apareceu morta na cave da casa dos pais, estrangulada; a família foi ilibada através de testes de ADN e o caso permanece em aberto. (N. da T.)

8h02

Ele estava a falar ao telefone outra vez, ela conseguia ouvir-lhe o muamuamua da voz, como num desenho animado, por detrás da porta. Ele quisera uma extensão no quarto, jurara-lhe que metade dos colegas do liceu tinha o seu próprio nome na lista telefónica. Chamava-se Linhas para Crianças. Ela rira-se e depois ficara irritada, porque ele ficara irritado por ela se ter rido. (Sinceramente, uma linha telefónica para crianças? Que cambada de miúdos mimados!) Nenhum dos dois voltara a falar no assunto — ficavam ambos facilmente constrangidos com qualquer coisa — e, umas semanas depois, ele aparecera em casa, com a cabeça baixa, e mostrara-lhe o conteúdo de um saco de compras: um distribuidor de linhas, que permitia que dois telefones usassem o mesmo número, e um telefone de plástico incrivelmente leve que fazia lembrar os telefones cor-de-rosa com que as meninas costumavam brincar às secretárias. «Escritório do Sr. Benjamin Day», diziam elas, tentando arrastar o irmão para a brincadeira. Ben costumava sorrir e mandava-as apontar o recado; ultimamente, limitava-se a ignorá-las.

Desde que Ben trouxera o telefone para casa, a expressão «maldito fio do telefone!» tornara-se frequente em casa dos Day. O fio em espiral partia da ficha da cozinha, passava por cima do balcão, atravessava o corredor e enfiava-se debaixo da porta do quarto dele, que estava quase sempre fechada. Alguém tropeçava invariavelmente no fio pelo menos uma vez por dia e a isto seguia-se um grito (se fosse uma das meninas) ou uma praga (se fosse Patty ou Ben). Ela pedia-lhe sistematicamente para prender o fio à parede e, sistematicamente, ele esquecia-se de o fazer. Ela tentava convencer-se de que este comportamento não passava da habitual teimosia adolescente, mas, no caso de Ben, ele era agressivo, e isso deixava-a preocupada, com medo de que ele estivesse cheio de raiva, ou que fosse preguiçoso, ou qualquer coisa pior que nem sequer lhe passara pela cabeça. E com quem é que ele falava ao telefone? Antes da misteriosa adição do segundo telefone, Ben quase nunca recebia chamadas. Tinha dois bons amigos, os irmãos Muehler, Futuros Agricultores da América, ataviados de fatos-macaco, que eram tão reticentes que, às vezes, até lhe desligavam o telefone na cara quando era ela a atender e, depois, Patty limitava-se a dizer a Ben que Jim ou Ed tinham ligado. Mas nunca, até então, tinha havido conversas longas à porta fechada.

Patty desconfiava que o filho finalmente arranjava namorada, mas as suas (poucas) insinuações nesse sentido tinham deixado Ben tão constrangido que a sua pele clara se transformara num branco-arroxeadado e as sardas cor de âmbar até brilharam, como uma espécie de aviso, e ela recuava de imediato. Não era o tipo de mãe capaz de escancorar a vida dos filhos; já era suficientemente difícil para um rapaz de quinze anos ter alguma privacidade numa casa cheia de mulheres. Ele instalara um cadeado na porta quando um

dia regressara da escola e encontrara Michelle a mexericar nas gavetas da sua secretária. A instalação do cadeado também foi apresentada como um facto consumado: um martelo, algumas pancadas e, de repente, estava feito. O seu próprio antro de rapaz, à prova de intrusos. Uma vez mais, ela compreendia a decisão. A quinta tornara-se um espaço feminino desde que Runner se fora embora. As cortinas, os sofás, até as velas, tudo era cor de alperce e rendado. Sapatinhos cor-de-rosa e roupa interior florida e bandoletes enchiam gavetas e armários. As poucas tentativas de afirmação por parte de Ben — o fio do telefone em espiral e o cadeado metálico e viril — eram, de facto, compreensíveis.

Ouviu uma gargalhada vinda de dentro do quarto dele e ficou irritada. Ben nunca fora risonho, nem quando era pequeno. Aos oito anos, olhara para uma das irmãs friamente e anunciara: «A Michelle tem um problema de riso», como se fosse uma coisa a precisar de solução. Patty descrevia-o como estoico, mas a autocontenção dele ia para lá disso. O pai nunca soubera o que fazer dele, alternando entre brincadeiras rudes (Ben hirto e sem reação, enquanto Runner o rebojava pelo chão como se fosse um crocodilo) e recriminação (Runner queixava-se ruidosamente de que o miúdo era demasiado sério, esquisito, efeminado). Patty também não se saíra muito melhor. Comprara recentemente um livro sobre a relação mãe/filho adolescente e escondera-o debaixo da cama como se fosse pornografia. A autora incitava as mães a serem corajosas, a fazerem perguntas, a exigirem respostas dos filhos, mas Patty não era capaz. Ultimamente, bastava a mera sugestão de uma pergunta para deixar Ben furioso e desencadear nele aquele seu silêncio insuportavelmente ruidoso. Quanto mais ela tentava percebê-lo, mais ele se escondia. No quarto. A falar com pessoas que ela não conhecia.

As suas três filhas também já estavam acordadas há horas. Uma quinta, até mesmo a quinta deles, patética, falida e subavaliada, exigia que os seus moradores se levantassem cedo e a rotina mantinha-se mesmo durante o inverno. Elas estavam nesse momento a brincar na neve. Tinha-as mandado lá para fora como se fossem cachorrinhos, para não acordarem Ben, depois ficou irritada quando ouviu a voz dele ao telefone e percebeu que já se levantara. Sabia que era por isso que estava a fazer panquecas, o prato preferido das filhas. Para equilibrar as coisas. Ben e as miúdas estavam sempre a acusá-la de ser parcial: pedia constantemente a Ben para ter paciência com as criaturinhas cheias de fitas nos cabelos e implorava constantemente às meninas para se calarem e não incomodarem o irmão. Michelle, de dez anos, era a mais velha, Debby tinha nove, e Libby, sete. («Meu Deus, mãe, parece que tiveste uma ninhada», repreendia-a Ben.) Espreitou por uma cortina fininha e viu as meninas no seu natural estado animal: Michelle e Debby, chefe e assistente, a construir um forte de neve, usando um projeto arquitetónico que não se tinham dado ao trabalho de partilhar com Libby; Libby a tentar integrar-se nas franjas da brincadeira, dando-lhes bolas de neve e pedras e um comprido pau trémulo, todos eles rejeitados com indiferença. Por fim, Libby dobrou as pernas para soltar um grito forte e, de seguida, destruiu o forte todo com um pontapé. Patty virou costas; seguir-se-iam murros e lágrimas e ela estava sem paciência para isso.

A porta de Ben abriu-se com um rangido e os seus passos pesados ao fundo do corredor indicaram-lhe que tinha calçado aquelas botifarras pretas que ela detestava. Nem olhes para elas, disse para si própria. Dizia a mesma coisa sempre que ele usava as

calças de camuflado. («O pai usava calças de camuflado», amuara ele quando ela se queixara. «Para caçar, ele usava-as para caçar», corrigira ela.) Tinha saudades do miúdo que costumava pedir roupas discretas, que só usava calças de ganga e camisas de tecido escocês. O miúdo de caracóis de um ruivo escuro e uma obsessão por aviões. Ali vinha ele, de casaco de ganga preta, jeans pretos e um gorro térmico enterrado até aos olhos. Murmurou qualquer coisa e dirigiu-se para a porta.

— Primeiro, tomas o pequeno-almoço — disse ela. Ele deteve-se e virou-se de perfil para ela.

— Tenho umas coisas para fazer.

— Tudo bem, mas primeiro toma o pequeno-almoço connosco.

— Sabes muito bem que detesto panquecas.

Que chato.

— Eu faço-te outra coisa qualquer. Senta-te. — Ele não se atreveria a desobedecer a uma ordem direta, pois não? Ficaram parados a olhar um para o outro, a ver quem era mais forte, e Patty estava quase a ceder quando Ben suspirou ruidosamente e se deixou cair numa cadeira. Pôs-se a mexericar no saleiro, a deitar grãos de sal em cima da mesa e a fazer montinhos com eles. Ela quase o mandou estar quieto, mas conteve-se. Já era muito bom ele ter-se sentado à mesa.

— Com quem é que estavas a falar? — perguntou, servindo-lhe um copo de sumo de laranja que sabia que ele não ia beber só para a irritar.

— Com umas pessoas.

— Pessoas, no plural?

Ele limitou-se a arquear as sobrancelhas.

A porta de rede abriu-se e depois a porta da rua bateu contra a parede, e ela ouviu uma série de botas a caírem no tapete da entrada: as suas filhas estavam bem treinadas para não deixarem rasto. Pelos vistos, a zanga resolvera-se depressa. Michelle e Debby já estavam a discutir por causa de um desenho animado qualquer da televisão. Libby entrou na cozinha com passos resolutos e atirou-se para uma cadeira ao lado de Ben, sacudindo pedaços de gelo dos cabelos. Das suas três filhas, só Libby sabia como desarmar Ben: sorriu para ele, fez um pequeno aceno de mão e depois fixou os olhos em frente.

— Olá, Libby — disse ele, continuando a peneirar o sal.

— Olá, Ben. É gira, a tua montanha de sal.

— Obrigado.

Patty viu Ben fechar-se nitidamente como uma concha assim que as outras duas meninas entraram na cozinha, com as suas vozes alegres e estridentes a salpicarem os cantos da assoalhada.

— Mãe, o Ben está a fazer uma porcaria enorme — denunciou Michelle.

— Não faz mal, querida, as panquecas estão quase prontas. Ovos, Ben?

— Porque é que o Ben tem direito a ovos? — queixou-se Michelle.

— Ovos, Ben?

— Sim.

— Eu quero ovos — diz Debby.

— Nem sequer gostas de ovos — irritou-se Libby. Podia-se sempre contar com ela para

tomar o partido do irmão. — O Ben precisa de ovos porque é rapaz. É homem.

Isto fez com que Ben sorrisse muito ligeiramente, o que, por sua vez, fez com que Patty escolhesse a panqueca mais perfeita e redonda para dar a Libby. Empilhou as panquecas nos pratos, enquanto os ovos cuspiam na frigideira, surpreendida por as delicadas afinações de um pequeno-almoço para cinco estarem a correr bem. Era tudo o que restava da comida boa do Natal, mas não tencionava preocupar-se com isso nesse momento. Depois do pequeno-almoço, preocupar-se-ia.

— Mãe, a Debby tem os cotovelos em cima da mesa — anunciou Michelle, no seu estilo mandona.

— Mãe, a Libby não lavou as mãos. — Outra vez Michelle.

— Tu também não. — Debby.

— Ninguém lavou. — Libby, rindo-se.

— Menina porquinha — disse Ben, e deu-lhe um toque nas costelas. Era uma piada qualquer antiga entre eles, essa expressão. Patty não sabia de onde é que surgira. Libby inclinou a cabeça para trás e riu-se ainda mais, um riso teatral destinado a agradar a Ben.

— Menino da mãezinha — disse Libby com um riso velado, uma espécie de resposta combinada.

Patty pôs água e sabão num pano e passou-o a cada um, para poderem continuar sentados à mesa. O facto de Ben se dar ao trabalho de dizer uma piada a uma das irmãs era um acontecimento raro, e Patty teve a sensação de que conseguiria agarrar-se à boa disposição se ninguém saísse do seu lugar. Precisava de boa disposição da mesma maneira que uma pessoa precisa de dormir depois de uma direta, da mesma maneira que uma pessoa sonha durante o dia em enfiar-se na cama. Todos os dias ela acordava e jurava que não deixaria a quinta deitá-la abaixo, não deixaria a falência da quinta (tinha as prestações do empréstimo em atraso há três anos, três anos e não havia saída) transformá-la no tipo de mulher que detestava: sem alegria, crispada, incapaz de apreciar fosse o que fosse. Todas as manhãs, ajoelhava-se no tapete púdo junto da cama e rezava, mas na realidade era uma promessa que fazia: Hoje não vou gritar, não vou chorar, não me vou encolher toda como se estivesse à espera que um soco me deitasse ao chão. Hoje, vou desfrutar do dia. Era uma sorte chegar à hora do almoço sem azedar.

Estavam todos prontos, agora, toda a gente de mãos lavadas; disseram uma oração rápida e estava tudo a correr bem até que Michelle resolveu falar.

— O Ben tem de tirar o gorro.

A família Day sempre tivera a regra de tirar os chapéus e gorros à mesa e era uma regra tão inflexível que Patty ficou surpreendida por ter sequer de a relembrar.

— Tens razão, o Ben tem mesmo de tirar o gorro — disse Patty, num tom de suave incitação.

Ben inclinou a cabeça para ela e Patty sentiu uma pontada de preocupação. Passava-se alguma coisa de errado. As sobranceiras dele, normalmente duas linhas finas cor de ferrugem, estavam pretas, com a pele por baixo manchada de roxo-escuro.

— Ben?

Ele tirou o gorro e na cabeça tinha uma coroa preta retinta de cabelo, desgrenhado como o de um velho labrador. Foi um choque tremendo, como beber um copo de água

gelada demasiado depressa: o seu menino ruivo, a característica que definia Ben, tinha desaparecido. Parecia mais velho. Mau. Como se aquele miúdo à sua frente tivesse obrigado o Ben que ela conhecia a desaparecer.

Michelle gritou, Debby desatou a chorar.

— Ben, querido, porquê? — perguntou Patty. Estava a tentar convencer-se a não fazer um drama daquilo, mas era mais forte do que ela. Aquele estúpido gesto de adolescente (não passava disso mesmo) fez com que toda a sua relação com o filho parecesse, de repente, sem remédio. Enquanto Ben olhava fixamente para a mesa, com um sorriso idiota, escudando-se do alvoroço feminino que o cercava, Patty esforçou-se por arranjar uma desculpa para o comportamento dele. Desde miúdo que Ben odiava o cabelo ruivo, sempre fizeram troça dele por causa disso. Talvez ainda fizessem. Talvez aquilo fosse um ato de afirmação. Uma coisa positiva. Mas, pensando melhor, foi de Patty que Ben herdou o cabelo ruivo, que agora acabara de apagar. Não era uma rejeição? É claro que era. Libby, a sua única filha ruiva, achou claramente que era. Estava sentada a segurar numa madeixa de cabelo com dois dedos magrinhos, observando-a, apática.

— Pronto — disse Ben, devorando o ovo e pondo-se de pé. — Chega de drama. É só a porcaria do cabelo.

— Mas o teu cabelo era tão bonito.

Ben deteve-se perante este comentário, como se estivesse a refletir sobre ele. Depois, abanou a cabeça — se por causa da frase dela ou da maneira como a manhã estava a correr, Patty não conseguiu perceber — e dirigiu-se para a porta com passos pesados.

— Vejam se se acalmam — disse ele, sem se virar. — Até logo.

Ela pensou que ele ia bater com a porta, mas, em vez disso, fechou-a devagar, e isso pareceu-lhe ainda pior. Patty soprou para afastar o cabelo do rosto e olhou em redor da mesa para todos os olhos azuis que a fitavam, arregalados, observando-a para ver como deviam reagir. Sorriu e soltou uma gargalhada sem convicção.

— Bom, que estranho — disse. As meninas arrebatarem um pouco, ficando claramente mais altas nas cadeiras.

— Ele é tão estranho — acrescentou Michelle.

— Agora, o cabelo dele condiz com as roupas — constatou Debby, enxugando as lágrimas com as costas da mão e levando uma garfada de panqueca à boca.

Libby ficou de olhos postos no prato, com os ombros descaídos sobre a mesa. Era uma expressão de desalento que só uma criança conseguia encarnar.

— Está tudo bem, Lib — disse Patty, e tentou dar-lhe uma palmadinha descontraída sem que as outras miúdas desatassem a lamuriar-se outra vez.

— Não está nada — retorquiu ela. — Ele odeia-nos.

Cinco noites depois de beber uma cerveja com Lyle, desci de carro o monte onde ficava a minha casa e continuei a descer até chegar à depressão de West Bottoms, em Kansas City. O bairro fora próspero no tempo em que os currais estavam ativos e depois passara muitas décadas a fazer o percurso inverso, no sentido da decadência. Agora, todo ele era feito de edifícios de tijolo altos e silenciosos, exibindo nomes de empresas que já não existiam: Raftery Cold Storage, London Beef, Dannhauser Cattle Trust. Umas quantas estruturas foram transformadas em casas assombradas oficiais, que se iluminavam para o Dia das Bruxas: imagens projetadas com cinco andares de altura, castelos de vampiros e adolescentes bêbados a esconder cervejas dentro dos casacos de cabedal.

No início de março, a zona estava simplesmente ao abandono. Enquanto conduzia pelas ruas sossegadas, avistava de vez em quando alguém a entrar ou a sair de um prédio, mas não fazia ideia porquê. Junto do rio Missouri, a área passava de semivazia a um ominoso desterro, uma assumida ruína.

Senti uma pontada de desconforto, quando estacionei à frente de um edifício de quatro andares chamado Tallman Corporation. Foi um daqueles momentos em que desejei ter mais amigos. Ou amigos, ponto final. Devia ter levado alguém comigo. Ou, então, devia ter alguém à espera de receber notícias minhas. Não sendo esse o caso, deixei um bilhete nas escadas no interior da minha casa a explicar onde estava, juntamente com a carta de Lyle. Se eu desaparecesse, a polícia saberia por onde começar as buscas. Claro está que, se tivesse uma amiga, talvez ela me dissesse: Nem penses que te vou deixar fazer uma coisa dessas, querida, como as mulheres costumam dizer, numa voz protetora.

Ou talvez não. Os crimes tinham-me deixado para sempre «avariada» no que tocava a este tipo de decisão subjetiva. Partia do princípio de que tudo de mau no mundo podia acontecer, porque tudo o que havia de mau no mundo já tinha acontecido. Mas, verdade seja dita, não eram ínfimas as hipóteses de me acontecer alguma coisa de mal depois de tudo o que já passara na vida? Não estava eu, Libby Day, a salvo? Uma estatística brilhante e indestrutível. Como nunca me consigo decidir, oscilo sempre entre um drástico excesso de cautela (durmo sempre com as luzes acesas e a velha Colt Peacemaker da minha mãe na mesinha de cabeceira) e uma imprudência absurda (aventurar-me a ir sozinha a um Kill Club num edifício abandonado).

Levara umas botas de salto alto, para parecer uns centímetros mais alta, a direita muito mais larga do que a outra por causa do meu pé mutilado. Tinha vontade de estalar todos os ossos do corpo para me descontrair. Estava tensa. Irritada, a ranger os dentes. Ninguém devia precisar de dinheiro com tanto desespero. Tentara encarar o que estava a fazer como se fosse algo de inofensivo e, em breves flashes ao longo do dia anterior, transformara-me a mim própria numa coisa nobre. Aquelas pessoas estavam interessadas na minha família, eu orgulhava-me da minha família e ia permitir que aqueles desconhecidos tivessem acesso a pormenores que, de outra maneira, lhes escapariam. E

se queriam pagar-me por isso, eu aceitava, não estava acima dessas coisas.

A verdade, porém, é que eu não me orgulhava da minha família. Nunca ninguém gostara dos Day. O meu pai, Runner Day, era louco, bêbado e violento de uma maneira que nem sequer impressionava: era um homem pequeno com punhos furtivos. A minha mãe tinha quatro filhos dos quais não conseguia tomar conta como devia. Miúdos pobres criados numa quinta, malcheirosos e manipuladores, que iam sempre à escola em situação de carência: sem tomarem o pequeno-almoço, com as camisas rasgadas, ranho no nariz e infeções na garganta. Eu e as minhas duas irmãs tínhamos sido a origem de pelo menos quatro surtos de piolhos na nossa curta experiência escolar. Os Day sujos.

E ali estava eu, passados vinte e tantos anos, ainda a apresentar-me em lugares desconhecidos em situação de carência. De dinheiro, para ser mais específica. No bolso de trás dos jeans, levava um bilhete que Michelle me tinha escrito um mês antes dos crimes. Ela arrancara a folha de um bloco de espiral, cortara cuidadosamente a margem e depois dobrara-a meticulosamente em forma de seta. Falava sobre as coisas corriqueiras que lhe preenchiam a mente no quarto ano: um rapaz da turma, a professora burra, uns jeans de marca feios que uma miúda mimada qualquer recebera nos anos. Era entediante, banal. Eu tinha caixas cheias daquelas coisas, que arrastava de casa em casa e que nunca tinha aberto até agora. Ia pedir duzentos dólares pelo bilhete. Senti uma onda de alegria, breve e culpada, quando pensei em todas as outras porcarias que poderia vender, bilhetes e fotografias e tralha que nunca tive coragem de deitar fora. Saí do carro e inspirei fundo, estalei o pescoço.

Estava uma noite fria, com retalhos balsâmicos de primavera aqui e ali. Uma enorme lua amarela estava pendurada no céu como uma lanterna chinesa.

Subi as escadas de mármore sujo, ouvindo folhas secas a estalarem debaixo das minhas botas, um som pouco salutar a ossos velhos. As portas eram de metal grosso e pesado. Bati, esperei, bati mais três vezes, exposta ao luar como um artista de variedades embaraçado. Estava prestes a ligar a Lyle do telemóvel quando a porta se abriu e um tipo alto, de rosto comprido, me olhou de alto a baixo.

— Sim?

— Hum, o Lyle Wirth está?

— Porque é que o Lyle Wirth havia de estar? — disse ele, sem um sorriso. A lixar-me o juízo só porque podia.

— Oh, vá à merda — despejei, e virei costas, sentindo-me uma idiota. Ao fim de três passos, já o tipo me estava a chamar.

— Ei, espere, é escusado passar-se.

Mas eu já nasci passada, deformada. Conseguia imaginar-me a sair do útero toda torta e errada. Nunca é preciso muito para eu perder a paciência. Posso não ter a frase vai à merda na ponta da língua, mas anda sempre lá perto. A meio da língua.

Parei, encavalitada em dois degraus, em sentido descendente.

— Ouça, é óbvio que eu conheço o Lyle Wirth — disse o tipo. — Faz parte da lista de convidados?

— Não sei. O meu nome é Libby Day.

Ele ficou de queixo caído, depois fechou a boca com um som que mais parecia uma

cuspidela e lançou-me o mesmo olhar avaliador que Lyle.

— Pintou o cabelo de louro.

Fitei-o de sobrelance arqueadas.

— Entre, eu levo-a — disse ele, abrindo a porta de par em par. — Entre, eu não mordo.

São poucas as frases que me irritam tanto como eu não mordo. A única deixa que me irrita ainda mais depressa é quando um bêbado qualquer, gordo e corado, num bar me vê a tentar passar e diz rispidamente: Sorri, a vida não pode ser assim tão má quanto isso! Por acaso até pode, ó estúpido.

Voltei a subir as escadas, revirando os olhos imbecilmente para o tipo da entrada, a andar tão devagar que ele teve de se encostar à porta para a manter aberta. Cabrão.

Entrei para um átrio tipo caverna, com candeeiros partidos nas paredes, feitos de latão e em forma de hastes de trigo. A sala tinha mais de doze metros de altura. O teto exibira em tempos um mural: imagens vagas e esboroadas de rapazes e raparigas do campo a schar e a cavar. Uma rapariga, agora sem rosto, parecia ter uma corda de saltar nas mãos. Ou seria uma cobra? Todo o canto oeste do teto abatera: no sítio onde o carvalho do mural devia ter explodido em folhas verdes de verão, havia, ao invés, um retalho de céu azul noturno. Via o brilho da lua, mas não a lua em si. O átrio estava às escuras, sem eletricidade, mas consegui distinguir pilhas de lixo varridas para os cantos da sala. Os participantes da festa tinham afugentado as pessoas ali instaladas ilegalmente e, depois, passado uma vassoura pelo chão, tentando dar um aspeto mais apresentável ao espaço. Apesar disso, ainda cheirava a urina. Um preservativo velhíssimo estava colado a uma das paredes como esparguete.

— Vocês não podiam ter arranjado um, sei lá, um salão de festas? — murmurei. O chão de mármore zumbia debaixo dos meus pés. Era óbvio que tudo se passava no andar de baixo.

— Não somos propriamente um grupo de boas-vindas — respondeu o tipo. Tinha um rosto jovem e gordo, pintalgado de sinais. Usava um minúsculo brinco turquesa que sempre associei aos tipos das Masmorras & Dragões. Homens que têm furões em casa e acham que truques de magia são fixes. — Além disso, este edifício tem uma certa... atmosfera. Um dos Tallman rebentou com os miolos aqui, em 1953.

— Lindo.

Ficámos parados a olhar um para o outro, o rosto dele mudando de forma na penumbra. Não estava a ver nenhum acesso óbvio para o andar de baixo. Os elevadores à esquerda estavam claramente fora de serviço, com os seus números manchados a indicarem que se encontravam parados entre andares. Imaginei um exército de fantasmas com fatos de executivo pacientemente à espera que voltassem a funcionar.

— Então... vamos?

— Ah. Sim. Ouça, eu só queria dizer... Os meus pêames. De certeza que mesmo passado este tempo todo... Não dá para imaginar. Parece uma coisa saída de um livro de Edgar Allan Poe. O que aconteceu.

— Tento não pensar muito nisso — digo, a minha resposta habitual.

O tipo riu-se.

— Bem, então veio ao sítio errado.

Dobrámos uma esquina e descemos um corredor de antigos escritórios. Pisei vidros partidos, espreitando para dentro de cada gabinete à medida que íamos andando: vazio, vazio, um carrinho das compras, uma cuidadosa pilha de fezes, os restos de uma antiga fogueira e, depois, um sem-abrigo que disse Olá! alegremente, acompanhado por uma cereveja.

— O nome dele é Jimmy — explicou o rapaz. — Pareceu-nos pacífico, por isso deixámo-lo ficar.

Que simpáticos, pensei, mas limitei-me a fazer que sim com a cabeça. Chegámos a uma pesada porta corta-fogo, ele abriu-a e senti-me atacada pelo barulho. Da cave, vinham sons de música de órgão e heavy metal a competirem entre si e o zumbido forte de pessoas a tentarem conversar aos gritos.

— Faça favor — disse ele. Não me mexi. Não gosto de ter gente atrás de mim. — Ou eu posso... hum, por aqui.

Pensei em ir-me embora naquele preciso instante, mas a maldade invadiu-me quando imaginei aquele tipo, aquela merda de malabarista de Festival Renascentista a descer e a dizer aos amigos: Ela passou-se e fugiu! E eles todos a rirem-se e a sentirem-se durões. E ele a acrescentar: Ela é muito diferente daquilo que eu imaginava. E a erguer a mão à altura de um minorca para mostrar o quão pouco tempo fiquei dentro do edifício. Vaiàmerdavaiaàmerdavaiaàmerda, entoei, e segui-o.

Descemos um piso até chegarmos à porta de uma cave coberta de panfletos: Cabina 22: Tralha de Lizzie Borden! Objetos de colecionador para vender ou trocar! Cabina 28: Karla Brown — Discussão sobre marcas de dentadas. Cabina 14: Dramatização — Interroguem Casey Anthony! 15: Os terríveis truques do Tom — Servimos Ponche Jonestown e Doce Fanny Adams!¹

Depois, vi um panfleto azul granuloso que exibia uma fotocópia de uma fotografia minha a um canto: Isto é que foi um mau Dia para os Day! O Massacre da Quinta de Kinnakee Kansas — Dissecação do Processo e uma CONVIDADA muito, muito especial!!!

Pensei uma vez mais em me ir embora, mas a porta abriu-se de rompante e fui sugada para o interior de uma cave húmida e sem janelas, à cunha, com cerca de duzentas pessoas, todas encostadas a gritarem ao ouvido umas das outras, com as mãos apoiadas nos ombros. Uma vez, na escola, mostraram-nos um filme de uma praga de gafanhotos que atingiu o Midwest e foi isso que me veio à mente: aqueles olhos todos arregalados a observarem-me, bocas a mastigar, braços e cotovelos de esguelha. A sala estava montada como uma feira onde as pessoas vendem e trocam artigos, dividida em filas de cabinas feitas com pedaços de vedações baratas de arame. Cada cabina correspondia a um homicídio diferente. contei umas quarenta, à primeira vista. Um gerador mal conseguia fornecer energia a uma fiada de lâmpadas, que estavam penduradas em fios à volta da sala, balouçando a ritmos diferentes, iluminando rostos em ângulos sinistros, uma festa de máscaras fúnebres.

Da outra ponta da sala, Lyle avistou-me e começou a apontar por entre a multidão, abrindo caminho com um ombro e avançando de lado. Cumprimentando pessoas a cada passo, contente. Pelos vistos, era um tipo importante no meio daquela multidão; toda a

gente queria tocar-lhe, dizer-lhe qualquer coisa. Baixou-se para deixar um tipo sussurrar-lhe ao ouvido e, quando se endireitou, bateu com a cabeça numa lanterna e todos se riram à sua volta, com os rostos a brilharem e a mergulharem na sombra ao sabor da luz que girava como a de um carro-patrolha. Rostos masculinos. Rostos de homens. Eram poucas as mulheres na sala inteira: consegui ver apenas quatro, todas elas de óculos, com ar caseiro. Os homens também não eram atraentes. Eram tipos de bigode ou barba, com ar de professor; banais, pais suburbanos; e um bom número de rapazes de vinte e tantos anos, com cortes de cabelo mal-amanhados e óculos de totós de matemática, homens do mesmo estilo de Lyle e do tipo que me conduziu até à cave. Vulgares, mas emanando arrogância intelectual. Chamemos-lhe aftershave de professor universitário.

Lyle chegou até mim, com os homens atrás dele a sorrir-lhe de olhos postos nas suas costas e a inspecionar-me como se eu fosse a nova namorada. Ele abanou a cabeça.

— Desculpe, Libby. O Kenny tinha ficado de me ligar para o telemóvel quando a Libby cá chegasse, para eu próprio a ir buscar à entrada. — Olhou para Kenny por cima da minha cabeça e Kenny encolheu os ombros e afastou-se.

Lyle conduziu-me para o meio da multidão, usando um dedo assertivo na minha omoplate. Algumas pessoas estavam disfarçadas. Um homem com um colete preto e um chapéu alto preto passou por mim, empurrando-me e oferecendo-me rebuçados com uma gargalhada. Lyle revirou os olhos e disse:

— Um tarado pelo Frederick Baker. Andamos há anos a tentar acabar com os tipos que vêm para cá vestidos de personagens, mas... são demasiados.

— Não entendo — digo, com medo de estar à beira de me passar. Cotovelos e ombros davam-me safanões, sempre que eu avançava uns passos, e empurravam-me para trás. — A sério, não estou a entender nada desta merda.

Lyle suspirou com impaciência e olhou para o relógio.

— Ouça, a nossa sessão só começa à meia-noite. Quer que eu dê uma volta pela sala e lhe explique como se passam as coisas?

— Quero o meu dinheiro.

Ele mordeu o lábio inferior, tirou um envelope do bolso de trás e espetou-mo na mão, enquanto se debruçava para o meu ouvido e me pedia para contar o dinheiro depois. O envelope pareceu-me bem recheado, por isso acalmei-me um pouco.

— Vamos dar uma volta pela sala.

Percorremos o perímetro da cave, com cabinas amontoadas de cada lado e toda aquela aquela vedação metálica a fazer-me lembrar um canil. Lyle voltou a pôr-me um dedo no braço, incitando-me a avançar.

— O Kill Club, e já agora não me faça um sermão, sabemos que o nome é mau, mas pegou. Estava eu a dizer que o Kill Club, chamamos-lhe KC, é por isso que todos os anos fazemos o grande encontro aqui, em Kansas City, KC, Kill Club... bom, como eu estava a dizer, é basicamente para solucionadores de mistérios. E entusiastas. De assassínios famosos. Todos, desde Fanny Adams até...

— Quem é a Fanny Adams? — perguntei, irritada, percebendo que estava prestes a ficar com ciúmes. Eu é que devia ser a pessoa especial ali no meio.

— Era uma miúda de oito anos que foi esquartejada em Inglaterra, em 1867. Aquele

tipo que acabou de passar por nós, com o chapéu alto, estava a fingir que era o assassino dela, Frederick Baker.

— Isso é doentio. — Portanto, ela tinha morrido há uma eternidade. Ótimo. Assim, não havia concorrência.

— Bom, foi um crime famoso. — Apanhou-me a fazer uma careta. — Bom, como eu disse, eles formam um grupo menos agradável. Ainda por cima, a maior parte desses homicídios já foi solucionada, já não está envolta em mistério. Para mim, o que importa é encontrar a solução para um crime não resolvido. Temos antigos polícias, advogados...

— Há personagens... do meu? Há personagens da minha família aqui?

Um tipo gordo com madeixas no cabelo e uma boneca insuflável de vestido vermelho deteve-se na multidão, quase em cima de mim, sem sequer reparar na minha presença. Os dedos de plástico da boneca fizeram-me cócegas na bochecha. Alguém atrás de mim gritou Scott e Amber! Afastei o tipo de mim e tentei detetar na multidão alguém vestido como a minha mãe, ou como Ben, algum cabrão de peruca ruiva, empunhando um machado. A minha mão tinha-se contraído num punho cerrado.

— Não, claro que não — disse Lyle. — Nem pensar, Libby. Eu nunca permitiria uma coisa dessas, a dramatização do... que aconteceu. Não.

— Porque é que são só homens? — Numa das cabinas perto de nós, dois tipos barrigudos com camisolas de polo estavam a rosnar um com o outro por causa de umas crianças quaisquer assassinadas no sudeste do Missouri.

— Não são só homens — retorquiu Lyle, na defensiva. — A maior parte dos solucionadores são homens, mas, se for a um congresso de palavras-cruzadas, verá a mesma coisa. As mulheres vêm por causa da, enfim, da rede social. Falam sobre a maneira como se identificam com as vítimas, porque tiveram maridos violentos e essa coisa toda, bebem um café, compram uma fotografia antiga. Mas tivemos de ser mais cuidadosos, porque às vezes elas ficam... demasiado apegadas.

— Sim, não convém terem uma reação demasiado humana — ripostei, armada em hipócrita de merda.

Felizmente, Lyle ignorou-me.

— Por exemplo, neste momento andam todas obcecadas com a história da Lisette Stephens. — Apontou para trás, onde um pequeno grupo de mulheres estava reunido em redor de um computador, de pescoços espetados para baixo como galinhas. Ultrapassei Lyle e dirigi-me para a cabina. Estavam todas a ver uma videomontagem de Lisette. Lisette e as suas colegas da república feminina. Lisette e o cão. Lisette e a irmã igual a ela.

— Está a ver onde eu quero chegar? — disse Lyle. — Elas não estão a solucionar nenhum caso, estão simplesmente a ver coisas que podiam ver em casa na Internet.

O problema de Lisette Stephens era que não havia nada para solucionar: não tinha namorado, nem marido, nem colegas transtornados, nem estranhos ex-presidiários a fazerem obras em casa dela. Limitara-se a desaparecer sem qualquer motivo aparente, só que era bonita. Era o tipo de rapariga em que as pessoas reparam. O tipo de rapariga que os media se deram ao trabalho de noticiar quando ela desapareceu.

Encaixei-me num espacinho, ao lado de uma pilha de t-shirts com decalques que diziam

VAMOS ENCONTRAR A LISETTE. Vinte e cinco dólares. O grupo, porém, estava mais interessado no portátil. As mulheres fizeram desfilar no ecrã as mensagens publicadas no website. Muitas pessoas tinham anexado fotografias às suas mensagens, mas as fotografias eram completamente dissonantes. «Amamos-te, Lisette, sabemos que voltarás para casa», ao lado de uma imagem de três senhoras de meia-idade na praia. «Paz e amor para a sua família neste momento tão difícil» aparecia ao lado de uma fotografia do cão de alguém. As mulheres voltaram para a página inicial do site e apareceu a imagem de que os media mais gostavam: Lisette e a mãe, sorridentes e abraçadas, de faces encostadas uma à outra.

Encolhi os ombros, tentando ignorar a minha preocupação com a Lisette, que eu não conhecia. E debatendo-me novamente com os ciúmes. De todos estes assassínios, eu queria que a cabina dos Day fosse a maior. Foi uma centelha de amor: os meus mortos eram os melhores. Tive um vislumbre da minha mãe, de cabelo ruivo preso num rabo de cavalo, a ajudar-me a descalçar as botas demasiado finas para o inverno e, depois, a esfregar-me os dedos dos pés um a um. Vamos aquecer o dedo grande, vamos aquecer o dedo mais pequenino. Nesta recordação, assolava-me o cheiro a torradas com manteiga, mas não sei se havia torradas com manteiga. Nesta recordação, eu ainda tinha todos os meus dedos dos pés.

Estremeci violentamente, como um gato.

— Credo, foi um fantasma? — disse Lyle, e depois apercebeu-se de como a sua frase era irónica.

— E que mais? — perguntei.

Deparámos com um engarrafamento à frente da cabina assinalada Bazar do Bob Bizarro, gerida por um tipo que tinha um bigode preto enorme e estava a comer ruidosamente um prato de sopa. Quatro crânios estavam alinhados numa tábua atrás dele, com um letreiro a dizer a derradeira hora. O tipo gritou a Lyle que o apresentasse à sua amiguinha. Lyle começou a dizer-lhe que não, tentou conduzir-me por entre a multidão parada, depois encolheu os ombros e sussurrou-me um adepto da dramatização.

— Bob Berdella — disse Lyle ao homem, piscando o olho a fazer troça do nome dele —, apresento-te a Libby Day, cuja família foi... do Massacre da Quinta de Kinnakee Kansas. Os Day.

O tipo inclinou-se para mim por cima da mesa, com um bocado de hambúrguer cheio de saliva pendurado de um dente.

— Se tivesses pila, estarias no meu caixote do lixo neste preciso momento, feito aos bocados — disse ele, e disparou uma gargalhada. — Bocadinhos muito pequeninos.

Sacudiu uma mão diante do meu rosto. Dei um passo atrás instintivamente e depois precipitei-me na direção de Bob, de punho erguido, furibunda, como fico sempre que apanho um susto. Dá-lhe um murro no nariz, fá-lo sangrar, arranca-lhe o pedaço de carne com chili da cara e a seguir bate-lhe outra vez. Antes que eu lhe conseguisse bater, Bob empurrou a cadeira para trás, levantou as mãos e pôs-se a murmurar para Lyle, e não para mim, ei meu, eu estava só a brincar, não fiz por mal, meu. Nem sequer olhou para mim quando pediu desculpa, como se eu fosse uma criança. Enquanto ele se queixava a Lyle, ataquei-o. Como o meu punho não me obedeceu a cem por cento, acabei por lhe dar

um estalo com força no queixo, como se estivesse a castigar um cão.

— Vai à merda, cabrão.

Lyle reagiu e desatou a murmurar um pedido de desculpas e a puxar-me para fora dali, eu ainda com os punhos cerrados e os maxilares contraídos. Dei um pontapé na mesa de Bob com a bota quando me afastei, com força suficiente para a mesa abanar uma vez, violentamente, e despejar a sopa do tipo no chão. Já estava arrependida de não ter virado a mesa de pernas para o ar. Não há nada mais embaraçoso do que uma mulher baixa que não é capaz de dar um murro certo. Só faltou tirarem-me dali ao colo, com os meus pés de bebé a abanar. Olhei para trás. O tipo ficou ali parado, de braços caídos, com o queixo vermelho, a tentar decidir se estava arrependido ou irritado.

— Bem, não foi a primeira cena de pancadaria no Kill Club, mas é capaz de ter sido a mais estranha — disse Lyle.

— Não gosto que me ameacem.

— Ele não estava a... eu sei, eu sei — murmurou Lyle. — Como eu disse, um dia, estes tipos das personagens vão pôr-se a andar e deixar os solucionadores de verdade em paz. Vai gostar das pessoas do nosso grupo, do grupo Day.

— É o grupo Day ou o grupo do Massacre da Quinta de Kinnakee Kansas? — resmunguei.

— Ah, sim, é isso que lhe chamamos. — Tentou esgueirar-se por entre outro engarrafamento no corredor à cunha e acabou esborrachado contra mim. O meu rosto ficou a apenas uns centímetros das costas do homem. Camisa azul, com o peitilho engomado. Fixei os olhos na prega central, perfeita. Alguém com uma grande pança de palhaço estava a empurrar-me firmemente por trás.

— A maior parte das pessoas mete a palavra Satanás no nome — disse eu. — Massacre da Quinta de Satanás. Matança Satânica no Kansas.

— Sim, mas nós não acreditamos nessas tretas, por isso tentamos não usar referências ao diabo. Com licença! — disse ele, contorcendo-se para passar por entre algumas pessoas.

— Portanto, é uma questão de marketing — atirei, de olhos fixos na camisa azul. Dobrámos uma esquina e desembocámos num espaço aberto e fresco.

— Quer ver mais algum grupo? — Apontou para a esquerda, em direção a um grupo de homens na Cabina 13: cortes de cabelo às três pancadas, uns quantos bigodes, muitas camisas com botões nos colarinhos. Estavam a discutir ferozmente, mas baixinho. — Estes tipos são fixos, por acaso — disse Lyle. — Basicamente, estão a criar o seu próprio mistério: acham que identificaram um assassino em série. Um tipo qualquer tem andado a atravessar os estados, Missouri, Kansas, Oklahoma, e a ajudar a matar pessoas. Pais de família ou, às vezes, pessoas de idade que estão atoladas em dívidas, à conta dos cartões de crédito ou de empréstimos com juros demasiado altos, pessoas sem saída.

— Mata pessoas só porque elas não têm jeito para gerir as finanças? — exclamo, revirando os olhos.

— Não, não. Acham que ele é uma espécie de Kevorkian para as pessoas que têm dívidas más e bons seguros de vida. Chamam-lhe o Anjo da Dívida.

Um dos membros da Cabina 31, um rapaz com o maxilar protuberante e uns lábios que

não lhe cobriam inteiramente os dentes, estava a ouvir a conversa e virou-se para Lyle, desejoso de falar:

— Estamos convencidos de que apanhámos o Anjo no Iowa, no mês passado: um tipo com uma mansão de novo-rico e quatro filhos teve um acidente de moto de neve perfeito como nos filmes, numa altura muito conveniente. Neste último ano, tem sido um por mês. É a economia, meu.

O tipo preparava-se para continuar, querendo puxar-nos para a cabina, com os seus gráficos e calendários e recortes de jornais e uma mistura de frutos secos espalhados pela mesa toda, porque os homens os tiravam às mãos-cheias, deixando cair pretzels e amendoins para cima dos ténis. Abanei a cabeça olhando para Lyle e, para variar, conduzi-o para longe dali. No corredor entre as cabinas, inspirei golfada de ar sem sal e olhei para o relógio.

— Bom — disse Lyle. — É muita informação para absorver de uma vez só. Vamos andando. Acho que vai gostar do nosso grupo. É muito mais sério. Olhe, já lá estão pessoas. — Apontou para uma cabina de canto muito arrumada, onde uma mulher gorda de cabelo frisado bebericava café por um copo de esferovite do tamanho de uma caneca, e dois homens bem-arranjados de meia-idade perscrutavam a sala, com as mãos nas ancas, ignorando-a. Pareciam polícias. Atrás deles, um tipo mais velho e meio careca estava sentado de costas curvadas a uma mesa de cartas, a rabiscar apontamentos num bloco, enquanto um miúdo universitário tenso lia por cima do ombro dele. Um punhado de homens banais estava reunido mais atrás, a folhear pilhas de pastas de arquivo de papel pardo ou simplesmente a fazer tempo.

— Veja, mais mulheres — anunciou Lyle, triunfante, apontando para a montanha feminina de cabelo frisado. — Quer ir já para lá ou prefere esperar e fazer uma entrada em grande?

— Podemos ir já.

— Este é um grupo de gente astuta, são verdadeiros fãs. Vai gostar deles. Aposto que até vai aprender algumas coisas com eles.

Suspirei e segui Lyle. A mulher foi a primeira a levantar a cabeça; semicerrou os olhos ao ver-me e depois arregalou-os. Segurava numa pasta feita em casa, na qual colara uma velha fotografia minha dos tempos do liceu, usando um colar com um coração de ouro que alguém me enviara pelo correio. Tive a sensação de que a mulher queria dar-me a pasta, segurava-a como se fosse o programa de um espetáculo teatral. Não estendi o braço. Reparei que ela tinha desenhado uns chifres de diabo na minha cabeça.

Lyle pousou o braço no meu ombro, mas depois tirou-o.

— Olá! A nossa convidada especial já chegou e é a estrela do Congresso Kill deste ano: Libby Day.

Umhas quantas sobranceiras arquearam-se, várias cabeças fizeram que sim com ar apreciativo e um dos tipos com cara de polícia exclamou fogo. Fez um gesto como se fosse bater com a palma da mão na de Lyle, mas mudou de ideias: o braço deteve-se em pleno ar, numa acidental saudação nazi. O homem mais velho desviou rapidamente os olhos de mim e escreveu mais uns apontamentos. Por um instante, tive medo de que estivessem à espera que eu fizesse um discurso; em vez disso, murmurei um olá seco e

sentei-me à mesa.

Seguiram-se os cumprimentos do costume, as perguntas. Sim, vivia em Kansas City, não, estava... digamos que entre empregos, não, não tinha qualquer contacto com Ben. Sim, ele escrevia-me algumas vezes por ano, mas eu deixava os envelopes diretamente no lixo. Não, não tinha curiosidade em saber o que me escrevia. Sim, estava disposta a vender a próxima carta que recebesse.

— Bom — interrompeu finalmente Lyle, com um grandioso ronco. — Têm aqui, à vossa frente, uma figura-chave do processo Day, uma chamada testemunha ocular, portanto, porque é que não avançamos para perguntas a sério?

— Eu tenho uma pergunta a sério para fazer — anunciou um dos tipos com ar de polícia. Fez um sorriso meio de esguelha e virou-se na cadeira. — Se não se importar que eu vá direto ao assunto...

E esperou mesmo que eu dissesse que não me importava.

— Porque é que disse no seu depoimento que o Ben matou a sua família?

— Porque matou — respondi. — Eu estava presente.

— A menina estava escondida. É impossível ter visto o que diz que viu, senão também estaria morta.

— Eu vi o que vi — comecei, como fazia sempre.

— Tretas. Viu aquilo que lhe disseram para ver, porque era uma menina pequena, boa e assustada, que queria ajudar. A acusação lixou-a em grande. Usaram-na para apanhar o alvo mais fácil. Nunca vi uma investigação policial tão negligente.

— Eu estava dentro de casa...

— Sim, e como é que explica os tiros que mataram a sua mãe? — teimou o homem, apoiando as mãos nos joelhos e debruçando-se. — O Ben não tinha vestígios de pólvora nas mãos...

— Pessoal, pessoal — interrompeu o homem mais velho, abanando os dedos grossos e enrugados. — E minhas senhoras — acrescentou, melífluu, apontando com a cabeça para mim e para a Mulher Frisada. — Ainda não apresentámos os factos do processo. Precisamos de seguir as regras, senão nada nos diferencia de um chat na Internet. Perante uma convidada destas, devemos certificar-nos mais do que nunca de que estamos todos em sintonia.

Ninguém exprimiu o seu desacordo por mais que um ligeiro resmungo, por isso o tipo mais velho humedeceu os lábios, espreitou por cima dos óculos bifocais e ajeitou o catarro na garganta. O homem emanava autoridade e, no entanto, tinha um ar doentio. Imaginei-o em casa, sozinho, a comer pêssegos enlatados ao balcão da cozinha, lambendo o sumo dos lábios. Começou a ler os apontamentos em voz alta:

— Facto: por volta das duas da madrugada do dia 3 de janeiro de 1985, uma pessoa, ou várias pessoas, matou, ou mataram, três membros da família Day na quinta onde viviam em Kinnakee, no Kansas. Os falecidos incluem Michelle Day, de dez anos; Debby Day, de nove; e a matriarca da família, Patty Day, de trinta e dois anos. Michelle Day foi estrangulada; Debby Day foi morta à machadada e Patty Day morreu na sequência de dois tiros de caçadeira, várias machadadas e cortes profundos infligidos com uma faca de caça Bowie.

Senti o sangue a latejar-me nos ouvidos e disse a mim própria que não estava a ouvir nenhuma novidade. Não havia motivos para entrar em pânico. Nunca prestei verdadeiramente atenção aos pormenores do crime. Deixava as palavras atravessarem-me o cérebro e saírem-me pelos ouvidos, como um doente com cancro aterrorizado a ouvir todo aquele jargão codificado sem perceber nada, a não ser que a situação é péssima.

— Facto — prosseguiu o homem. — A filha mais nova, Libby Day, de sete anos, estava em casa na altura e escapou ao assassino ou assassinos por uma janela do quarto da mãe.

»Facto: o filho mais velho, Benjamin Day, de quinze anos, diz que não esteve em casa, que passou a noite no celeiro de um vizinho depois de ter tido uma discussão com a mãe. Nunca apresentou outro álibi e o seu comportamento para com a polícia foi tudo menos prestável. Ele foi consequentemente preso e condenado, em grande parte com base nos rumores que corriam na comunidade de que ele estava envolvido num culto satânico. As paredes da casa estavam cobertas de símbolos e palavras associados ao culto do diabo. Escritos com o sangue da mãe.

O velho fez uma pausa para criar um efeito dramático, olhou para o grupo e retomou os seus apontamentos.

— Pior ainda foi o facto de a irmã que sobreviveu à chacina, a Libby, ter testemunhado que o viu cometer os crimes. Apesar do depoimento confuso da Libby e de ela ser tão jovem, o Ben Day foi condenado. Apesar de uma chocante falta de provas físicas. Nós reunimo-nos para explorar outras hipóteses e para debater os trâmites do processo. Aquilo que me parece ponto assente é que os crimes estão relacionados com os acontecimentos do dia 2 de janeiro de 1985. Tudo correu mal num só dia... e não estou a querer fazer trocadilhos². — Risos abafados, olhares culpados na minha direção. — Quando a família acordou naquela manhã, não tinha ninguém atrás deles para os matar. Houve qualquer coisa que correu muito, muito mal naquele dia.

Parte de uma fotografia do crime tinha escorregado da pasta do orador: uma perna rechonchuda e ensanguentada e uma parte de uma camisa de noite alfazema. Debby. O tipo reparou no meu olhar e guardou a fotografia na pasta, como se aquilo não fosse da minha conta.

— Creio que o consenso geral é que o autor do crime foi o Runner Day — anunciou a mulher gorda, mexericando na carteira e deixando cair lenços de papel.

Assustei-me ao ouvir o nome do meu pai. Runner Day. Homenzinho desgraçado.

— Não é? — continuou ela. — Foi ter com a Patty, tentou extorquir-lhe dinheiro, como sempre, não conseguiu nada, irritou-se, passou-se da cabeça. O tipo era louco, ou não era?

A mulher tirou um frasco da carteira e enfiou duas aspirinas na boca como as pessoas fazem nos filmes, lançando a cabeça violentamente para trás. Depois, olhou para mim à espera de uma confirmação.

— Sim, acho que sim. Não me lembro muito bem dele. Os meus pais divorciaram-se quando eu tinha uns dois anos. Praticamente não tivemos contacto com ele depois disso. Ele voltou e viveu connosco durante um verão, o verão antes dos crimes, mas...

— Onde é que ele está agora?

— Não sei.

Ela revirou os olhos.

— Então e a pegada grande de homem? — disse um homem lá atrás. — A polícia nunca chegou a explicar a que propósito é que havia pegadas no sangue deixadas por sapatos de cerimónia masculinos, numa casa onde ninguém usava sapatos de cerimónia...

— A polícia nunca chegou a explicar muita coisa — começou o homem mais velho.

— Como a mancha de sangue desconhecido — acrescentou Lyle. Virou-se para mim. — Havia uma mancha de sangue nos lençóis da cama da Michelle... era de um tipo sanguíneo diferente do de todas as pessoas da família. Infelizmente, os lençóis vinham de uma loja de caridade e, por conseguinte, a acusação disse que o sangue podia pertencer a qualquer pessoa.

Lençóis «ligeiramente usados». Sim. Os Day eram adeptos da loja de caridade Goodwill: o sofá, a televisão, os candeeiros, os jeans, até as nossas cortinas eram de lá.

— Sabe onde encontrar o Runner? — perguntou o miúdo mais novo. — Podia fazer-lhe umas perguntas da nossa parte.

— E eu continuo a achar que valia a pena interrogar alguns amigos do Ben da época. Ainda tem contactos em Kinnakee? — perguntou o velho.

Várias pessoas começaram a discutir sobre o vício do jogo de Runner e os amigos de Ben e a falta de profissionalismo da polícia.

— Ei — disse eu, irritada. — Então e o Ben? O Ben foi descartado?

— Por favor, isto foi o maior erro judicial de sempre — disse a senhora gorda. — E não finja que não. A menos que esteja a proteger o seu pai. Ou que esteja demasiado envergonhada do que fez.

Lancei-lhe um olhar carrancudo. Ela tinha um bocado de gema de ovo no cabelo. Quem é que comia ovos à meia-noite?, pensei. Ou será que ela tinha ovo no cabelo desde a manhã?

— A Magda está muito empenhada no processo, muito empenhada nos esforços para libertar o seu irmão — explicou o velhote, arqueando as sobrancelhas com ar paternalista.

— Ele é um homem maravilhoso — disse Magda, apontando o queixo na minha direção. — Escreve poesia e música e é uma força de esperança. Devia tentar conhecê-lo melhor, Libby, devia mesmo.

Magda deslizou as unhas ao longo de um conjunto de pastas que estava à sua frente, em cima da mesa, uma para cada membro da família Day. A pasta mais grossa estava cheia de fotografias do meu irmão: Ben, ruivo e jovem, a segurar com ar sério num bombardeiro de brincar; Ben de cabelo preto, assustado, na fotografia tirada pela polícia quando foi detido; Ben atualmente, na prisão, novamente ruivo, com ar aplicado e a boca ligeiramente aberta, como que captado a meio de uma frase. Ao lado estava a pasta de Debby com uma única fotografia dela, vestida de cigana na Noite das Bruxas: faces vermelhas, lábios vermelhos, o cabelo castanho coberto pelo lenço vermelho da minha mãe, uma anca espetada para o lado, a fazer-se sexy. À direita dela, vê-se o meu braço sardento, esticado em direção a ela. Era uma fotografia de família, uma coisa que eu pensava que nunca tinha sido divulgada ao público.

— Onde é que arranjou isso? — perguntei.

— Por aí. — Ela tapou a pasta com uma mão papuda.

Baixei os olhos para a mesa, resistindo ao impulso de me precipitar sobre ela. A fotografia do cadáver de Debby tinha voltado a escorregar para fora da pasta do velhote. Consegui ver a perna ensanguentada, uma barriga esventrada, um braço praticamente amputado. Inclinei-me sobre a mesa e agarrei no pulso do homem.

— Arrume essa merda — murmurei. Ele guardou novamente a fotografia na pasta, pegou nela como se fosse um escudo e fitou-me, pestanejando várias vezes.

Todo o grupo estava, agora, a olhar para mim, curioso, ligeiramente inquieto, como se eu fosse um coelhinho de estimação que eles acabavam de descobrir que talvez tivesse raiva.

— Libby — disse Lyle no tom reconfortante de um apresentador de um talk show televisivo. — Ninguém duvida de que estava em casa. Ninguém duvida de que sobreviveu a uma provação horrenda que nenhuma criança devia ter de sofrer na vida. Mas viu realmente com os seus próprios olhos aquilo que diz que viu? Ou poderá ter sido influenciada por alguém?

Eu estava a lembrar-me de Debby a passar os seus dedinhos ágeis e rechonchudos pelos meus cabelos, fazendo uma trança em espinha de peixe que ela teimava que era mais difícil do que uma trança incorporada, soprando-me tretas com o seu hálito quente para cima da minha nuca. Atando uma fita verde na ponta, transformando-me numa prenda. Ajudando-me a equilibrar-me na borda da banheira para eu poder segurar num espelho e ver a parte de trás da minha cabeça enrançada no espelho de parede por cima do lavatório. Debby, que queria desesperadamente que tudo fosse bonito.

— Não há provas de que qualquer outra pessoa a não ser o Ben tenha matado a minha família — disse eu, regressando à terra dos vivos, onde vivo sozinha. — Pelo amor de Deus, ele nem sequer interpôs recurso. Nunca tentou ser libertado. — Eu não tinha qualquer experiência no que tocava a condenados, mas dava-me a sensação de que eles estavam sempre a interpor recursos, era uma mania deles, mesmo que não tivessem hipóteses. Sempre que imaginava a prisão, imaginava macacões cor de laranja e blocos de notas amarelos. Ben provara, por pura inércia, que era culpado; o meu testemunho tornara-se irrelevante.

— Ele tinha motivos para apresentar oito recursos — anunciou Magda solenemente. Percebi que ela era uma daquelas mulheres capazes de me aparecer à porta de casa e gritar comigo. Fiquei contente por nunca ter dado a Lyle a minha morada. — O facto de não lutar não significa que seja culpado, Libby, significa que perdeu a esperança.

— Então, ainda bem.

Lyle arregalou os olhos.

— Oh, meu Deus. Está mesmo convencida de que o Ben é culpado. — Depois, riu-se. Uma só gargalhada, acidental, que ele se apressou a engolir, mas que foi absolutamente genuína. — Desculpe — murmurou.

Ninguém se ri de mim. Tudo o que digo ou faço é levado muito, muito a sério. Ninguém faz troça de uma vítima. Não sou uma figura que inspire riso.

— Bom, já vi que adoram as vossas teorias da conspiração — disse, e levantei-me bruscamente da cadeira.

— Oh, não seja assim — ripostou o tipo com ar de polícia. — Fique. Convença-nos.
— Ele nunca... interpôs... recurso — disse, como uma professora da escola primária. — Para mim, isso chega.
— Então, é uma tonta.

Fiz-lhe um pirete, um gesto duro como se estivesse a escavar em terra fria. Depois, virei costas, enquanto alguém atrás de mim dizia:

— Continua uma mentirosazinha.

Precipitei-me para o meio da multidão, abrindo caminho por entre axilas e virilhas até chegar ao poço fresco das escadas, deixando o barulho para trás. A minha única vitória da noite foi o maço de notas que levava no bolso e o facto de saber que aquelas pessoas eram tão patéticas como eu.

Cheguei a casa, acendi as luzes todas e enfiei-me na cama com uma garrafa de rum peganhento. Deitei-me de lado, a estudar as dobras intrincadas do bilhete de Michelle, que me esquecera de vender.

Tinha a sensação de que a noite estava desequilibrada. Como se, em tempos, o mundo tivesse sido dividido entre as pessoas que acreditavam na culpa do Ben e as pessoas que acreditavam na inocência dele, e, agora, aqueles doze desconhecidos acotovelados numa cabina, numa cave da baixa, tinham-se passado para o lado da inocência, com tijolos nos bolsos, e — zás! — era aí que estava o peso todo agora. A Magda e o Ben e a poesia e a força da esperança. Pegadas e nódoas de sangue e Runner passado dos carretos. Pela primeira vez desde o julgamento de Ben, eu submetera-me por inteiro a pessoas que achavam que eu estava enganada em relação a Ben e, pelos vistos, eu não estava à altura do desafio. Eu, com tão pouca fé. Noutra noite, provavelmente, teria deitado o episódio para trás das costas, como costumava fazer. Mas aquelas pessoas tinham tantas certezas, tanto desprezo por mim, como se tivessem conversado sobre mim vezes sem conta e decidido que eu não era digna de tanta insistência. Eu tinha lá ido convencida de que aquelas pessoas seriam como as do costume: provavelmente queriam ajudar-me, tomar conta de mim, resolver os meus problemas. Em vez disso, fizeram troça de mim. Seria eu realmente assim tão fácil de atingir, tão vulnerável?

Não. Eu vi o que vi naquela noite, pensei, o meu mantra de sempre. Embora não fosse verdade. A verdade é que não vi nada. Está bem? Pronto. Tecnicamente, não vi nada. Só ouvi. Só ouvi, porque estava escondida no armário enquanto a minha família morria, porque fui uma cobarde de merda.

Aquela noite, aquela noite, aquela noite. Eu tinha acordado na escuridão do quarto que partilhava com as minhas irmãs e a casa estava tão fria que havia geada no lado de dentro da janela. Debby tinha-se enfiado na cama comigo a meio da noite — geralmente encostávamo-nos uma à outra para nos aquecermos — e o rabo rechonchudo dela estava encostado à minha barriga, a empurrar-me contra a parede gelada. Eu era sonâmbula desde que aprendi a andar, por isso não me lembro de passar por cima de Debby, mas

lembro-me, isso sim, de ver Michelle a dormir no chão, com o diário nos braços, como sempre, a chupar uma caneta enquanto dormia, a tinta preta a escorrer-lhe pelo queixo misturada com a saliva. Não me dei ao trabalho de a acordar, de a ajudar a ir para a cama. O sono era defendido com unhas e dentes na nossa casa ruidosa, fria e apinhada, e nenhum de nós acordava sem dar luta. Deixei Debby na minha cama e, quando abri a porta, ouvi vozes ao fundo do corredor, no quarto de Ben: sussurros urgentes que quase se tornaram um ruído forte. O som de pessoas que acham que estão a falar baixinho. Uma luz por baixo da porta de Ben. Decidi ir para o quarto da minha mãe, atravessei o corredor a arrastar os pés, puxei os cobertores e encostei-me às costas dela. No inverno, a minha mãe dormia com dois pares de calças de fato de treino e várias camisolas, parecia sempre um gigantesco animal empalhado. Geralmente, não se mexia quando nos metíamos na cama dela, mas, naquela noite, lembro-me de que se virou para mim tão depressa que pensei que estava irritada. Mas não, puxou-me e abraçou-me com força, deu-me um beijo na testa. Disse que me amava. Raramente nos dizia que gostava de nós. É por isso que me lembro, ou acho que me lembro, a menos que tenha acrescentado isto depois para me reconfortar. Mas digamos que ela me disse que me amava e eu adormeci de imediato.

Quando voltei a acordar, não sei se minutos ou se horas depois, ela já não estava na cama. Do lado de fora da porta fechada, onde eu não podia ver nada, a minha mãe estava a chorar e Ben a berrar com ela. Ouvi outras vozes além das deles; Debby estava a soluçar, a gritar Mamãmamãmamãmichelle e, depois, ouvi um machado. Soube, logo ali, o que era. Metal a rasgar o ar — foi esse o som — e depois do ruído do balanço veio uma pancada seca e um gorgolejo e Debby soltou um gemido e fez um barulho como se estivesse a sorver uma golfada de ar. Ben aos gritos com a minha mãe: «Porque é que me obrigas a fazer isto?» E nem um pio da parte de Michelle, o que era estranho, porque Michelle era sempre a mais ruidosa, mas nada saiu da boca dela. A mãe a gritar: Foge! Foge! Não! Não! E um tiro de caçadeira e a minha mãe ainda aos berros, mas incapaz de formar palavras, só um guincho, como um pássaro a bater contra as paredes ao fundo do corredor.

Passos pesados e os pezinhos de Debby a fugirem, ainda viva, a correr em direção ao quarto da minha mãe e eu a pensar não, não, não venhas para aqui e depois botas a fazerem tremer o corredor atrás dela e o som de qualquer coisa a arrastar e a arranhar o chão e mais gargarejos, pancadas e depois uma pancada seca e o ruído do machado e a minha mãe ainda a fazer um barulho horrível como se estivesse a grasnar e eu parada, petrificada, no quarto, à escuta, e a caçadeira rebentou-me os ouvidos outra vez e um estrondo fez chocalhar as traves do soalho debaixo dos meus pés. Eu, cobarde, à espera que tudo desaparecesse. Agachada meio dentro, meio fora do armário, a balouçar para trás e para a frente. Vai-te embora vai-te embora vai-te embora. Portas a bater e mais passos e um uivo, Ben a sussurrar para si próprio, frenético. E depois choro, um choro masculino profundo e a voz de Ben, sei que era a voz do Ben, a gritar Libby! Libby!

Abri uma janela no quarto da minha mãe e transpus a tela de rede rasgada. Aterrei de rabo no chão coberto de neve, a uns palmos de distância, as minhas meias imediatamente ensopadas, o cabelo emaranhado nos arbustos, e corri.

Libby! Olhei para trás e na casa só havia uma luz acesa numa janela, tudo o resto

estava às escuras.

Os meus pés estavam congelados quando cheguei ao lago e me aninhei entre os juncos. Usava várias camadas de roupa como a minha mãe, ceroulas por baixo da camisa de noite, mas toda eu tremia, o vento agitava-me a camisa e o ar gelado subia-me em cheio até à barriga.

Uma lanterna varreu freneticamente o cimo dos juncos, o arvoredado ali perto e, em seguida, o chão não muito longe de mim. Libby! A voz de Ben outra vez. A caçar-me. Não saias de onde estás, querida! Não saias de onde estás! A lanterna a aproximar-se cada vez mais, aquelas botas a esmagarem a neve e eu a chorar desalmadamente para a manga, torturando-me a ponto de quase me levantar, pronta para acabar com aquilo, mas depois a lanterna deu meia-volta e os passos afastaram-se de mim e fiquei ali sozinha, sem ninguém que me salvasse de morrer gelada na escuridão. A luz dentro de casa apagou-se e deixei-me ficar onde estava.

Horas depois, estando eu demasiado dormente para me conseguir pôr de pé, rastejei à luz tênue até casa, com os pés a latejar como ferro que retine, as mãos congeladas em garras de corvo. A porta estava escancarada e entrei a coxear. No chão à porta da cozinha estava uma triste pilha de vomitado, ervilhas e cenouras. Tudo o resto era vermelho: salpicos nas paredes, poças na alcatifa, um machado ensanguentado deixado na vertical no braço do sofá. Encontrei a minha mãe deitada no chão à frente do quarto das filhas, o cimo da cabeça sem uma fatia triangular, arrancada a tiro, golpes de machado de cima a baixo das suas várias camadas de roupa, um seio à mostra. Acima dela, longas madeixas de cabelo ruivo estavam coladas às paredes com sangue e matéria cerebral. Debby estava deitada logo a seguir a ela, de olhos arregalados e um fio de sangue pela face abaixo. O braço quase tinha sido decepado; levava uma machadada na barriga, tinha o estômago aberto, distendido como a boca de uma pessoa adormecida. Chamei Michelle, mas sabia que ela estava morta. Entrei no nosso quarto em bicos dos pés e encontrei-a enroscada na cama com as bonecas, o pescoço marcado de nódoas negras, uma pantufa ainda calçada, um olho aberto.

As paredes estavam pintadas de sangue: pentagramas e palavras. Cabras. Satanás. Estava tudo partido, rasgado, destruído. Frascos de comida tinham sido estilhaçados contra as paredes, cereais atirados para o chão. Um grão de Rice Krispies seria retirado do ferimento do peito da minha mãe, de tão caótico que foi o massacre. Um dos sapatos de Michelle estava pendurado pelos atacadores da ventoinha barata do teto.

Cambaleei até ao telefone da cozinha, puxei-o para o chão, liguei para a minha tia Diane, o único número que eu sabia de cor, e, quando Diane atendeu, gritei Estão todos mortos! numa voz que feriu os meus próprios ouvidos de tão estridente que foi. Depois, encaixei-me no espacinho entre o frigorífico e o forno e esperei por Diane.

No hospital, sedaram-me e amputaram-me três dedos dos pés congelados e metade de um dedo anelar. Desde então, tenho estado à espera de morrer.

Sentei-me de costas direitas sob a luz elétrica amarela. Arranquei-me da nossa casa da morte e regresssei ao meu quarto de adulta. Não ia morrer nos próximos anos, era

saudável como um cão de caça, por isso precisava de um plano. O meu cérebro estratégico de Day voltou felizmente, abençoadamente, a concentrar-se no meu próprio bem-estar. A pequenina Libby Day acabava de descobrir a sua estratégia. Chamem-lhe instinto de sobrevivência ou chamem-lhe aquilo que era: ganância.

Aqueles «entusiastas dos Day», aqueles «solucionadores de mistérios» iam dar-me dinheiro e não era só em troca de velhas cartas. Não me perguntaram eles onde estava Runner e que amigos de Ben é que eu ainda conhecia? Pois pagariam por todas essas informações que só eu podia obter. Aqueles palhaços que decoraram a planta da minha casa, que encheram pastas com fotografias do local do crime, tinham todos as suas teorias sobre quem matara os Day. Como eram umas aberrações, teriam dificuldade em conseguir que as pessoas falassem com eles. Eu, sendo eu, podia fazer isso por eles. A polícia faria as vontades à coitada da Libby, inclusive muitos dos suspeitos. Podia falar com o meu pai, se era mesmo isso que eles queriam e se o conseguisse encontrar.

Não é que isso levasse a algum lado. Em casa, sob as minhas luzes fortes de gaiola de hamster, novamente a salvo, lembrei-me de que Ben era culpado (tinha de ser, tinha de ser), acima de tudo porque eu não conseguia lidar com outra possibilidade senão essa. Para poder agir, tinha de ser assim e, pela primeira vez em vinte e quatro anos, eu precisava de agir. Comecei a fazer as contas mentalmente: digamos que 500 dólares para falar com a polícia; 400 dólares para falar com alguns amigos de Ben; 1000 para localizar Runner; 2000 para falar com Runner. Com certeza os fãs tinham uma lista inteira de pessoas que eu poderia convencer a dar à Órfã Day uma parte do seu tempo. Podia arrastar isto durante meses.

Adormeci, com a garrafa de rum na mão, garantindo a mim própria: Ben Day é um assassino.

1 Karla Brown foi assassinada em 1978 por um vizinho, que só foi condenado anos depois, graças à análise de marcas de dentadas que deixou no corpo da vítima; Casey Anthony foi acusada de ter assassinado a filha de dois anos, em 2008, para se libertar das suas responsabilidades de mãe; a comunidade de Jonestown, na Guiana, foi palco de um massacre que ocorreu em 1978, quando mais de novecentas pessoas da seita Templo dos Povos se suicidaram com veneno ou foram mortas a tiro por ordem do seu líder, Jim Jones; Fanny Adams, uma menina inglesa assassinada em 1867. (N. da T.)

2 O apelido Day presta-se a inevitáveis trocadilhos, uma vez que significa «dia». (N. da T.)

9h13

Ben estava a derrapar no gelo, as rodas da bicicleta a vibrarem. O caminho era para motocross, e para o verão, e tinha gelado, por isso era uma estupidez andar ali de bicicleta. E mais estúpido ainda o que ele estava a fazer: a pedalar o mais depressa possível em terreno acidentado, com hastes partidas de milho de ambos os lados e ele a tentar arrancar a porcaria do autocolante que uma das irmãs tinha colado por cima do velocímetro. Estava lá há semanas, a aparecer e a desaparecer da sua vista, a irritá-lo, mas não o suficiente para ele ter tratado do assunto. Apostava que tinha sido Debby quem o lá pusera, de olhos mansos e inconsciente: Isto fica tão bonito! Ben tinha aquela coisa brilhante já meio arrancada quando chegou a um troço de terra, a roda da frente a guinar toda para a esquerda, a traseira a patinar. Não voou completamente. Deu um salto na bicicleta, uma das pernas ficou presa e ele aterrou de lado no chão, com o braço direito a raspar nos restos de milho, a perna direita dobrada debaixo do corpo. Bateu com a cabeça com força na terra e os dentes tiniram como um sino.

Quando conseguiu respirar novamente — dez segundos a pestanejar com as lágrimas nos olhos —, sentiu um fio quente de sangue escorrer-lhe pelo olho abaixo. Ótimo. Espalhou-o com as pontas dos dedos na face e sentiu um novo fio de sangue a escorrer imediatamente do golpe na testa. Gostava de ter batido com mais força. Nunca tinha partido um osso, um facto que só confessava sob pressão. A sério, meu? Como é que uma pessoa consegue passar pela vida sem partir nada? A tua mãe embrulhou-te em plástico protetor? Na primavera passada, arrombara o portão da piscina municipal com uns tipos e postara-se na prancha de saltos por cima do grande buraco seco, a olhar para o fundo de cimento, a convencer-se a saltar, a partir-se todo, a ser o puto marado. Dera balanço na prancha umas quantas vezes, bebera mais um gole de uísque, dera uns pulinhos para cima e para baixo e voltara para junto dos outros, que ele mal conhecia e que tinham estado a observá-lo pelo canto do olho.

Um osso partido teria sido melhor, mas um pouco de sangue não era mau. Escorria agora abundantemente, pela bochecha abaixo, pelo queixo, e pingava para o gelo. Poças redondas de um vermelho puro.

Aniquilação.

A palavra surgiu do nada; expressões e letras de músicas estavam constantemente a colar-se-lhe ao cérebro pegajoso. Aniquilação. Viu imagens soltas de bárbaros nórdicos a empunharem machados. Perguntou-se por um segundo, um segundo apenas, se teria reencarnado e se aquilo seria uma espécie de recordação dessa vida anterior esvoaçando para o chão como cinzas. Depois, pegou na bicicleta e banuiu esse pensamento. Já não tinha dez anos.

Começou a pedalar, com uma luxação na anca direita e o braço a arder dos arranhões no milho. Talvez também ficasse com uma bela nódoa negra. Diondra gostaria disso, passaria um dedo macio sobre a mancha, descreveria um círculo à volta dela, uma, duas vezes, e espetaria um dedo na nódoa negra para depois gozar com ele quando o visse dar um salto de dor. Diondra era uma miúda que gostava de reações em grande: gritava alto, chorava ainda mais alto, ria a bandeiras despregadas. Arregalava os olhos e arqueava as sobrelhas quase até aos cabelos quando queria parecer surpreendida. Gostava de saltar de detrás de uma porta e pregar-lhe sustos para ele correr atrás dela na brincadeira. Diondra, a miúda dele, com um nome que lhe fazia lembrar princesas ou strippers, não sabia bem qual das duas. Ela era um bocadinho de ambas: sumptuosa, mas ordinária.

Uma peça qualquer da bicicleta ficara solta e estava a fazer um barulho que parecia o de um prego dentro de uma lata; o barulho vinha da zona dos pedais. Deteve-se um instante para ver o que se passava, com as mãos vermelhas e engelhadas do frio como um velho, e igualmente fraco, mas não viu nada de mal. Enquanto tentava detetar o problema, o sangue entrou-lhe nos olhos. Merda, era um inútil. Era demasiado pequeno quando o pai os abandonara. Nunca tivera a oportunidade de aprender coisas práticas. Via tipos a consertar motos e tratores e automóveis, e as entranhas dos motores pareciam-lhe os intestinos de um animal qualquer que ele nunca tinha visto. Mas de animais ele entendia, e de armas também. Era caçador como toda a gente na sua família, mas isso não era grande coisa, uma vez que a mãe tinha mais pontaria do que ele.

Queria ser um homem útil, mas não sabia como conseguir tal coisa, e a ideia assustava-o. O pai tinha voltado a viver com eles na quinta durante uns meses, no verão, e Ben enchera-se de esperanças, achando que o homem lhe ensinaria alguma coisa depois de tanto tempo, que se daria ao trabalho de ser pai. Em vez disso, Runner limitou-se a fazer ele próprio todo o trabalho mecânico e nem sequer convidou Ben para assistir. Aliás, deixou bem claro que Ben devia manter-se longe dele. Percebeu que Runner achava que ele era um mariquinhas: sempre que a mãe dizia que era preciso consertar alguma coisa, Runner respondia: «Isso é trabalho de homem» e lançava um sorriso a Ben, desafiando-o a concordar. Não podia pedir a Runner para lhe ensinar fosse o que fosse.

Além disso, não tinha dinheiro. Mentira: tinha quatro dólares e trinta cêntimos no bolso, mas era só isso para a semana toda. A família não tinha dinheiro posto de parte. A conta bancária estava sempre praticamente sem nada; vira um extrato bancário, uma vez, que dizia literalmente um dólar e dez cêntimos, portanto, a dada altura, a família chegou a ter menos no banco do que ele levava no casaco naquele preciso momento. A mãe não era capaz de gerir a quinta como devia; ele não sabia como, mas ela estava a estragar tudo. Levava uma carga de trigo para o silo num camião emprestado e não recebia nada em troca — menos do que gastava a cultivar o trigo — e o pouco de dinheiro que conseguia era para pagar dívidas. Os lobos estão à nossa porta, costumava ela dizer, e quando ele era mais pequeno, imaginava-a inclinada para fora da porta dos fundos, a lançar notas verdinhas de dinheiro a uma matilha de lobos e eles a comerem-nas como se fossem carne. Queriam sempre mais.

Será que alguém lhes ia tirar a quinta, um dia? Não deveria alguém fazê-lo? A melhor coisa talvez fosse livrarem-se da quinta, comecem do zero, em vez de estarem

agarrados àquela coisa viva enorme, morta. Mas era a casa dos pais da mãe e ela era sentimental. Era um gesto muito egoísta, pensando bem. Ben trabalhava a semana toda na quinta e depois voltava para a escola aos fins de semana para o seu emprego de merda como empregado de limpeza. (Escola e quinta, quinta e escola, era a isso que se resumia a sua vida antes de Diondra. Agora, tinha um belo triângulo de lugares para onde ir: a escola, a quinta e o casarão de Diondra na orla da cidade. Dava de comer ao gado e acartava estrume em casa e fazia basicamente o mesmo na escola, a lavar balneários e a esfregar o chão da cantina, ou seja, a limpar a merda dos outros putos. E, ainda assim, a mãe continuava a exigir que lhe desse metade do ordenado. As famílias partilham. Ah, sim? Pois os pais devem tomar conta dos filhos, que tal essa? Que tal não ter parido mais três miúdos quando mal tinha dinheiro para sustentar o primeiro?

A bicicleta estrepitava pelo caminho fora e Ben estava à espera que ela se desfizesse toda aos bocados, como num sketch ou num cartoon em que ele acabaria a pedalar só com o selim e o guiador. Odiava ter de ir de bicicleta para todo o lado. Odiava não poder conduzir. É a coisa mais triste do mundo um rapaz que ainda não fez dezasseis anos, dizia Trey, abanando a cabeça e soprando fumo para cima dele. Dizia isto sempre que Ben aparecia em casa de Diondra montado na bicicleta. Trey era fixe, mas era o tipo de gajo que tinha sempre de espetar o ferrão nos outros gajos. Trey tinha dezanove anos, cabelo comprido, preto e baço como alcatrão deixado ao ar durante uma semana, e era meio primo de Diondra ou uma coisa qualquer esquisita dessas, tio-avô ou amigo da família ou enteado de um amigo da família. Ou ele já tinha mudado de história várias vezes ou então Ben não tinha prestado atenção suficiente. O que era perfeitamente possível, uma vez que, sempre que Trey estava por perto, Ben ficava imediatamente tenso e demasiado consciente do seu corpo. Porque é que estava parado com as pernas naquela posição? O que é que havia de fazer às mãos? Pô-las na cintura ou enfiá-las nos bolsos?

Qualquer das duas maneiras parecia esquisita. E qualquer uma delas suscitaria piadas. Trey era o tipo de gajo capaz de detetar qualquer coisa discreta mas profundamente errada numa pessoa, em que o próprio nem sequer tinha reparado, e de a denunciar a uma sala cheia de gente. Belas calças para atravessar as cheias foi a primeira coisa que Trey lhe disse na vida. Ben levava uns jeans que talvez fossem, eventualmente, um centímetro demasiado curtos. Talvez dois centímetros. Belas calças para atravessar as cheias. Diondra rebolara-se de riso. Ben esperara que ela parasse de rir e que Trey recomeçasse a falar. Esperara dez minutos, sem dizer nada, a fazer um esforço enorme para se sentar de maneira que as meias não ficassem demasiado à mostra. Depois, enfiara-se na casa de banho, desapertara ligeiramente o cinto e puxara os jeans para o fundo das ancas. Quando voltou para a sala — a sala de estar do andar de baixo da casa, com uma alcatifa azul e pufes espalhados por todos os cantos como cogumelos —, a segunda coisa que Trey lhe disse na vida foi: «Agora trazes o cinto pela pila, meu. Não enganas ninguém.»

Ben chocalhou pelo carreiro abaixo, na sombra fresca do inverno, com flocos de neve a flutuarem no ar como grãos de poeira. Mesmo depois de fazer dezasseis anos, continuaria sem carro. A mãe tinha um Cavalier que comprara num leilão e que, em tempos, fora um automóvel de aluguer. Ela já lhe explicara que não tinham dinheiro para um segundo carro. Teriam de partilhar, o que fez imediatamente com que Ben não tivesse vontade de usar o

Cavalier. Já imaginara o que seria ir buscar Diondra num carro que cheirava a centenas de outras pessoas, um carro que tinha um cheiro completamente a usado — a batatas fritas rançosas e a nódoas de sexo — e, ainda por cima, um carro que agora estava atulhado de livros de meninas e bonecas de pano e pulseiras de plástico. Não dava. Diondra disse que ele podia conduzir o carro dela (ela tinha dezassete anos, mais um problema, porque... não era embaraçoso andar dois anos atrás da namorada no liceu?). Mas era uma imagem bem melhor: os dois num CRX vermelho, com a traseira levantada, os cigarros de mentol de Diondra a encherem o carro com um fumo perfumado, Slayer em altos berros. Sim, muito melhor.

Sairiam daquela terra de merda e iriam para Wichita, onde o tio dela era dono de uma loja de desporto e talvez lhe desse emprego. Ben prestara provas para as equipas de basquetebol e futebol e fora rejeitado de uma maneira curta e grossa, do género «escusa de cá voltar», por isso passar os seus dias numa sala enorme cheia de bolas de basquete e futebol parecia-lhe particularmente irónico. Mas, pensando bem, com tanto equipamento desportivo à sua volta, talvez pudesse treinar e tornar-se suficientemente bom para entrar para uma equipa qualquer masculina. Tinha de haver uma vantagem naquilo tudo.

Claro está que a maior vantagem era Diondra. Ele e Diondra no seu próprio apartamento em Wichita, a comer McDonald's e a ver televisão e a fazer sexo e a fumar maços inteiros de cigarros numa noite. Ben não fumava muito quando Diondra não estava; era ela a viciada, fumava tanto que cheirava a tabaco mesmo depois de tomar banho, ele tinha a sensação de que, se ela se cortasse, a sua pele deitaria vapor de mentol em vez de sangue. Acabara por gostar desse cheiro, que agora, para ele, era sinónimo de consolo e refúgio, da mesma maneira que o pão quente representa o cheiro a casa para muita gente. Portanto, seria assim: ele e Diondra, com os seus caracóis castanhos aos canudos, todos estaladiços de gel (outro cheiro que era completamente representativo dela: aquele odor pungente a uva dos cabelos), sentados no sofá a verem as telenovelas que ela gravava todos os dias. Ele acabara por se deixar enredar nos dramas: mulheres de chumaços nos ombros a beberem champanhe com diamantes a cintilar nos dedos, enquanto enganavam os maridos ou os maridos as enganavam ou as pessoas ficavam com amnésia e enganavam as outras. Ele voltaria do trabalho, com as mãos a cheirar a couro poeirento de bolas de basquetebol, e ela teria comprado o jantar no McDonald's ou no Taco Bell e comeriam juntos e diriam piadas sobre as mulheres de lantejoulas na televisão, e Diondra mostraria as que têm as unhas mais bonitas, ela adorava as unhas, e depois insistiria em pintar as dele, ou em pôr-lhe batom, o que ela adorava fazer, adorava abonecá-lo. Acabariam em cima da cama a fazer uma luta de cócegas, nus, com pacotes de ketchup debaixo das costas, e Diondra riria tão alto que os vizinhos bateriam no teto para os mandar calar.

Esta imagem não estava completa. Ele deixara propositadamente de fora um pormenor extremamente assustador, apagara simplesmente determinadas realidades. Isso não podia ser um bom sinal. Significava que tudo não passava de uma fantasia. Era um puto idiota que nem sequer conseguia ter uma coisa tão pequena como um apartamento de merda em Wichita. Nem sequer uma coisa minúscula como essa ele poderia ter. Sentiu uma onda de fúria que já lhe era bem familiar. A sua vida era uma longa sucessão de negações à sua

espera.

Aniquilação. Uma vez mais, viu machados, armas, corpos ensanguentados esborrachados no chão. Os gritos davam lugar a gemidos e cantos de pássaros. Queria sangrar mais.

Quando eu era miúda, vivi com uma prima em segundo grau de Runner, em Holcomb, Kansas, durante cerca de cinco meses, enquanto a coitada da tia Diane recuperava do meu décimo segundo ano de vida particularmente agressivo. Lembro-me pouco desses cinco meses, exceto o facto de termos feito uma excursão escolar a Dodge City para aprender coisas sobre Wyatt Earp. Pensámos que íamos ver armas, búfalos, prostitutas. Em vez disso, a nossa turma de vinte alunos desfilou aos empurrões e cotoveladas por uma série de salas, a ver arquivos, um dia inteiro entre pó e queixumes. A figura de Earp não me impressionou minimamente, mas adorei os vilões do Faroeste, com os seus bigodes revirados e roupas desleixadas e olhos reluzentes como níquel. Um fora da lei era sempre descrito como «mentiroso e ladrão». E ali, numa daquelas salas malcheirosas, enquanto o arquivista arengava sobre a arte de arquivar, toda eu vibrei com a alegria de encontrar um viajante, porque pensei: «É como eu.»

Sou uma mentirosa e uma ladra. Não me deixem entrar em vossa casa e, se o fizerem, não me deixem sozinha. Eu roubo coisas. Poderão apanhar-me com a vossa fiada de pérolas a tilintar entre as minhas pequenas garras gananciosas e dir-vos-ei que me lembraram as pérolas da minha mãe e que senti o impulso de lhe tocar, nem que fosse um segundo, e que lamento muito, não sei o que me passou pela cabeça.

A minha mãe nunca usou uma joia que não lhe deixasse a pele verde, mas vocês não saberão disso. E eu surripiar-vos-ei as pérolas na mesma, quando estiverem distraídos.

Roubo cuecas, anéis, CD, livros, sapatos, iPods, relógios. Vou a uma festa em casa de alguém — não tenho amigos, mas tenho pessoas que me convidam para ir aqui e ali — e venho-me embora com umas quantas camisas vestidas por dentro da camisola, um par de batons giros no bolso e todo o dinheiro vivo que encontrar dentro de uma carteira ou duas. Às vezes, até a carteira trago, se o grupo estiver bem bebido. Enfio-a ao ombro e venho-me embora. Comprimidos com receita médica, perfumes, botões, canetas. Comida. Tenho uma garrafa que o avô de não sei quem trouxe da Segunda Guerra Mundial e possuo um alfinete da Phi Beta Kappa ganho pelo tio predileto de um tipo qualquer. Tenho uma caneca de lata retráctil antiga que não me lembro de ter roubado, porque já está nas minhas mãos há tanto tempo. Finjo que é um objeto antigo da família.

As coisas que de facto pertenciam à minha família, as caixas que estão debaixo das escadas, não consigo olhar para elas. Prefiro as coisas dos outros. Vêm com as histórias dos outros e não a minha.

Um objeto em minha casa que não roubei é um policial baseado em factos reais intitulado *A Colheita do Diabo: O Sacrifício Satânico de Kinnakee Kansas*. Saiu em 1986 e foi escrito por uma antiga jornalista chamada Barb Eichel e é tudo o que sei. Pelo menos três seminamorados ofereceram-me um exemplar deste livro, solenemente, sabiamente, e todos eles levaram um pontapé no rabo logo a seguir. Se eu digo que não quero ler o livro, não quero ler o livro. É como a minha regra sobre dormir com as luzes acesas. Digo a

todos os homens que durmo sempre com as luzes acesas e eles dizem qualquer coisa do estilo: «Eu tomo conta de ti, querida» e depois tentam desligar as luzes. Como se as coisas fossem assim. Não sei porquê, mas parecem surpreendidos por eu dormir mesmo com as luzes acesas.

Tirei A Colheita do Diabo de uma pilha inclinada de livros que estava a um canto; guardo-o pelo mesmo motivo que guardo as caixas com as papeladas e porcarias da minha família, porque talvez um dia o queira, e mesmo que não queira, não quero que mais ninguém fique com ele.

Na primeira página lê-se:

Kinnakee Kansas, no coração da América, é uma pacata comunidade agrícola onde todas as pessoas se conhecem, vão à igreja juntas e envelhecem juntas. Mas não é imune aos males do mundo exterior e, na madrugada de 3 de janeiro de 1985, esses males destruíram três membros da família Day, numa catadupa de sangue e horror. Esta é uma história não só sobre um crime, mas também sobre a adoração do Diabo, rituais sangrentos e a propagação do Satanismo a todos os cantos da América, inclusive aos lugares mais acolhedores e aparentemente mais seguros.

Os meus ouvidos desataram a zumbir, reproduzindo os sons daquela noite: um gemido masculino e forte, e um pranto arquejante, de garganta seca. Os gritos de fada da morte da minha mãe. Lugar Escuro. Olhei para a fotografia de Barb Eichel na contracapa. Tinha o cabelo curto e espetado, brinços compridos e um sorriso soturno. A biografia dizia que vivia em Topeka, Kansas, mas isso foi há cerca de vinte anos.

Precisava de telefonar a Lyle Wirth para lhe apresentar a minha proposta de informações em troca de dinheiro, mas não estava preparada para o ouvir pregar-me novamente um sermão sobre o assassinio da minha própria família. (Está mesmo convencida de que o Ben é culpado!) Precisava de conseguir argumentar com ele em vez de ficar ali sentada como uma ignorante, sem nada de interessante para dizer. O que era basicamente o que eu estava a fazer.

Folheei o livro mais um pouco, deitada de barriga para cima, encostada a uma almofada dobrada ao meio, com Buck a vigiar-me com olhos atentos de gato à coca de algum movimento meu em direção à cozinha. Barb Eichel descrevia Ben como «um solitário vestido de preto, pouco popular e irado» e «obcecado com a forma mais brutal de heavy metal — chamada black metal —, canções que os rumores diziam ser chamamentos em código destinados ao próprio Diabo». Saltei as páginas, claro está, até encontrar uma referência a mim: «angelical, mas forte», «determinada e melancólica» com um «ar de independência que normalmente não se vê sequer em crianças com o dobro da idade dela». A nossa família tinha sido «feliz e buliçosa, desejosa de um futuro de ar puro e vida sã». Pois, está-se mesmo a ver. Ainda assim, este era supostamente o livro supremo sobre os crimes e, depois de todas aquelas vozes do Kill Club a chamarem-me tola, eu estava louca para falar com um desconhecido que também acreditasse na culpa de Ben. Munições contra Lyle. Imaginei-me a enumerar os factos pelos dedos: isto,

isto e isto prova que vocês, seus estúpidos, estão enganados, e Lyle a descerrar os lábios, compreendendo que afinal eu tinha razão.

Mas eu continuava disposta a ficar com o dinheiro dele, se ele quisesse.

Sem saber por onde começar, liguei para a lista telefônica de Topeka e saiu-me a sorte grande: arranjei o número de telefone de Barb Eichel. Ainda vivia em Topeka, ainda vinha na lista telefônica. Foi canja.

Ela atendeu ao segundo toque, com uma voz alegre e estridente, até eu lhe dizer quem era.

— Oh, Libby. Andava há anos a pensar se algum dia me contactaria — disse ela, depois de fazer um som gutural do estilo eehhhh. — Ou se deveria contactá-la eu. Não sabia o que fazer... — Imaginei-a a olhar em redor da sala, a mexericar nas unhas, assustadiça, uma daquelas mulheres que analisava a ementa durante vinte minutos e ainda assim entrava em pânico quando o empregado vinha à mesa.

— Estava com esperança de falar consigo sobre... o Ben — comecei, sem saber muito bem que palavras usar.

— Eu sei, eu sei, já escrevi várias cartas ao Ben ao longo dos anos a pedir desculpa, Libby. Não sei quantas vezes terei de dizer que me arrependo de ter escrito aquele maldito livro.

Desta é que eu não estava à espera.

Barb Eichel convidou-me para almoçar em casa dela. Queria explicar-me as coisas pessoalmente. Já não conduzia (aqui, captei um vislumbre da verdadeira história: medicamentos, ela tinha aquela pátina brilhante de alguém que toma demasiados medicamentos), por isso iria eu ter com ela e ela agradecia muito o gesto. Felizmente, Topeka não fica longe de Kansas City. Não é que eu tivesse vontade de lá ir, já vira o suficiente de Topeka quando era miúda. A cidade costumava ter uma clínica psiquiátrica dos diabos; a sério, até havia um painel na autoestrada a dizer qualquer coisa do estilo: «Bem-vindos a Topeka, a capital psiquiátrica do mundo!» A povoação inteira estava à cunha de loucos e terapeutas, e levavam-me lá regularmente para eu ter consultas externas, convencendo-me de que era um privilégio raro. Que bom para mim. Falávamos sobre os meus pesadelos, os meus ataques de pânico, as minhas crises de raiva. Quando entrei na adolescência, falávamos sobre a minha propensão para a violência física. No que me toca, a cidade toda, a capital do Kansas, cheira a baba de manicómio.

Li o livro de Barb antes de ir ter com ela, ia munida de factos e perguntas, mas a minha confiança esmoreceu durante as três horas que demorei a fazer a viagem, que só devia ter levado sessenta minutos. Demasiadas viragens na direção errada, comigo a praguejar por não ter Internet em casa e não poder simplesmente descarregar as indicações sobre o trajeto. Nem Internet, nem televisão por cabo. Não tenho jeito para essas coisas: cortes de cabelo, mudanças de óleo, idas ao dentista. Quando me mudei para a minha casa, passei os primeiros três meses enrolada em cobertores, porque não conseguia arranjar coragem para tratar da ligação do gás. Já mo desligaram três vezes nos últimos anos, porque às vezes não tenho ânimo para passar um cheque. Tenho

dificuldade em manter seja o que for.

A casa de Barb, quando finalmente lá cheguei, era desinteressantemente caseira, um bloco de estuque que ela pintara de verde-claro. Balsâmica. Com montes de espanta-espíritos. Ela abriu a porta e recuou, como se eu lhe tivesse pregado um susto. Ainda tinha o cabelo curto e espetado como na fotografia do livro, mas agora estava grisalho, e usava uns óculos com uma corrente de missangas, daquelas que as mulheres mais velhas definem como «excêntricas». Já tinha passado a barreira dos cinquenta e os seus olhos eram escuros e fugidios, protuberantes no rosto magro.

— Ohhh, olá, Libby! — exclamou e, de repente, abraçou-me e senti um osso qualquer dela a espetar-me com força no peito esquerdo. Ela cheirava a patchuli e lã. — Entre, entre. — Um cãozinho peludo apareceu a trotar pela tijoleira fora, a ladrar alegremente. Um relógio deu as horas.

— Oh, espero que não desgoste de cães, ele é meiguinho — disse ela, observando-o enquanto ele saltava para cima de mim. Odeio cães, mesmo cães pequenos e meigos. Levantei os braços, mostrando que não tencionava fazer-lhe festinhas. — Anda, Weenie, deixa a nossa amiga passar — disse ela, como se falasse com um bebé. Detestei o cão ainda mais, depois de saber que se chamava Weenie.

Ela mandou-me sentar numa sala que parecia atulhada: cadeiras, sofá, tapete, almofadas, cortinas, tudo era espesso e arredondado e coberto com camadas e camadas de tecido. Ela andou dentro e fora da sala durante uns minutos, a falar por cima do ombro em vez de ficar quieta, perguntando-me duas vezes o que queria beber. Não sei como, mas sabia que ela ia tentar dar-me canecas de barro de chá de raiz de frutos silvestres ou um batido de Elixir de Jasmim, com cheiro a terra e reluzente, por isso limitei-me a pedir água. Procurei garrafas de bebidas alcoólicas, mas não vi nenhuma. Mas não tinha dúvidas de que naquela casa se tomavam medicamentos em barda. Tudo fazia ricochete naquela mulher — ping, pang! — como se ela fosse envernizada.

Trouxe dois tabuleiros com sanduíches para comermos na sala. A minha água era só cubos de gelo. Em dois goles, bebi-a toda.

— Então, como vai o Ben, Libby? — perguntou, quando finalmente se sentou. Deixou, porém, o tabuleiro de lado. Para fugir rapidamente, se fosse caso disso.

— Oh, não sei. Não tenho contacto nenhum com ele.

Ela pareceu não ouvir; estava sintonizada na sua própria estação de rádio interna. Uma estação qualquer de jazz ligeiro.

— Como é óbvio, Libby, sinto uma culpa enorme nisto tudo, embora o livro tenha saído depois do veredito e não tenha tido qualquer peso nele — disse ela abruptamente. — Ainda assim, fiz parte das pessoas que se precipitaram a julgar. Foi da época em que vivíamos. A Libby era muito novinha, sei que não se lembra disto, mas estávamos nos anos 80. Chamava-se-lhe o Pânico Satânico.

— Chamava-se o Pânico Satânico a quê? — Perguntei-me quantas vezes é que ela iria usar o meu nome ao longo da conversa. Parecia-me esse tipo de pessoa.

— Toda a comunidade psiquiátrica, a polícia, as autoridades, o pessoal todo... naquela época, achavam que toda a gente era um adorador do diabo. Estava... estava na moda. — Inclinou-se para mim, com os brincos a balouçar, apertando as mãos uma na outra. — As

peessoas estavam mesmo convencidas de que havia uma extensa rede de satanistas, que era uma coisa corriqueira. Se um adolescente começava a comportar-se de maneira estranha, dizia-se logo que era um adorador de Satanás. Um miúdo da pré-primária vinha para casa da escola com uma nódoa negra esquisita ou com um comentário estranho sobre as suas partes privadas e dizia-se logo que as professoras eram adoradoras de Satanás. Lembra-se do julgamento da escola pré-primária McMartin? Os coitados daqueles professores sofreram durante anos até que fossem retiradas as queixas. Pânico satânico. Era uma boa história e eu cá que nem um patinho, Libby. Não questionámos o suficiente.

O cão farejou-me e eu fiquei hirta, esperando que Barb o chamasse. Mas ela não reparou, com os olhos postos num girassol pendurado que estava a lançar uma luz dourada no vitral da janela por cima de mim.

— E a verdade é que a história funcionou — continuou Barb. — Admito-o hoje, e demorei uma boa década a fazê-lo, Libby, que ignorei uma série de provas que não encaixavam na teoria do Ben-Satanás, ignorei sinais óbvios.

— Tais como?

— Hum, tais como o facto de que você foi claramente industriada, que você não era, de forma alguma, uma testemunha credível, que o psiquiatra que foi nomeado para a «fazer exprimir-se», e estou a citar, se limitou a pôr palavras na sua cabeça.

— O doutor Brooner? — Lembrava-me do doutor Brooner: um tipo hippie barbudo com um grande nariz e uns olhos pequeninos. Parecia um animal amistoso de um livro de contos. Nesse ano inteiro, e tirando a minha tia Diane, ele foi a única pessoa de quem eu gostei e a única pessoa a quem falei daquela noite, uma vez que Diane não queria. O doutor Brooner.

— Um charlatão — disse Barb, e soltou uma gargalhada. Preparei-me para protestar, sentindo-me na defensiva (a mulher tinha-me basicamente chamado mentirosa na minha cara, o que era verdade, mas ainda assim irritou-me), mas ela recomeçou. — E o álbi do seu pai? A tal namorada dele? Isso nunca devia ter aguentado em tribunal. Aquele homem não tinha um verdadeiro álbi e devia muito dinheiro a muita gente.

— A minha mãe não tinha dinheiro.

— Tinha mais do que o seu pai, acredite que tinha. — Acreditei. Uma vez, o meu pai mandou-me a casa de um vizinho para que me dessem o almoço, por compaixão, e mandou-me espreitar para debaixo das almofadas do sofá e dar-lhe os trocos que encontrasse.

— E foi encontrada uma pegada de um sapato de cerimónia de homem no sangue, que nunca ninguém identificou de quem era. O local do crime estava contaminado, esse foi mais um pormenor que ignorei no livro. Houve gente a entrar e a sair da casa o dia inteiro. A sua tia entrou e levou montes de tralha que estava nos armários, roupas e coisas para si. Isso foi contra as regras da polícia, mas ninguém se importou. As pessoas estavam em pânico. E ali tinham um adolescente esquisito de quem ninguém na terra inteira gostava por aí além, sem dinheiro, que não sabia defender-se e que por acaso gostava de heavy metal. É embaraçoso. — Ela conteve-se. — Um horror. Uma tragédia.

— Há alguma coisa que possa fazer com que o Ben seja libertado? — perguntei, com o estômago às voltas como uma enguia. O facto de a pessoa que mais veementemente se

pronunciara contra Ben ter mudado de ideias estava a deixar-me nauseada. Bem como aquele encontro com mais uma pessoa que tinha a certeza de que eu cometera perjúrio.

— Bom, a Libby está a tentar fazê-lo, não está? Parece-me quase impossível desfazer estas coisas depois de tantos anos... o período em que ele podia interpor recurso já terminou. Ele teria de pedir habeas corpus e... seria necessário apresentar uma prova nova de peso para conseguir pôr o processo em marcha nesta altura do campeonato. Qualquer coisa tipo uma prova de ADN muito convincente. Infelizmente, a sua família foi cremada, por isso...

— Pois, está certo, obrigada — interrompi, a precisar de ir para casa naquele preciso instante.

— Volto a dizer que escrevi o livro depois do veredito, mas, se eu puder fazer alguma coisa para a ajudar, diga-me, Libby. Tenho algumas culpas no cartório e assumo a responsabilidade.

— Fez algum depoimento, disse à polícia que acha que o Ben afinal não é culpado?

— Bom, não. Parece que a maior parte das pessoas já concluiu há muito tempo que o Ben não é culpado — respondeu Barb, com a voz a ficar estridente. — Depreendo que a Libby abjurou oficialmente o seu testemunho? Penso que isso seria uma ajuda enorme.

Ela estava à espera que eu dissesse mais qualquer coisa, que explicasse porque é que tinha vindo falar com ela agora. Para lhe dizer que sim, claro, Ben era inocente e eu ia resolver aquela história toda. Ficou sentada a olhar para mim, a comer o almoço, a mastigar cada pedaço de sanduíche com cuidado excessivo. Depeniquei a minha sanduíche — pepino e hummus — e pousei-a, deixando uma dedada no pão húmido. A sala estava forrada de estantes, mas continham apenas livros de autoajuda. Abra-se à Felicidade!; Força, Mulher; Pare de se Recriminar; Queixo Erguido: Assuma-se; Seja o seu Melhor Amigo, Avance, Suba na Vida! Era uma sucessão interminável de títulos alegres, implacáveis, animadores. Quanto mais eu os lia, mais infeliz me sentia. Remédios herbais, pensamento positivo, autoperdoar-se, viver com os erros cometidos. Até um livro para vencer a indolência ela tinha. Não confio em adeptos da autoajuda. Há anos, saí de um bar com um amigo de um amigo, um tipo normal, simpático, giro, com o cabelo cortado à escovinha, que vivia num apartamento ali perto. Depois de termos tido relações sexuais, depois de ele ter adormecido, comecei a bisbilhotar o quarto dele e descobri que a secretária estava coberta de bilhetes autocolantes:

Não te chateies por causa de pequenas coisas; são só pequenas coisas.

Se parássemos de tentar a todo o custo ser felizes, divertir-nos-íamos bastante.

Goza a vida: ninguém sai daqui vivo.

Não te preocupes, sê feliz.

Achei toda aquela esperança urgente mais assustadora do que se tivesse encontrado uma pilha de crânios com cabelo ainda agarrado ao osso. Fugi a sete pés, tomada pelo pânico, com a roupa interior enfiada na manga.

Não fiquei muito mais tempo em casa de Barb. Fui-me embora com a promessa de lhe

telefonar em breve e com um pisa-papéis azul em forma de coração que roubei da mesinha de apoio dela.

9h42

O lavatório estava manchado de um roxo lamacento da tinta com que Ben pintara o cabelo. Portanto, algures durante a noite, ele trancara-se na casa de banho, sentara-se na tampa da sanita e lera as instruções da embalagem de tinta que ela encontrara no lixo. A embalagem tinha uma fotografia de uma mulher de lábios ligeiramente rosados e cabelo preto retinto, curtinho e com franja. Perguntou-se se ele a teria roubado. Não conseguia imaginar Ben, Ben que andava sempre de queixo enterrado no peito, a pousar a embalagem de tinta para o cabelo no balcão da caixa registadora. Por conseguinte, roubara-a. Depois, a meio da noite, o seu filho, completamente sozinho, medira e misturara e aplicara. Sentara-se com aquela lama de produtos químicos no cabelo ruivo e esperara que fizesse efeito.

Só a ideia deixava-a inacreditavelmente triste. Que naquela casa de mulheres, o seu menino tivesse pintado o cabelo de noite, sozinho. Obviamente que era ridículo pensar que ele lhe teria pedido ajuda, mas fazer uma coisa daquelas sem um cúmplice parecia um ato de uma solidão tão grande. A irmã mais velha de Patty, Diane, furara as orelhas de Patty naquela mesma casa de banho, havia duas décadas. Patty aquecera um alfinete de ama com um isqueiro barato e Diane cortara uma batata a meio e colara uma metade fria e molhada à parte de trás da orelha de Patty. Congelaram o lóbulo com um cubo de gelo e Diane — está quieta, está quieeeeta — espetara o alfinete na carne de Patty como se fosse borracha. Porque é que precisavam da batata? Por uma questão de pontaria ou uma coisa desse género. Patty acobardara-se depois da primeira orelha, deixara-se cair na borda da banheira, com o pico do alfinete espetado na orelha. Diane, intensa e inexorável numa enorme camisa de noite de lã, cercou-a brandindo um segundo alfinete quente.

— Daqui a nada já está, não podes furar só uma, P.

Diane, uma mulher de ação. Não se devia abandonar nenhuma tarefa a meio, nem por causa do tempo, nem da preguiça, nem de uma orelha a latejar, gelo derretido e uma irmã mais nova assustadiça.

Patty girou as suas pérolas de ouro. A esquerda não estava bem centrada, culpa sua por se ter mexido à última hora. Apesar disso, ali estavam eles, os dois furos assinalando o zelo adolescente, e ela fizera-os com a irmã, da mesma maneira que pusera batom pela primeira vez ou prendera elásticos a pensos higiénicos do tamanho de uma fralda por volta de 1965. Havia coisas que não se devia fazer sozinho.

Verteu detergente no lavatório e começou a esfregar, vendo a água transformar-se numa tinta verde-escura. Diane devia estar quase a aparecer. Passava sempre lá por casa a meio da manhã, se estivesse no carro, o que era a sua maneira de fingir que o trajeto de quarenta e oito quilómetros fazia parte da sua rotina de tarefas diárias. Diane troçaria desta mais recente saga de Ben. Quando Patty estava preocupada com a escola, os

professores, a quinta, Ben, o casamento, os miúdos, a quinta (depois de 1980, era sempre, sempre, sempre a quinta), era por Diane que ela mais ansiava, como se fosse uma bebida forte. Diane, sentada numa cadeira de jardim na garagem, a fumar cigarros uns atrás dos outros, declararia que Patty era uma tola, dir-lhe-ia para não levar as coisas tão a sério. As preocupações vêm ao nosso encontro sem as procurarmos. Para Diane, as preocupações eram quase seres físicos, criaturas porosas com ganchos em vez de dedos, destinadas a serem derrotadas de imediato. Diane não se preocupava, isso era coisa para mulheres menos robustas.

Mas Patty não conseguia levar as coisas de ânimo leve. Ben tornara-se tão distante neste último ano, transformara-se num miúdo estranho e tenso, que se fechava no quarto aos pulos ao som de uma música que abanava as paredes, as palavras vomitadas aos gritos escapando por debaixo da porta. Palavras assustadoras. A princípio, não se dera ao trabalho de as ouvir com atenção, a música em si era tão feia, tão frenética, mas um dia chegara a casa cedo, quando Ben julgava que estava sozinho, postara-se do lado de fora da porta dele e ouvira os berros:

Já não existo,
Estou feito,
O Diabo levou-me a alma,
Agora sou filho de Satanás.

O disco deu um salto e voltou novamente o cântico grosseiro: já não existo, estou feito, o Diabo levou-me a alma, agora sou filho de Satanás.

E outra vez. E mais outra. E Patty percebeu que Ben estava parado junto do gira-discos, a levantar a agulha e a tocar aquelas palavras vezes sem conta, como uma prece.

Precisava de Diane. Já. Diane, instalada no sofá como um urso amistoso numa das suas três velhas camisas de flanela, a mascar uma série de pastilhas de nicotina, falaria daquela vez em que Patty chegara a casa de vestido ultracurto e os pais ficaram literalmente sem ar, como se ela fosse uma causa perdida. «E não eras, pois não? Não passavas de uma miúda. Pois com o Ben é a mesma coisa.» E Diane estalaria os dedos como se fosse a coisa mais simples do mundo.

As miúdas estavam à espera do lado de fora da porta da casa de banho e ali estariam quando ela saísse, expectantes. Sabiam, pelos murmúrios e pelas limpezas de Patty, que mais alguma coisa correria mal e estavam a decidir se aquela situação requeria lágrimas ou recriminações. Quando Patty gritava, geralmente duas das filhas tinham um ataque de raiva e, se alguém se metia em sarilhos, a casa inteira era varrida por um vendaval de culpa. As mulheres Day eram a personificação da histeria em massa. E ali estavam elas numa quinta cheia de forquilhas.

Passou as mãos por água, as mãos gretadas, vermelhas e calejadas, e olhou para a sua imagem no espelho, certificando-se de que não tinha os olhos molhados. Tinha trinta e dois anos, mas aparentava mais uns dez. Tinha a testa enrugada como um leque de papel feito por uma criança e os olhos cheios de pés de galinha. O cabelo ruivo estava raiado de

fiões grossos e brancos, e o seu corpo estava feio de tão magro, cheio de altos e pontas espetadas, como se tivesse engolido uma prateleira inteira de ferramentas e afins: martelos e bolas de naftalina e umas quantas garrafas antigas. Não era o tipo de corpo que uma pessoa quisesse abraçar e, de facto, os seus próprios filhos nunca se aninhavam nela. Michelle gostava de a pentear (com gestos impacientes e agressivos, como tudo o que Michelle fazia) e Debby encostava-se a si, sempre que estavam ambas de pé (de uma maneira desligada e distraída, como era costume em Debby). A coitada da Libby raramente lhe tocava, a menos que se tivesse magoado muito, o que também fazia sentido. O corpo de Patty estava tão gasto que, quando tinha vinte e poucos anos, até os mamilos eram nodosos; deixara de amamentar Libby pouquíssimo tempo depois de ela nascer.

Não havia armário de medicamentos na casa de banho exígua (o que é que ela ia fazer, quando as miúdas entrassem para o liceu, só com uma casa de banho para quatro mulheres, e onde estaria Ben? Teve um triste vislumbre dele num quarto qualquer de motel, completamente sozinho, num caos pueril de toalhas sujas e leite derramado), por isso guardava um pequeno amontoado de produtos de toilette no rebordo do lavatório. Ben empurrara todos os frascos para um canto: desodorizante em spray e laca do cabelo, uma embalagem minúscula de pó de talco que ela não se lembrava de ter comprado. Estavam agora salpicados com a mesma tinta arroxeadada que lhe sujara o lavatório. Limpou-os como se fossem peças de porcelana. Patty não estava pronta para fazer mais uma visita à loja. Fora de carro até Salina havia um mês, num estado de espírito positivo e alegre, para comprar alguns produtos de beleza: amaciador, creme para a cara, batom. Guardara uma nota de vinte dólares no bolso da frente só para a viagem. Um gasto exorbitante. Mas só a quantidade de tipos de creme que existiam para o rosto — hidratante, antirrugas, protetor solar — deixou-a perdida. Uma pessoa podia comprar um hidratante, mas depois tinha de arranjar um desmaquilhante da mesma gama e uma coisa chamada loção tonificante e, antes mesmo de chegar ao creme para a noite, já tinha gastado cinquenta dólares. Saíra da loja de mãos a abanar, sentindo-se castigada e tola.

«Tens quatro filhos... ninguém está à espera que tenhas um ar fresco que nem uma alface», fora o comentário de Diane.

Mas ela queria ter um ar fresco que nem uma alface de vez em quando. Há alguns meses, Runner voltara para casa, caíra do céu com o rosto bronzeado e uns olhos azuis e histórias de barcos de pesca no Alasca e do circuito de corridas na Florida. Ficara parado no degrau da entrada, alto e magro, de jeans sujos, como se nada fosse depois de três anos sem dar notícias nem enviar dinheiro aos filhos. Perguntara se podia ficar lá em casa até arranjar um sítio onde morar; é claro que estava falido, embora tivesse dado uma Coca-Cola quente e meio vazia a Debby como se fosse uma prenda extraordinária. Runner jurou que consertaria o que houvesse para consertar na quinta e que manteria uma relação platónica, se ela quisesse. Era verão, na altura, e ela deixou-o dormir no sofá, onde as miúdas corriam para ele de manhã, dando com ele espojado e malcheiroso, de boxers rasgados, com os tomates meio de fora.

Ele encantou as miúdas — tratava-as por Bonequinha e Cara de Anjo — e até Ben o observava com toda a atenção, rondando-o como um tubarão. Runner não interagia

verdadeiramente com Ben, mas tentava brincar um pouco com ele, ser simpático. Incluía Ben nas conversas tratando-o como um homem, o que era bom, dizia coisas do estilo «Isso é trabalho de homem» e piscava o olho a Ben. Ao fim de três semanas, Runner chegou de carrinha com um sofá-cama que arranjava e sugeriu instalar-se na garagem. Pareceu-lhe boa ideia. Ajudava-a a lavar a louça e abria-lhe a porta para ela passar. Deixava Patty apanhá-lo a olhar-lhe para o rabo e depois fingia ficar embaraçado. Uma noite, deram um beijo com sabor a tabaco, quando ela lhe estava a dar lençóis lavados, e ele atacou-a de imediato: enfiou as mãos dentro da camisa dela, encostou-a à parede, puxou-lhe a cabeça para trás pelos cabelos. Ela afastou-o de si, disse-lhe que não estava pronta, tentou sorrir. Ele amou e abanou a cabeça, olhando-a de cima a baixo com os lábios cerrados. Quando ela se despiu para se deitar, sentiu o cheiro a nicotina no sítio onde ele a agarrara mesmo abaixo do peito.

Ele ficara mais um mês, olhando-a de esguelha, começando trabalhos e depois deixando-os a meio. Quando ela lhe pediu para se ir embora, uma vez, ao pequeno-almoço, ele chamou-lhe cabra, atirou-lhe com um copo, deixou marcas de sumo no teto. Quando ele já estava longe, ela descobriu que ele lhe roubara sessenta dólares, duas garrafas de álcool e uma caixa de joias que em breve ele descobriria estar vazia. Runner mudou-se para uma cabana decrépita, a um quilómetro e meio de distância; da chaminé saía fumo a toda a hora, a única forma de aquecimento. Por vezes, ouvia tiros ao longe, sons de balas disparadas para o ar.

Esse seria o seu último romance com o homem que era pai dos seus quatro filhos. E, agora, estava na hora de enfrentar mais uma vez a realidade. Patty puxou o cabelo, seco e pesado, para trás das orelhas e abriu a porta. Michelle estava sentada no chão mesmo à sua frente, a fingir que analisava as tábuas do soalho. Observou Patty por detrás de uns óculos de lentes cinzentas.

— O Ben fez ansia? — perguntou ela. — Porque é que ele fez aquilo ao cabelo?

— Crise de adolescência, diria eu — respondeu Patty e, no instante em que Michelle inspirou fundo (ela inspirava sempre fundo antes de dizer alguma coisa, as suas frases eram associações rápidas e cerradas de palavras que jorravam em catadupa, até ela ter de respirar outra vez), ouviram um carro a aproximar-se. O caminho de acesso à casa era longo, um carro metia pelo carreiro e demorava um minuto a chegar à entrada. Patty soube, de alguma forma, que não era a irmã, apesar de as miúdas já estarem aos gritos Diane! Diane!, correndo para a janela para espreitarem. Haveria suspiros tristes quando percebessem que afinal não era Diane. Não sabia explicar porquê, mas tinha a certeza de que era Len, o agente de cobranças. Até a maneira como conduzia tinha um som possessivo. Len, o Credor Sanguessuga. Ela debatia-se com ele desde 1981. Runner já os tinha abandonado nessa altura, anunciando que aquele tipo de vida não era para ele, olhando em volta como se aquela casa fosse dele e não dela, a casa dos pais dela, dos avós dela.

A única coisa que ele fizera fora casar-se com ela e arruinar a casa. Pobre e desiludido Runner, com os seus sonhos tão altos nos anos 70, quando as pessoas pensavam que podiam enriquecer a gerir uma quinta. (Ha!, riu-se ela, com desprezo, ali na cozinha, só de pensar nisso, imaginem só.) Ela e Runner tinham tomado conta da quinta em 1974,

sucedendo aos pais dela. Foi um passo enorme, maior ainda do que o casamento ou o nascimento do primeiro filho. Nenhuma dessas ocasiões entusiasmara os seus doces e discretos pais. Runner cheirava a esturro já naquela época, mas, Deus os abençoe, os coitados nunca disseram mal dele. Quando, aos dezassete anos, ela lhes anunciou que estava grávida e que se iam casar, eles limitaram-se a responder: Oh. Assim, só isso. O que dizia tudo.

Patty tinha uma fotografia desfocada do dia em que assumiram as rédeas da quinta: os pais dela, hirtos e orgulhosos, sorrindo timidamente para a objetiva, e ela e Runner, com sorrisos triunfais, cabeleiras luxuriantes, incrivelmente jovens, bebendo champanhe. Os pais nunca tinham provado champanhe, mas foram de carro à povoação comprar uma garrafa de propósito. Fizeram o brinde em velhos frascos de compota.

As coisas deram rapidamente para o torto e Patty não pôde culpar Runner inteiramente. Naquela altura, toda a gente achava que o valor da terra continuaria a subir em flecha — não vão inventar mais terras! — e porque não comprar mais, e melhor, continuamente? Cultivem de uma ponta à outra, era este o grito de ordem. Sejam agressivos, sejam ousados. Runner, com os seus sonhos ambiciosos e sem experiência nenhuma, levava-a ao banco — pusera uma gravata cor de sorvete de lima, grossa como uma colcha — e exclamara e gaguejara para conseguir um empréstimo. Acabaram por lhes dar o dobro do que tinham pedido. Não deviam ter aceitado, quiçá, mas o credor disse para não se preocuparem, eram tempos prósperos.

Estão a dar tudo de mão beijada!, gritara Runner e, de repente, tinham um trator novo e uma máquina para revolver a terra de seis filas quando a de quatro chegava à vontade. No espaço de um ano, comprara um Krause Dominator vermelho reluzente e uma máquina combinada de colheita John Deere. Vern Evelee, com os seus respeitáveis duzentos hectares ao fundo da estrada, fazia questão de mencionar todas as coisas novas que avistava na propriedade deles, sempre com um ligeiro tremor na sobrançelha. Runner comprou mais terras e um barco de pesca e, quando Patty perguntara tens a certeza, tens mesmo a certeza?, ele amuara e rosnara que ficava magoado por ela não confiar nele. Depois, tudo descambou de repente, como se fosse uma piada de mau gosto. Carter e o embargo à venda de cereais aos russos (combatam os comunistas, esqueçam os agricultores), taxas de juro a dezoito por cento, o preço do combustível a aumentar e depois a disparar em flecha, bancos a abrir falência, países de que ela quase nunca ouvira falar — a Argentina — de repente a fazerem concorrência nos mercados. A fazerem-lhe concorrência a ela, na sua terrinha de Kinnakee, Kansas. Uns quantos anos maus e foi o fim de Runner. Nunca se recompôs do efeito Carter, falava de Carter a toda a hora, sem parar. Sentava-se a beber uma cerveja, a ver as más notícias na televisão e, assim que via aqueles dentes grandes de coelho, os olhos dele ficavam vítreos e enchia-se de tal maneira de ódio que parecia que até conhecia Carter pessoalmente.

Por isso, Runner culpava Carter e o resto da maldita povoação em peso culpava-a a ela. Vern Evelee estalava a língua sempre que a via, como que dizendo «devias ter vergonha». Os agricultores que não estavam a afundar nunca tinham compaixão pelos outros, olhavam para eles como se tivessem andado a brincar nus na neve e depois quisessem limpar o ranho na roupa deles. No verão passado, a semeadora de um agricultor

qualquer da zona de Ark City enlouquecera e despejara duas toneladas de trigo em cima dele. O tipo, de um metro e noventa de altura, afogara-se nos cereais. Sufocara antes que o conseguissem tirar de lá, é como engasgar-se com areia. Toda a gente em Kinnakee ficou muito pesarosa, cheia de pena por causa daquele acidente aberrante... até descobrirem que a quinta do homem estava a ir à falência. De repente, a conversa mudou para comentários do estilo Oh, ele devia ter tido mais cuidado e desataram a fazer sermões sobre segurança e como é que se trata do equipamento. Viraram-se logo contra ele, contra aquele pobre coitado que morreu com os pulmões cheios da sua própria colheita.

Ding-dong e ali estava Len, como ela temia, entregando o seu boné de lã a Michelle, o sobretudo grosso a Debby e limpando cuidadosamente a neve dos sapatos demasiado novos e brilhantes. Ben não aprovaria uns sapatos daqueles, pensou ela. Ben passava horas a sujar os ténis novos, deixava as irmãs revezarem-se a pisá-los, na época em que ainda deixava as miúdas aproximarem-se. Libby, no sofá, lançou um olhar carrancudo a Len e depois virou-se novamente para a televisão. Libby adorava Diane e este tipo não era Diane, este tipo enganara-a ao entrar pela porta dentro quando devia ter sido Diane a fazê-lo.

Len nunca dizia olá como cumprimento; dizia qualquer coisa que parecia um o-la-ré à tirolesa e, de todas as vezes, Patty tinha de se preparar mentalmente para o ouvir, porque achava o som completamente ridículo. Ele gritou o seu olaré, enquanto ela atravessava o corredor, e Patty teve de se esconder na casa de banho para soltar uma praga e voltar a pôr um sorriso na cara. Len abraçava-a sempre, o que ela tinha a certeza de que ele não fazia com os outros agricultores que precisavam dos seus serviços. Por isso, foi ao encontro dos braços abertos dele e deixou-o abraçá-la como fazia sempre, um nadinha de tempo a mais, com as mãos nos cotovelos dela. Sentiu-o fazer um barulhinho com a boca como se estivesse a cheirá-la. O homem fedia a salsichas e pastilhas de mentol. Um dia, Len ia atirar-se efetivamente a ela, obrigando-a a tomar uma decisão a sério, e o jogo era tão patético que lhe dava vontade de chorar. O caçador e a presa, mas era uma espécie de mau programa sobre a vida selvagem: ele era um coioote pequeno e só com três patas e ela era um coelhinho cansado e coxo. Não havia nada de magnificante naquilo.

— Como vai a minha menina agricultora? — disse ele. Havia a ideia implícita entre eles de que ela gerir a quinta sozinha era uma piada. E naquela altura, pensou ela, até era.

— Oh, vai-se andando — respondeu. Debby e Michelle foram para o quarto. Libby resfolegou no sofá. Da última vez que Len se dera ao trabalho de ir lá a casa, fizeram um leilão umas semanas depois: os Day a espreitarem pelas janelas, a verem os vizinhos darem cada vez menos pelo equipamento de que Patty necessitava para gerir uma exploração agrícola. Michelle e Debby tinham ficado de rastos ao verem algumas das colegas, as miúdas Boyler, a reboque dos pais como se aquilo fosse um piquenique, aos pulos pela quinta. Porque é que não podemos ir lá para fora?, lamuriaram-se, contorcendo-se em posturas iradas de súplica, vendo as miúdas Boyler a brincarem à vez no baloiço delas; mais valia ter-lhes vendido o baloiço também. Patty teimara: Aquelas pessoas que estão lá fora não são nossas amigas. As pessoas que lhe enviavam postais de Natal estavam a passar as mãos pelas brocas e extirpadores dela, todas aquelas formas curvas e retorcidas, oferecendo mesquinamente metade do seu valor. Vern Evelee levou a

máquina para revolver a terra que em tempos pareceu suscitar nele tanto ressentimento, conseguindo arrebatá-la por menos do que o preço de licitação. Impiedoso. Cruzou-se com Vern uma semana depois, na loja de rações. Ele ficou com a nuca vermelha quando lhe virou costas. Ela foi atrás dele e fez o barulho «devia ter vergonha» mesmo no ouvido dele.

— Cheira bem aqui — comentou Len, num tom que quase parecia ressentido. — Pelos vistos, o pequeno-almoço foi bom.

— Panquecas.

Ela fez um sinal de assentimento com a cabeça. Por favor, não me obrigues a perguntar o que te trouxe aqui. Por favor, por uma vez na vida, diz porque é que vieste.

— Importa-se que me sente? — perguntou ele, encaixando-se no sofá ao lado de Libby, de braços hirtos. — Esta qual delas é? — disse, tirando-lhe as medidas. Len vira as filhas dela pelo menos uma dúzia de vezes, mas nunca sabia quem era quem e nem se arriscava a lançar um nome ao calhas. Uma vez, chamara Susan a Michelle.

— Essa é a Libby.

— Tem o cabelo ruivo como a mãe.

Pois tinha. Patty não conseguiu dizer uma frase simpática em voz alta. Quanto mais Len empatava, mais ela se sentia enjoada, com o constrangimento a transformar-se em pavor. Já estava com as costas da camisola molhadas.

— O ruivo é de origem irlandesa? Vocês são irlandeses?

— Alemães. O meu nome de solteira é Krause.

— Ah, tem piada. Porque Krause significa cabelo encaracolado e não ruivo. Vocês não têm o cabelo encaracolado. Ondulado, talvez. Também sou de origem alemã.

Já tinham tido esta conversa antes e acabava sempre de uma de duas maneiras. A outra era: Len dizia que tinha piada o facto de o nome dela de solteira ser Krause, como o equipamento agrícola, e que pena ela não ser da família dessa empresa. Qualquer uma das duas versões deixava-a tensa.

— Então — cedeu ela, por fim. — Passa-se alguma coisa de errado?

Len pareceu desiludido por ela ter ido direta ao assunto. Franziu a testa como se achasse que estava a ser indelicada.

— Bom, já que fala nisso, sim. Infelizmente, passa-se algo de muito errado. Fiz questão de cá vir dar-lhe a notícia pessoalmente. Prefere falar num sítio mais privado? — Apontou para Libby, arregalando os olhos. — Não prefere ir para o quarto? — Len tinha barriga, uma barriga absolutamente redonda por baixo do cinto, como o despontar de uma gravidez. Ela não queria ir para o quarto com ele.

— Libby, importas-te de ir ver o que as tuas irmãs estão a fazer? Preciso de falar com o senhor Werner. — Libby suspirou e escorregou para fora do sofá, lentamente: primeiro os pés, depois as pernas, depois o rabo e no fim as costas, como se fosse feita de cola. Caiu no chão, rebolou umas quantas vezes, rastejou um pouco e finalmente pôs-se de pé e arrastou-se pelo corredor fora.

Patty e Len olharam um para o outro e, a seguir, ele pôs o lábio inferior para fora e fez que sim com a cabeça.

— Vão executar a hipoteca.

Patty sentiu o estômago contrair-se. Não se rebaixaria à frente daquele homem. Não choraria.

— O que é que nós podemos fazer?

— Infelizmente, nóóóós ficámos sem alternativa. Consegui aguentá-los seis meses para lá do prazo normal. Pus o meu emprego em risco. Menina agricultora. — Sorriu-lhe, de mãos entrelaçadas nos joelhos. Ela teve vontade de o arranhar. Os colchões começaram a ranger num dos quartos e Patty percebeu que Debby estava aos pulos em cima da cama, o jogo preferido dela, pular de uma cama para a outra no quarto das meninas.

— Patty, a única maneira de resolver isto é com dinheiro. Já. Se não quer perder a quinta. Estou a falar de pedir emprestado, suplicar, roubar. Estou a dizer que chegou a hora de engolir o orgulho. Portanto: até que ponto é que quer manter a quinta? — As molas dos colchões rangeram ainda mais alto. O estômago de Patty deu uma volta. Len não parava de sorrir.

Depois de a cabeça da minha mãe ter sido rebentada a tiro de caçadeira e o corpo quase cortado em dois à machadada, as pessoas de Kinnakee começaram a pensar se ela teria sido prostituta. A princípio interrogaram-se, depois concluíram que sim e, a seguir, tornou-se uma espécie de facto repetido como uma cantilena. As pessoas tinham visto carros lá em casa a estranhas horas da noite, diziam. Ela olhava para os homens como uma prostituta. Nessas situações, Vern Evelee comentava sempre que ela devia ter vendido a máquina para revolver a terra em 1983, como se isso fosse prova de que se prostituía.

Culpem a vítima, claro. Mas os boatos tornaram-se substanciais: toda a gente tinha um amigo que tinha um primo que tinha outro amigo que tinha ido para a cama com a minha mãe. Toda a gente tinha uma prova qualquer: falaram num sinal na parte interior da coxa, numa cicatriz na nádega direita. Não me parece que as histórias fossem verdadeiras, mas, como acontece com tantas outras coisas da minha infância, não tenho a certeza. Do que é que se lembram de quando tinham sete anos? As fotografias da minha mãe não revelam uma mulher libertina. Quando era adolescente, com o cabelo apanhado num rabo de cavalo que parecia fogo de artifício, ela era a encarnação da simpatia, o tipo de pessoa que nos faz lembrar uma vizinha ou uma antiga babysitter de que sempre gostámos. Quando tinha vinte e poucos anos, já com um ou dois filhos a treparem por ela acima, o sorriso era maior, mas tenso, e estava sempre inclinada de maneira a afastar-se de um de nós. Imaginei-a sob um cerco constante dos filhos. O simples peso que nós éramos. Quando entrou nos trinta, as fotografias tornaram-se escassas. Nas poucas que existem, sorri como se estivesse a obedecer a uma ordem, um daqueles sorrisos de «despacha-te a tirar a porcaria da fotografia» que desaparecem assim que o flash se apaga. Não olho para as fotografias há anos. Costumava mexer nelas obsessivamente, analisando as roupas dela, a expressão, tudo o que estivesse em pano de fundo. À procura de pistas: de quem é a mão que está pousada no ombro dela? Onde é que ela está? De que ocasião se tratou? Quando ainda era adolescente, guardei-as num invólucro selado, juntamente com todas as outras coisas.

Detive-me a olhar para as caixas, enfiadas às três pancadas debaixo das escadas, com ar de quem pede desculpa. Estava a ganhar coragem para me voltar a familiarizar com a minha mãe e os meus irmãos. Tinha levado o bilhete da Michelle ao Kill Club simplesmente porque não tinha tido coragem de abrir aquelas caixas, limitara-me a enfiar a mão num dos cantos da caixa onde a fita adesiva estava descolada e o bilhete foi a primeira coisa que agarrei, uma patética brincadeira de Carnaval. Se realmente queria ir com aquilo para a frente, se realmente ia pensar nos crimes depois de tantos anos cautelosos ao fazer precisamente o contrário, tinha de conseguir olhar para objetos domésticos básicos sem entrar em pânico: a nossa velha batedeira de ovos que fazia lembrar o som de guizos de trenó quando a manuseávamos muito depressa, facas e

garfos tortos que tinham estado nas bocas da minha família, um ou dois livros de colorir com esquadrias bem definidas a lápis de cor, no caso dos da Michelle, e nos meus, rabiscos horizontais entediados. Olha para eles, deixa que sejam apenas objetos.

E, depois, decide o que vender.

Para os cabrões sinistros do Kill Club, os artigos mais desejáveis do lar dos Day não estavam disponíveis. A caçadeira de calibre .10 que matou a minha mãe — a arma de caçar gansos — está guardada em alguma gaveta de provas forenses, juntamente com o machado da nossa arrecadação. (Essa foi mais uma das razões que fez com que Ben fosse condenado: as armas provinham da nossa própria casa. Nenhum assassino chega a uma casa desconhecida a meio da noite de mãos a abanar, na esperança de encontrar armas convenientes para assassinar uma família inteira.) Às vezes, tentava imaginar aquelas coisas todas: o machado, a caçadeira, os lençóis da cama em que Michelle morreu. Estariam esses objetos ensanguentados, pegajosos e a cheirar a fumo todos juntos, a conspirarem dentro de um qualquer caixote? Teriam sido limpos? Se uma pessoa abrisse a caixa, qual seria o cheiro? Lembrava-me daquele cheiro a terra putrefacta, poucas horas depois dos crimes... ter-se-ia agravado, depois de tantos anos de decomposição?

Fui a Chicago, uma vez, ver os artefactos da morte de Lincoln num museu: tufo de cabelo; fragmentos de bala; a cama estreita e periclitante em que ele morreria, com o colchão ainda afundado no meio como se soubesse que devia preservar a derradeira marca do corpo. Tive de ir a correr para a casa de banho, onde encostei a cara à porta fria do cubículo para não desmaiar. Qual seria o aspeto da casa da morte dos Day, se reuníssemos todas as suas relíquias, e quem a viria visitar? Quantos feixes de cabelo ensanguentado da minha mãe estariam no expositor? O que foi feito das paredes, manchadas com aquelas palavras odiosas, quando a nossa casa foi deitada abaixo? Seria possível colhermos um ramo dos juncos congelados entre os quais estive agachada durante tantas horas? Ou expormos a ponta do meu dedo queimado pelo gelo? Os três dedos do pé que me foram amputados?

Virei costas às caixas — não me sentia à altura do desafio — e sentei-me a uma secretária que servia de mesa da sala de jantar. Recebera pelo correio uma encomenda de Barb Eichel com oferendas fortuitas de gente maluca. Uma cassete de vídeo, de cerca de 1984, intitulada Uma Ameaça à Inocência: O Satanismo na América; um molho de recortes de jornais sobre os crimes, presos com um clipe; umas quantas polaroides de Barb parada à porta do tribunal onde se realizou o julgamento de Ben; um manual com os cantos das páginas dobrados chamado A Sua Família na Prisão: Supere as Grades!

Tirei o clipe do molho de papéis e guardei-o no meu copo dos cliques na cozinha (nunca ninguém devia comprar cliques, canetas, nenhum desses materiais de escritório que circulam livremente). Depois, enfiei a cassete no meu leitor de VHS velhíssimo. Um clique, um zumbido, um gemido. Imagens de pentagramas e homens-bode, de bandas rock aos gritos e pessoas mortas desfilarão pelo ecrã. Um homem com um belo penteado à anos 70, curto dos lados e comprido atrás, cheio de laca, caminhava ao longo de uma parede coberta de graffiti, explicando que «este vídeo vai ajudá-los a identificar satanistas e inclusive a identificar sinais de que as pessoas que mais ama estão a deixar-se seduzir

por este perigo bem real». Entrevistava pregadores, policiais e alguns «satanistas de verdade». Os dois satanistas mais poderosos usavam eyeliner e mantos pretos e pentagramas ao pescoço, mas estavam sentados na sala de estar de casa, num sofá barato de belbutina, e via-se uma parte da cozinha à direita, onde o frigorífico amarelo zunia num chão de linóleo colorido. Imaginei-os depois da entrevista a vasculharem o frigorífico para tirarem uma salada de atum e uma Coca-Cola, com as capas a atrapalharem-lhes os movimentos. Desliguei o vídeo no momento em que o apresentador aconselhava os pais a passarem os quartos dos filhos a pente fino, em busca de bonecos do He-Man e tabuleiros de espiritismo. Os recortes de jornal eram igualmente inúteis e não percebi o que é que Barb queria que eu fizesse com as fotografias dela. Sentei-me, derrotada. E preguiçosa. Podia ter ido à biblioteca procurar as informações como devia ser. Podia ter instalado Internet em casa há três anos, quando disse que o faria. Nenhuma dessas coisas me pareceu uma opção viável nesse momento... por isso, liguei a Lyle. Ele atendeu ao primeiro toque.

— Oláááá, Libby — disse. — Ia telefonar-lhe. Queria pedir desculpa pela semana passada. Deve ter-se sentido acossada e isso não devia ter acontecido. — Bonito discurso.

— Pois, foi péssimo.

— Pelos vistos, eu não tinha percebido que todos nós tínhamos as nossas próprias teorias e que, enfim, nenhuma delas passava pela hipótese de o Ben ser culpado. Não pensei bem nas coisas. E não percebi. Não tomei isso em conta. Só que... para si, isto é uma realidade. Quero dizer, eu sei que é, nós sabemos que é, mas ao mesmo tempo não temos consciência disso. Acho que nunca havemos de ter. Não me parece. Uma consciência plena disso. Passamos tanto tempo a discutir e a trocar ideias que a coisa se torna... mas, enfim. As minhas desculpas.

Eu não queria gostar de Lyle Wirth, uma vez que já tinha decidido que era um idiota, mas apreciei um pedido de desculpas direto, da mesma maneira que uma pessoa sem ouvido para a música desfruta de uma boa obra. Não sou capaz de o fazer, mas aplaudo-o nos outros.

— Bom — respondi.

— Alguns membros do clube continuam decididamente a querer comprar quaisquer, enfim, quaisquer recordações que queira vender. Se foi por isso que telefonou.

— Ah, não. Estava só a pensar. Tenho andado a pensar muito no caso. — E só me faltou acrescentar em voz alta, no final da frase: «Reticências.»

Encontrámo-nos num bar perto de minha casa, um sítio chamado Sarah's, o que sempre me pareceu um nome estranho para um bar, mas era um espaço suficientemente sossegado e amplo. Não gosto de ter gente sentada quase em cima de mim. Lyle já estava instalado a uma mesa, mas levantou-se quando entrei e baixou-se para me dar um abraço, um gesto que exigiu muitas contorções e colapsos do seu corpo alto. A haste dos óculos dele picou-me a face. Uma vez mais, ele vestia um casaco à anos 80; este era de ganga, coberto de alfinetes com slogans: se beber não conduza, pratique atos de bondade todos os dias, vote. Chocalhou quando voltou a sentar-se. Lyle devia ter menos uns dez

anos do que eu, pareceu-me, e não percebi se o estilo dele era intencionalmente irónico-retro ou simplesmente apatetado.

Ele começou a pedir desculpas, mas eu não queria ouvir nem mais uma palavra. Estava farta, muito obrigada.

— Ouça, não estou a dizer que me convenceram de que o Ben é inocente ou que o meu testemunho tem erros.

Ele abriu a boca para dizer qualquer coisa, mas voltou a fechá-la.

— Mas, se por acaso eu decidisse analisar o processo com mais pormenor, o clube ajudaria a pagar as minhas despesas? Poderia financiar o tempo que vou gastar?

— Uau, Libby, o simples facto de estar interessada em analisar o caso já é uma excelente notícia — retorquiu Lyle. Eu detestava o tom daquele puto, como se ele não percebesse que estava a falar com uma pessoa mais velha. Era o tipo de aluno que, quando a aula chegava ao fim e os colegas todos estavam desejosos de sair da sala e o professor perguntava «Alguém tem dúvidas?», respondia que sim, por acaso até tinha algumas dúvidas para tirar.

— A questão é que todos temos teorias sobre o caso, mas a verdade é que a Libby conseguiria abrir muito mais portas do que qualquer um de nós — disse Lyle, com a perna a abanar debaixo da mesa. — As pessoas querem falar consigo.

— Está bem. — Apontei para o jarro de cerveja que estava ao lado de Lyle e ele serviu-me um copo de plástico, mas era quase só espuma. Depois, para minha estupefação, levou um dedo ao nariz para o cheirar e enfiou-o dentro do copo, alisou a espuma e deitou mais cerveja por cima.

— Então. Que tipo de verba tinha em mente? — Entregou-me o copo e eu pousei-o à minha frente, a hesitar se o bebia ou não.

— Acho que teria de ser discutida passo a passo — disse eu, fingindo que estava a pensar naquilo pela primeira vez. — Dependendo da dificuldade que eu tivesse para localizar cada pessoa e das perguntas que quisessem que eu fizesse.

— Bom, acho que lhe arranjaríamos uma longa lista de pessoas com quem falar. Não tem mesmo nenhum contacto com o Runner? O Runner seria o primeiro nome na lista de quase toda a gente.

O safado do Runner passado da cabeça. Ligou-me uma vez, nos últimos três anos, a balbuciar coisas sem sentido ao telefone, a chorar um uiiiiii entrecortado e a pedir-me para lhe enviar dinheiro. Depois disso, nada. Antes, também não havia grande coisa. Ele aparecia esporadicamente no julgamento de Ben, às vezes com uma velha gravata e um casaco, mas a maior parte das vezes levava as roupas com que tinha dormido e ia tão bêbado que não se aguentava direito. Os advogados de defesa de Ben acabaram por lhe pedir para não aparecer mais, porque causava má impressão.

Agora, a impressão era ainda pior, com a malta toda do Kill Club a dizer que ele era o assassino. Sei que estive preso três vezes, antes dos crimes, mas por causa de tretas. Verdade seja dita, o tipo sempre teve dívidas; Runner apostava em tudo e mais alguma coisa: em jogos desportivos, corridas de cães, no bingo, no tempo. E tinha de pagar uma pensão de alimentos à minha mãe. Matar-nos a todos era uma boa maneira de se livrar dessa obrigação.

Mas eu não conseguia imaginar Runner a cometer os crimes sem ser apanhado, não era suficientemente esperto para isso, nem ambicioso. Não conseguia sequer assumir o papel de pai perante a única filha que sobrevivera. Aparecera de vez em quando em Kinnakee, durante uns anos depois dos crimes, mas desaparecia durante meses a fio e, nessas alturas, enviava-me caixas seladas com fita adesiva de sítios como Idaho ou Alabama ou Winner, no Dakota do Sul. As caixas traziam estatuetas de meninas com uns grandes olhos, a segurar num guarda-chuva ou num gatinho, que ele comprava em áreas de serviço para camionistas e que me chegavam sempre partidas. Eu ficava a saber que ele estava em Kinnakee, não porque me vinha visitar, mas porque acendia aquela lareira fedorenta na cabana do monte. Diane cantarolava «Poor Judd is Dead» quando o via na cidade, com a cara suja de fuligem. Havia qualquer coisa nele que inspirava dó e medo.

Provavelmente foi uma bênção ele ter preferido evitar-me. Quando voltou a viver connosco, naquele último verão antes do fim, a única coisa que fez foi trocar de mim. A princípio, era só gozo do estilo arranquei-te o nariz, mas depois tornou-se maldoso. Voltou da pesca, uma vez, e marchou pela casa dentro com as suas grandes galochas e pôs-se a bater com força na porta da casa de banho quando eu estava na banheira, para me chagar a cabeça. Anda lá, abre, tenho uma surpresa para ti! Acabou por abrir a porta de rompante, a tresandar a cerveja. Trazia qualquer coisa aninhada nos braços e, abrindo-os de repente, atirou um peixe-gato vivo, com mais de meio metro de comprimento, para dentro da água. Foi a gratuidade do gesto que me assustou. Tentei sair a correr da banheira, sentindo a pele viscosa do peixe a roçar na minha, com a sua boca de bigodes aberta, pré-histórica. Se tivesse enfiado o pé naquela boca, o peixe teria trepado pela minha perna acima, apertando-me como uma bota justa. Deixei-me cair borda fora e fiquei a arquejar no tapete, com Runner a gritar comigo para eu parar de chorar como o raio dum bebé. Não há um único dos meus filhos que não seja um idiota medícras.

Não nos pudemos lavar durante três dias, porque Runner estava demasiado cansado para matar o bicho. Acho que herdei a preguiça dele.

— Nunca sei por onde o Runner anda. A última vez que tive notícias dele, estava num lugar qualquer no Arkansas. Mas isso foi há um ano. Pelo menos.

— Bom, talvez não fosse má ideia localizá-lo. Algumas pessoas queriam mesmo que falasse com ele. Embora eu não ache que o Runner seja o assassino — disse Lyle. — Pode ser o suspeito mais provável, por causa das dívidas, o historial de violência...

— A loucura.

— A loucura. — Lyle sorriu com ar descarado. — Mas não me parece suficientemente esperto para ter conseguido uma coisa daquelas. Sem ofensa.

— Não me ofende. Nesse caso, qual é a sua teoria?

— Ainda não estou pronto para a partilhar. — Deu um toque numa pilha de pastas que estava ao lado dele. — Primeiro, vou deixá-la ler os factos pertinentes do processo.

— Oh, pelas alminhas — exclamei. E percebi, assim que os meus lábios se abriram para dizer o A de alminhas, que era uma expressão da minha mãe. Pelas alminhas, toca a andar, onde é que estão as minhas malditas chaves?

— Mas, se o Ben é mesmo inocente, porque é que não faz nada para ser libertado? — perguntei. A minha voz tornou-se estridente no final da frase, uma lamúria de criança

mimada: Mas porque é que não posso comer sobremesa? Percebi que tinha a esperança furtiva de que Ben fosse inocente, de que ele me fosse devolvido, o Ben que eu conhecia, antes de ter medo dele. Permitira a mim própria acalantar uma fantasia perigosa: ele a sair da prisão, a subir a rua a passos largos até minha casa, de mãos nos bolsos (outra recordação que me voltou à mente assim que recomencei a pensar no caso: o Ben de mãos sempre enterradas nos bolsos, sempre envergonhado.) O Ben sentado à minha mesa da cozinha, se eu tivesse uma mesa de cozinha, feliz, clemente, sem rancor. Se ele fosse inocente.

Se os ses e os mas fossem rebuçados e bombons, teríamos todos um Feliz Natal, ouvi a Diane troar dentro da minha cabeça. Aquelas palavras tinham sido a cruz da minha infância, um lembrete constante de que nada corria bem, não só a mim, mas a toda a gente, e era por isso que alguém tinha inventado uma frase daquelas. Para que todos soubéssemos que nunca teríamos aquilo de que precisávamos.

Porque — lembra-te, lembra-te, lembra-te, Bebê Day — Ben estava em casa naquela noite. Quando saí da cama para ir ao quarto da minha mãe, vi a porta do quarto dele fechada e a luz acesa. Ouvi murmúrios lá dentro. Ele estava no quarto.

— Podia ir falar com ele e perguntar-lhe, podia ser essa a sua primeira missão, ir ver o Ben.

Ben na prisão. Eu passara os últimos vinte e poucos anos a recusar-me a imaginar a prisão. Agora, via o meu irmão preso, atrás do arame farpado, atrás dos muros de cimento, ao fundo de um corredor de lajes cinzentas, dentro de uma cela. Será que ele tinha fotografias da família nalgum lado? Teria sequer autorização para isso? Tomei novamente consciência de que não sabia nada sobre a vida de Ben. Nem sequer sabia qual era o aspeto de uma cela, a não ser o que via nos filmes.

— Não, o Ben, não. Ainda não.

— É por uma questão de dinheiro? Nós pagávamos-lhe para isso.

— É por muitas questões — resmunguei.

— Okayyyy. Prefere falar com o Runner, então? Ou... o quê?

Ficámos sentados sem dizer nada. Nenhum de nós sabia o que fazer com as mãos; não éramos capazes de olhar um para o outro. Em miúda, eu estava constantemente a ser despachada para ir brincar para casa de outros miúdos. Os psiquiatras insistiam que eu devia interagir com outras crianças. Foi isso que me fez lembrar o encontro com Lyle: aqueles primeiros e horríveis dez minutos avulsos depois de os adultos se irem embora, quando nenhum dos miúdos sabe o que o outro quer e ficam ali parados, perto da televisão que foram proibidos de ver, a mexericarem na antena.

Depeniquei a taça de amendoins à borla, com casca, quebradiços e ocos como carapaças de escaravelho. Deitei uns quantos na cerveja para lhes tirar o sal. Toquei-lhes com o dedo. Flutuavam. O meu plano parecia incrivelmente infantil. Estava eu realmente disposta a ir falar com pessoas que talvez tivessem assassinado a minha família? Ia eu realmente tentar resolver o que quer que fosse? Podia eu acreditar de alguma maneira, que não através de uma fantasia, que Ben era inocente? E se era inocente, não queria isso dizer que eu era a maior sacana de todos os tempos? Tive aquela sensação avassaladora que me invade sempre que estou prestes a desistir de um plano, uma torrente

esmagadora de ar quando percebo que o meu golpe de génio tem falhas e que eu não tenho nem a inteligência nem a energia para as resolver.

Não podia voltar para a cama e esquecer aquela história toda. Estava quase a chegar o dia de pagar a renda e em breve ia precisar de dinheiro para comprar comida. Podia pedir um subsídio à Segurança Social, mas para isso precisava de descobrir como é que se pedia um subsídio à Segurança Social e provavelmente preferia morrer à fome a ter de lidar com burocracias.

— Vou falar com o Ben — murmurei. — Devia começar por aí. Mas vou precisar de trezentos dólares.

Disse isto a pensar que não ia conseguir nada, mas Lyle puxou de um velho porta-moedas de nylon, colado com fita adesiva, e contou trezentos dólares. Não parecia descontente.

— Onde é que arranja tanto dinheiro, Lyle?

Ele corou um pouco e endireitou as costas.

— Sou tesoureiro do Kill Club, disponho de alguns fundos discricionários. Foi a este projeto que decidi atribuí-los. — As orelhinhas de Lyle ficaram vermelhas como embriões zangados.

— Anda a desviar fundos.

De repente, gostei um bocadinho mais dele.

10h18

De bicicleta, a quinta ficava a uma hora de Kinnakee propriamente dita. No mínimo, uma hora, a uma boa velocidade, mas sem o frio a deixar os pulmões como metal em brasa, nem com sangue a escorrer pela cara. Ben programava o seu trabalho na escola em função dos períodos em que estava mais vazia: nunca lá ia ao sábado, por exemplo, porque a equipa de luta livre tinha treino ao sábado. Era muito mau estar de esfregona na mão, enquanto aqueles tipos maciços, musculosos, ruidosos gingavam de um lado para o outro, a cuspir bocados de tabaco para o chão que ele tinha acabado de lavar e depois a olhar para ele, com ar meio culpado, meio a desafiá-lo a abrir a boca.

Era uma quarta-feira, mas ainda estavam nas férias do Natal, por isso a escola devia estar sossegada. A sala de musculação tinha sempre gente, sempre a fazer aquele barulho que parecia um coração de aço a bater, mas era cedo. Cedo era sempre a melhor altura. Geralmente ia das oito ao meio-dia, passava a esfregona e arrumava e polia tudo, como o autêntico paspalho que era, e punha-se a andar antes que alguém o visse. Às vezes, Ben sentia-se uma espécie de gnomo dos contos de fadas, que entrava à socapa na escola e deixava tudo a brilhar, sem que ninguém reparasse. Os putos estavam-se a cagar para a limpeza: atiravam um pacote na direção de um caixote do lixo, viam o leite derramar-se pelo chão todo e limitavam-se a encolher os ombros. Despejavam carne à bolonhesa numa das cadeiras da cantina e deixavam-na lá ficar, a endurecer, e outro qualquer que limpasse. Ben fazia o mesmo, só porque era o que toda a gente fazia. Deixava cair um bocado de sandes de atum no chão e revirava os olhos como se nem valesse a pena olhar duas vezes para aquela merda, quando era precisamente ele que ia ter de limpar a merda daí a uns dias. Era uma estupidez pegada, na verdade ele estava a fazer mal a si próprio.

Portanto, era uma seca ter de lidar com aquela porra fosse quando fosse e era ainda pior quando os outros putos andavam pela escola a fingir que não o viam. Mas, nesse dia, ele ia arriscar e fazer o seu turno. De manhã, Diondra ia às compras a Salina, de carro. A miúda tinha pelo menos uns vinte pares de jeans, todos eles iguais aos olhos de Ben, mas precisava de mais, de uma marca qualquer especial. Usava-os largueirões e enrolava as bainhas nos tornozelos várias vezes, deixando as meias grossas à mostra. Ele fazia sempre questão de elogiar os jeans novos e Diondra perguntava logo: e as meeeeias? Era uma piada, mas no fundo não era. Diondra só usava meias Ralph Lauren, que custavam tipo uns vinte dólares o par, o que dava a volta ao estômago de Ben. Ela tinha uma cómoda inteira cheia de meias — aos losangos e às pintas e às riscas, todas com o cavaleiro em cima, a meio de uma tacada. Ben fizera as contas: deviam estar uns quatrocentos dólares de meias naquela gaveta, ali expostos como um cesto de fruta da Florida, valendo provavelmente metade do que a mãe dele ganhava num mês. Bom, os

ricos precisam de comprar coisas e provavelmente as meias cumprem tão bem essa função como outra coisa qualquer. Diondra era uma miúda estranha, não era propriamente betinha — era demasiado espalhafatosa e louca para encaixar na categoria dos betinhos —, mas também não pertencia à malta metaleira, embora ouvisse Iron Maiden aos berros e adorasse cabedal e fumasse toneladas de erva. Diondra não pertencia a nenhum grupo, era simplesmente a Rapariga Nova. Toda a gente a conhecia e, ao mesmo tempo, não. Já tinha vivido em montes de sítios, a maioria deles no Texas, e a resposta dela sempre que fazia qualquer coisa que os outros provavelmente iam criticar, era: «É assim que se faz no Texas.» Tudo o que ela fizesse estava bem, porque era assim que se fazia no Texas.

Antes de conhecer Diondra, Ben deixara-se simplesmente andar pela vida: era um miúdo pobre e sossegado, criado numa quinta, que se juntava a outros filhos de agricultores num canto discreto da escola. Não eram suficientemente totós para que os outros putos os insultassem; nunca ninguém se metia com eles. Eram o ruído de fundo do liceu. Para ele, isso era pior do que ser humilhado. Bom, talvez não, havia um tipo com uns grandes óculos de lentes progressivas, um puto que Ben conhecia desde o jardim-escola e que sempre fora esquisito. Na primeira semana de aulas no liceu, o puto borrou-se nas calças. Havia várias versões sobre o como: numa, viram-lhe cair cagadelas dos calções enquanto ele trepava a uma corda no ginásio, noutra, viram-no largar um cagalhão em plena sala de aula, e por aí fora, variantes era o que não faltava. A questão era que ele tinha ficado com a alcunha de Calções Cagados para o resto da vida. Nos intervalos, mantinha a cabeça baixa, com aqueles óculos do tamanho da lua apontados para o chão e, mesmo assim, havia sempre um gajo qualquer que lhe dava um caldo na cabeça: Então, Calções Cagados! O coitado continuava a andar, com um sorriso sinistro na cara, como se estivesse a fingir que aquilo também era uma piada para ele. Portanto, sim, havia coisas piores do que passar despercebido, mas Ben não gostava disso, não queria continuar a ser o Puto Ruivo Simpático e Calado que era desde o primeiro ano. Um chato sem tomates.

Portanto, devia um obrigado do caraças a Diondra por o ter reivindicado para ela, pelo menos em privado. Diondra atropelara-o com o carro, foi assim que se conheceram. Estavam no verão e ele tivera uma sessão de orientação para caloiros e alunos novos. Foram três horas de seca e, no fim, quando ia a atravessar o parque de estacionamento da escola, ela ceifou-o com o carro. Atirou-o em cheio para cima do capô. Ela saiu do carro aos gritos com ele: És parvo ou quê, cabrão?, o hálito a cheirar a sangria, as garrafas a tilintarem no chão do CRX. Quando Ben pediu desculpa — ele é que lhe pediu desculpa a ela — e Diondra percebeu que ele não se ia irritar, ficou toda doce, ofereceu-lhe boleia até casa e, em vez disso, acabaram por ir para os arredores da povoação, onde estacionaram e beberam mais sangria. Diondra disse que se chamava Alexis, mas daí a nada confessou-lhe que era mentira. Chamava-se Diondra. Ben disse-lhe que nunca devia mentir sobre um nome tão fixe como aquele e ela ficou contente e, passado mais um pouco, Diondra disse: «Sabes que mais? Tens uma cara muito gira» e, segundos depois, acrescentou: «Então, queres curtir ou não?» e desataram a curtir à grande, o que não foi uma primeira para ele, mas foi só a segunda. Ao fim de uma hora, Diondra anunciou que tinha de ir embora, mas disse que ele era muito bom ouvinte, que era muito fixe a maneira como ele sabia ouvir uma pessoa. Acabou por já não o levar a casa. Deixou-o

exatamente no mesmo sítio onde o atropelara.

Foi assim que começaram a namorar. Ben não conhecia os amigos dela e nunca andava com ela na escola. Diondra entrava e saía dos dias de escola como um rouxinol, às vezes aparecia, outras vezes não. Era suficiente vê-la ao fim de semana, num espaço que era só deles, onde a escola não tinha importância nenhuma. Estar com ela mudara-o, ele sentia-se mais presente.

Quando Ben chegou a Kinnakee de bicicleta, um grupo de carrinhas e carros desportivos maltratados estava parado no parque de estacionamento. Portanto, jogadores de basquetebol além dos tipos da luta livre. Ele sabia quem conduzia que carro. Pensou em fugir, mas Diondra só chegava a casa daí a várias horas e ele não tinha dinheiro para se sentar na tasca dos hambúrgueres; o dono ficava passado dos carros quando via putos a fazerem horas no restaurante dele sem comprarem nada. Além disso, sentar-se sozinho num restaurante nas férias do Natal era pior do que estar a trabalhar. Foda-se para a mãe dele por ser tão stressada. Os pais de Diondra estavam-se nas tintas para o que ela fazia; estavam fora a maior parte do tempo, numa casa que tinham no Texas. Mesmo quando Diondra fora apanhada por ter faltado às aulas durante duas semanas, no mês passado, a mãe limitara-se a rir. Patrão fora, dia santo na loja, não é, querida? Pelo menos tenta fazer os trabalhos de casa.

A entrada das traseiras da escola estava fechada a cadeado, por isso ele teve de entrar pelos balneários. O cheiro a carne e a desodorizante para os pés atingiu-lhe as narinas assim que entrou. As pancadas secas que lhe chegavam do campo de basquetebol e os ruídos metálicos da sala de musculação sossegaram-no: pelo menos, os balneários estariam vazios. No corredor, ouviu um grito longo — Cooooooper! Espreeera! — ecoar no chão de mármore como um grito de batalha. Sapatos de ténis patinharam ao fundo do corredor, uma porta de metal abriu-se com estrondo e depois ficou tudo relativamente em silêncio. Só o ruído do campo de treinos e da sala de musculação: pam, pam, clanque, pum.

Os atletas da escola tinham uma espécie de pacto de confiança, um sinal de espírito de equipa, e nunca trancavam os cacifos. Em vez disso, amarravam uns atacadores grossos nos ganchos onde devia passar o cadeado. Pelo menos doze atacadores brancos estavam pendurados nos cacifos e Ben hesitou, como sempre, em espreitar para dentro de um deles. De que é que aqueles tipos precisavam, de qualquer maneira? Se havia cacifos para os livros, o que é que eles meteriam naqueles cacifos do ginásio? Seriam desodorizantes e cremes, uma espécie qualquer de roupa interior que ele não tinha? Usariam todos o mesmo tipo de proteção para os genitais? Pam, pam, clanque, pum. Um atacante estava pendurado sem nó, bastava um puxão rápido e o cacifo abria-se. Antes que conseguisse convencer-se a não o fazer, puxou pelo atacante e, devagar, sem fazer barulho, levantou o fecho. Dentro do cacifo não havia nada de interessante: uns calções de ginástica amarrotados no fundo, uma revista de desporto enrolada, um saco de desporto pendurado num gancho. O saco parecia ter qualquer coisa lá dentro, por isso Ben debruçou-se e abriu-o.

— Ei!

Virou-se, enquanto o saco balouçava à doida no gancho e caía para o fundo do cacifo.

Mr. Gruger, o treinador da luta livre, estava parado com um jornal na mão, com o rosto grosseiro e às manchas crispado.

— O que é que tu pensas que estás a fazer, a mexer nesse cacifo?

— Eu, ah, estava aberto.

— O quê?

— Estava aberto, eu vi que estava aberto — disse Ben. Fechou-o o mais silenciosamente que conseguiu. Por favor, foda-sefoda-sefoda-se, não deixes que ninguém da equipa venha para aqui, pensou Ben. Consequia imaginar as caras furiosas a olharem para ele, as alcinhas que inventariam.

— Estava aberto? E porque é que estavas a mexer nele? — Gruger deixou a pergunta ficar em suspenso no ar, sem se mexer, sem dar qualquer indicação do que ia fazer, sem mostrar qual o tipo de sarilho em que Ben se tinha metido. Ben tentou ficar de olhos baixos, à espera de ser repreendido.

— Eu perguntei o que é que estavas a fazer nesse cacifo. — Gruger bateu com o jornal na mão gorda.

— Não sei.

O velho ficou ali parado, enquanto Ben pensava o tempo todo: grita e acaba com isto de uma vez.

— Estavas a preparar-te para tirar alguma coisa?

— Não.

— Então, porque é que estavas a mexer no cacifo?

— Eu estava só... — Ben deixou a frase outra vez a meio. — Achei que tinha visto qualquer coisa.

— Achaste que tinhas visto qualquer coisa? O quê?

Pela cabeça de Ben passaram várias coisas proibidas: animais, drogas, revistas pornográficas. Lembrou-se de petardos e por um instante pensou que ia dizer que o cacifo estava a arder, seria um herói.

— Hum, fósforos.

— Achaste que tinhas visto fósforos? — O sangue no rosto de Gruger passara das faces para o refego da testa, mesmo abaixo do cabelo muito curto e crespo.

— Queria um cigarro.

— És o empregado da limpeza, não és? Qualquer coisa Day?

Gruger deu um tom pateta e efeminado ao nome. Os olhos do treinador examinaram o corte na testa de Ben, depois subiram em cheio para o cabelo.

— Pintaste o cabelo.

Ben ficou parado debaixo da sua melena preta e sentiu que estava a ser rotulado e posto de parte, atirado para o grupo dos falhados, drogados, bananas, maricas. Tinha a certeza de ter ouvido essa palavra rosar na mente do treinador. O lábio superior de Gruger fez um esgar.

— Sai daqui. Vai limpar outra coisa qualquer. Não voltes aqui até nos termos ido embora. Não és bem-vindo aqui dentro. Percebeste?

Ben fez que sim com a cabeça.

— Porque é que não repetes em voz alta, para que não haja mal-entendidos?

— Não sou bem-vindo aqui dentro — murmurou Ben.

— Agora, põe-te a andar. — Falou como se Ben fosse uma criança, um menino de cinco anos que ele estava a mandar de volta para junto da mãe. Ben foi.

Subiu as escadas que levavam ao cubículo húmido dos produtos de limpeza, com um pingo de suor a escorrer-lhe pelas costas abaixo. Ben nem respirava. Esquecia-se de respirar quando estava furioso como naquele instante. Pegou no balde de tamanho industrial e levou-o a chocalhar para a pia, encheu-o com água quente, despejou o detergente cor de urina, sentindo o cheiro a amoníaco arder-lhe nos olhos. Depois, encaixou-o no suporte com rodas. Como tinha enchido demasiado o balde, transbordara quando o tirara da pia, despejando dois litros de água pelas calças abaixo. Ficou com a braguilha e a perna completamente encharcadas. Parecia que se tinha mijado todo, o Faxina Day. Os jeans colaram-se-lhe às coxas, ficaram duros. Iam ser três horas de trabalho de merda com a braguilha molhada e os jeans duros como cartão.

— Vai-te foder, cabrão — murmurou. Deu um pontapé na parede com a botifarra, pulverizando o estuque, e deu um murro na parede. — Fooooooooo-da-se! — berrou, a sua voz tornando-se estridente no fim. Ficou escondido no cubículo como um cobarde, com medo de que Gruger localizasse a origem do grito e decidisse lixá-lo ainda mais.

Não aconteceu nada. Ninguém mostrou o mínimo interesse em ver o que se passava no cubículo dos empregados da limpeza.

Ele devia ter feito a limpeza uma semana antes, mas Diondra queixara-se de que estavam oficialmente de férias de Natal, ele que deixasse aquilo para depois. Portanto, o lixo da cantina estava cheio de velhas latas de refrigerante a verterem líquido açucarado, embalagens de sandes cobertas de salada de frango e restos bolorentos do último prato especial do almoço de 1984, um hambúrguer guisado com molho de tomate adocicado. Tudo estragado. Ficou com salpicos na camisola e nos jeans, por isso, além de amoníaco e suor, também cheirava a comida estragada. Não podia ir ter com Diondra naquele estado, era um idiota por ter programado as coisas daquela maneira. Teria de voltar a casa de bicicleta, lidar com a mãe — podia contar com um sermão de trinta minutos, sem tirar nem pôr —, tomar um duche e ir de bicicleta a casa dela. Se a mãe não o proibisse de sair, como castigo. Que se lixasse, saía à mesma. O corpo era dele, o cabelo era dele. O seu cabelo preto fodido de maricas.

Limpou o chão com a esfregona e meteu o lixo de todos os gabinetes dos professores em sacos; era a sua tarefa preferida, porque parecia enorme, mas era só recolher bocados de papel amarrutado, leve como folhas de árvore. A sua última missão era limpar o corredor que ligava o liceu à escola básica (que tinha o seu próprio aluno-faxina embaraçado). O corredor estava coberto de cartazes espalhafatosos de futebol e corridas e clube de teatro do lado do liceu e, depois, desintegrava-se lentamente em território infantil, as paredes forradas com letras do abecedário e textos sobre George Washington. Um as portas azuis garridas assinalavam a entrada da escola básica, mas eram um mero pró-forma; nem sequer tinham fechadura. Limpou o chão todo desde a Liceulândia até à Infantoville, deixou cair a esfregona no balde e afastou-o de si com um pontapé. O balde

rebolou suavemente pelo chão de cimento e bateu na parede com um splash discreto.

Do jardim-escola até ao oitavo ano, andara na escola básica de Kinnakee; tinha uma relação mais forte com essa parte do edifício do que com o lado do liceu onde se encontrava naquele momento, com detritos liceais agarrados ao corpo.

Pensou em abrir a porta e vagar por entre o silêncio do outro lado e, de repente, era isso mesmo que estava a fazer. A dizer olá à antiga escola. Ouviu a porta fechar-se atrás de si e descontraiu-se. Ali, as paredes eram amarelo-limão, com decorações à porta de cada sala de aulas. Kinnakee era suficientemente pequena para que cada ano só precisasse de uma sala de aulas. O liceu era diferente, tinha o dobro do tamanho, porque outras terras mandavam os miúdos para ali. Mas a escola básica fora sempre um espaço agradável e acolhedor. Na parede, viu um sorridente sol de feltro, com Michelle D, 10 anos, escrito de lado. E aqui estava o desenho de um gato de colete e sapatos de fivela — ou talvez fossem saltos altos —, o que importava é que estava a sorrir e a dar uma prenda a um rato que segurava num bolo de aniversário. Libby D, Primeiro Ano. Procurou, mas não viu nada feito por Debby, pensando bem, nem sabia se a miúda era capaz de desenhar. Uma vez, ela tentara ajudar a mãe a fazer bolachas, de respiração ofegante, e acabara por dar cabo da receita e, no fim, comera mais massa crua do que cozida. Debby não era o tipo de miúda que via as suas coisas serem afixadas na parede.

Ao longo de todo o corredor, estavam filas de caixas amarelas onde os miúdos podiam guardar objetos pessoais, com o nome de cada aluno escrito numa tira de fita adesiva colada em cada caixa. Espreitou para dentro da de Libby e encontrou um reбуçado de hortelã-pimenta, meio comido, e um clipe. A de Debby tinha um saco castanho de almoço que fedia a salame; a de Michelle, uma caixa de marcadores ressequidos. Espreitou para dentro de mais umas quantas, só por curiosidade, e percebeu que tinham muito mais coisas que as das suas irmãs. Caixas de sessenta e quatro lápis de cor Crayola, bonecas e carros a pilhas, resmas grossas de cartolina, correntes de porta-chaves e livros de autocolantes e sacos de reбуçados. Triste. É o que acontece quando se tem mais filhos do que aqueles que se pode sustentar, pensou. Era o que Diondra dizia sempre quando ele comentava que o dinheiro era apertado em casa: Nesse caso, a tua mãe não devia ter tido tantos filhos. Diondra era filha única.

Ben encaminhou-se para a parte do liceu, mas deu por si a perscrutar as caixas do quinto ano. Ali estava ela, a pequenina Krissi que tinha uma paixoneta por ele. Ela escrevera o nome em grandes letras verde-vivo e desenhara uma margarida na parte de lado. Ficou giro. E gira era a definição da miúda, parecia saída de um anúncio de cereais: cabelo louro, olhos azuis e toda bem arranjadinha. Ao contrário do que acontecia com as suas irmãs, os jeans de Krissi serviam-lhe sempre e estavam limpos e passados a ferro; as camisas condiziam com a cor das meias ou dos ganchos do cabelo ou fosse o que fosse. Não tinha hálito a comida como Debby, nem arranhões nas mãos todas como Libby. Como eles todos. Tinha sempre as unhas pintadas de rosa forte, percebia-se que era a mãe que lhas pintava. De certeza que a caixa dela estava cheia de bonecas da Docinho de Morango e outros brinquedos que cheiravam bem.

Até o nome dela batia certo: Krissi Cates era um nome naturalmente fixe. Quando chegasse ao liceu, ela seria cheerleader, com aquele cabelo louro caído pelas costas

abaixo, e provavelmente esquecer-se-ia de que, em miúda, fora louca por um rapaz mais velho chamado Ben. Ele teria o quê, então, uns vinte anos? Viria de Wichita, por exemplo, com Diondra, de carro, para assistir a um jogo e Krissi olharia na direção dele a meio de um salto e, quando o visse, o seu rosto abrir-se-ia num grande sorriso resplandecente e ela faria um pequeno aceno empolgado, e Diondra soltaria o seu riso de cavalo e diria: «Não te basta teres metade das mulheres de Wichita apaixonadas por ti, ainda tens de engatar miúdas de liceu, coitadas?»

Ben podia nunca ter conhecido Krissi — ela andava um ano à frente de Michelle —, mas foi recrutado um dia, no início do ano escolar. A senhora Nagel, que sempre gostara dele, pedira-lhe para a ajudar a tomar conta dos miúdos no ATL de educação visual. Só por um dia. O monitor do costume não tinha aparecido. Ben devia voltar para casa, mas sabia que a mãe não poderia ficar irritada com ele por ter dado uma ajuda aos mais pequenitos — ela andava sempre a chateá-lo para ajudar a tomar conta das irmãs em casa —, e misturar tintas era muito mais apelativo do que carregar estrume. Krissi foi uma das miúdas que ficou a seu cargo, mas não parecia muito interessada em pintar. Limitava-se a espalhar a tinta de um lado ao outro com o pincel até a folha toda ficar castanha cor de merda.

— Tens noção do que isso parece, não tens? — disse-lhe ele.

— Cocó — respondeu ela, e desatou a rir.

Era atiradiça, mesmo sendo tão pequena; via-se que já nascera gira e que partia do princípio de que toda a gente gostava dela. E, de facto, ele gostou. Falaram entre longas linhas de silêncio.

Onde é que vives?

Verter, aplicar, espalhar. Molhar o pincel na água e repetir.

Perto de Salina.

E andas aqui na escola, tão longe de casa?

Ainda não acabaram de construir a escola. No próximo ano, já vou ficar mais perto de casa.

Ainda é longe de carro.

Um ranger de cadeira, um descair de ombros.

Pois é. Detesto. Tenho de esperar horas, no fim das aulas, para que o meu pai me venha buscar.

Então, o ATL de educação visual é uma boa ideia.

Talvez. Prefiro ballet, é o que faço ao fim de semana.

Ter ballet ao fim de semana dizia muita coisa. Provavelmente era uma daquelas miúdas com piscina em casa ou, se não uma piscina, um trampolim. Pensou em dizer-lhe que tinham vacas na quinta — a ver se ela gostava de animais —, mas sentiu que já estava a esforçar-se demasiado com ela. Era uma miúda, ela é que devia estar a tentar impressioná-lo.

Ofereceu-se para tomar conta dos miúdos no ATL de educação visual durante o resto do mês, metendo-se com Krissi por causa dos desenhos que ela fazia (mas isto é o quê, afinal, uma tartaruga?) e deixando-a falar durante horas sobre o ballet (não, seu palerma, é o BMW do meu pai!). Um dia, ó miudinha corajosa, ela esgueirou-se para a parte do liceu

e foi esperar Ben junto do cacifo dele, com uns jeans que tinham umas borboletas feitas de lantejoulas no bolso e uma camisa cor-de-rosa com dois altos em forma de cone espetados na zona do peito. Ninguém a incomodou, a não ser uma miúda cheia de zelo maternal que tentou encarreará-la de volta para o lado certo do edifício.

— Eu estou bem — respondeu ela, sacudindo o cabelo, e virou-se para Ben. — Vim só dar-te uma coisa.

Entregou-lhe um bilhete, dobrado em forma de triângulo, com o nome dele escrito na frente em letras gordas. Depois, deu meia-volta, toda empertigada no meio de miúdos que tinham quase o dobro do tamanho dela, com um ar de quem nem tinha reparado nisso.

No ATL de desenho, um rapaz chamado Ben eu conheci

E seduzir o coração dele decidi.

Tem o cabelo ruivo e uma bonita pele,

Alinhas neste «mel»?

Ao fundo da página ela acrescentara uma carta + comprida + logo, com o sinal + destacado com uma cor diferente. Ben já tinha visto amigos de amigos com bilhetes daqueles, mas era raro ele receber algum. Em fevereiro passado, recebera três postais do Dia dos Namorados, um da professora porque fazia parte da aula, um da miúda simpática que dava um postal a toda a gente e um da miúda gorda e desesperada que parecia estar sempre à beira das lágrimas.

Diondra escrevia-lhe agora de vez em quando, mas os bilhetes não eram giros, eram ordinários ou irritados, coisas que ela rabiscava durante o castigo na escola. Nunca nenhuma miúda lhe escrevera um poema e a situação tornava-se ainda mais gira por Krissi parecer não ter noção de que ele era demasiado velho para ela. Tratava-se de um poema de amor de uma miúda que não fazia ideia do que era o sexo ou curtir. (Ou será que fazia? Quando é que os miúdos normais começavam a curtir?)

No dia seguinte, ela esperou por ele à porta do ATL e pediu-lhe para se sentar nas escadas e ele disse que sim, mas só um instante, e estiveram no gozo durante uma hora inteira naquelas escadas sombrias. A dada altura, ela agarrou-lhe no braço e encostou-se toda a ele, e Ben soube que lhe devia dizer para não fazer aquilo, mas ela era tão querida e aquilo era tão bom, não tinha nada de esquisito, não era como os arranhões e os gritos de ninfomaníaca de Diondra, nem as brincadeiras brutas das irmãs, era doce como uma miúda deve ser. Ela usava um batom com cheiro a pastilha elástica e, como Ben nunca tinha dinheiro para comprar pastilha elástica — estavam mesmo fodidos —, ficava sempre com água na boca.

Portanto, andavam naquilo havia meses, a sentarem-se nas escadas à espera que o pai dela chegasse. Nunca falavam ao fim de semana e, às vezes, ela até se esquecia de esperar por ele e Ben ficava parado nas escadas como um idiota, com um pacote de Smarties quentes que encontrara quando limpava a cantina. Krissi adorava guloseimas. As irmãs dele eram iguazinhas, pedinchavam açúcar como escaravelhos; uma vez, chegou a casa e encontrou Libby a comer compota diretamente do frasco.

Diondra nunca soube de Krissi. Quando Diondra ia à escola, nos dias em que ia, voltava para casa às 15h16 para ver as novelas e o Donahue. (Geralmente via televisão a comer massa de bolo diretamente da taça da misturadora, que raio de mania era aquela das miúdas em relação ao açúcar?) E mesmo que Diondra viesse a descobrir, não se passava nada de mais. Ele era uma espécie de conselheiro escolar. Um rapaz mais velho a aconselhar uma rapariga sobre os deveres e o liceu. Talvez devesse ir para psicologia ou ser professor. O pai dele era cinco anos mais velho do que a mãe.

A única coisa duvidosa que houve entre ele e Krissi aconteceu pouco antes do Natal e nunca mais se repetiria. Estavam sentados nas escadas, a chupar rebuçados de maçã verde e a meter-se um com o outro, quando, de repente, ele se apercebeu do corpo dela muito mais perto do que era hábito e um dos mamilos roçou-lhe ao de leve no braço. Sentiu no pescoço o cheiro quente a maçã e ela deixou-se ficar agarrada a ele, sem dizer nada, só a respirar, Ben sentindo os batimentos do coração dela como um gatinho de encontro ao seus bíceps e os dedos a pressionarem-no abaixo das axilas. Os lábios dela aproximaram-se da orelha dele, molhando-lhe o lóbulo com a respiração ofegante, Ben com as gengivas a latejarem do açúcar dos rebuçados, e a seguir os lábios desceram-lhe pela bochecha, provocando-lhe arrepios pelos braços abaixo, sem que nenhum dos dois admitisse o que estava a acontecer, e o rosto dela surgiu mesmo à sua frente e aqueles labiozinhos pressionaram os dele, sem se mexerem, e os dois ficaram ali parados, com o coração a bater ao mesmo ritmo, o corpo todo dela agora encaixado entre as pernas dele e ele com as mãos caídas, hirtas, de cada lado do tronco, todas suadas, e depois ela moveu ligeiramente os lábios, entreabriu-os ao de leve, e ali estava a língua, pegajosa, a lambê-lo, um gosto na boca de ambos a maçã verde, e o pau de Ben ficou tão duro que ele teve medo de que lhe explodisse nas calças e pôs as mãos na cintura dela e segurou-a por um instante e, depois, afastou-a de si e correu escada abaixo até à casa de banho dos rapazes — aos gritos: desculpa, desculpa — e entrou num dos cubículos e bastou esfregar o pau duas vezes para se vir todo.

Portanto, eu ia conhecer o meu irmão, já crescido. Depois do meu encontro com Lyle, voltei para casa e peguei no livro da Barb Eichel, *A Sua Família na Prisão: Supere as Grades!* Depois de ler uns quantos capítulos confusos sobre a administração do sistema penitenciário no estado da Florida, folhee as páginas amareladas até encontrar o copyright: 1985. Que livro tão incrivelmente inútil. Fiquei com medo de receber mais encomendas sem sentido de Barb: panfletos sobre parques aquáticos defuntos no Alabama, brochuras sobre hotéis de Las Vegas desfeitos em estilhaços, avisos sobre o vírus do milênio.

Acabei por pedir a Lyle para tratar de tudo. Disse-lhe que não conseguia entrar em contacto com a pessoa certa, que me sentia esmagada por aquilo tudo, mas a verdade é que pura e simplesmente não me apetecia lidar com as questões práticas. Não tenho estofo para isso: marcar números, esperar em linha, falar, esperar em linha, depois ser muito simpática para uma mulher qualquer mal-humorada, com três filhos para criar e a resolução anual de retomar os estudos, uma mulher qualquer mortinha para que lhe demos uma desculpa para nos desligar o telefone na cara. É uma cabra, sem dúvida, mas não lhe podemos chamar nomes, senão, de repente, temos de voltar à estaca zero como no jogo das escadas e serpentes. E o castigo é termos de ser ainda mais simpáticos quando lidarmos de novo. Lyle que lidasse com isso.

A prisão de Ben fica mesmo à saída de Kinnakee e foi construída em 1997, depois de mais uma leva de fusões de quintas. Kinnakee fica quase no centro do Kansas, não muito longe da fronteira com o Nebraska e, em tempos, autoproclamou-se o centro geográfico dos quarenta e oito Estados Unidos contíguos. O coração da América. Foi uma história levada muito a sério nos anos 80, quando todos éramos patrióticos. Outras cidades do Kansas rivalizaram pelo título, mas os kinnakeenses ignoraram-nas, teimosamente, orgulhosamente. Este era o único foco de interesse da cidade. A Câmara do Comércio vendia posters e t-shirts com o nome da terra escrito em letras cursivas dentro de um coração. Todos os anos, Diane comprava-nos uma t-shirt nova, por um lado, porque gostávamos de tudo o que tivesse a forma de coração e, por outro, porque Kinnakee é uma palavra índia antiga que significa «mulherzinha mágica». Diane sempre tentou convencer-nos a sermos feministas. A minha mãe dizia, a brincar, que não se depilava muito e que isso já era um começo. Não me lembro de ela o dizer, mas lembro-me de Diane, corpulenta e furibunda, como andava sempre depois dos crimes, a fumar um cigarro na rulote, a beber chá gelado por um copo de plástico com o nome dela escrito em letras a imitar troncos, a contar-me a história.

Afinal, estávamos enganados. Lebanon, Kansas, é o centro oficial dos Estados Unidos. Kinnakee partira de pressupostos errados.

Pensei que ia demorar meses a conseguir autorização para ver Ben, mas parece que o

Estabelecimento Prisional de Kinnakee Kansas é rápido a conceder passes de visita. («Acreditamos que a interação com a família e amigos é uma atividade benéfica para os reclusos, ajudando a preservar as suas relações sociais e o contacto com a realidade exterior.») Burocracias e tretas e, depois, passei os poucos dias de interregno a analisar os ficheiros de Lyle, a ler a transcrição do julgamento de Ben, o que nunca tinha tido coragem de fazer.

Fez-me suar. O meu testemunho era um labirinto de recordações infantis confusas (Acho que o Ben trouxe uma bruxa para casa e ela matou-nos, disse eu, ao que o advogado de acusação respondeu simplesmente: Mmmm, falemos agora do que realmente aconteceu) e diálogo ensaiado (Vi o Ben quando estava parada à beira do quarto da minha mãe, ele estava a ameaçar a mãe com a nossa caçadeira). Quanto ao advogado de defesa de Ben, só lhe faltou embrulhar-me em papel de seda e pousar-me numa cama de penas, de tão delicado que foi comigo (Não estará um pouquinho confusa em relação ao que viu, Libby? Tem a certeza, a certeza absoluta, de que era o seu irmão, Libby? Não estará a dizer-nos aquilo que acha que queremos ouvir? Ao que respondi: Não Sim Não). Ao fim do dia, respondi a todas as perguntas com um Acho que sim, a minha maneira de dizer que já chegava.

O advogado de defesa de Ben insistira naquela mancha de sangue na colcha da Michelle e no misterioso sapato de cerimónia que deixara uma pegada no sangue da minha família, mas não conseguiu apresentar uma teoria alternativa convincente. Talvez tivesse estado mais alguém lá em casa, mas não havia pegadas nem marcas de pneus no exterior para o provar. Na manhã do dia 3 de janeiro, a temperatura aumentou seis graus, derretendo a neve e transformando todas as suas impressões numa lama primavera.

Além do meu depoimento, Ben tinha contra ele: arranhões na cara que ele não foi capaz de explicar, uma história sobre um homem cabeludo que, a princípio, ele disse que tinha matado toda a gente — história essa que se apressou a substituir pela defesa «passei a noite fora, não sei de nada» —, um grande tufo de cabelo de Michelle encontrado no chão do quarto dele e o seu comportamento tresloucado naquele dia. Tinha pintado o cabelo de preto, o que toda a gente considerou suspeito. Fora visto a andar pelos corredores da escola «sorrateiramente», testemunharam vários professores. Perguntaram-se se ele teria ido buscar os restos de animais que guardava no cacifo (restos de animais?) ou se estaria a recolher objetos pessoais de outros alunos para uma missa satânica. Mais tarde, nesse mesmo dia, parece que foi a um antro qualquer da passa e se vangloriou dos seus sacrifícios demoníacos.

Ben não fez nada para se ajudar a si próprio: não tinha álibi para os crimes; tinha uma chave de casa, cuja porta não foi arrombada; tinha tido uma discussão com a minha mãe nesse dia de manhã. E, além disso, fez uma figura de merda em tribunal. Quando os advogados de acusação afirmaram que era um assassino adorador do Diabo, Ben respondeu discutindo entusiasticamente os rituais de adoração do Diabo, em especial canções que lhe lembravam o submundo e o grande poder do satanismo. (Incentiva-nos a fazermos aquilo que nos apetece, porque no fundo somos todos animais.) A dada altura, o advogado de acusação pediu a Ben para «parar de mexer no cabelo e assumir uma postura séria, não percebe que isto é um assunto grave?».

«Percebo que, aos seus olhos, é grave», respondeu Ben.

Nem sequer parecia uma resposta do Ben de que eu me lembrava, o meu irmão sossegado e metido consigo. Lyle incluía umas quantas fotografias novas do julgamento: Ben com o cabelo preto apanhado num rabo de cavalo (porque é que os advogados de defesa não o obrigaram a cortá-lo?), enfiado num fato desalinhado, sempre com um sorriso idiota ou completamente indiferente.

Portanto, Ben não mexeu uma palha a seu favor, mas a transcrição do julgamento fez-me corar. Ao mesmo tempo, aquilo tudo ajudou-me um bocadinho a sentir-me melhor. Se Ben estava na cadeia, a culpa não era exclusivamente minha (se realmente ele era inocente, se realmente o era). Não, toda a gente tinha tido um pouquinho de culpa.

Uma semana depois de ter aceitado visitar Ben, ali estava eu, a caminho. Ia ao volante do carro, em direção à minha terra natal, onde não punha os pés há pelo menos doze anos, a minha terra que se tornara uma cidade-prisão sem o meu aval. Aconteceu tudo tão depressa que até fiquei enjoada. Só consegui meter-me no carro dizendo a mim mesma sem parar que não ia propriamente a Kinnakee e que não ia descer aquela comprida estrada de terra que me levaria a casa, não, isso não. Não que ainda fosse a minha casa: alguém comprara a propriedade anos antes, demolira a casa por completo, destruindo paredes que a minha mãe tinha embelezado com posters baratos de flores, partindo janelas de encontro às quais nós respirávamos, enquanto esperávamos para ver quem é que vinha a descer o caminho de acesso à casa, partindo a moldura da porta onde a minha mãe tinha escrito a lápis as diferentes alturas de Ben e das minhas irmãs, mas não as minhas, porque estava demasiado cansada para me medir (eu só tive direito a uma marca: Libby 96 cm).

Fiz as três horas de caminho até ao Kansas, subindo e descendo os montes Flint, depois atravessando as planícies, vendo placas a convidarem-me para visitar o Museu da Greyhound, o Museu da Telefonía, o Maior Novelo de Guita. Uma vez mais, senti uma pontada de lealdade: devia ir visitar tudo, nem que fosse para irritar os viajantes irónicos. Saí finalmente da autoestrada, dirigindo-me para norte e oeste e norte e oeste em estradas secundárias tipo puzzle, os terrenos agrícolas reduzidos a pintas verdes, amarelas e castanhas, pontilhismo pastoral. Debrucei-me sobre o volante, a fazer zapping no rádio, passando de canções country lamechas para rock cristão e ruído de estática. O sol esforçado de março conseguiu aquecer o carro, pôs as minhas grotescas raízes ruivas em chamas. O calor e a cor fez-me pensar novamente em sangue. No banco do passageiro, estava uma minigarrafa de vodka que eu tencionava emborcar assim que chegasse à prisão, uma dose automedicada de entorpecimento. Precisei de uma força de vontade invulgar para não a despejar goela abaixo pelo caminho, com uma mão no volante e a cabeça inclinada para trás.

Como um passe de magia, no instante em que pensei Estou quase a chegar, uma placa minúscula apareceu no horizonte amplo e plano. Soube exatamente o que estaria escrito nela: Bem-vindo a Kinnakee, o Coração da América! em letras cursivas dos anos 50. E assim era, e consegui distinguir uma saraivada de buracos de bala no canto inferior

esquerdo, no sítio onde Runner a atingiu umas décadas atrás, ao passar de carrinha. Depois, aproximei-me e percebi que os buracos de bala eram imaginação minha. Esta placa era nova e estava intacta, mas as letras eram iguais às antigas: Bem-vindo a Kinnakee, o Coração da América! Mantiveram a mentira, fizeram bem. Passei pela placa e surgiu outra: Estabelecimento Prisional de Kinnakee Kansas, próxima à esquerda. Segui a indicação, rumando para oeste em terras que em tempos pertenceram à quinta dos Evelee. Aha, bem feito para vocês, Evelee, pensei, mas não me conseguia lembrar porque é que os Evelee eram maus. Só me lembrava que eram.

Abrandei enquanto descia aquela estrada nova, nos confins da orla da povoação. Kinnakee nunca tinha sido uma terra próspera, não passava de um aglomerado de quintas em dificuldades e mansões otimistas de contraplacado derivadas de um boom petrolífero escandalosamente curto. Agora era pior. A prisão não tinha salvado a terra. A rua estava ladeada de lojas de penhores e casas decrepitas, ainda não tinham dez anos e já se encontravam em mau estado. Vi crianças com ar atordoado paradas a meio de quintais sujos. Havia montes de lixo em todos os cantos: embalagens de comida, palhinhas, pontas de cigarro. Em cima de um passeio, alguém abandonara uma refeição inteira de takeaway: caixa de esferovite, garfo de plástico, copo de esferovite. Na sarjeta, estava um punhado de batatas fritas com ketchup. Até as árvores tinham um ar miserável: enfezadas, mirradas e recusando-se teimosamente a florir. Ao fundo do quarteirão, um casal jovem e mal-amanhado estava sentado ao frio, num banco da Dairy Queen, especado a olhar para o trânsito como se estivesse a ver televisão.

Num poste telefónico ali perto, adejava uma fotocópia ampliada de uma adolescente sisuda, desaparecida desde outubro de 2007. Mais dois quarteirões e uma folha que pensei ser uma cópia do mesmo poster afinal era de outra miúda desaparecida, desta vez em junho de 2008. Ambas as raparigas tinham um ar desleixado e mal-humorado, o que explicava por que motivo não tinham direito ao tratamento que fora votado a Lisette Stephens. Tomei nota mentalmente para tirar uma fotografia bonita e sorridente de mim própria, na eventualidade de um dia eu desaparecer.

Mais uns minutos e a prisão surgiu no meio de uma grande clareira queimada pelo sol.

Era menos imponente do que eu imaginara, das poucas vezes em que tentara imaginá-la. Tinha um ar de subúrbio em expansão, podia ser confundida com os escritórios regionais de uma empresa de refrigeração, ou com a sede de uma empresa de telecomunicações, não fosse o arame farpado que cercava os muros. Os rolos de arame lembraram-me o fio do telefone sobre o qual Ben e a minha mãe andavam sempre a discutir, o fio em que estávamos constantemente a tropeçar. Debby foi cremada com uma pequena cicatriz em forma de explosão estelar no pulso por causa daquele maldito fio. Tossi de propósito só para ouvir barulho.

Entrei no parque de estacionamento e o piso alcatroado e liso soube-me às mil maravilhas depois de uma hora de estradas esburacadas. Estacionei e fiquei sentada, especada a olhar, com o carro a balouçar por causa de tantas horas de trajeto. Do interior dos muros chegava-me o murmúrio e os gritos de homens a apanharem ar no pátio. O vodka desceu-me pela goela abaixo como um travo medicinal. Masquei um pedaço duro de pastilha elástica de mentol, uma vez, duas vezes, depois cuspi-a para uma embalagem

vazia de sandes, sentindo as orelhas a aquecerem do álcool. A seguir, enfiei as mãos por dentro da camisola e desaparetei o sutiã, sentindo as mamas descaírem, grandes e moles, ao som distante de assassinos a brincarem no pátio. Foi uma coisa que Lyle me aconselhou, gaguejando e escolhendo as palavras a dedo: Só lhe dão uma oportunidade para passar no detector de metais. Não é como nos aeroportos, na prisão não têm aquela coisa que parece uma varinha mágica. Por isso, deixe tudo o que for de metal no carro. Hum, incluindo, hum, no caso das mulheres, ah, o, acho que têm arame por baixo? Os sutiãs? Isso seria, poderia ser um problema.

Tudo bem. Enfie o sutiã no porta-luvas e deixei as mamas balouçarem à solta.

Na prisão, os guardas eram todos muito educados, como se tivessem visto vários vídeos pedagógicos sobre a delicadeza: sim, minha senhora, por aqui, minha senhora. A maneira como olhavam para uma pessoa não tinha profundidade, a minha imagem fazia ricochete neles e voltava para trás, eu que ficasse com a batata quente. Revista, perguntas, sim minha senhora e uma longa espera. Portas abriram e fecharam, abriram e fecharam, enquanto eu transpunha uma série delas, todas de tamanhos diferentes, como um País das Maravilhas feito de metal. O chão fedia a lixívia e o ar cheirava a carne e a humidade. Devíamos estar perto da cantina. Fui assolada por uma onda nauseada de nostalgia, lembrando-me de mim e dos meus irmãos, os miúdos Day, e das nossas refeições escolares subsidiadas pelo Estado: as mulheres de peito grande e cabelo húmido do vapor da cozinha, a gritarem Almoço de graça! na direção da caixa registadora, quando passávamos com um bocado de strogonoff e leite à temperatura ambiente.

Ben teve um bom sentido de oportunidade, pensei: a pena de morte no Kansas tinha sido suspensa quando ocorreram os crimes (aqui, fiz uma pausa perante a minha inquietante maneira nova de me exprimir: «quando ocorreram os crimes» em vez de «quando Ben matou toda a gente»). Foi condenado a prisão perpétua. Pelo menos, não o condenei à morte. Agora, estava parada à frente da porta lisa de metal, como a de um submarino, da sala de visitas e o tempo a passar. «Não há nada a fazer senão fazê-lo, não há nada a fazer senão fazê-lo.» O mantra de Diane. Tinha de parar de pensar em coisas da família. O guarda que me acompanhou, um homem louro e hirto que me poupou a conversa fiada, fez um gesto de faça favor.

Abri a porta e obriguei-me a entrar. Havia uma fila com cinco cubículos, um deles ocupado por uma índia corpulenta a falar com o filho recluso. O cabelo preto da mulher espetava-se-lhe nos ombros, com ar agressivo. Estava a murmurar monocordicamente para o rapaz, que fazia espasmodicamente que sim com a cabeça, de telefone encostado ao ouvido e olhos baixos.

Sentei-me duas cabinas mais à frente e estava a instalar-me, a inspirar fundo, quando Ben entrou disparado porta adentro, como um gato a fugir para a rua. Era baixo, devia medir 1,67 m, e o cabelo tinha adquirido um tom de ferrugem escura. Usava-o comprido, a tocar nos ombros e enfiado menineiramente para trás das orelhas. Com uns óculos de aros metálicos e um fato-macaco cor de laranja, parecia um mecânico diligente. A sala era pequena, por isso ele chegou junto de mim em três passadas, sem parar de sorrir discretamente. Um sorriso luminoso. Sentou-se, encostou uma mão ao vidro e fez-me sinal com a cabeça para eu o imitar. Não consegui, não fui capaz de pressionar a palma da

minha mão de encontro à dele, húmida como um naco de fiambre. Em vez disso, dirigi-lhe um sorriso tímido e peguei no telefone.

Do lado de lá do vidro, ele segurou no auscultador, pigarreou, depois baixou os olhos e começou a dizer qualquer coisa, mas calou-se. Durante quase um minuto, a única coisa que me deu a ver foi o cocuruto da cabeça. Quando a levantou, estava a chorar, duas lágrimas corriam-lhe pelas faces abaixo. Enxugou-as com as costas da mão e sorriu, com os lábios a tremerem.

— Meu Deus, estás igualzinha à mãe — disse ele abruptamente, deitando as palavras cá para fora, e tossiu, limpou mais lágrimas. — Não sabia que eras assim. — Os olhos dele saltaram do meu rosto para as suas mãos. — Oh, meu Deus, Libby, como é que tu estás?

Aclarei a garganta e disse:

— Estou bem. Achei que estava na hora de te vir visitar. — Por acaso, até acho que sou parecida com a mãe, pensei. Sou mesmo. E depois pensei: o meu irmão mais velho, e senti o mesmo orgulho no peito que sentia em miúda. Ele estava na mesma, o mesmo rosto pálido, o mesmo nariz largo e arrebitado dos Day. Nem sequer tinha crescido muito desde os crimes. Como se ambos tivéssemos ficado tolhidos naquela noite. O meu irmão mais velho. E ele estava feliz por me ver. Ele sabe manipular-te, disse para mim própria, à laia de aviso. A seguir, pus essa ideia de lado.

— Ainda bem, ainda bem — respondeu Ben, continuando de olhos postos na mão. — Pensei muito em ti ao longo destes anos, a pensar no que seria feito de ti. É o que uma pessoa faz aqui dentro... pensa e interroga-se. De vez em quando, recebo uma carta de alguém a falar-me de ti, mas não é a mesma coisa.

— Pois não — concordei. — Tratam-te bem? — perguntei, estupidamente, de olhos vítreos e, de repente, desatei a chorar e só me apetecia dizer desculpadesculpadesculpa. Mas não disse nada, fiquei a olhar para uma constelação de acne que ele tinha à volta do canto da boca.

— Estou bem, Libby. Libby, olha para mim. — Os meus olhos nos dele. — Estou bem. A sério que estou. Acabei o liceu aqui dentro, o que provavelmente nunca teria feito lá fora, e estou a tirar um curso universitário. Inglês. Ando a ler Shakespeare. — Fez o som gutural que tentava fazer passar sempre por uma gargalhada. — Por Deus, macaquinho!

Não percebi o significado desta expressão, mas sorri, porque era o que ele esperava que eu fizesse.

— Meu Deus, Libby, só me apetece olhar para ti. Não fazes ideia de como é bom verte. Merda, desculpa. Estás mesmo parecida com a mãe, as pessoas não te dizem isso constantemente?

— Quem? Não me dou com ninguém. O Runner foi-se embora, não sei para onde, a Diane e eu não nos falamos. — Quis que ele tivesse pena de mim, que chapinhasse no meu grande e vazio charco de piedade. Ali estávamos nós, os últimos Day. Se ele tivesse pena de mim, teria mais dificuldade em recriminar-me. As lágrimas não paravam de me vir aos olhos e acabei por deixá-las correr livremente. Duas cadeiras mais abaixo, a mulher índia estava a despedir-se, desfeita num pranto que era tão grave como a voz.

— Quer dizer que estás completamente sozinha? Isso não é bom. Deviam ter tratado

melhor de ti.

— O que é que te aconteceu, algum renascimento espiritual? — disse eu, de supetão, com o rosto molhado. Ben franziu o sobrolho, sem perceber. — Foi isso? Perdoas-me? Não devias ser querido para mim. — Mas eu ansiava por isso, tinha urgência em sentir o alívio, como quando nousamos um prato a escaldar.

— Não sou assim tão querido — disse ele. — Sinto muita raiva de muitas pessoas, mas tu não és uma delas.

— Mas... — disse eu, e engoli um soluço como uma criança. — Mas o meu testemunho... Eu acho que talvez tenha, não sei, não sei... — Só pode ter sido ele, lembrei novamente a mim própria.

— Oh — disse ele, como se fosse um incómodo menor, um pequeno contratempo numas férias de verão que mais valia esquecer. — Estou a ver que não lês as minhas cartas, pois não?

Tentei explicar com um encolher de ombros inadequado.

— Bom, o teu testemunho... A única coisa que me espantou foi as pessoas terem acreditado em ti. Não fiquei surpreendido com o que disseste. Estavas numa situação completamente marada. E sempre foste uma mentirosazinha. — Ele riu-se outra vez e eu imitei-o, gargalhadas rápidas e iguais, como se tivéssemos apanhado a mesma tosse. — Não, agora a sério, o facto de eles terem acreditado em ti... Eles queriam-me aqui dentro, iam meter-me aqui dentro, e o teu testemunho só lhes serviu de prova. Uma miúda de sete anos. Meu Deus, eras tão pequenina... — Virou os olhos para a direita, perdido num devaneio. Depois, recompôs-se. — Sabes do que me lembrei no outro dia, não sei porquê? Lembrei-me do maldito coelho de porcelana, aquele que a mãe nos obrigava a pôr na sanita.

Abanei a cabeça, sem fazer ideia do que ele estava a falar.

— Não te lembras disso, do coelhinho? Como a sanita estava meio estragada, se a usássemos duas vezes no espaço de uma hora, a porcaria não escoava como devia. Por isso, se um de nós cagasse quando o autoclismo não estava a funcionar, tinha de fechar o tampo e pôr o coelhinho em cima, para que ninguém abrisse a sanita e visse o fundo cheio de merda. Porque vocês desatavam aos gritos. Não acredito que não te lembres disso. Era tão estúpido, deixava-me furioso. Furioso por ter de partilhar a casa de banho com vocês todas, furioso por viver numa casa só com uma sanita que nem sequer funcionava bem, furioso por causa do coelhinho. O coelhinho... — Ele soltou o seu riso contido. — Eu achava o coelho, sei lá, humilhante. Como se me tirasse a virilidade. Aquilo para mim era uma afronta pessoal. Achava que a mãe devia ter arranjado uma estatueta em forma de automóvel ou de arma para eu usar. Deixava-me fudo da vida. Ficava parado a olhar para a sanita, a pensar: «Recuso-me a pôr o raio do coelho no tampo» e, depois, quando já ia a sair da casa de banho, pensava: «Foda-se, tenho de pôr o coelho, senão uma delas entra aqui e desata aos gritos.» Vocês eram umas guinchonas, ainda por cima estridentes. E como eu não queria ter de lidar convosco, punha a porra do coelho em cima da porra da sanita. — Riu-se outra vez, mas a recordação afetou-o, ficou com o rosto corado e o nariz suado. — É nesse tipo de coisa que uma pessoa pensa aqui dentro. Coisas estranhas.

Tentei desencantar o tal coelho na minha memória, tentei fazer o inventário da casa de

banho e das coisas dentro dela, mas não me consegui lembrar de nada, só uma mão-cheia de água.

— Desculpa, Libby, é uma recordação estranha para eu atirar para cima de ti.

Aproximei a ponta de um dedo do fundo da janela de vidro e disse:

— Não faz mal.

Ficámos calados durante uns momentos, fingindo que estávamos a ouvir um barulho que não existia. Ainda agora tínhamos começado, mas a visita já estava quase no fim.

— Ben, posso perguntar-te uma coisa?

— Acho que sim. — O rosto dele fechou-se, preparando-se para o que aí vinha.

— Não queres sair daqui?

— Claro que quero.

— Porque é que não dizes à polícia qual é o teu álibi para aquela noite? Não cabe na cabeça de ninguém que tenhas dormido no celeiro.

— Porque não tenho um bom álibi, Libby. Pura e simplesmente, não tenho. Acontece.

— Porque estavam zero graus lá fora. Lembro-me muito bem. — Por baixo do balcão, esfreguei o meu coto e mexi os dois dedos do pé direito.

— Eu sei, eu sei. Nem fazes ideia. — Virou o rosto. — Não fazes ideia das semanas, anos, que passei aqui dentro a desejar ter feito tudo de maneira diferente. A mãe e a Michelle e a Debby talvez não estivessem mortas, se eu tivesse... agido como um homem. E não como um puto palerma. Escondido no celeiro, irritado com a mãe. — Uma lágrima caiu no auscultador, fiquei com a sensação de a ter ouvido fazer ping! — Não faz mal estar a ser castigado por aquela noite... sinto-me... bem com isso.

— Mas... não entendo. Porque é que foste tão pouco... prestável em relação à polícia?

Ben encolheu os ombros e, uma vez mais, o seu rosto tornou-se inexpressivo como uma máscara fúnebre.

— Oh, sei lá. Eu era um puto tão inseguro. Fogo, Libby, eu tinha quinze anos. Quinze. Não sabia o que era ser homem. O Runner não me ensinou nada. Eu era um puto para quem ninguém olhava duas vezes e, de repente, as pessoas desataram a tratar-me como se eu é que lhes metesse medo. De um instante para o outro, como que por magia, eu era um homem importante.

— Um homem importante acusado de ter assassinado a família toda.

— Se me quiseses chamar estúpido, Libby, chama à vontade. Para mim, a coisa era simples: eu disse que não era culpado, sabia que não era culpado e... não sei, chama-lhe mecanismo de defesa?, mas não levei aquilo a sério como devia. Se tivesse reagido como toda a gente esperava que eu reagisse, provavelmente não estaria aqui. À noite, chorava desalmadamente com a cabeça na almofada, mas armava-me em durão à vista de toda a gente. Lixei tudo, acredita que eu sei disso. Mas não se pode pôr um puto de quinze anos no banco dos réus, num tribunal cheio de gente que ele conhece, e esperar um mar de lágrimas. Eu pensava, como é óbvio, que ia ser ilibado e que depois toda a gente na escola me ia admirar por ser um gajo mau. Até sonhava acordado com essa merda. Nunca me passou pela cabeça que corria o risco de... de acabar assim. — Estava a chorar, agora, e

limpou novamente a bochecha. — Como vês, já não me importo que me vejam a chorar.

— Temos de remediar isto — disse eu, por fim.

— Não dá para remediar, Libby, a não ser que descubras quem foi o culpado.

— Precisas de novos advogados para tratarem do processo — raciocinei em voz alta.

— As coisas que eles conseguem fazer com o ADN, hoje em dia... — Para mim, o ADN era uma espécie de coisa mágica, uma substância qualquer pegajosa e brilhante que estava constantemente a tirar pessoas da cadeia.

Ben riu-se por entre os lábios cerrados, como fazia quando éramos miúdos, sem deixar que desfrutássemos do riso.

— Pareces o Runner a falar — disse ele. — De dois em dois anos, recebo uma carta dele: ADN! Precisamos de deitar a mão àquele ADN. Como se eu tivesse um cacifo cheio de ADN, mas não o quisesse partilhar. A-D-N! — repetiu, imitando o aceno de cabeça de Runner, de olhos tresloucados.

— Sabes onde está ele?

— A última carta trazia a morada do Asilo Masculino de Bert Nolan, algures em Oklahoma. Ele pedia-me para lhe mandar quinhentos dólares, para poder continuar a fazer investigações em meu nome. Seja quem for o tal Bert Nolan, já se deve ter arrependido do dia em que deu guarida ao raio do Runner. — Coçou o braço, levantando a manga o suficiente para que eu visse uma tatuagem com o nome de uma mulher. Terminava em olly ou ally. Fiz questão de que ele me visse a olhar.

— Ah, isto? Uma velha paixão. Começámos por trocar cartas. Pensei que estava apaixonado por ela, que me ia casar com ela, mas afinal ela não queria ficar presa a um homem que estava condenado a prisão perpétua. Bem que me podia ter dito isso antes de eu fazer a tatuagem.

— Deve ter doído.

— Nem cócegas fez.

— Eu estava a falar da rutura.

— Oh, foi uma merda.

O guarda fez-nos sinal a indicar que já só tínhamos três minutos e Ben revirou os olhos:

— É difícil decidir o que dizer em três minutos. Em dois minutos, começa-se a fazer planos para a próxima visita. Em cinco minutos, consegue-se acabar a conversa. Mas três minutos? — Espetou os lábios para fora e fez um barulho de chupão. — Espero que me venhas ver outra vez, Libby. Já não me lembrava das saudades que tinha de casa. Estás igualzinha a ela.

11h31

Enfiara-se na casa de banho quando Len se fora embora, o sorriso amarelo dele ainda presente na sua mente, a oferecer-lhe qualquer coisa de desagradável, um tipo de ajuda que ela sabia que não queria. As meninas tinham saído em catadupa do quarto assim que ouviram a porta a fechar e, depois de um rápido conluio sussurrado à porta da casa de banho, decidiram deixá-la em paz e voltar para a frente da televisão.

Patty pousou as mãos na barriga adiposa, sentindo que o seu suor se tornara frio. A quinta dos seus pais, falida. Sentiu a pontada de culpa no estômago que sempre fizera dela uma menina tão bem-comportada, o medo constante de desiludir os pais, por favor, por favor, Deus, não deixes que eles descubram. Eles tinham-lhe confiado aquela casa e ela ficara aquém das expectativas. Imaginou-os nas nuvens do Céu, os braços do pai à volta da mãe, olhando ambos para ela, abanando a cabeça: O que é que te passou pela cabeça para fazeres uma coisa dessas? O ralhete preferido da mãe.

Teriam de se mudar para uma terra completamente diferente. Kinnakee não tinha edifícios de apartamentos e eles iam ter de se encafuar num apartamento qualquer e ela seria obrigada a arranjar um emprego num escritório; se conseguisse, claro. Sempre tivera pena de quem vivia em apartamentos, sujeito a ouvir os arrotos e discussões dos vizinhos. As pernas cederam e, de repente, Patty deu por si sentada no chão. Não tinha energia para abandonar a quinta, jamais. Gastara o pouco que lhe restava nesses últimos anos. Alguns dias de manhã nem sequer conseguia sair da cama, não era fisicamente capaz de tirar as pernas de debaixo das cobertas, as meninas tinham de a arrastar, puxando-a com os calcanhares fincados no chão, e, enquanto lhes preparava o pequeno-almoço e as ajudava a arranjar-se para irem à escola, sonhava acordada com a sua própria morte. Uma coisa rápida, um ataque cardíaco durante a noite ou uma súbita colisão com um veículo. Mãe de quatro filhos atropelada por autocarro. E os filhos entregues aos cuidados de Diane, que não os deixaria passar o dia inteiro de pijama e os levaria ao médico quando estivessem doentes, e os apressaria para que terminassem o que quer que tivessem para fazer. Patty era uma mulher franzina, frágil e trémula, que se deixava arrastar facilmente pelo otimismo, mas ainda mais facilmente pelo desânimo. Era Diane quem devia ter herdado a quinta. Mas ela não quisera ter nada a ver com o assunto, saíra de casa aos dezoito anos, uma trajetória alegre, tipo bumerangue, que a fizera aterrar como rececionista num consultório médico a uns escassos, mas cruciais, cinquenta quilómetros de distância, em Schieberton.

Os pais tinham encarado a partida de Diane com estoicismo, como se sempre tivesse estado nos planos. Patty lembrava-se de, nos tempos do liceu, eles terem ido vê-la fazer o seu espetáculo de cheerleader numa húmida noite de outubro. Sujeitaram-se a um trajeto

de três horas de automóvel, até ao interior do Kansas, quase no Colorado, e durante o jogo todo caiu uma chuva ligeira, mas persistente. No fim (Kinnakee perdeu), os seus pais grisalhos e a sua irmã, três ovas robustas enfiadas em casacos de lã áspera, correram para o campo para se juntarem a ela, todos sorrindo com tanto orgulho e gratidão que qualquer pessoa julgaria que Patty tinha descoberto a cura para o cancro, os olhos deles franzia-se de riso por detrás de três pares de óculos manchados de chuva.

Ed e Ann Krause estavam mortos agora, tinham morrido cedo, mas não de maneira inesperada, e Diane era agora gerente do mesmo consultório médico de sempre e vivia numa rulote, num parque de atrelados decente, bordejado de flores.

«Para mim, esta vida chega-me», costumava ela dizer. «Não me consigo imaginar a querer outra diferente.»

Diane era assim. Competente. Era ela que se lembrava dos pequenos mimos de que as meninas gostavam, nunca se esquecia de lhes comprar todos os anos as t-shirts a dizer Kinnakee, o Coração da América! Diane inventara que Kinnakee significava «mulherzinha mágica» em índio e as meninas ficaram tão contentes com isso que Patty nunca tivera coragem de lhes contar que Kinnakee significava rocha ou corvo ou uma coisa qualquer desse género.

A buzina do carro de Diane intrometeu-se nos seus pensamentos com o seu habitual pipipi! festivo.

— Diane! — guinchou Debby, e Patty ouviu as três meninas precipitarem-se para a porta da rua, conseguiu visualizar a amálgama de puxinhos e rabiosques e, depois, imaginou-as a correr direitas ao carro e Diane a ir embora com elas e a deixá-la naquela casa onde Patty reduziria tudo ao silêncio.

Obrigou-se a levantar-se e limpou o rosto com uma toalha bafienta. Tinha sempre o rosto vermelho, os olhos raiados de sangue, por isso era impossível perceber-se se tinha estado a chorar, a única vantagem de parecer constantemente um rato esfolado. Quando abriu a porta, a irmã já estava a desensacar três carregamentos de comida enlatada e a mandar as meninas ao carro buscar o resto. Patty começara a associar o cheiro dos sacos de papel pardo a Diane, havia tanto tempo que ela lhes trazia comida. Era o exemplo perfeito da vida imperfeita que Patty levava: vivia numa quinta, mas nunca tinha o suficiente para comer.

— Comprei-lhes um daqueles livros de autocolantes — anunciou Diane, pondo-o em cima da mesa.

— Oh, estás a estragá-las com mimos, D.

— Só lhes comprei um, por isso vão ter o partilhar. E isso é bom, não é? — Riu-se e começou a fazer café. — Importas-te?

— Claro que não, eu já devia ter o café pronto.

Patty foi ao armário buscar a caneca de Diane; ela preferia uma caneca pesada e enorme, do tamanho da cara, que pertencera ao pai. Patty ouviu o previsível esguicho e virou-se, dando uma pancada na maldita máquina do café que empancava sempre depois da terceira cuspidela.

As meninas entraram na cozinha, carregando os sacos para a mesa e, a mando de Diane, começaram a arrumar as compras.

— Onde é que está o Ben? — perguntou Diane.

— Mmmm — fez Patty, pondo três colheres de chá de açúcar na caneca de Diane. Fez um sinal às filhas, que já estavam a abrandar a arrumação das latas nos armários e a olhar para cima, em diferentes poses de indiferença.

— Ele meteu-se em sarilhos — explodiu Michelle, alegremente. — Outra vez.

— Conta-lhe o que ele fez ao... tu sabes o quê — incitou Debby, dando uma cotovelada à irmã.

Diane virou-se para Patty com uma careta, claramente à espera de uma história sobre contratempos ou mutilações.

— Meninas, a tia D trouxe-vos um livro de autocolantes...

— Vão brincar com ele no vosso quarto para eu poder conversar com a vossa mãe. — Diane falava sempre com as meninas num tom mais rude do que Patty: era Diane a imitar a maneira de ser pretensamente abrupta de Ed Krause, que troava e resmungava com elas com um cansaço tão exagerado que elas sabiam, mesmo em miúdas, que ele estava a brincar. Patty acrescentou um olhar suplicante na direção de Michelle.

— Oh, que bom, um livro de autocolantes! — anunciou Michelle, com um entusiasmo apenas um nadinha forçado. Michelle estava sempre disposta a ser cúmplice em qualquer esquema dos adultos. E assim que Michelle fingia querer qualquer coisa, Libby punha-se logo a ranger os dentes e a esticar as mãos. Libby nascera no Natal, o que significava que nunca recebia a quantidade certa de prendas. Patty punha uma prenda de parte — e Parabéns, Libby! —, mas todos sabiam a verdade: Libby estava a ser roubada. E era raro Libby não sentir que estava a ser roubada.

Patty sabia estas coisas sobre as filhas, mas estava sempre a esquecer-se. O que é que se passava de errado com ela, se estes pedaços das personalidades das suas filhas estavam sempre a surpreendê-la?

— Queres ir para a garagem? — perguntou Diane, dando uma palmadinha nos cigarros que levava no bolso do peito.

— Oh — foi a única coisa que Patty disse em resposta. Desde os trinta que Diane deixava de fumar e voltava a fumar pelo menos duas vezes por ano, todos os anos. Agora tinha trinta e sete (e estava em muito pior estado do que Patty, com a pele do rosto aos losangos como uma cobra) e havia muito que Patty aprendera que a melhor maneira de a apoiar era calando-se simplesmente e levando-a para a garagem. Exatamente como a mãe costumava fazer com o pai. Escusado será dizer que ele morreu de cancro do pulmão pouco depois de fazer cinquenta anos.

Patty seguiu a irmã, obrigando-se a respirar, preparando-se para contar a Diane que a quinta estava falida, à espera de ver se ela desatava aos gritos sobre o esbanjamento irresponsável de Runner e a maneira como Patty permitira o esbanjamento irresponsável de Runner, ou se pura e simplesmente ficava calada e fazia um mero aceno de cabeça.

— Então, o que é que se passa com o «tu-sabes-o-quê» do Ben? — perguntou Diane, instalando-se numa cadeira de jardim que rangia, com duas das tiras partidas e penduradas. Acendeu um cigarro e apressou-se a abanar a mão para afastar o fumo de

Patty.

— Oh, não é nada de estranho, não é isso. Quer dizer, estranho é, mas... ele pintou o cabelo de preto. O que é que isso significa?

Esperou que Diana soltasse uma gargalhada em resposta, mas Diane ficou calada.

— Como é que o Ben anda, Patty? Em geral, como é que ele te parece?

— Não sei... instável.

— Ele sempre foi de humor instável. Já em bebé parecia um gato. Num instante era todo meiguinho e, no instante seguinte, olhava para nós como se não fizesse ideia de quem éramos.

Era verdade, Ben, com dois anos, era uma coisa espantosa. Exigia carinho sem rodeios, agarrava um peito ou um braço, mas assim que recebia uma dose suficiente de afeto, o que acontecia depressa, ficava completamente inerte, fazia-se de morto até uma pessoa o largar. Ela levava-o ao médico e Ben sentara-se, hirtó e de lábios cerrados, um menino estoico de camisola de gola alta, com uma capacidade extraordinária para conter as emoções. Até o médico pareceu assustado, deu ao garoto um chupa-chupa barato e mandou-a voltar daí a seis meses se ele estivesse na mesma. Ele estava sempre na mesma.

— Bom, ter um humor instável não é crime — disse Patty. — O Runner era assim.

— O Runner é um idiota, não é a mesma coisa. O Ben sempre teve aquele ar desligado.

— Ele tem quinze anos — começou Patty, e deixou a frase em suspenso. Os seus olhos pousaram num frasco de pregos que estava na prateleira, um frasco em que provavelmente nunca ninguém tinha mexido desde o tempo em que o seu pai era vivo. Tinha uma etiqueta de fita adesiva a dizer Pregos escrito na sua longa caligrafia vertical.

A garagem tinha um chão de cimento com manchas de óleo, que estava ainda mais frio do que o ar. A um canto, um velho jarro de quase quatro litros de água congelara e rebentara com as costuras de plástico. O fumo de tabaco de Diane misturava-se com o hálito delas e, pairava, pesado, no ar. Apesar disso, Patty sentia-se estranhamente satisfeita ali, entre aquelas velhas ferramentas que ela conseguia imaginar nas mãos do pai: alicinhos com dentes vergados, machados de todos os comprimentos, prateleiras apinhadas de frascos cheios de parafusos, pregos e anilhas. Havia, inclusive, uma velha geladeira de metal, com a base manchada de ferrugem, onde o pai costumava guardar as cervejas enquanto ouvia os relatos da bola no rádio.

Irritou-a o facto de Diane estar tão calada, uma vez que Diane gostava de dar a sua opinião sempre que podia, mesmo quando não tinha opinião. Irritou-a ainda mais o facto de Diane estar tão parada, de não ter visto naquela situação uma oportunidade para implementar um projeto, qualquer coisa para endireitar ou consertar, uma vez que Diane era uma pessoa de atos, nunca ficava quieta só a falar.

— Patty, tenho de te contar uma coisa que ouvi. E a minha reação inicial foi não te dizer nada, porque é óbvio que não é verdade. Mas tu és mãe e deves saber e... c'os diabos, não sei, mas acho que deves saber.

— Está bem.

— O Ben alguma vez brincou com as meninas de uma maneira que pudesse deixar

uma pessoa confusa?

Patty ficou especada a olhar para ela.

— De uma maneira que as pessoas pudessem interpretar mal... sexualmente?

Patty quase se engasgou.

— O Ben detesta as meninas! — Ficou surpreendida com o alívio que sentiu. — Dá-se o mínimo possível com elas.

Diane acendeu outro cigarro e fez um aceno tenso com a cabeça.

— Bom, está bem, ótimo. Mas não é só isso. Uma amiga minha disse-me que anda por aí um boato de que houve queixas na escola por causa do Ben, de que umas quantas meninas, da idade da Michelle, mais ou menos, disseram que o tinham beijado ou que ele lhes tocou, ou uma coisa dessas. Talvez pior. O que ouvi era pior.

— O Ben? Tens noção de que isso é perfeitamente absurdo! — Patty levantou-se, sem saber o que fazer com os braços nem com as pernas. Virou-se para a direita e depois para a esquerda demasiado depressa, como um cão distraído, e sentou-se outra vez. Uma das correias da cadeira partiu-se.

— Eu sei que é absurdo. Ou um equívoco qualquer.

Era a pior palavra que Diane podia ter usado. Assim que ela a disse, Patty soube que tinha estado com pavor disso mesmo. Dessa quota de possibilidade — um equívoco — que podia transformar tudo numa questão grave. Uma festinha na cabeça podia ser uma carícia nas costas que podia ser um beijo na boca que podia ser a casa a vir abaixo.

— Um equívoco? O Ben não se equivocaria em relação a um beijo. Nem a uma carícia. Nem a uma menina. Ele não é um tarado. É um miúdo estranho, mas não tem uma mente perversa. Não é louco. — Patty passava o seu tempo a jurar que Ben não era estranho, era um miúdo normal. Mas, agora, não se importava nada com o adjetivo estranho. De repente, tomou consciência das coisas, como uma descarga súbita e desenfreada, como quando uma pessoa leva com os cabelos na cara enquanto conduz.

— Dizes-lhes que ele não faria uma coisa dessas? — perguntou Patty, e as lágrimas assolaram-na em catadupa, de repente tinha as faces molhadas.

— Posso dizer a toda a gente de Kinnakee, a toda a gente no estado do Kansas, que ele não faria uma coisa dessas e, ainda assim, as pessoas podem continuar a falar. Não sei. Não sei. Ouvi o boato ontem à tarde, mas parece que está a tornar-se... maior. Quase me meti no carro e vim cá. Depois, passei o resto da noite a convencer-me de que não era nada. E, hoje de manhã, acordei e percebi que era.

Patty conhecia essa sensação, uma ressaca de um sonho, como quando acordava sobressaltada e em pânico, às duas da manhã, e tentava convencer-se de que estava tudo bem com a quinta, que nesse ano os negócios correriam de feição, e depois se sentia ainda pior quando acordava ao som do despertador, umas horas depois, culpada e ludibriada. Era surpreendente a maneira como uma pessoa podia passar horas a meio da noite a fingir que estava tudo bem e, em trinta segundos de luz diurna, tomar consciência de que isso pura e simplesmente não era verdade.

— Quer dizer que vieste até cá trazer compras de mercearia e um livro de autocolantes quando, na realidade, a tua intenção era contar-me esta história sobre o Ben.

— Como eu disse... — Diane encolheu os ombros, num gesto solidário, e abriu os

dedos, exceto os que seguravam no cigarro.

— Bom, o que é que vai acontecer agora? Sabes os nomes das meninas? Alguém me vai telefonar ou falar comigo, ou falar com o Ben? Preciso de encontrar o Ben.

— Onde é que ele está?

— Não sei. Tivemos uma discussão. Por causa do cabelo dele. Ele foi-se embora de bicicleta.

— Afinal que história é essa de ele ter pintado o cabelo?

— Não sei, Diane! Mas, pelo amor de Deus, que importância tem isso agora?

Mas era óbvio que Patty sabia que tinha importância. Tudo agora seria filtrado e peneirado em busca de um significado qualquer.

— Bom, isto não me parece uma emergência — disse Diane baixinho. — Não acho que tenhamos de o mandar voltar para casa imediatamente, a menos que queiras que ele volte imediatamente.

— Quero que ele volte imediatamente para casa.

— Está bem, então vamos começar a fazer telefonemas. Dá-me uma lista de amigos dele e eu começo a telefonar.

— Já nem sequer sei quem são os amigos dele — disse Patty. — Hoje de manhã, apanhei-o a conversar com alguém ao telefone, mas não me disse quem era.

— Então, vemos qual foi o último número que ele marcou.

A irmã resmungou, apagou o cigarro com uma bota, puxou Patty para fora da cadeira e conduziu-a para dentro de casa. Diane ralhou com as meninas para que não saíssem do quarto, quando a porta delas estalou, dirigiu-se para o telefone e carregou com ar determinado na tecla de remarcação com um dedo másculo. O auscultador emitiu uma cantilena de ruídos numéricos — bipbipbipbipbipbupbip — e, antes mesmo que tocasse, Diane desligou.

— É o meu número.

— Ah, pois é. Liguei-te a seguir ao pequeno-almoço para te perguntar a que horas vinhas.

As duas irmãs sentaram-se à mesa e Diane serviu mais umas canecas de café. O brilho da neve incidia no interior da cozinha como uma luz estroboscópica.

— Temos de trazer o Ben para casa — disse Patty.

Sonhadora como uma miúda pequena, fui para casa de carro a pensar em Ben. Desde os sete anos de idade que me lembrava dele em imagens fugazes de casa assombrada: Ben, de cabelo preto, rosto macio, com as mãos fincadas num machado, a precipitar-se pelo corredor fora contra Debby, emitindo um zumbido por entre os lábios cerrados. O rosto de Ben salpicado de sangue, aos uivos, a espingarda pousada no ombro.

Esquecera-me do Ben que existira em tempos, tímido e sério, com aquelas suas estranhas e inquietantes explosões de mau humor. Simplesmente o Ben, meu irmão, que nunca teria sido capaz de fazer o que disseram que fez. O que eu disse que ele fez.

Num semáforo, com o sangue a ferver, levei a mão atrás do banco e peguei no envelope que tinha uma fatura antiga. Por cima da janela de plástico, escrevi: Suspeitos. Depois escrevi: Runner. Depois parei. Alguém que tivesse alguma coisa contra o Runner? Escrevi. Alguém a quem o Runner devesse dinheiro? Runnerrunnerrunner. Tudo remetia para Runner. Aquela voz masculina, aos gritos em nossa casa naquela noite, podia ter sido Runner ou um inimigo de Runner, da mesma maneira que podia ter sido Ben. Eu precisava que isto fosse verdade, e comprovável. Fui assolada por uma rajada de pânico: não posso viver com isto, com Ben preso, com esta culpa em aberto. Precisava que isto acabasse. Precisava de saber. Eu, eu, eu. Continuava previsivelmente egoísta.

Quando passei pelo cruzamento que dava para a nossa quinta, recusei-me a olhar para lá.

Parei numa loja de conveniência nos arredores de Kansas City, enchi o depósito, comprei uma barra de queijo processado Velveeta, uma Coca-Cola, pão branco e comida para o meu velho gato esfaimado. Depois, dirigi-me para minha casa no Meio de Nenhures, subi a encosta, saí do carro e cravei os olhos nas duas velhas do outro lado da rua que se recusavam a olhar para mim. Estavam sentadas na cadeira de baloiço do alpendre, como sempre, apesar do frio, com as cabeças muito direitas e hirtas, não fosse eu estragar-lhes a vista. Fiquei de pé, com as mãos nas ancas, no cimo da minha colina, e esperei até que uma delas cedeu finalmente. Depois, fiz um aceno majestoso, uma espécie de aceno do Faroeste. A velhota enrugada fez-me um aceno de cabeça e eu entrei em casa e dei de comer ao coitado do Buck, sentindo uma onda de triunfo.

Enquanto ainda tinha forças, barrei uma fatia de pão branco com mostarda amarelo-vivo, empilhei pedaços grossos e macios de Velveeta e engoli a sanduíche, enquanto pedia a três telefonistas diferentes, todas elas entediadas, para ligarem para o Asilo Masculino de Bert Nolan. É mais uma hipótese a acrescentar à minha lista de potenciais empregos para dar ao velho Jim Jeffreys: telefonista. Quando era miúda, esse era um dos empregos que as meninas queriam ter quando fossem crescidas, telefonista, mas não me lembrava porquê.

Com uma fina camada de pão colada ao céu da boca, fui finalmente atendida por uma voz no Asilo de Bert Nolan e fiquei surpreendida ao saber que era o próprio Bert Nolan ao

telefone. Partira do princípio de que qualquer pessoa que tivesse um abrigo com o seu nome já teria morrido. Disse-lhe que precisava de falar com Runner Day e ele fez uma pausa.

— Bom, ele nunca cá está a tempo inteiro, no passado mês esteve mais tempo fora do que cá, mas eu dou-lhe o recado — respondeu Bert Nolan, numa voz que parecia uma velha buzina de automóvel. Dei-lhe o meu nome, sem qualquer sinal de reconhecimento da parte dele, e comeci a indicar o meu número de telefone quando Nolan me interrompeu.

— Oh, ele não vai poder fazer telefonemas interurbanos, aviso-a já. Os homens que aqui estão costumam ser grandes correspondentes, mas por carta, entende? Um selo não chega a cinquenta cêntimos e uma pessoa não tem de fazer fila para usar o telefone. Quer deixar a sua morada?

Não, não queria. Estremeci só de pensar em Runner a subir os meus degraus da entrada com as suas botas demasiado pesadas, as mãos gordurosas na cinturinha, sorrindo como se me tivesse derrotado num jogo qualquer.

— Se quiser, posso anotar o recado e a menina dá-me a sua morada em privado — sugeriu Bert Nolan, sensatamente. — E quando o Runner me der uma carta para si, eu ponho-a no correio e ele nem sequer fica a saber o seu código postal. Há muitos familiares que optam por esta solução. É uma coisa triste, mas necessária. — Ao fundo, ouvi uma máquina de refrigerantes a chocalhar e a despejar uma garrafa, alguém a perguntar a Nolan se ele também queria uma e ele a responder: Não, obrigado, estou a tentar reduzir, numa voz simpática de médico de província. — Quer fazer isso, menina? Caso contrário, será difícil contactá-lo. Como eu disse, ele não é do tipo de ficar sentado ao lado do telefone à espera que lhe liguem.

— E não há um e-mail para onde eu possa escrever?

Bert Nolan soltou um resmungo.

— Não, infelizmente não há nenhum e-mail.

Nunca pensei que Runner fosse propriamente fã de escrever cartas, mas é verdade que ele sempre mantivera contacto mais por correio do que por telefone, por isso achei que essa seria a melhor solução; fora isso, só mesmo ir de carro até Oklahoma e deitar-me num dos beliches de Bert Nolan à espera de Runner.

— Importa-se de lhe dizer que preciso de falar com ele sobre o Ben e aquela noite? Posso ir aí visitá-lo, se ele marcar um dia.

— Está bem... disse: o Ben e aquela noite?

— Sim, foi isso mesmo.

Sabia que Lyle ia ficar muito convencido por causa da minha mudança de opinião — ou melhor, da minha potencial e semipossível mudança de opinião — sobre Ben. Já o estava a ver a falar com os tipos do Kill Club, vestido com um dos seus estranhos casacos justos, a explicar-lhes que me tinha convencido a ir visitar Ben. «No princípio, ela não queria ir, acho que tinha medo do que poderia descobrir sobre o Ben... e sobre si própria.» E aquelas caras todas a olharem para ele, admirativas, tão contentes com o que ele tinha feito. Isso irritou-me.

Com quem eu queria falar era com a tia Diane. Diane que tomara conta de mim durante sete dos meus onze anos, enquanto eu era uma órfã menor de idade. Foi ela a primeira pessoa que me recolheu, enfiando-me na sua rulote com a minha mala de pertences. Roupas, livro preferido, mas nada de brinquedos. Michelle arrebanhava todas as bonecas à noite, dizia que era uma festa de pijama, e fez chichi para cima delas quando foi estrangulada. Ainda me lembro de um livro de autocolantes que Diane nos deu no dia dos crimes — flores, unicórnios e gatinhos — e sempre me perguntei se estaria naquela pilha de destroços.

Diane não tinha meios para comprar uma casa. Todo o dinheiro do seguro de vida da minha mãe foi gasto num bom advogado para Ben. Diane disse que era o que a minha mãe queria, mas disse-o com uma cara abatida, como se tivesse vontade de puxar as orelhas à minha mãe. Portanto, não recebemos um tostão. Como era franzina, fiquei a dormir numa despensa onde teria cabido apenas uma máquina de lavar e secar roupa. Diane até a pintou para mim. Ela trabalhava horas extras, levava-me de carro a Topeka para as sessões de acompanhamento psicológico, tentava ser carinhosa para mim, mas eu percebia que a magoava abraçar-me, eu era uma criatura intratável que lhe lembrava o assassinato da irmã. Os braços dela rodeavam-me como um arco, como se fosse um jogo pô-los à minha volta mas tocando-me o mínimo possível. Todas as manhãs, porém, dizia que me amava.

Nos dez anos que se seguiram, dei cabo do carro dela duas vezes, parti-lhe o nariz outras duas, roubei e vendi os cartões de crédito dela e matei-lhe o cão. Foi o cão que acabou por a vergar. Ela tinha comprado Gracie, um rafeiro de pelo comprido, pouco depois dos crimes. Ladrava muito e era do tamanho do antebraço de Diane e ela gostava mais dele do que de mim, ou pelo menos era isso que eu sentia. Durante anos tive ciúmes daquele cão, de ver Diane escovar Gracie, com as suas manábulas masculinas a pegarem num pente de plástico cor-de-rosa, de a ver pôr um gancho no pelo comprido de Gracie, de a ver tirar da carteira uma fotografia de Gracie e não de mim. O cão estava obcecado com o meu pé, o pé mutilado, só com dois dedos, o segundo e o pequenino, umas coisas magricelas e nodosas. Gracie andava sempre a cheirá-lo, como se soubesse que tinha qualquer coisa de errado, o que não a tornou particularmente querida aos meus olhos.

Eu tinha sido castigada por uma coisa qualquer no verão entre o décimo primeiro e o décimo segundo ano do liceu e, enquanto Diane trabalhava, sentei-me na rulote quente a sentir-me cada vez mais irritada com o cão e o cão cada vez mais agressivo comigo. Como me recusei a levá-lo à rua, ele desatou a correr às voltas, frenético, do sofá para a cozinha e daí para a despensa, ladrando o tempo todo e mordiscando-me os pés. Quando me enrosquei, alimentando a minha fúria, fingindo ver uma telenovela mas em vez disso deixando o meu cérebro ficar negro de raiva, Gracie parou a meio de uma das suas voltas e mordeu-me o dedo pequenino do pé mutilado, agarrou nele com os caninos e sacudiu. Lembro-me de pensar: Se este cão me arranca um dos meus últimos dedos do pé... e de ficar furibunda por ser uma figurinha ridícula: na mão esquerda, tinha um coto onde nenhum homem poria uma aliança e o meu pé direito, sem apoio suficiente, dava-me um andar de marinheiro de pernas bambas. Na escola, as miúdas chamavam ao meu dedo «espiga». Isso era pior, parecia uma coisa ao mesmo tempo exótica e grotesca, uma

coisa de que uma pessoa se ri e depois se apressa a desviar os olhos. Um médico tinha-me dito, havia pouco tempo, que as amputações provavelmente nem tinham sido necessárias: «Foi o ato de um médico de província demasiado ambicioso.» Agarrei em Gracie pela barriga, sentindo as costelas dela, aquele tremer frio de criatura pequena. Os tremores deixaram-me ainda mais irritada e, de repente, dei por mim a arrancá-la do meu dedo do pé — arrancando a pele, ao mesmo tempo — e a atirá-la com toda a força em direção à cozinha. Ela bateu na esquina do balcão, afiada como uma picareta, e caiu, desfeita em espasmos, a sangrar pelo linóleo fora.

A minha intenção não era matá-la, mas ela morreu, não tão depressa como eu teria gostado, mas no espaço de dez minutos enquanto eu andava de um lado para o outro da rulote, a tentar decidir o que fazer. Quando Diane chegou a casa, com uma oferenda de frango frito, Gracie ainda estava deitada no chão e a única coisa que me saiu pela boca foi: «Ela mordeu-me.»

Tentei dizer mais qualquer coisa, explicar porque é que não tinha tido culpa, mas Diane limitou-se a espetar um dedo trémulo: Não abras a boca. Chamou a melhor amiga, Valerie, um mulher que tinha tanto de delicado e maternal como Diane de corpulenta e bruta. Diane ficou debruçada sobre a pia, a olhar pela janela, enquanto Valerie embrulhava Gracie num cobertor especial. Depois, reuniram-se no quarto à porta fechada e, quando saíram de lá, Valerie ficou parada em silêncio ao lado de Diane, chorosa e a torcer as mãos, enquanto Diane me mandava arrumar as minhas coisas. Em retrospectiva, depreendo que Valerie devia ser namorada de Diane; todas as noites, Diane metia-se na cama e falava com ela ao telefone até adormecer. Discutiam tudo e mais alguma coisa e até tinham exatamente o mesmo corte de cabelo penugento de lavar e andar. Na altura, eu estava-me nas tintas para o papel que ela representava na vida de Diane.

Nos meus dois últimos anos de liceu, vivi com um casal educado, em Abilene, que me era qualquer coisa em segundo grau e que eu só torturei ligeiramente. A partir daí, de tantos em tantos meses, Diane telefonava. Eu sentava-me a falar com ela, ouvindo o zumbido do telefone e a respiração de fumadora de Diane. Imaginava a metade inferior da boca dela pendurada do auscultador, a penugem aveludada do queixo e o sinal empoleirado no lábio, uma pinta cor de carne que uma vez ela me disse, com uma gargalhada, que realizaria os meus sonhos se eu a esfregasse. Eu ouvia um rangido ao fundo e sabia que Diane estava a abrir o armário do meio da cozinha da rulote. Eu conhecia aquela casa melhor do que a quinta. Diane e eu fazíamos barulhinhos desnecessários, fingindo que espirrávamos ou tossíamos, e depois Diane dizia: «Espera um instante, Libby», escusadamente, uma vez que nenhuma das duas tinha estado a falar. Geralmente Valerie estava lá em casa e elas murmuravam entre si, a voz de Valerie motivadora, a de Diane um rezingo, e depois Diane dava-me mais cerca de vinte segundos de conversa e arranjava uma desculpa para desligar.

Parou de atender as minhas chamadas quando saiu Um Novo Dia¹. As suas únicas palavras foram: Que raio te passou pela cabeça para fazeres uma coisa daquelas?, o que foi muito contido para Diane, mas teve um efeito muito mais doloroso do que três dúzias de vai-tefoder.

Eu sabia que Diane ainda devia estar a viver no mesmo lugar, ela nunca havia de mudar de casa; a rulote estava presa a ela como uma carapaça. Passei vinte minutos a remexer nas minhas pilhas de coisas, à procura do meu antigo caderno de endereços, o que eu tinha desde a escola básica, com uma miúda ruiva de puxinhos na capa que alguém deve ter achado que era parecida comigo. Excetuando o sorriso. O número de Diane estava anotado em T, de Tia Diane, com o nome escrito a marcador roxo na minha letra aos balões.

Que tom devia eu adotar? E como explicar aquele meu telefonema? Por um lado, eu queria simplesmente ouvir a respiração asmática dela ao telefone, a sua voz de treinador de futebol a berrar-me ao ouvido: Então, porque é que demoraste este tempo todo para me ligar? Por outro lado, queria saber o que é que ela pensava realmente de Ben. Nunca a ouvi dizer mal de Ben, sempre teve cuidado com a maneira como falava sobre ele, mais uma coisa pela qual lhe devia um agradecimento retroativo.

Marquei o número, com os ombros encolhidos até às orelhas, a garganta apertada, contendo a respiração sem me aperceber, até que ao terceiro toque, quando a chamada foi parar ao atendedor, dei por mim subitamente a soltar o ar dos pulmões.

Era a voz de Valerie no atendedor de chamadas, a pedir-me para deixar uma mensagem para ela ou para Diane.

— Olá! É a Libby. Era só para dizer olá e dizer-vos que estou viva e... — Desliguei. Voltei a marcar o número. — Ignorem a minha mensagem anterior. É a Libby. Telefonei para pedir desculpa por... Oh, por muitas coisas. E gostava de falar... — Deixei a frase em suspenso, caso alguém estivesse a filtrar as mensagens, depois deixei o meu número de telefone, desliguei e sentei-me na beira da cama, pronta para me levantar, mas sem razão para o fazer.

Levantei-me. Tinha feito mais coisas nesse dia do que num ano inteiro. Enquanto ainda tinha o telefone na mão, obriguei-me a ligar a Lyle, na esperança de ir parar ao voice mail mas, como sempre, ele atendeu. Antes que ele me conseguisse irritar, disse-lhe que o encontro com Ben tinha corrido muito bem e que estava pronta para saber quem é que ele achava que era o assassino. Disse isto tudo num tom muito preciso, como se estivesse a dosear informações com uma colher medidora.

— Eu sabia que ia gostar dele, sabia que ia mudar de ideias — crocitou ele e, uma vez mais, fiz um favor a mim própria e não lhe desliguei o telefone na cara.

— Eu não disse isso, Lyle, eu disse que estava pronta para outra missão, se quiser.

Voltámos a encontrar-nos na churrasqueira Tim Clark's, onde pairava uma nuvem de gordura. Mais uma empregada velha, ou então era a mesma com uma peruca ruiva, enfiada nuns ténis esponjosos e uma minissaia adejante, que a fazia parecer uma antiga tenista profissional. Em vez do gordo a admirar a jarra nova, estavam uns tipos com ar todo estiloso a mostrarem uns aos outros cartas de jogar com mulheres nuas dos anos 70 e a gozarem com o matagal público das fulanas. Lyle estava sentado na mesa ao lado, tenso, com a cadeira virada de costas para eles, numa posição forçada. Sentei-me e servi-me de um copo de cerveja do jarro dele.

— Então, ele era como a Libby esperava? O que é que ele disse? — começou Lyle, a dar à perna, nervoso.

Contei-lhe como foi, tirando a parte sobre o coelhinho de louça.

— Está a perceber agora o que a Magda quis dizer quando afirmou que ele era um caso perdido?

Estava.

— Acho que ele se resignou à sentença de prisão — respondi, uma perspetiva que só partilhei porque o tipo me tinha dado trezentos dólares e eu queria mais. — Ele acha que é um castigo merecido por não ter conseguido proteger-nos ou uma coisa assim. Não sei. Pensei que quando eu lhe falasse no meu depoimento, no facto de ter sido... exagerado, ele reagisse de imediato, mas... nada.

— Em termos jurídicos, provavelmente já não serve de muito, passado tanto tempo — disse Lyle. — A Magda diz que, se a Libby quer ajudar o Ben, devíamos reunir mais provas e a Libby pode retratar-se quando dermos entrada ao pedido de habeas corpus. Vai causar mais impacto. Nesta altura do campeonato, é mais uma questão política do que jurídica. Muita gente deve a sua carreira de sucesso a este caso.

— Parece que a Magda sabe muita coisa.

— Ela está à frente de um grupo chamado Associação Libertem Ben Day, que faz de tudo para tentar tirar o Ben da prisão. Às vezes, vou às reuniões, mas parece-me uma coisa mais vocacionada para, hum, fã. Mulheres.

— Alguma vez ouviu dizer que o Ben tivesse uma namorada séria? Uma dessas mulheres da associação, chamada Molly ou Sally ou Polly? Ele tinha uma tatuagem.

— Nenhuma Sally. Polly parece o nome de um animal de estimação... a minha prima tinha uma cadela chamada Polly. Há uma Molly, mas tem setenta e picos.

Um prato com batatas fritas apareceu à frente dele e a empregada era claramente diferente da anterior, igualmente velha, mas muito mais simpática. Gosto de empregadas que me tratem por querida ou amor e esta fê-lo.

Lyle comeu batatas fritas durante uns minutos: primeiro, espremeu uns pacotes de ketchup para a beira do prato, depois deitou sal e pimenta no ketchup e, a seguir, molhou cada batata individualmente, enfiando-a na boca com o zelo de uma menina.

— Vá, diga-me lá quem é que acha que foi — pedi finalmente.

— Quem foi o quê?

Revirei os olhos e encaixei a cabeça nas mãos, como se aquilo fosse demais para mim, e quase era.

— Ah, sim. Acho que foi o Lou Cates, o pai da Krissi Cates. — Recostou-se na cadeira, satisfeito, como se tivesse acabado de ganhar um jogo de Clue.

Krissi Cates, o nome dizia-me qualquer coisa. Tentei fazer bluff, mas não resultou.

— Sabe quem é a Krissi Cates, não sabe? — Como eu não disse nada, ele continuou, assumindo um tom de voz melífluo e condescendente. — A Krissi Cates era uma miúda que andava no quinto ano na vossa escola, na escola do Ben. No dia em que a sua família foi assassinada, a polícia andava à procura do Ben para o interrogar... ela tinha-o acusado de a ter molestado.

— O quê?

— É.

Ficámos espedacados a olhar um para o outro, com expressões idênticas de «só podes

estar doido».

Lyle abanou a cabeça.

— Quando diz que ninguém fala consigo sobre estas coisas, pelos vistos não está a brincar.

— Ela não depôs contra o Ben... — comecei.

— Não, não. Foi a única coisa inteligente que a defesa do Ben fez, mostrar que as duas acusações não estavam ligadas uma à outra em termos legais, a molestação e os assassinatos. Mas o júri ficou contra ele. Toda a gente da região tinha ouvido dizer que o Ben molestara uma miúda querida de boas famílias e que provavelmente fora isso que levava aos «assassinatos satânicos». Sabe como funcionam os boatos.

— E esse caso da Krissi Cates chegou a ir a julgamento? — perguntei. — Alguém provou que o Ben lhe fez alguma coisa de mal?

— Nunca foi para a frente... a polícia não oficializou a queixa — disse Lyle. — A família Cates fez um acordo rápido com a direção distrital do ensino e depois mudou de região. Mas quer saber o que eu acho? Acho que o Lou Cates foi a sua casa naquela noite interrogar o Ben. Acho que o Lou Cates, que era um tipo corpulento, foi lá a casa à procura de respostas e depois...

— Passou-se da cabeça e decidiu matar a família toda? Isso não faz sentido nenhum.

— Este tipo cumpriu três anos de prisão por homicídio involuntário quando era mais novo, foi isso que eu descobri. Atirou com uma bola de bilhar com toda a força contra um tipo e acabou por matá-lo. Tinha um feitio violento. Se o Lou Cates achou que a filha tinha sido molestada, consigo imaginá-lo a ferver de raiva. Depois, pintou os pentagramas e essas coisas só para despistar.

— Mmmm, não faz sentido. — Mas eu queria muito que fizesse.

— O seu irmão ser o assassino é que não faz sentido. É um crime louco, completamente louco, há muita coisa que nunca fará sentido. Por isso é que as pessoas ficam tão obcecadas por estes crimes. Se fizessem sentido, não seriam considerados um mistério, pois não?

Fiquei calada. Era verdade. Comecei a mexerica no saleiro e no pimenteiro, que eram surpreendentemente bonitos para uma espelunca daquelas.

— Não acha que, pelo menos, vale a pena explorar esta hipótese? — insistiu Lyle. — Esta alegação enorme, horrível, que rebentou exatamente no mesmo dia em que a sua família foi assassinada?

— Acho que sim. Você é que manda.

— Então, eu digo que até encontrar o Runner, veja se consegue que alguém da família Cates fale consigo. Quinhentos dólares se for a Krissi ou o Lou. Só quero saber se eles continuam a contar a mesma história sobre o Ben. Se conseguem viver com isso na consciência, entende? É que só pode ser mentira. Certo?

Eu estava a sentir-me a tremer outra vez. A minha fé não precisava de ser posta à prova naquele preciso momento. Ainda assim, agarrei-me a uma estranha certeza reconfortante: o Ben nunca me tinha molestado. Se realmente era um molestador de crianças, não teria começado por atacar uma menina dentro de sua própria casa?

— Certo.

— Certo — repetiu Lyle.

— Mas não sei se terei mais sorte do que se fosse o Lyle a tentar. No fim de contas, sou irmã do tipo que eles acusam de a ter molestado.

— Bom, eu tentei e não consegui nada — disse Lyle, encolhendo os ombros. — Não tenho jeito para esse tipo de coisa.

— Que tipo de coisa?

— Subtileza.

— Ah, por acaso eu tenho muito jeito para isso.

— Ótimo. E se conseguir marcar um encontro, eu gostava de a acompanhar.

Encolhi os ombros em silêncio e levantei-me, planeando deixar a conta para ele pagar, mas Lyle gritou o meu nome antes de eu ter conseguido dar três passos.

— Libby, tem noção de que meteu o saleiro e o pimenteiro no bolso?

Detive-me um segundo e pensei em fazer-me de surpreendida: oh, meu Deus, sou tão distraída. Em vez disso, fiz que sim com a cabeça e saí porta fora. Precisava do saleiro e do pimenteiro.

Lyle tinha localizado a mãe de Krissi Cates em Emporia, no Kansas, onde vivia com o segundo marido, com quem tivera uma segunda filha quase vinte anos depois da primeira. Lyle deixara-lhe várias mensagens no ano passado, mas ela nunca lhe telefonara. E ele ficara-se por aí.

Nunca deixem uma mensagem a uma pessoa com quem queiram mesmo falar. Não, o melhor é ligar e ligar até que alguém atenda — por raiva, curiosidade ou medo — e, depois, dizer rapidamente o que era preciso para a pessoa não desligar.

Telefonei à mãe da Krissi umas doze vezes até ela atender e, depois, à pressa, disse:

— Fala Libby Day, a irmã mais nova do Ben Day, lembra-se do Ben Day?

Ouvi uns lábios molhados entreabrirem-se ruidosamente e uma vozinha murmurou:

— Sim, lembro-me do Ben Day. De que é que se trata, por favor? — Como se eu fosse uma operadora de televidas.

— Gostava de falar consigo ou com alguém da sua família sobre as acusações que a sua filha Krissi fez contra o Ben.

— Nós não falamos disso... como é que disse que se chamava? Lizzy? Voltei a casar-me e tenho muito pouco contacto com a minha família anterior.

— Sabe como é que posso contactar o Lou ou a Krissi?

Ela soltou um suspiro como se fosse uma baforada de fumo.

— O meu palpite é que o Lou deve estar num bar qualquer, algures no estado do Kansas. Quanto à Krissi... Meta pela I-70 e rume a oeste. Quando passar por Columbia, vire à esquerda para os bares de striptease. Não volte a ligar.

¹ O original A Brand New Day também pode ser traduzido por Uma Day Novinha em Folha. (N. da T.)

12h51

Tirou um bocado de cartolina cor-de-rosa da caixa de Krissi, dobrou-o ao meio e escreveu: «São as férias de Natal e estou a pensar em ti... adivinha quem é?» Com um B no fundo da página. Ela ia adorar. Pensou em tirar qualquer coisa da caixa de Krissi e transferi-la para a caixa de Libby, mas achou melhor não o fazer. Ia dar demasiado nas vistas, Libby aparecer com uma coisa bonita. Perguntou-se até que ponto ele e as irmãs seriam alvo de gozo na escola. As três miúdas partilhavam um armário e meio de roupa, Michelle andava com as camisolas de lã velhas dele, Debby usava o que podia de Michelle e Libby vestia o que sobrava: jeans azuis de rapaz remendados, camisolas de baseball velhas e sujas, vestidos de malha baratos que a barriga de Debby alargara. Era essa a diferença em relação a Krissi. Todas as roupas dela tinham estilo. As de Diondra também, com os seus jeans perfeitos. Se Diondra usava jeans desbotados, era por estarem na moda; se tivessem salpicos de lixívia, era por os ter comprado com salpicos de lixívia. Diondra recebia uma mesada choruda, já o levava às compras algumas vezes, segurando nas peças de encontro ao corpo dele como se Ben fosse uma criança, mandando-o sorrir. Dizendo-lhe que ele era capaz e, depois, piscava o olho. Ele não sabia muito bem se um rapaz devia deixar uma rapariga comprar-lhe roupa, não sabia se era fixe ou não. O senhor O'Malley, o professor que fazia a chamada todas as manhãs, estava sempre a gozar com as camisas novas que a mulher o obrigava a usar, mas o senhor O'Malley era casado. De qualquer maneira, Diondra gostava que ele se vestisse de preto e Ben não tinha dinheiro para comprar nada. A porra da Diondra arranjaria maneira de ter o que queria, como sempre.

Essa era mais uma razão para ele gostar tanto de estar com Krissi: ela partia do princípio de que ele era fixe só porque tinha quinze anos e, para ela, quinze anos parecia uma idade extremamente adulta. Ela não era como Diondra, que gozava com ele em momentos esquisitos. Ele perguntava-lhe: «Qual é a graça?» e ela ria-se de boca fechada e disparava: «Nada. És giro.» A primeira vez que tentaram ter relações, ele atrapalhara-se tanto com o preservativo que ela desatara a rir e ele perdera o tesão. Da segunda vez, ela tirara-lhe o preservativo das mãos e lançara-o para a outra ponta do quarto, dizendo que se lixe e enfiara-o dentro dela.

Ficou com tesão só de pensar nisso. Estava a pôr o bilhete na caixa de Krissi, com o pau duro como o diabo, e eis que entrou a senhora Darksilver, a professora do segundo ano.

— Olá, Ben, o que é que estás a fazer aqui? — sorriu ela. Levava uns jeans vestidos, uma camisola de lã e uns mocassins, e avançou para ele com passinhos curtos, segurando num placar de cortiça e num metro de fita axadrezada.

Ele virou-lhe as costas e dirigiu-se para a porta que dava para o liceu.

— Oh, nada, vim só pôr uma coisa na caixa da minha irmã.

— Não fujas, vem dar-me um abraço, ao menos. Desde que és crescido e entraste para o liceu, nunca te vejo.

Ela continuou a andar em direção a ele, com os mocassins a ressoarem no cimento e aquele seu grande sorriso cor-de-rosa na cara e a franja cortada a direito. Quando era miúdo, ele tinha tido uma paixoneta por ela, por aquela franja de cabelo preto tão direita. Virou-lhe completamente as costas e tentou encaminhar-se, meio a coxear, para a porta, com o pau espetado na perna das calças, mas, no instante em que se virou, teve consciência de que ela tinha percebido o que se passava. O sorriso desapareceu-lhe dos lábios e uma careta de nojo e constrangimento espalhou-se-lhe pela cara toda. Nem sequer disse mais nada, foi por isso que ele percebeu que ela tinha visto. Ela estava a olhar para a caixa que se encontrava mesmo à frente dele: a de Krissi Cates e não a da irmã.

Ben sentiu-se como um animal a fugir, coxo, um veado que tinha de ser abatido. Calate e dispara. Às vezes, via imagens de armas, um cano de espingarda encostado à cabeça. Num dos seus cadernos, tinha escrito uma frase de Nietzsche que encontrara enquanto estava a folhear um livro de citações, um dia, à espera que os jogadores de futebol saíssem do edifício para ele poder limpar:

A ideia do suicídio é uma grande consolação;

Ajuda a suportar muitas noites más.

Na verdade, Ben nunca se mataria. Não queria ser a aberração trágica que punha as miúdas a chorar em direto nas notícias, embora elas nunca lhe dirigissem a palavra na vida real. Não sabia porquê, mas isso parecia-lhe mais patético do que a sua vida já era. Ainda assim, à noite, quando as coisas estavam mesmo mal e ele se sentia completamente encurralado e sem tomates, era uma ideia reconfortante: ir ao armário onde a mãe guardava as armas (código 5-12-69, o aniversário de casamento dos pais, atualmente uma piada), sentir o peso agradável do metal nas mãos, enfiar umas balas na câmara, uma coisa tão fácil de fazer como espremer pasta de dentes, encostar a arma à cabeça e disparar de imediato. Era preciso disparar logo, com a arma encostada, o dedo no gatilho, senão ainda se mudava de ideias. Tinha de ser de um gesto só e, depois, uma pessoa caía no chão como roupa que escorrega de um cabide. Assim... zás. Caía redonda no chão e, para variar, outra pessoa qualquer que resolvesse o problema.

Não planeava fazer nada disto, mas, quando precisava de descarregar e não conseguia bater uma punheta, ou quando já tinha batido uma e continuava a precisar de descarregar, era nisso que geralmente pensava. No chão, de lado, como se o seu corpo fosse uma pilha de roupa suja à espera que alguém a apanhasse.

Saiu porta fora e ficou sem tesão, como se o facto de passar para o lado do liceu o tivesse castrado. Pegou no balde, arrastou-o para o seu cubículo e lavou as mãos com sabão e pedra-pomes.

Desceu as escadas em direção à porta dos fundos e um bando de finalistas passou por ele a caminho do parque de estacionamento. Sentia o escalpe quente por baixo do cabelo preto e pôs-se a imaginar o que eles estariam a pensar — aberração, exatamente como o treinador —, mas não disseram nada, na verdade nem sequer olharam para ele. Trinta segundos depois de passarem, Ben abriu as portas com estrondo, vendo o sol incidir na neve ofuscante. Se aquilo fosse um vídeo, agora entrava o solo de guitarra, o tremolo... Buiiiirrrr!

Lá fora, os tipos enfiaram-se numa carrinha e foram-se embora, a exibirem-se aos ziguezagues até ao fundo do parque de estacionamento. Ben tirou o cadeado da bicicleta, com a cabeça a latejar, e uma gota de sangue caiu em cima do guiador. Esfregou-a com a ponta de um dedo, passou-a pela ferida da testa e, sem pensar, levou o dedo à boca, como se fosse um bocado esquecido de doce.

Precisava de descarregar. Cerveja e eventualmente um charro, descontraírem-se um bocado. O único sítio onde podia tentar fazê-lo era em casa de Trey. Na realidade, a casa não era de Trey, Trey nunca disse onde é que vivia, mas, quando Trey não estava em casa de Diondra, estava quase sempre no Complexo, ao fundo de uma comprida estrada de terra batida que partia da Autoestrada 41, ladeada de laranjeiras-de-osage e, a seguir, havia uma grande clareira desbastada, com um armazém feito de um material qualquer duro, tipo lata. Aquilo tudo chocalhava em dias de vento. No inverno, um gerador zumbia lá dentro, fornecendo eletricidade suficiente só para ligar uns aquecedores e uma televisão com má receção. Espalhados pelo chão de terra estavam dúzias de amostras de alcatifa em coloridos retalhos malcheirosos e uns quantos sofás velhos e feios que tinham sido dados. As pessoas sentavam-se a fumar à volta dos aquecedores como se fossem fogueiras. Toda a gente tinha cerveja — deixavam as latas na geada, do lado de fora da porta — e toda a gente tinha charros. Geralmente, a dada altura, alguém ia à loja de conveniência e, quem quer que fosse, voltava com umas dúzias de burritos, alguns aquecidos no micro-ondas, outros ainda congelados. Se houvesse burritos a mais, enfiavam-nos na neve ao lado da cerveja.

Ben nunca lá tinha ido sem Diondra, era o grupo dela, mas para onde é que havia de ir, se não para lá? Aparecer no Complexo com a cabeça partida de certeza que lhe daria direito a um aceno de cabeça relutante e a uma lata de Beast. Podiam não ser simpáticos — Trey nunca era propriamente simpático —, mas não fazia parte do código de conduta deles mandar alguém embora. Ben de certeza que era o mais novo, embora já lá tivesse visto um miúdo mais novo do que ele: uma vez, um casal aparecera com um puto pequeno, todo nu, só de jeans. Enquanto toda a gente apanhava uma moca, o miúdo ficara sentado no sofá, sem fazer barulho, a chupar no dedo, de olhos postos em Ben. A maior parte das pessoas, no entanto, tinha uns vinte, vinte e um, vinte e dois anos, aquela idade em que deviam ter ido para a faculdade se não tivessem desistido do liceu. Ben ia lá dar um salto e podia ser que gostassem dele e, assim, Diondra parava de lhe chamar Emplastro sempre que o levava lá. Pelo menos, deixavam-no sentar-se a um canto e beber cerveja durante umas horas.

Talvez fosse mais inteligente ir para casa, mas que se fodesse.

Quando Ben finalmente chegou ao armazém, as paredes de lata chocalhavam, vibrando ao som de um solo improvisado de guitarra. Às vezes, os tipos levavam amplificadores e treinavam o tremolo até furarem os tímpanos de toda a gente. Quem quer que estivesse a tocar era muito bom: uma música qualquer dos Venom, perfeita para o estado de espírito dele. Ramadamdamram! Era o barulho de cavaleiros a aproximarem-se, saqueadores e incendiários. O barulho do caos.

Deixou a bicicleta cair na neve e esticou as mãos, estalou o pescoço. Doía-lhe a cabeça, uma espécie de dor vibrante, mais difícil de ignorar do que uma simples moinha. Estava esganado de fome. Tinha andado para cima e para baixo na autoestrada, a tentar convencer-se a seguir o desvio para o armazém. Precisava de arranjar uma boa história para justificar o corte na cara, uma coisa que não desse azo a merdas do estilo ohhhh, o bebé caiu da bicicleta. Desejou que Diondra ou Trey aparecessem de carro mesmo a tempo de o acompanhar até lá dentro, tudo na boa, só sorrisos e álcool a toda a volta quando ele entrasse.

Mas, não, ia ter de entrar sozinho. Consequia ver tudo à sua volta num raio de quilómetros de neve e não havia um único carro à vista. Puxou a coberta de lona para cima com a bota e entrou no armazém, sentindo a guitarra ressoar nas paredes como um animal encurralado. Ben conhecia de vista o tipo que estava a tocar. Dizia que tinha sido roadie dos Van Halen, mas nunca entrava em pormenores sobre como era a vida na estrada com uma banda rock. Olhou para Ben de relance, mas nem o viu, o seu olhar estava concentrado num público imaginário. Quatro rapazes e uma rapariga, todos de carapinha, todos mais velhos, partilhavam um charro, espalhados pelos quadrados de alcatifa. Mal olharam para ele. O tipo mais feio tinha as mãos nas ancas da rapariga, que estava estendida sobre ele como um gato. Ela tinha o nariz atrofiado e a cara vermelha de pústulas de acne e parecia completamente pedrada.

Ben atravessou o armazém — havia um espaço vazio enorme entre a porta e os quadrados de alcatifa — e sentou-se num retalho fino de alcatifa verde, a um metro e pouco do grupo, olhando para eles pelo canto do olho para os poder cumprimentar com um aceno de cabeça. Ninguém estava a comer, não havia comida para cravar. Se fosse Trey, teria feito um aceno de cabeça na direção deles e dito «Arranjem-me um, 'tá?», e pelo menos estaria a fumar com eles.

O guitarrista, Alex, por acaso até era bastante bom. Outra coisa que Ben queria ter era uma Floyd Rose Tremolo. Tinha dedilhado uma em Kansas City, quando ele e Diondra foram a uma loja de guitarras, e a sensação tinha sido fixe, uma coisa que provavelmente ele podia aprender a fazer bem. Pelo menos, aprender o suficiente para tocar umas canções baris, para voltar ao armazém e fazê-lo estremecer. Toda a gente que ele conhecia tinha jeito para qualquer coisa, nem que fosse para gastar dinheiro, como Diondra. Sempre que ele lhe falava em coisas que queria aprender, coisas que queria fazer, ela ria-se e dizia que aquilo de que ele precisava era de um salário decente.

«As compras de supermercado são caras, a eletricidade é cara, tu não entendes», dizia ela. Era verdade que Diondra pagava muitas das contas da casa, uma vez que os pais estavam sempre fora, mas pagava-as com a porra do dinheiro dos pais. Ben não estava convencido de que ser capaz de passar um cheque fosse uma coisa assim tão

extraordinária como isso. Perguntou-se que horas seriam e pensou que devia era ter ido para casa dela e esperado que ela chegasse. Agora, ia ter de ficar ali uma hora ou mais, para não pensarem que se ia embora só porque ninguém tinha falado com ele. Ainda tinha as calças molhadas da água do balde e sentia o cheiro a atum rançoso no peito da camisa.

— Ei — disse a rapariga. — Ei, puto.

Ele levantou os olhos para ela e o cabelo preto caiu-lhe para um dos olhos.

— Não devias estar na escola? — disse ela, soltando as palavras aos grumos, pedrada.

— O que é que estás aqui a fazer?

— Estou de férias.

— Ele diz que está de férias — disse ela ao namorado. O tipo, mal-amanhado e de cara chupada, com um contorno de bigode, levantou a cabeça.

— Conheces alguém aqui? — perguntou o namorado.

Ben apontou para Alex.

— Conheço-o a ele.

— Ei, Alex, conheces este puto?

Alex parou de tocar, fincou as pernas no chão, abertas numa pose de roqueiro, e olhou para Ben, encolhido no chão. Abanou a cabeça.

— Não, meu, não me dou com putos de liceu.

Este era o tipo de merda que ele tinha de ouvir sempre no armazém. Ben pensava que o cabelo preto ajudaria, lhe daria um ar mais velho, mas os tipos adoravam gozar com ele ou ignorá-lo. Devia ser qualquer coisa na sua estrutura física, ou na maneira de andar, ou qualquer coisa que lhe estava no sangue. Ele era sempre a quarta ou quinta escolha em qualquer jogo de equipa: o miúdo de quem se lembravam à última hora, antes dos verdadeiros nabos. Os rapazes apercebiam-se disso à primeira vista; estavam constantemente a atirar-se a Diondra à frente dele. Como se soubessem que a pila dele murchara um bocado sempre que entrava numa sala. Pois que se fodessem, estava farto disso.

— Vai levar no cu — murmurou Ben.

— Ohhhhh! O puto está chateado!

— Parece que andou à pancada — comentou a rapariga.

— Ei, meu, andaste à pancada? — A música tinha parado por completo. Alex encostara a guitarra a uma parede gelada e estava a fumar ao pé dos outros, com um sorriso na cara e a abanar a cabeça para cima e para baixo. As vozes deles embateram no teto e troaram como fogo de artifício.

Ben fez um aceno de cabeça.

— Foi? Com quem?

— Ninguém que tu conheças.

— Oh, eu conheço toda a gente. Diz lá, a ver se eu conheço ou não. Quem foi, o teu maninho mais pequeno? Levaste uma coça do maninho?

— O Trey Teepano.

— Estás a mentir — ripostou Alex. — O Trey dava-te uma coça dos diabos.

— Andaste à pancada com aquele cabrão índio? O Trey não é meio índio? — disse o namorado, ignorando Alex.

— Que merda tem isso a ver com o caso, Mike? — perguntou um dos amigos. Aspirou um bocado de erva usando uma pinça de cabelo e a pena rosa-vivo adejou ao frio. A rapariga acabou o charro, apagou-o e voltou a enfiar a pinça no cabelo. Um caracol fininho ficou espetado.

— Ouvi dizer que o gajo anda metido numas merdas bué de assustadoras — disse Mike. — Merdas à séria, satânicas.

Aos olhos de Ben, Trey era um exibicionista. Falava em encontros especiais à meia-noite em Wichita, onde se derramava sangue em diferentes rituais. Tinha aparecido uma noite em casa de Diondra, em outubro, passado com metanfetaminas, sem camisa e sujo de sangue. A jurar que ele e uns amigos tinham matado umas reses nos arredores de Lawrence. Disse que pensaram em ir ao campus universitário raptar um estudante qualquer para o sacrificar também, mas em vez disso tinham apanhado uma moça das grandes. Talvez essa fosse verdade, porque, no dia seguinte, a notícia estava em todo o lado: quatro vacas mortas a golpe de machete e as entranhas tinham desaparecido. Ben vira as fotografias: todas elas deitadas de lado, uns corpos grandes e reboludos, com umas patas escanzeladas. Era muito difícil matar uma vaca, não era à toa que davam uma pele de tão boa qualidade. Claro está que Trey treinava musculação umas horas por dia, Ben já o vira a malhar no ferro e a espremer-se todo e a soltar pragas. Trey era um monte de músculos bronzeado e gingão, e provavelmente conseguia matar uma vaca com um machete, e provavelmente era suficientemente louco para o fazer por puro gozo. Mas quanto à parte dos rituais satânicos? Ben achava que o Diabo estaria interessado em coisas mais úteis do que entranhas de vaca. Ouro. Ou quem sabe um puto. Para mostrar lealdade, como quando os gangues obrigam um tipo novo a dar um tiro em alguém.

— E anda — disse Ben. — Andamos. Fazemos umas merdas muita sinistras.

— Não acabaste de dizer que andaste à pancada com ele? — disse Mike e, finalmente, finalmente!, levou a mão a uma geladeira de esfervite e deu uma Olympia Gold gelada a Ben. Ben bebeu-a de um trago, estendeu a mão para receber outra e ficou surpreso quando Mike lhe deu uma segunda cerveja em vez de o brindar com um monte de merdas.

— Andamos à pancada. Quando fazemos as merdas que fazemos, é claro que acabamos à pancada. — Isto parecia tão vago como as histórias de roadie que Alex contava.

— Foste um dos tipos que matou as vacas? — perguntou a rapariga.

Ben fez que sim com a cabeça.

— Tivemos de as matar. Foi uma ordem.

— Estranha ordem, meu — disse o tipo mais calado, que estava a um canto. — Mataram o meu hambúrguer.

Riram-se, toda a gente se riu, e Ben tentou pôr um ar discreto mas duro. Abanou a cabeça para o cabelo lhe cair para os olhos e sentiu a cerveja arrepiá-lo. Duas cervejas rápidas num estômago vazio e ficou zozinho, mas não queria dar parte de fraco.

— Porque é que mataram as vacas? — perguntou a rapariga.

— Sabe bem, satisfaz uns quantos requisitos. Não se pode entrar simplesmente para o clube, é preciso fazer umas coisas.

Ben já tinha ido caçar montes de vezes, o pai levava-o uma vez e depois a mãe fizera

questão de o levar sempre com ela. Para criarem laços entre eles. Ela não percebeu como era embaraçoso para Ben ir caçar com a mãe. Mas foi a mãe que fez dele um bom atirador, ensinou-o a lidar com o coice, quando premir o gatilho, como esperar e ser paciente durante horas no mato. Ben já abatera dúzias de animais a tiro, desde coelhos até veados.

De repente, lembrou-se de ratos. Um dia, o gato da mãe desenterrara um ninho e engolira dois ou três ratitos recém-nascidos e viscosos e depois despejara a restante meia dúzia nos degraus dos fundos da casa. Runner tinha acabado de se ir embora — pela segunda vez —, por isso coube a Ben acabar com o sofrimento deles. Estavam a contorcer-se silenciosamente, como enguias cor-de-rosa, com os olhos ainda fechados com secreções e, quando ele voltara para junto deles, depois de ir a correr duas vezes ao celeiro a tentar decidir o que fazer, já eles estavam cobertos de formigas. Acabara por pegar numa pá e esmagá-los, saltaram-lhe bocados de carne para os braços, e a cada pazada sentia-se mais irritado e furioso. Achas que sou um mariquinhas, Runner, achas que sou um mariquinhas! Quando acabou, só restava uma mancha pegajosa no chão. Estava suado e, ao levantar os olhos, viu que a mãe o observava por trás da porta de rede. Passara o jantar muito calada, nessa noite, a olhar para ele com uma cara preocupada, os olhos tristes. Teve vontade de se virar para ela e dizer: Às vezes, sabe bem lixar qualquer coisa. Em vez de estarem sempre a lixar-nos a nós.

— Que coisas? — insistiu a rapariga.

— Coisas do tipo... olha, às vezes tem de haver mortes. Temos de matar qualquer coisa. Assim como Jesus precisa de sacrifícios, Satanás também precisa.

Disse a palavra Satanás como se fosse o nome de um gajo qualquer. Não lhe pareceu uma treta e não teve medo. Pareceu-lhe normal, como se soubesse mesmo do que estava a falar. Satanás. Quase o conseguia imaginar ali, um tipo de rosto comprido e chifres, com uns olhos de bode arregalados.

— Acreditas mesmo nessa merda... como é que te chamas, diz lá outra vez?

— Ben. Day.

— Ben Gay?

— Pois, nunca tinha ouvido essa. — Ben tirou outra cerveja da geladeira sem pedir licença, aproximara-se uns palmos desde que tinham começado a falar e, à medida que o álcool o descontraía, tudo o que dizia, todas as merdas que lhe saíam pela boca fora pareciam incontestáveis. Podia tornar-se um tipo incontestável, estava a ver que podia, mesmo depois daquela última piada, o próprio gajo que a mandou perceber que a piada ia passar ao largo de Ben e cair em saco roto.

Acenderam mais um charro, a rapariga tirou outra vez a pinça do cabelo e a madeixa pateta e simpática voltou ao lugar e ela perdeu o ar giro sem o caracol espetado. Ben inspirou fundo, inalou uma quantidade grande, mas — não tussas, não tussas — não foi o suficiente, por isso ficou com uma impressão na garganta. Aquela merda era erva de beira da estrada, daquelas que davam uma pedrada das más. Um gajo ficava paranoico e falador, em vez de descontraído. Ben tinha a teoria de que todos os desperdícios químicos de todas as quintas se entranhavam no solo e eram sugados por aquelas plantas vorazes e beras. Infetava-as: todos aqueles pesticidas e fertilizantes verdes berrantes estavam a

instalar-se nos sulcos dos seus pulmões e no seu cérebro.

A rapariga tinha os olhos postos nele, com aquele ar atordoado com que Debby ficava depois de ver demasiada televisão, como se precisasse de dizer alguma coisa mas estivesse demasiado preguiçosa para abrir a boca. Ben tinha fome.

O Diabo nunca tem fome. Foi isso que ele pensou naquela altura, assim, sem mais nem menos, as palavras surgiram-lhe no cérebro como uma prece.

Alex estava a dedilhar a guitarra outra vez, Van Halen, AC/DC, uma música dos Beatles e, de repente, pôs-se a tocar «O Little Town of Bethlehem», e as cordas aos saltos aumentaram ainda mais as dores de cabeça de Ben.

— Ei, músicas de Natal, não, o Ben não gosta disso — gritou Mike.

— Foda-se, ele está a sangrar! — exclamou a rapariga.

O corte na testa reabriu e o sangue escorria-lhe agora abundantemente pela cara e pingava para as calças. A rapariga tentou dar-lhe um guardanapo de papel, mas ele fez que não com a mão e espalhou o sangue pelo rosto como se fosse uma pintura de guerra.

Alex parara de tocar e ficaram todos especados a olhar para Ben, com sorrisos constrangidos e os ombros tensos, ligeiramente afastados dele. Mike estendeu-lhe o charro como se fosse uma oferenda, com as pontas dos dedos para evitar tocar-lhe. Ben não queria o charro, mas voltou a inspirar fundo e o fumo acre queimou-lhe ainda mais tecido dos pulmões.

Foi então que a porta de lona se agitou e Trey entrou no armazém. Cruzou os braços, fincou os pés no chão numa pose descontraída e, varrendo o espaço com os olhos, atirou a cabeça para trás como se Ben fosse um peixe podre.

— O que é que estás aqui a fazer? A Diondra está cá?

— Está em Salina. Passei por cá só para fazer tempo. Eles estiveram a distrair-me.

— Ouvimos dizer que andaste à pancada — disse a rapariga, desfeita em sorrisos de esguelha, os lábios como finos crescentes. — E que te meteste numas coisas beras.

Trey, com o seu cabelo preto comprido e escorrido e a cara angulosa, era imperscrutável. Olhou para o grupo sentado no chão e para Ben agachado junto deles, e por uma vez na vida pareceu à toa, sem saber como lidar com a situação.

— Pois, o que é que ele esteve para aqui a contar? — Manteve os olhos postos em Ben e tirou uma cerveja das mãos da rapariga sem sequer olhar para ela. Ben perguntou-se se eles já teriam ido para a cama um com o outro, porque Trey tinha o mesmo ar de desdém com que Ben o vira uma vez olhar para uma ex-namorada: Não estou irritado nem triste nem feliz por te ver. Estou-me a cagar. Não me aqueces nem arrefeces.

— Umas merdas sobre o Diabo e as coisas que vocês fazem para... o ajudar — disse ela.

Trey abriu a cara num sorriso e sentou-se à frente de Ben. Ben evitou olhar para ele.

— Ei, Trey? — disse Alex. — És índio, não és?

— Sou, queres que te arranque o escalpe?

— Mas não és cem por cento índio, pois não? — disse a rapariga abruptamente.

— A minha mãe é branca. Não saio com miúdas índias.

— Porquê? — perguntou ela, enfiando e tirando a pinça do cabelo, emaranhando os dentes de metal nos caracóis.

— Porque Satanás gosta de coninhas brancas. — Sorriu e inclinou a cabeça, fitando-a, e ela começou a rir-se, mas, como ele não mudou de expressão, ela calou-se e o namorado veio voltar a pôr o braço na anca dela.

Tinham gostado do paleio de Ben, mas Trey metia mais medo. Ele sentou-se quase de pernas cruzadas, olhando para eles de uma maneira que parecia simpática à superfície, mas na verdade não possuía um pinga de simpatia. E embora ele tivesse o corpo numa posição descontraída, tinha os braços e as pernas dobrados em ângulos pronunciados e tensos. Havia qualquer coisa profundamente antipática nele. Ninguém se ofereceu para voltar a passar o charro.

Ficaram sentados em silêncio durante uns minutos, a disposição de Trey deixando-os a todos enervados. Geralmente ele era um bebedor de cerveja, barulhento, armado em esperto e sempre pronto para andar à pancada, mas, quando se irritava, era como se tivesse centenas de dedos invisíveis e insistentes que empurravam os ombros de toda a gente para baixo. Enterrava toda a gente.

— Então, vamos? — perguntou ele, de repente, a Ben. — Trouxe a minha carrinha e tenho as chaves de casa da Diondra. Podemos ir para casa dela até ela voltar, tem televisão por cabo. É melhor do que ficar aqui nesta espelunca gelada.

Ben fez que sim com a cabeça, disse adeus, nervoso, ao grupo e foi atrás de Trey, que já estava lá fora a atirar a cerveja para a neve. Ben estava decididamente pedrado. As palavras engrumavam-se-lhe na garganta e, quando entrou na carrinha, tentou gaguejar uma desculpa qualquer a Trey. Trey que acabara de lhe salvar a pele, por uma razão qualquer que ele não sabia qual era. Porque é que ele é que tinha as chaves de casa de Diondra? Provavelmente porque lhas pedira. Ben não insistira para que ela lhas desse.

— Espero que estejas pronto para dar provas daquelas merdas que disseste lá dentro — avisou Trey, metendo a marcha-atrás. A carrinha GMC era um tanque e Trey conduziu-a em cheio através do terreno da quinta, passando por cima de hastes de milho e valas de irrigação, obrigando Ben a agarrar-se ao apoio de braços para não trincar a língua. Trey lançou uma olhadela às mãos de Ben, fincadas com força no apoio.

— Sim, claro.

— Talvez hoje à noite te tornes um homem. Talvez.

Trey ligou o leitor de cassetes. Iron Maiden, a meio de uma canção, fogo, meu, claro que sim, as palavras sibilando aos ouvidos de Ben: 666... Satanás... Sacrifício...

Ben revolveu a música na cabeça, com o cérebro a ferver, sentindo uma raiva frenética, como sentia sempre que ouvia heavy metal, o dedilhar constante da guitarra, sem nunca abrandar, deixando-o cada vez mais tenso, com a cabeça aos embates, a bateria a subir-lhe pela espinha acima, a música toda um frenesim de raiva que não o deixava pensar com calma, mantendo-o num transe cerrado. Tinha a sensação de que todo o seu corpo era um punho fechado com força, pronto para soltar um murro.

O troço da I-70 entre Kansas City e St. Louis era um trajeto de horas e horas de estrada absolutamente horrível: plana, amarelo-mortiço e poluída por outdoors: um feto enroscado como um gatinho (O Aborto Faz um Coração Parar de Bater); uma sala de estar toda vermelha por causa das luzes de uma ambulância (Tenha Cuidado — Especialistas em Limpeza de Locais de Crimes); uma mulher incrivelmente banal a lançar olhares provocantes aos condutores que passavam (Bar de Striptease Hot Jimmy). Os outdoors a aconselhar ominosamente as pessoas a amarem Jesus eram em quantidade diretamente proporcional aos que publicitavam grandes superfícies de pornografia a preços de saldo e aos letreiros de restaurantes locais que teimavam em usar aspas nos sítios errados: Restaurante do Herb — A «Melhor» Refeição da Região; Churrasqueira da Jolene — Venha Provar as Nossas «Deliciosas» Costeletas.

Lyle ia no lugar do morto. Ele questionara-se sobre os prós e os contras de vir comigo: talvez eu conseguisse criar uma cumplicidade maior com Krissi sozinha, sendo ambas mulheres; mas ele conhecia melhor esta parte do processo; por outro lado, talvez ele se entusiasmasse demais e fizesse demasiadas perguntas e depois estragasse tudo, às vezes ele atropelava-se a si próprio, se tinha um defeito era precisamente esse; mas quinhentos dólares era muito dinheiro e sentia-se de certo modo no direito, sem ofensa, de me acompanhar. Por fim, eu perdera a paciência ao telefone e dissera que daí a trinta minutos passava pelo pub Sarah's e que, se ele estivesse à porta, podia ir comigo na viagem. Clique. Agora, ele estava ao meu lado, a mexericar em tudo, a trancar e a destrancar a porta, a brincar com o sintonizador do rádio, a ler todos os letreiros em voz alta, como se estivesse a tentar tranquilizar-se em relação a alguma coisa. Passámos por um armazém de fogo de artifício do tamanho de uma catedral e pelo menos três pontos na estrada com objetos votivos indicando que ali tinha havido um acidente fatal: pequenas cruzes brancas e flores de plástico a ganharem pó na berma da estrada. As bombas de gasolina anunciavam-se através de sinais mais estreitos e altos do que os cata-ventos inertes das quintas vizinhas.

No cimo de um monte, havia um outdoor com um rosto conhecido: Lisette Stephens, com aquele seu sorriso alegre e um número de telefone por baixo para quem soubesse alguma informação sobre o desaparecimento dela. Perguntei-me quando é que o retirariam, desprovidos de esperança ou de dinheiro.

— Oh, meu Deus, a Lisette — disse Lyle, quando passámos por ela. Os meus pelos eriçaram-se, mas sentia o mesmo que ele. Passados uns tempos, era quase falta de educação pedir às pessoas para se preocuparem com alguém que estava claramente morta. A menos que fosse da minha família.

— Lyle, posso perguntar-lhe uma coisa? Porque é que está tão obcecado por... este caso? — Assim que o disse, o céu escureceu o suficiente para os automobilistas terem de acender os faróis e as luzes piscaram, brancas, todas em fila indiana, até ao horizonte,

como se a minha pergunta as tivesse intrigado.

Lyle estava especado a olhar para a perna, a ouvir de lado como costumava fazer. Tinha a mania de espetar uma orelha para quem quer que estivesse a falar e, depois, esperava uns segundos, como se estivesse a traduzir as frases para outra língua.

— Porque é um mistério clássico. Há muitas teorias viáveis, por isso é interessante discutir este caso — disse ele, sem olhar para mim. — E depois há a Libby. E a Krissi. Crianças que... desencadearam qualquer coisa. Isso interessa-me.

— Crianças que desencadearam qualquer coisa? — repeti.

— Que fizeram com que uma coisa acontecesse, uma coisa que se tornou maior do que era, uma coisa que teve consequências drásticas não intencionais. Uma onda de choque. Isso interessa-me.

— Porquê?

Ele fez uma pausa.

— Porque sim.

Provavelmente nós éramos as duas pessoas mais incompetentes no mundo para sacar informações a quem quer que fosse. Dois seres humanos atrofiados que ficavam constrangidos sempre que tentavam exprimir-se. Eu, no entanto, estava-me nas tintas se conseguíamos arrancar alguma coisa a Krissi, porque, quanto mais pensava na teoria de Lyle, mais me parecia uma treta.

Ao fim de mais quarenta minutos de estrada, começaram a aparecer os bares de striptease: blocos baixos e soturnos de cimento, a maior parte deles sem nome, só com letreiros de néon a apregoar Raparigas ao Vivo! Raparigas ao Vivo!, que depreendo que seja um slogan melhor do que Raparigas Mortas. Imaginei Krissi Cates a entrar com o carro no estacionamento de cascalho, a preparar-se para despir a roupa num bar de strip completamente banal. Há qualquer coisa de inquietante no facto de os donos nem se darem ao trabalho de arranjar nomes para os bares. Sempre que vejo notícias sobre crianças que foram assassinadas pelos pais, penso: mas como é que é possível? Interessaram-se o suficiente pelo filho para lhe darem um nome, houve um momento — pelo menos um — em que pensaram em todas as possibilidades e escolheram um nome específico para o filho, decidiram o que iam chamar ao seu bebé. Como é que se podia matar uma criatura pela qual nos interessámos o suficiente para lhe termos dado um nome?

— É a primeira vez que vou a um bar de strip — anunciou Lyle, e esboçou o seu sorriso atrevido.

Saí da autoestrada, virando à esquerda, como a mãe de Krissi aconselhara — quando telefonei para o único bar que vinha na lista, um homem untuoso disse-me que achava que Krissi «andava por aquelas bandas» —, e atravesssei com estrépito o parque de estacionamento do tamanho de um terreno de pasto, que servia três bares de strip, uns a seguir aos outros. Ao fundo, havia uma bomba de gasolina e uma área de repouso para camionistas: à luz branca e intensa, vi silhuetas de mulheres a esgueirarem-se como gatos entre as cabinas dos camiões, portas a abrirem e a fecharem, pernas nuas projetadas para fora enquanto elas se debruçavam para tratar do cliente seguinte. Depreendi que a maior parte das bailarinas de strip acabavam ao serviço dos camionistas

quando os bares as mandavam embora.

Saí do carro e mexeriquei nos apontamentos que Lyle me tinha dado, uma lista ordeira e numerada com perguntas para eu fazer a Krissi, se a encontrássemos. (Número 1: Continua a afirmar que o Ben Day a molestou quando era miúda? Se sim, explique o que aconteceu, por favor.) Estava a rever o resto das perguntas, quando um movimento à minha direita me chamou a atenção. Ao fundo, na área dos camionistas, uma pequena sombra desalojou-se da parte lateral da cabina de um camião e começou a avançar na minha direção, numa linha intensamente reta, o tipo de linha reta que uma pessoa percorre quando quer disfarçar que está completamente bêbada. Vi-lhe os ombros projetados para a frente, muito à frente do corpo, como se a rapariga não tivesse alternativa senão avançar para mim assim que dera o primeiro passo. E era uma rapariga, tive a certeza quando ela se aproximou do outro lado do meu carro. Tinha um rosto largo de boneca, com uma testa alta, que brilhava à luz do candeeiro de rua, o cabelo castanho-claro apanhado num rabo de cavalo.

— Ei, tens um cigarro que me dês? — perguntou ela, sacudindo a cabeça como se tivesse Parkinson.

— Sentes-te bem? — perguntei, tentando vê-la melhor e calcular a idade dela. Uns quinze, dezasseis anos. Estava a tremer dentro de uma sweatshirt fininha e uma minissaia e usava botas cujo objetivo era serem sexy, mas nela pareciam simplesmente infantis, uma menina da primária a brincar às vaqueiras.

— Tens um cigarro? — repetiu ela, animando-se, com os olhos molhados. Deu um saltinho sobre os calcanhares e desviou os olhos de mim para Lyle, que estava a observar o chão.

Eu tinha um maço algures no banco de trás do carro, por isso inclinei-me e remexi em embalagens antigas de fast-food, numa série de pacotes de chá que tinha surripiado de um restaurante (outra coisa que nunca ninguém devia comprar: pacotes de chá) e numa pilha de colheres de metal baratas (idem). O maço de tabaco só tinha três cigarros, um deles partido. Tirei os outros dois, acendi um isqueiro, a rapariga debruçou-se, toda torta, e finalmente acertou na chama. Desculpa, não vejo nada sem os óculos. Acendi o meu cigarro e deixei a cabeça fazer a sua dança da onda de calor depois da primeira descarga de nicotina.

— Chamo-me Colleen — disse ela, aspirando o fumo do cigarro. A temperatura descera rapidamente com o cair do sol. Ficámos paradas à frente uma da outra, aos saltinhos para nos aquecermos.

Colleen. Era um nome demasiado querido para uma prostituta. Em tempos, alguém planeara uma vida diferente para esta rapariga.

— Que idade tens, Colleen?

Ela olhou para trás, na direção da área dos camionistas, e sorriu, de ombros caídos.

— Oh, não te preocupes, não trabalho aqui. Trabalho ali. — Com o dedo médio, apontou para o bar de strip que ficava ao centro. — Trabalho dentro da lei. Não preciso de... — Apontou com a cabeça para a fila de camiões, todos eles imóveis, apesar do que estava a acontecer no interior das cabinas. — Mas tentamos ficar de olho em algumas das raparigas que, sim, trabalham aqui. Solidariedade feminina. És nova?

Eu levava um top decotado, tendo partido do princípio de que isso deixaria Krissi mais à vontade quando a encontrasse, sinal de que eu não era pudica. Colleen observou o meu decote com olhos de ourives, a tentar fazer corresponder as minhas mamas ao bar certo.

— Não, não é isso. Andamos à procura de uma amiga. Krissi Cates? Conhece-la?

— Talvez ela use um apelido diferente hoje em dia — disse Lyle, e desviou os olhos para a autoestrada.

— Conheço uma Krissi. Mais velha?

— Trinta e picos. — O corpo de Colleen zunia. Deduzi que estava sob o efeito de uma droga qualquer estimulante. Ou talvez estivesse simplesmente com frio.

— É isso mesmo — disse ela, puxando uma fumaça agressiva para acabar o cigarro. — Ela faz alguns turnos de dia no bar do Mike. — Apontou para o último bar, cujo néon tinha metade das lâmpadas fundidas.

— Não parece grande coisa.

— E não é. Mas, um dia, uma pessoa tem de se reformar, não é? Mesmo assim, é uma merda, porque acho que ela gastou uma fortuna a pôr mamas de silicone, mas o Mike achou que ela já não estava no ponto. Bom, pelo menos, ela pôde descontar a operação às mamas nos impostos.

Colleen disse isto tudo com a impiedade petulante de uma adolescente que sabia que tinha décadas pela frente antes de sofrer uma humilhação daquelas.

— Então é melhor voltarmos durante o turno de dia? — perguntou Lyle.

— Mmm. Podem esperar aqui — disse ela, numa voz de bebé. — Ela já deve estar a acabar. — Apontou para a fila de camiões. — Tenho de me ir arranjar para trabalhar, obrigada pelo cigarro.

Ela foi-se embora a trote, novamente com os ombros projetados para a frente, em direção ao edifício escuro do meio, abriu a porta de par em par e desapareceu no interior.

— Acho melhor irmos embora, parece que demos com um beco sem saída — disse Lyle.

Abri a boca para me irritar com ele, por se estar a acobardar, e para o mandar esperar por mim no carro, quando vi outra sombra sair de um camião ao fundo da fila e começar a dirigir-se para o parque de estacionamento. Todas as mulheres ali andavam como se estivessem a enfrentar um vendaval monstruoso. Senti um aperto no estômago ao imaginar-me encurralada ali ou noutro lugar qualquer daquele género. Não era uma hipótese assim tão pouco plausível para uma mulher sem família, sem dinheiro e sem aptidões específicas. Uma mulher com um certo pragmatismo pouco saudável. Eu abriria as pernas para uns homens simpáticos que me patrocinassem uns meses de refeições à borla. Já o tinha feito e nunca me sentira culpada, por isso, o que é que seria preciso para eu ir ali parar? Senti a garganta contrair-se um segundo e depois voltei à realidade. Neste momento, tinha uma fonte de rendimentos.

A figura era toda ela sombra: consegui distinguir apenas um halo de cabelo estragado, as pontas espetadas de uns calções curtos, uma carteira demasiado grande e umas pernas grossas e musculosas. Ela saiu da sombra e vi um rosto bronzeado com uns olhos um nadinha demasiado juntos. Gira, mas canina. Lyle deu-me uma cotovelada e lançou-me um olhar inquiridor, a ver se eu a reconhecia. Não reconheci, mas fiz-lhe um rápido aceno com

a mão e ela parou bruscamente. Perguntei-lhe se era Krissi Cates.

— Sou — respondeu, o seu rosto vulpino surpreendentemente curioso, solícito, como se achasse que alguma coisa boa podia estar prestes a acontecer. Era uma expressão estranha, tendo em conta o sítio de onde ela acabara de sair.

— Gostava de falar consigo.

— Está bem. — Encolheu os ombros. — Sobre o quê? — Ela não estava a conseguir definir-me: não era polícia, não era assistente social, não era stripper, não era professora dos filhos, supondo que tivesse filhos. Olhou só de relance para Lyle, uma vez que ele ora olhava para ela boquiaberto, ora quase nos virava as costas. — Sobre o meu trabalho aqui? É jornalista?

— Para ser sincera, é sobre o Ben Day.

— Ah. Está bem. Podemos ir para o bar do Mike e paga-me um copo?

— É casada? Ainda se chama Cates? — disse Lyle abruptamente.

Krissi fitou-o de sobrolho franzido e, depois, olhou para mim à espera de uma explicação. Arregalei os olhos e fiz uma careta: o olhar que as mulheres trocam quando se sentem embaraçadas pelos homens que as acompanham.

— Já fui casada — disse. — O meu apelido agora é Quanto. Só porque tive demasiada preguiça para o mudar. Sabe a trabalhadeira que isso dá?

Sorri como se soubesse e, de repente, dei por mim a segui-la através do parque de estacionamento, a tentar desviar-me da gigantesca carteira de pele, que saltitava de encontro à anca dela, lançando um olhar a Lyle para ele se controlar. Quando íamos a chegar à porta, ela esgueirou-se para a parte lateral do bar, murmurando, importam-se?, e snifou qualquer coisa que levava numa folha de estanho dobrada, que tirou do bolso de trás dos calções. A seguir, virou-me as costas e fez um gargarejar que pareceu penoso, pelo barulho.

No fim, virou-se para mim, com um grande sorriso.

— Tudo o que ajudar a suportar a noite... — cantarolou, agitando o embrulho de estanho, mas, a meio do verso, pareceu esquecer-se da melodia. Fungou e achei o nariz dela tão compacto que me fez lembrar um umbigo espetado, daqueles que se costuma ver nas grávidas. — O Mike é um nazi no que toca a estas coisas — disse ela, e abriu a porta.

Eu já tinha entrado em bares de striptease. Nos anos 90, quando era considerado um ato arrojado, quando as mulheres eram suficientemente tolas para pensarem que era sexy estarem de pé a fingir que gostavam de mulheres só porque os homens achavam excitante que uma mulher gostasse de mulheres. Mas nunca tinha entrado num tão manhoso. Era pequeno e enevoado, as paredes e o chão pareciam ter uma camada extra de cera. Uma rapariga dançava sem graça num palco baixo. Na verdade, estava a marchar sem sair do lugar, rebolando a cintura com uma tanga dois tamanhos abaixo do devido e autocolantes nos mamilos que apontavam para fora, estrábicos. De tantos em tantos compassos, dobrava-se pela cintura e espreitava por entre as pernas abertas, ficando com o rosto imediatamente corado do fluxo de sangue à cabeça. Em resposta, os homens — eram só três, todos de camisa de flanela, debruçados sobre cervejas, em mesas separadas — grunhiam ou acenavam com a cabeça. Um segurança colossal estava espicado a olhar para o seu próprio reflexo no espelho da parede, entediado. Sentámo-nos,

três em fila ao balcão, comigo a meio. Lyle cruzou os braços, enfiando as mãos nas axilas, a tentar não tocar em nada, a tentar fingir que estava a olhar para a bailarina sem na verdade olhar para ela. Virei-me na direção contrária à do palco e franzi o nariz.

— Eu sei — disse Krissi. — É uma autêntica espelunca. É você que paga, não é? Porque eu não tenho dinheiro comigo. — Antes que eu pudesse dizer que sim com a cabeça, já ela estava a pedir vodka com sumo de arando e eu fiz o mesmo. Pediram identificação a Lyle e, enquanto ele mostrava um documento ao empregado do bar, começou a fazer uma imitação qualquer constrangedora, numa voz ainda mais de pato e com um estranho sorriso colado na cara. Não olhou para o barman e não deu qualquer indicação de que aquilo era uma imitação. O empregado ficou especado a olhar para ele e Lyle disse: A Primeira Noite. Não conhece o filme?, e o tipo virou-lhe simplesmente as costas.

E eu também.

— Então, o que quer saber? — perguntou Krissi, com um sorriso, inclinando-se para mim.

Hesitei sobre se lhe devia dizer quem era ou não, mas ela não parecia interessada em saber, por isso decidi não perder tempo com isso. Eis uma mulher que só queria companhia. Os meus olhos estavam constantemente a desviar-se para as mamas dela, que eram ainda maiores do que as minhas, compactas e suportadas por um sutiã armado, de maneira que transbordavam do decote. Imaginei-as debaixo da roupa, brilhantes e globulares como frango embalado em celofane.

— Gosta? — chilreou Krissi, abanando-as com as mãos. — São praticamente novas. Bom, já as tenho há quase um ano. Devia fazer uma festa para comemorar o aniversário. Não que me tenham ajudado aqui no trabalho. A porra do Mike não para de me dar turnos de merda. Mas não faz mal, sempre quis ter umas mamas maiores. E agora tenho-as. Só me falta livrar-me disto, disto é que eu preciso de me livrar. — Agarrou num pneu de gordura mínimo, fingindo que era bem maior do que era. Mesmo abaixo do pneu, via-se o brilho branco da cicatriz de uma cesariana.

— Com que então, o Ben Day... — continuou ela. — Sacana do ruivo. Fodeu-me a vida.

— Quer dizer que continua a acusá-lo de a ter molestado? — disse Lyle, debruçando-se por trás de mim como um esquilo.

Virei-me para lhe lançar um olhar fulminante, mas Krissi não pareceu muito incomodada com a pergunta. Tinha a falta de curiosidade dos drogados. Continuou a falar, dirigindo-se só a mim.

— Sim, sim. Fazia tudo parte daqueles rituais satânicos em que ele andava metido. Acho que ele estava disposto a sacrificar-me, acho que era esse o plano. Tinha-me matado, se não o tivessem apanhado por causa... enfim, por causa do que ele fez à família.

As pessoas queriam sempre ter a sua quota-parte de envolvimento nos crimes. Assim como todos os habitantes de Kinnakee conheciam alguém que tinha ido para a cama com a minha mãe, também toda a gente tinha apanhado um susto qualquer com Ben. Ele ameaçara matá-las, dera pontapés no cão delas, um dia olhara para elas de uma maneira assustadora. Ele sangrara ao ouvir uma música de Natal. Mostrara-lhes a marca de Satanás, escondida atrás de uma orelha, e convidara-as para serem membros da seita.

Krissi inspirou fundo antes de começar a falar, denotando essa mesma ânsia de pormenores sórdidos.

— O que é que aconteceu ao certo? — perguntei.

— Quer a versão para crianças ou a versão para adultos? — Ela pediu mais uma rodada de vodca com sumo de arando e depois três shots de Mamilo Escorregadio. O barman serviu-os, já feitos, de um jarro de plástico, fitou-me com uma sobranceira arqueada e perguntou-me se queríamos abrir conta.

— Deixa estar, Kevin, a minha amiga paga — disse Krissi, e riu-se. — Como é que se chama?

Evitei responder, perguntando ao empregado quanto é que lhe devia. Tirei uma nota de um leque de notas de vinte, para que Krissi percebesse que eu tinha mais dinheiro. É preciso ser-se golpista para apanhar um golpista.

— Vai adorar os shots, é como beber uma bolacha — disse ela. — Saúde! — Ergueu o copo de shot com um gesto de «vai-te lixar» na direção de uma janela escura ao fundo do bar, onde deduzi que estaria Mike. Bebi o shot, que me ficou colado na garganta, espesso, e Lyle soltou uma exclamação como se tivesse acabado de beber um trago de uísque.

Depois de uns quantos segundos, Krissi reajustou uma mama e depois inspirou.

— Portanto... Eu tinha onze anos e o Ben, quinze. Ele começou a ir ter comigo no fim das aulas, andava sempre de olho em mim. Era normal, esse tipo de coisa acontecia-me constantemente. Eu era uma miúda gira, não me estou a gabar, era mesmo. E tínhamos muito dinheiro. O meu pai... — Aqui, captei um vislumbre de dor, uma breve ruga no lábio que lhe deixou um dente à mostra. — O meu pai foi um homem que subiu a pulso na vida. Meteu-se na indústria do vídeo logo no início, era o maior grossista de vídeos da região do Midwest.

— O quê, filmes?

— Não, cassetes virgens, para as pessoas gravarem coisas. Lembra-se? Provavelmente era demasiado nova.

Não, não era.

— Seja como for, provavelmente eu era um alvo fácil. Não era uma miúda que andasse completamente à solta, mas a minha mãe não me vigiava por aí além. — Desta vez, senti um claro azedume na voz dela. — Mas espere... porque é que quer saber estas coisas? — perguntou ela.

— Estou a investigar o caso.

Ela revirou os cantos da boca para baixo.

— Ah. De repente, pensei que a minha mãe é que a tinha mandado cá falar comigo. Eu sei que ela sabe que trabalho aqui.

Tamborilou as compridas unhas cor de coral no balcão e eu escondi a minha mão esquerda, com o dedo amputado, debaixo do copo de shot. Sabia que me devia interessar minimamente pela vida doméstica de Krissi, mas não era o caso. Bom, interessava-me o suficiente para não lhe dizer que a mãe nunca iria aparecer para ver como ela estava.

Um dos clientes sentado a uma das mesas de plástico não parava de olhar para nós, espreitando por cima do ombro com uma arrogância de bêbado. Eu estava doida por sair dali e deixar Krissi e os problemas dela para trás.

— Portanto — começou Krissi —, o Ben tratou-me com muita manha. Ele... quer batatas fritas? As batatas daqui são muito boas.

As batatas fritas estavam em pacotes baratos pendurados atrás do balcão. As batatas daqui são muito boas. Era impossível não gostar da mulher, vendo a maneira como ela se esforçava para me fazer gastar dinheiro. Fiz que sim com a cabeça e daí a nada Krissi estava a rasgar o pacote; o fedor a cebola com natas azedas deixou-me a boca a salivar, contra todo e qualquer senso comum. Krissi ficou com bocados de batata frita colados ao lipgloss cor de pastilha elástica.

— Portanto, o Ben conquistou a minha confiança e depois começou a molestar-me.

— Como é que ele ganhou a sua confiança?

— Oh, sabe como é, com pastilhas elásticas, rebuçados, falinhas-mansas.

— E como é que ele a molestou?

— Levava-me para o cubículo dos empregados da limpeza, ele era faxina na escola, lembro-me de que cheirava sempre mal, a lixívia suja. Levava-me para lá depois das aulas e obrigava-me a fazer-lhe um broche e depois ele fazia-me um minete e mandava-me jurar lealdade a Satanás. Eu tinha tanto medo. Ele dizia-me que faria mal os meus pais se eu lhes contasse.

— Como é que ele a obrigava a ir para o cubículo? — perguntou Lyle. — Se estavam na escola?

Krissi espetou o pescoço na minha direção, como uma tartaruga, o mesmo gesto irritado que eu fazia sempre que alguém punha em causa o meu depoimento sobre Ben.

— Oh, ameaçava-me. Ele tinha um altar no cubículo e tirava-o, era uma cruz de pernas para o ar. Acho que também lá guardava animais que tinha matado. Sacrifícios. Por isso é que eu acho que ele tencionava matar-me. Mas, em vez disso, matou a família. A família inteira estava metida nessas coisas, foi o que ouvi dizer. Que a família toda adorava o Diabo e essas coisas. — Lambeu bocados de batata das grossas unhas de plástico.

— Duvido muito — murmurei.

— Oh, como é que sabe? — irritou-se ela. — Eu é que passei por isto, OK?

Eu estava à espera que ela adivinhasse quem eu era, que deixasse o meu rosto — que não era muito diferente do do Ben — vir à superfície da memória e reparasse nas compridas raízes ruivas dos meus cabelos a despontarem-me na cabeça.

— Quantas vezes é que o Ben a molestou?

— Muitas. Muitas. — Ela fez um lúgubre aceno de cabeça.

— Como é que o seu pai reagiu quando lhe contou o que o Ben lhe tinha feito? — perguntou Lyle.

— Oh, meu Deus, ele era tão protetor em relação a mim, passou-se da cabeça, enlouqueceu de raiva. Naquele dia, o dia dos crimes, andou às voltas pela cidade à procura do Ben. Sempre achei que, se ele o tivesse encontrado, o teria matado e a família do Ben ainda estaria viva. Não é triste?

Senti um aperto no estômago ao ouvir isto e, depois, a minha raiva reacendeu-se.

— A família do Ben... os horríveis adoradores do Diabo?

— Bom, talvez eu tenha exagerado um bocado. — Krissi inclinou a cabeça para o lado, como os adultos fazem quando estão a tentar acalmar uma criança. — De certeza que

eram pessoas cristãs e boas. Mas, pense só, se o meu pai tivesse encontrado o Ben...

Pensa mas é se, em vez de encontrar o Ben, o teu pai encontrou a minha família. Encontrou uma espingarda, encontrou um machado e acabou connosco. Ou quase acabou connosco.

— O seu pai voltou para casa nessa noite? — perguntou Lyle. — Viu-o depois da meia-noite?

Krissi baixou outra vez o queixo e fitou-me de sobranceiras arqueadas, e eu acrescentei uma deixa para a sossegar:

— Como é que sabe que ele não entrou em contacto com nenhum dos Day?

— Porque, a sério, ele teria feito estragos dos grandes. Eu era a menina dos olhos dele. O que me aconteceu deu cabo dele. Matou-o de desgosto.

— Ele vive por estas bandas? — Lyle estava a assustá-la, a intensidade dele parecia um raio laser.

— Hum, perdemos o contacto — disse ela, olhando à volta do bar à procura do próximo cliente. — Acho que esta história toda foi demais para ele.

— A sua família apresentou queixa contra a direção regional de ensino, não foi? — disse Lyle, debruçando-se, ficando ganancioso. Mudei o meu banco de posição, de maneira a bloqueá-lo um pouco, na esperança de que ele percebesse que estava a ir demasiado longe.

— Claro que apresentou. Eles tinham de levar com um processo em cima por deixarem uma pessoa daquelas trabalhar numa escola, por deixarem que uma menina fosse molestada mesmo debaixo do nariz deles. Eu vinha de uma excelente família...

Lyle interrompeu-a.

— Se não se importa que eu lhe pergunte... se recebeu uma indemnização, como é que veio aqui parar? — O cliente sentado à mesa estava agora completamente virado para nós, a observar-nos, beligerante.

— A minha família teve problemas financeiros. O dinheiro foi-se há muito tempo. Mas não é assim tão mau, trabalhar aqui. As pessoas acham sempre que é, mas não. É uma coisa que me faz sentir com poder, é divertido, faço as pessoas felizes. Quantas pessoas é que podem dizer o mesmo do trabalho delas? Não sou uma puta.

Franzi o sobrolho sem me conseguir conter e olhei na direção da área dos camionistas.

— Aquilo? — Krissi baixou a voz, num gesto de falsa discrição. — Fui só buscar uma coisa para hoje à noite. Não estava a... oh, meu Deus. Não. Algumas raparigas prostituem-se, mas eu não. Há uma miúda, coitada, de dezasseis anos, que se prostitui com a mãe. Eu tento ficar de olho nela. A Colleen. Muitas vezes penso que devia chamar os serviços sociais por causa dela... A quem é que se liga numa situação destas?

Krissi fez a pergunta com a preocupação de quem está à procura de um novo ginecologista.

— Dá-nos a morada do seu pai? — perguntou Lyle.

Krissi levantou-se, cerca de vinte minutos depois do que eu teria feito.

— Já lhe disse que não estamos em contacto um com o outro.

Lyle começou a dizer qualquer coisa, mas virei-me para ele, espetei-lhe um dedo no peito e articulei com a boca, sem som: cale-se. Ele abriu a boca, fechou-a, olhou para a

rapariga no palco, que estava agora a simular um ato sexual no chão, e saiu porta fora.

Era demasiado tarde, porém, já Krissi estava a dizer que tinha um encontro com uma pessoa. Enquanto eu pagava a conta ao barman, ela perguntou-me se eu lhe podia emprestar vinte dólares.

— Para eu oferecer o jantar à Colleen — mentiu. Depois, apressou-se a mudar a quantia para cinquenta dólares. — É que ainda não levantei o cheque do meu salário. Mas depois pago-lhe. — Fez o teatro de pegar numa folha e numa caneta, mandou-me escrever a minha morada e disse que me enviava, sem falta!, o dinheiro,

Mentalmente, incluí esse dinheiro na conta de Lyle, dei-o a Krissi e ela contou-o à minha frente como se eu lhe pudesse ter dado menos. Abriu as mandíbulas da grande carteira e um copo com tampa de uma criança caiu para o chão.

— Deixe estar — disse ela, quando fiz menção de me baixar para o apanhar, por isso deixei-o ficar onde estava.

A seguir, peguei no bocado de papel gorduroso e escrevi o meu nome e morada. Libby Day. O meu nome é Libby Day, sua puta mentirosa.

13h50

Patty perguntou-se quantas horas ela e Diane teriam passado juntas às voltas dentro de um automóvel: mil? Duas mil? Talvez perfizessem um total de dois anos, se as somassem todas, umas atrás das outras, como as empresas de colchões costumam fazer: você passa um terço da vida a dormir, porque não fazê-lo num ColchãoConforto? Oito anos parados em engarrafamentos, dizem. Seis anos a fazer chichi. Vendo as coisas por este prisma, a vida era uma tristeza. Dois anos à espera em consultórios médicos, comparados com um mísero total de três horas a ver Debby ao pequeno-almoço a rir-se até o leite começar a escorrer-lhe pelo queixo. Duas semanas a comer panquecas moles que as filhas fizeram para ela, com a parte do meio ainda a saber a massa crua. Uma só hora a olhar, assombrada, para Ben, enquanto ele ajeita inconscientemente o boné de baseball atrás das orelhas num gesto igualzinho ao que o avô dele costumava fazer, o avô que morreu quando Ben ainda era bebê. Seis anos a carregar esterco, três anos a fugir aos telefonemas dos cobradores. Talvez um mês de sexo, talvez um dia de bom sexo. Tinha dormido com três homens na vida. O namorado meigo do liceu; Runner, o espertalhão que a roubou ao namorado meigo do liceu e a deixou com quatro (maravilhosos) filhos; e um tipo com quem ela andou uns meses depois de Runner a ter deixado. Tinham dormido juntos três vezes com os miúdos em casa. Acabava sempre de uma maneira desajeitada. Ben, rabugento e possessivo, aos onze anos, enfiava-se na cozinha, de maneira a poder lançar-lhes olhares fulminantes quando eles saíam do quarto dela de manhã, Patty preocupada por ter o sêmen do homem nela, aquele cheiro tão intenso e embaraçoso diante dos filhos ainda de pijama. Era óbvio, desde o primeiro dia, que não ia resultar e ela nunca ganhara coragem para tentar outra vez. Libby acabava o liceu daí a onze anos, por isso, talvez nessa altura... Patty teria quarenta e três anos, o que, segundo constava, era a idade em que as mulheres atingiam o auge sexual. Ou uma coisa desse estilo. Talvez fosse a menopausa.

— Estamos a caminho da escola? — perguntou Diane, e Patty saiu do seu transe de três segundos e lembrou-se da tarefa horrível que tinha pela frente, a sua horrível missão: encontrar o filho... e depois? Escondiam-no até o assunto morrer? Levavam-no a casa da menina e resolviam a coisa? Nos filmes, a mãe apanhava sempre o filho a roubar e levava-o de volta à loja e obrigava-o a devolver os rebuçados com as mãos trémulas e a suplicar para que o perdoassem. Ela sabia que Ben roubava coisas em lojas. Antes de ele começar a trancar a porta do quarto, de vez em quando ela encontrava objetos estranhos, que cabiam nos bolsos, no quarto dele. Uma vela, pilhas, uma embalagem de plástico com soldadinhos. Ela nunca lhe tinha dito nada, o que era horrível. Uma parte dela não queria lidar com aquilo: ir à cidade e falar com um jovem qualquer que ganhava o salário mínimo

e que, de qualquer maneira, se estava nas tintas. E a outra parte (pior ainda) pensava: e porque não? O seu filho tinha tão pouco, porque não continuar a fingir que aquilo lhe fora dado por um amigo qualquer? Deixá-lo ficar com as suas ninharias roubadas, um erro menor no esquema mais lato da vida.

— Não, ele não iria para a escola. Só trabalha ao domingo.

— Então, para onde?

Pararam num semáforo e ficaram penduradas como roupa numa corda. A estrada terminava no terreno de pasto de uma família rica que vivia no Colorado. Se virassem à direita, dirigir-se-iam para o centro de Kinnakee: a povoação, a escola. Se virassem à esquerda, adentravam-se no Kansas, em terras agrícolas, onde viviam dois amigos de Ben, os tímidos Futuros Agricultores da América que não tinham coragem para pedir para chamar Ben quando ela atendia o telefone.

— Vira à esquerda, vamos a casa dos Muehler.

— Ele ainda se dá com eles? Ótimo. Ninguém consegue imaginar que aqueles miúdos sejam capazes de fazer alguma coisa... esquisita.

— Ah, mas o Ben é?

Diane suspirou e virou à esquerda.

— Estou do teu lado, P.

Os irmãos Muehler vestiam-se de agricultores todos os anos, no Dia das Bruxas, desde que nasceram, e os pais levavam-nos a Kinnakee na mesma carrinha de carlinga larga, deixavam os rapazes na Bulhardt Avenue para irem de porta em porta pedir doces, com os seus minúsculos bonés de basebol da John Deere e macacões, enquanto os pais bebiam café no restaurante. Os irmãos Muehler, tal como os pais, só sabiam falar sobre alfafa e trigo e o tempo, e iam à missa ao domingo, onde rezavam para que Deus lhes desse coisas que provavelmente estavam relacionadas com as colheitas. Os Muehler eram boas pessoas desprovidas de imaginação e tão ligadas à terra que até a pele delas parecia ter assumido as arestas e sulcos do Kansas.

— Eu sei. — Patty esticou o braço para pousar a mão na de Diane, mas, como ela estava a meter uma mudança, a sua mão ficou a pairar por cima da da irmã e depois voltou para o colo.

— Idiota! — disse Diane para o carro que ia à frente delas, a rolar a trinta à hora e a abrandar propositadamente quando Diane se aproximou do para-lamas. Ela guinou o volante para o ultrapassar e Patty cravou os olhos em frente, hirta, apesar de sentir o rosto do condutor virado para ela, uma lua lamacenta no seu campo de visão periférico. Quem era aquele tipo? Já saberia da notícia? Era por isso que estava especado a olhar, talvez até a apontar o dedo? Vai ali a mulher que criou o tal miúdo. O miúdo Day. Uma centena de telefones estava a tilintar nessa manhã, se Diane soubra da notícia na véspera à noite. Em casa, as suas três filhas provavelmente estavam sentadas à frente da televisão, os seus olhos a saltarem dos desenhos animados para o telefone aos gritos, que receberam ordem para atender, não fosse Ben ligar. Possivelmente não obedeceriam à ordem: estavam exaustas de tanto medo. Se alguém fosse lá a casa, encontraria três crianças chorosas e sozinhas, uma de dez anos e as outras ainda mais pequenas, aninhadas no chão da sala, retraindo-se com o barulho.

— Talvez uma de nós devesse ter ficado em casa, para o caso de... — disse Patty.

— Não vais a lado nenhum enquanto isto estiver a acontecer e eu não souber onde ir. Tomámos a decisão certa. A Michelle já é crescida. Eu tomei conta de ti quando era mais pequena do que ela.

Mas isso foi na época em que as pessoas ainda faziam esse tipo de coisa, pensou Patty. A época em que as pessoas saíam uma noite inteira e deixavam os filhos sozinhos e ninguém achava nada de mal nisso. Nos anos 50 e 60, naquela velha pradaria pacata onde nunca nada acontecia. Agora, as meninas não deviam andar de bicicleta sozinhas nem ir a lado nenhum em grupos com menos de três pessoas. Patty fora a uma reunião organizada por uma das colegas de Diane, uma espécie de reunião da Tupperware, mas em vez de recipientes de plástico robusto vendiam apitos antiviolação e sprays de autodefesa. Ela fizera uma piada sobre que raio de louco é que se daria ao trabalho de pegar no carro e ir a Kinnakee para atacar alguém. Uma loura que ela acabara de conhecer levantara os olhos do seu novo porta-chaves com spray pimenta e dissera: «Tenho uma amiga que foi violada.» Sentindo-se culpada, Patty comprara várias latas de spray.

— As pessoas acham que sou má mãe, é por isso que isto está a acontecer.

— Ninguém acha que és má mãe. Aos meus olhos, és uma supermulher: geres a quinta, levas quatro miúdos à escola todos os dias e não precisas de litros de uísque para o fazer.

Patty lembrou-se imediatamente da manhã gelada, há duas semanas, em que quase chorara de cansaço. A ideia de se vestir e levar as miúdas à escola de carro pareceu-lhe uma coisa completamente insuportável, por isso deixou-as ficar em casa e ver dez horas de telenovelas e concursos televisivos na sua companhia. Obrigou o coitado do Ben a ir de bicicleta, mandou-o embora à bruta, com a promessa de que ia pedir novamente para que o autocarro escolar passasse por casa deles no próximo ano letivo.

— Não sou boa mãe.

— Não digas isso.

A casa dos Muehler ficava num terreno de tamanho muito razoável, pelo menos uns cento e sessenta hectares. A casa era minúscula e parecia um ranúnculo amarelo, uma pincelada amarela contra quilómetros de neve e trigo verde invernal. O vento soprava com mais força do que antes; as previsões meteorológicas davam queda de neve durante a noite, seguida de um aumento súbito da temperatura para valores primaveris. Patty tinha essa promessa fincada no cérebro: súbitas temperaturas primaveris.

Percorreram a estreita faixa de estrada pouco acolhedora que levava à casa e passaram por uma máquina para revolver o solo, parada dentro do celeiro como um animal. As suas lâminas em gancho lançavam no solo sombras como garras. Diane fez um barulho com a garganta como fazia sempre que se sentia incomodada, um falso pigarrear para preencher o silêncio. Nenhuma delas olhou para a outra quando saíram do carro. Quíscalos pretos e atentos, empoleirados nas árvores, crocitavam sem parar, mal-humorados, pássaros ruidosos. Um deles passou a voar, com o rasto prateado de um enfeite de Natal pendurado do bico, a adejar. Fora isso, tudo estava imóvel, não se ouviam

motores a trabalhar, nem portões a fechar com estrondo, nem um televisor ligado, apenas o silêncio da terra coberta de neve.

— Não vejo a bicicleta do Ben — foi a única coisa que Diane disse quando bateram com a aldraba.

— Pode estar nas traseiras.

Ed abriu a porta. Jim, Ed e Ben andavam todos no mesmo ano, mas os irmãos não eram gémeos, um deles tinha chumbado pelo menos uma vez, talvez duas. Patty pensava que tinha sido Ed. Ele observou-a com os olhos arregalados durante um segundo, um miúdo baixo de aproximadamente 1,60 m, mas com uma estrutura atlética de homem adulto. Enfiou as mãos nos bolsos e olhou para trás.

— Ah, olá, senhora Day.

— Olá, Ed. Desculpa vir incomodar-vos nas férias do Natal.

— Não faz mal.

— Ando à procura do Ben... ele está cá? Viste-o?

— O Be-en? — Disse o nome em duas sílabas, como se a ideia lhe fizesse cócegas. — Ah, não, não vemos o Ben há... bem, acho que não o vimos o ano todo. A não ser no liceu. Ele agora anda com um grupo diferente.

— Que grupo? — perguntou Diane, e Ed olhou para ela pela primeira vez.

— Hum, be-em...

Ela viu a silhueta de Jim aproximar-se da porta, iluminado por detrás pela janela da cozinha. Ele avançou com passos pesados para eles, maior e mais largo do que o irmão.

— Precisa de ajuda com alguma coisa, senhora Day? — Assomou o rosto, depois o torso, afastando lentamente o irmão para o lado. Os dois barraram a entrada. Patty teve vontade de esticar o pescoço e espreitar lá para dentro, por cima dos ombros deles.

— Eu estava a perguntar ao Ed se vocês viram o Ben hoje e ele disse que praticamente não lhe puseram a vista em cima o ano todo.

— Hum, pois não. Devia ter telefonado antes de cá vir, tinha poupado tempo.

— Precisamos de o encontrar com urgência, fazem ideia de onde é que ele estará, é uma espécie de emergência familiar — interrompeu Diane.

— Mmm, não — respondeu Jim, outra vez. — Que pena não podermos ajudar.

— Não nos sabem dizer o nome de alguém com quem ele costume andar? De certeza que conhecem alguém.

Ed afastou-se e gritou das sombras da sala de estar:

— Diz-lhe para ligar para a linha do Diabo! — E soltou uma gargalhada cacarejada.

— O quê?

— Nada. — Jim olhou para a mão pousada na maçaneta da porta, perguntando-se se não deveria começar a fechá-la.

— Jim, ajuda-nos, por favor — murmurou Patty. — Por favor.

O rapaz franziu o sobrolho, bateu com a ponta da bota no chão como uma bailarina e recusou-se a levantar os olhos.

— Ele costuma andar com o bando do... do Diabo.

— O que é que isso quer dizer?

— O líder é um tipo mais velho, não sei como se chama. Consomem muita droga,

peíote e mais não sei quê, e matam vacas e outras coi-coisas. Foi o que eu ouvi dizer. Não andam no nosso liceu, os putos que fazem parte desse grupo. A não ser o Ben.

— Mas deves saber o nome de alguém — instigou Patty.

— Não sei mesmo, senhora Day. Nós gostamos de ficar longe dessas coisas. Desculpe, tentámos continuar amigos do Ben, mas... Aqui em casa vamos à igreja, os meus pais são muito rígidos. Eu... tenho muita pena.

Olhou para o chão e parou de falar, e Patty não se lembrou de mais nenhuma pergunta para lhe fazer.

— Está bem, Jim, obrigada.

Ele fechou a porta e, antes que elas tivessem tempo de virar as costas, ouviram um grito de dentro de casa: Estúpido, porque é que disseste isso?!, seguido por uma forte pancada contra a parede.

De regresso ao carro, Lyle limitou-se a dizer duas palavras:

— Que horror.

Em resposta, eu disse: mmmm. Achei Krissi parecida comigo. Ávida e ansiosa, sempre a arrebanhar coisas para usar no futuro. O pacote de batatas fritas. Nós, os golpistas, adoramos pequenas embalagens de comida, porque as pessoas abdicam delas sem levantar ondas.

Ao fim de vinte minutos de trajeto praticamente sem abrírmos a boca, Lyle resumiu o encontro numa voz de locutor:

— Portanto, é óbvio que ela está a mentir quando diz que o Ben a molestou. Acho que também mentiu ao pai. Acho que o Lou Cates se passou dos carros, matou a sua família e, depois, mais tarde, descobriu que ela tinha mentido. Matou uma família inocente para nada. Por conseguinte, a família dele desintegra-se. O Lou Cates desaparece e dá em alcoólico.

— Por conseguinte? — pico-o.

— É uma teoria com pés e cabeça, não acha?

— O que eu acho é que não devia participar em mais nenhuma destas entrevistas. É embaraçoso.

— Libby, sou eu que estou a financiar isto tudo.

— Pois, mas não está a ajudar em nada.

— Desculpe — disse ele, e parámos de falar. Quando as luzes de Kansas City tingiram o céu de um laranja doentio, ao longe, Lyle disse sem olhar para mim: — Mas é uma teoria com pés e cabeça, não é?

— Tudo é uma teoria, por isso é que é um mistério! — retorqui, imitando-o. — Um grande mistério: quem matou os Day? — proclamei alegremente. Passados uns minutos, disse de má vontade: — Acho que é uma teoria razoável, mas também devíamos explorar a pista do Runner.

— Por mim, tudo bem. Mas, ainda assim, vou tentar localizar o Lou Cates.

— Esteja à vontade.

Não me ofereci para o levar a casa e deixei-o simplesmente à porta do Sarah's, onde ele ficou parado na berma, com um ar de miúdo estupefacto por os pais o terem conseguido deixar no acampamento de férias. Cheguei a casa tarde e rabugenta e ansiosa para contar o dinheiro. Até aí, tinha recebido mil dólares do Kill Club, mais quinhentos que Lyle me devia de Krissi, embora fosse óbvio que Krissi teria falado com qualquer pessoa. Assim que isto me passou pela cabeça, percebi que não era verdade. Nenhum daqueles inadaptados do Kill Club teria conseguido levar a conversa a cabo com Krissi, pensei. Ela falou comigo porque tínhamos os mesmos químicos no sangue: vergonha, raiva, ganância. Uma nostalgia injustificada.

Mereci aquele dinheiro, pensei, com um ressentimento inexplicável. Lyle parecia

perfeitamente à vontade com a ideia de me pagar. Mas eu era assim: tinha conversas ferozes e defensivas dentro da minha cabeça, irritava-me com coisas que ainda nem sequer tinham acontecido. Ainda.

Mereci aquele dinheiro (já me sentia mais calma) e, se tivesse notícias de Runner, se falasse com Runner, ganharia muito mais e conseguiria aguentar-me durante uns bons quatro meses. Se vivesse muito quietinha.

Quatro, não, cinco meses: quando cheguei a casa, já Lyle me tinha deixado um recado a dizer que uns idiotas quaisquer do Kill Club da zona queriam organizar um encontro e comprar souvenirs da minha família. Magda seria a anfitriã, se eu estivesse interessada. Magda, o troll das cavernas que tinha desenhado uns cornos de Diabo na minha fotografia. Sim, Magda, eu adorava ir a sua casa, diga-me lá onde é que guarda as pratas?

Desliguei o atendedor de chamadas, que tinha roubado a uma colega de quarto há duas mudanças. Lembrei-me de Krissi e tive a certeza de que a casa dela também devia estar cheia de coisas de outras pessoas. Eu tinha um atendedor de chamadas roubado, um serviço quase completo de talheres de prata surripiados em restaurantes e meia dúzia de saleiros e pimenteiros, incluindo o par novo da churrasqueira Tim-Clark's que ainda não tinha conseguido mudar da mesa da sala para a cozinha. A um canto da sala, junto do meu velho televisor, está uma caixa com mais de uma centena de frasquinhos de creme que roubei. Guardo-os porque gosto de olhar para os cremes, todos juntos, cor-de-rosa, roxos, verdes. Sei que isto parece uma loucura aos olhos de qualquer pessoa que entre em minha casa, mas nunca ninguém cá vem, e gosto demais deles para os deitar fora. As mãos da minha mãe estavam sempre ásperas e secas, ela estava constantemente a pôr-lhes creme, em vão. Era uma das nossas maneiras preferidas de nos metermos com ela: «Ai, mãe, não me toques, pareces um crocodilo!» A igreja onde íamos de vez em quando tinha creme na casa de banho das senhoras e ela dizia que cheirava a rosas: todas nós nos entretnhamos a esfregar e a cheirar as mãos, elogiando-nos umas às outras pelo nosso cheiro a senhora.

Não tinha nenhuma chamada de Diane. Por esta altura, já ela devia ter recebido o meu recado e, no entanto, não ligara. Achei estranho. Diane facilitava-me sempre a tarefa de pedir desculpa. Mesmo depois desta última dose de silêncio como castigo: seis anos. Pelos vistos, eu devia ter-lhe autografado o meu livro.

Virei-me para o outro conjunto de caixas, as caixas debaixo das escadas que, quanto mais eu pensava nos crimes, mais se tornavam ominosas. São só coisas, disse para mim mesma. Não te podem magoar.

Quando eu tinha catorze anos, pensei muitas vezes em matar-me; hoje em dia, é um passatempo, mas aos catorze era uma vocação. Numa manhã de setembro, pouco depois de terem começado as aulas, peguei na Magnum .44 de Diane e pu-la na colo, como se fosse um bebé, durante horas. Que satisfação seria dar um tiro na cabeça e fazer desaparecer toda a minha maldade com uma explosão de arma, seria como soprar a penugem de um dente-de-leão. Mas lembrei-me de Diane e imaginei-a a chegar a casa e a deparar com o meu pequeno torso e uma parede vermelha, e não fui capaz. Provavelmente era por isso que eu a tratava de uma maneira tão odiosa, ela impedia-me de fazer o que eu mais queria. Mas eu não lhe podia fazer uma coisa daquelas, por isso fiz um acordo

comigo própria: se ainda me sentisse assim tão em baixo no dia 1 de fevereiro, suicidava-me. E no dia 1 de fevereiro eu continuava uma lástima, mas voltei a fazer um acordo: se estiver assim tão mal no dia 1 de maio, mato-me. E por aí fora. Ainda aqui estou.

Olhei para as caixas e fiz um acordo mais suave: se daqui a vinte minutos já não aguentar mais isto, queimo esta merda toda.

A primeira caixa desfez-se facilmente, um dos lados desmoronou assim que arranquei a fita adesiva. Dentro da caixa, no cimo da pilha, estava uma t-shirt de um concerto dos Police que pertencera à minha mãe, com nódoas de comida e extremamente macia.

Dezoito minutos.

Por baixo, estava um monte de cadernos de apontamentos presos com um elástico, todos de Debby. Folheei-os ao acaso:

Harry S. Truman foi o 33.º presidente americano e era do Missouri.

O coração é a bomba do corpo, mantém o sangue a circular no corpo todo.

Debaixo disto, encontrei uma pilha de bilhetes que Michelle me escreveu, que eu escrevi a Debby e que Debby escreveu a Michelle. Dei-lhes uma vista de olhos e puxei de um cartão de parabéns com um gelado na frente e uma cereja feita com lantejoulas vermelhas.

Querida Debby, escreveu a minha mãe na sua caligrafia muito apertada. É uma sorte termos uma menina tão doce, boa e prestável na família. És a minha cereja no cimo do bolo! Mãe

Ela nunca escrevia «Mamã», pensei, nunca a tratámos assim, nem sequer quando éramos pequenos. Quero a minha mamã, pensei. Nunca dizíamos isso. Quero a minha mãe. Senti qualquer coisa soltar-se dentro de mim, qualquer coisa que não se devia ter soltado. Um ponto que se desfez.

Catorze minutos.

Li mais uns bilhetes na diagonal, pondo de parte para dar ao Kill Club aqueles que me pareceram chatos ou insonos, e tive saudades das minhas irmãs, rindo-me de alguns dos textos, das estranhas preocupações que tínhamos, das mensagens em código, dos desenhos toscos, das listas de pessoas de quem gostávamos e não gostávamos. Esquecera-me de como éramos unidas, as meninas Day. Nunca o teria dito, mas agora, ao analisar o que tínhamos escrito como uma antropóloga solteirona, percebi que era verdade.

Onze minutos. Ali estavam os diários de Michelle, todos presos com elásticos num embrulho a imitar pele. Todos os anos, ela recebia dois no Natal: precisava do dobro de qualquer miúda normal. Começava sempre um novo ali mesmo, quando ainda estávamos aos pés da árvore, fazendo o relato de cada prenda que tínhamos recebido, contando-as todas.

Abri o de 1983 e lembrei-me de como Michelle era uma miúda ultraocupada, mesmo aos oito anos. O texto de um dos dias contava que ela tinha ouvido a sua professora

preferida, Miss Berdall, dizer coisas ordinárias a um homem ao telefone, na sala dos professores. E Miss Berdall nem sequer era casada. Michelle perguntava-se se Miss Berdall lhe traria alguma coisa boa para o almoço se ela a confrontasse. (Parece que, uma vez, Miss Berdall tinha dado a Michelle metade de um donut com doce, o que deixou Michelle com uma obsessão permanente por Miss Berdall e os seus sacos de papel pardo. Geralmente podíamos contar com os professores para nos darem metade de uma sanduíche ou um bocado de fruta se ficassemos especados a olhar para eles tempo suficiente. Não podíamos era exagerar, senão recebíamos um bilhete para darmos à nossa mãe e ela chorava.) Os diários de Michelle estavam cheios de drama e de insinuações de um nível muito de escola básica: no intervalo, o senhor McNany fumou à porta dos balneários dos rapazes e depois usou um spray para o hálito (spray para o hálito sublinhado várias vezes) para que ninguém descobrisse. A senhora Joekep da igreja estava a beber no carro... e quando Michelle lhe perguntou se estava com gripe, senão porque é que estava a beber de uma garrafa, a senhora Joekep riu-se e deu-lhe vinte dólares por umas bolachas das escuteiras, apesar de Michelle nem sequer andar nos escuteiros.

Meu Deus, até sobre mim ela escreveu: sabia, por exemplo, que eu tinha mentido à mãe sobre o murro que Jessica O'Donnell levou. Era verdade, dei mesmo um murro à coitada da miúda, que ficou com um olho negro, mas jurei à minha mãe que ela tinha caído de um baloiço. A Libby disse-me que foi o Diabo que a mandou bater na Jessica, escreveu Michelle. Será que eu devia contar à mãe?

Fechei o diário de 1983, folheei o de 1982 e o de 1984. Li cuidadosamente o diário da segunda metade de 1984, não fosse Michelle dizer alguma coisa de importante sobre Ben. Não encontrei nada de especial, a não ser acusações repetidas de que ele era um parvalhão e ninguém gostava dele. Perguntei-me se a polícia teria ficado com a mesma ideia. Imaginei um agente qualquer novato a ingerir comida chinesa à meia-noite, enquanto lia o texto sobre o dia em que a melhor amiga de Michelle teve o período pela primeira vez.

Nove minutos. Mais cartões de parabéns e cartas e, a seguir, desenterrei um bilhete que estava dobrado de uma maneira mais meticulosa do que os outros, um origâmi que o fazia parecer quase fálco, e depreendi que era precisamente essa a intenção, uma vez que tinha a palavra *garanhão* escrita no cimo. Abri-o e li uma caligrafia arredondada de menina:

11/5/84

Querido *Garanhão*,

Estou na aula de Biologia e a tocar-me por baixo da secretária porque estou louca por ti. Estás a ver a minha ratinha? Ainda está toda molhada e vermelha do que tu lhe fizeste. Vem a minha casa hoje depois das aulas, está bem? Quero saltar-te para cima!!! Estou tão excitada, ainda agora. Quem me dera que vivesses comigo sempre que os meus pais não estão. A tua mãe nem dava por nada, é tão despistada! Porque é que haverias de ficar em casa dela se podes estar comigo?! Vê se tens tomates e mandas a tua mãe para o diabo. Seria uma pena vires cá a casa visitar-me um dia e

encontrares-me na cama com outro. Meu Deus! Ai, apetece-me tanto vir-me. Vai ter comigo ao meu carro a seguir às aulas, vou estacionar na Passel Street.

Até já!

Diondra

Ben nunca teve uma namorada, nunca. Ninguém, incluindo Ben, tinha falado em tal coisa. O nome nem sequer me dizia nada. No fundo da caixa, estava uma pilha de livros do liceu com os alunos de cada ano, de 1975, o ano em que Ben entrou para o liceu, até 1990, quando Diane me mandou embora pela primeira vez.

Abri o livro de 1984-5 e vi as fotografias da turma de Ben. Não havia nenhuma Diondra, mas encontrei uma fotografia de Ben que me magoou: ombros caídos, o cabelo meio comprido atrás, à anos 80, e uma camisa de algodão mais formal que ele usava sempre em ocasiões especiais. Lembrei-me dele, em casa, a vesti-la para o Dia da Foto de Turma, a treinar à frente do espelho como é que havia de sorrir. Em setembro de 1984, ele ainda usava camisas que a minha mãe lhe comprava e, em janeiro, era um miúdo de cabelo preto e cheio de raiva, acusado de homicídio. Passei os olhos por outra turma, sobressaltando-me de vez em quando, sempre que via uma Diane ou uma Dina, mas nem sinais de uma Diondra. Depois, passei para a turma acima e estava prestes a desistir quando deparei com ela: Diondra Wertzner. Pior nome não havia e levei o dedo à fila de fotografias, à espera de ver uma potencial auxiliar de cantina, uma pessoa tosca e com bigode e, em vez disso, encontrei uma rapariga bonita, de bochechas gorduchas e com uma cabeleira escura aos canudos. Tinha feições miudinhas, que acentuava com demasiada maquilhagem, mas mesmo na fotografia ela destacava-se da página. Havia qualquer coisa especial nos olhos fundos, uma expressão de desafio, com os lábios entreabertos deixando à mostra uns dentinhos aguçados de cachorro.

Abri o livro do ano anterior e ela não estava lá. Abri o livro do ano seguinte e ela não estava lá.

15h10

A carrinha de Trey cheirava a erva, a meias suadas e a vinho doce com sumo de fruta que provavelmente Diondra tinha derramado. Diondra tinha tendência para «apagar» ainda de garrafa na mão, era a maneira preferida de ela beber, beber até desmaiar, mas sempre com um último golinho por perto, não fosse dar-lhe a vontade. A carrinha estava cheia de embalagens velhas de fast-food, anzóis de pesca, uma Penthouse e, no tapete felpudo aos pés de Ben, uma caixa com pacotes a dizer Feijões Saltitões Mexicanos, todos eles com um pequeno feijão de sombrero e traços junto dos pés para indicar que estava aos saltos.

— Prova um — disse Trey, apontando para os pacotes.

— Não, não são insetos?

— São, são uma espécie de larvas de escaravelho — respondeu Trey, e soltou a sua gargalhada de martelo pneumático.

— Que bom, muito obrigado.

— Foda-se, meu, estou só a gozar contigo, não leves as coisas tão a sério.

Pararam numa loja de conveniência e Trey disse olá a um tipo mexicano que estava atrás do balcão — aquele ali é um verdadeiro feijão — e carregou Ben com uma caixa de Beast, uns nachos para aquecer no micro-ondas que Diondra adorava e um punhado de carne seca de vaca, que Trey segurou na mão como se fosse um ramalhete.

O tipo sorriu para Trey e soltou um ululante grito guerreiro índio. Trey cruzou os braços no peito e fingiu que dançava à volta de um sombrero.

— Liga-me, José.

O tipo não disse mais nada e Trey deixou-lhe o troco, que ainda eram uns bons três dólares. Ben foi o caminho todo até casa de Diondra a pensar nisso. Que o mundo estava cheio de pessoas como Trey, que deixavam três dólares de gorjeta sem sequer pensarem duas vezes. Como Diondra. Há uns meses, no final muito quente de setembro, Diondra tivera de tomar conta de dois primos ou primos por afinidade ou uma coisa assim, e ela e Ben levaram-nos a um parque aquático perto da fronteira com o Nebraska. Ela andava com o Mustang da mãe há um mês (estava farta do seu próprio carro) e o banco de trás tinha um monte de coisas que compraram, coisas que nunca passaria pela cabeça de Ben possuir: três tipos diferentes de protetor solar, toalhas de praia, borrifadores, colchões e boias insufláveis, bolas de praia, baldes. Os miúdos eram pequenos, tinham uns seis ou sete anos, e iam entalados no banco de trás no meio daquela tralha toda, com os colchões insufláveis a fazer barulho sempre que se mexiam e, algures perto de Lebanon, os miúdos abriram a janela a rir às gargalhadas, com os colchões a fazerem cada vez mais barulho, como se estivessem a atingir o orgasmo num qualquer ritual de acasalamento, e Ben percebeu o porquê de tanto riso. Os miúdos estavam a apanhar todas as moedas que

Diondra tinha deixado espalhadas no banco de trás, no chão, nos cantinhos todos — ela atirava sempre os trocos lá para trás — e a lançá-las às mãos-cheias pela janela fora, para as verem espalharem-se como faíscas. E não eram só pennies, muitas delas eram de vinte e cinco centimos.

Ben pensou que era assim que se distinguiam as pessoas. Não tinha nada a ver com gostar de cães ou de gatos, ou ser fã dos Chiefs ou dos Broncos. O que marcava a diferença era a importância que uma pessoa dava às moedas de vinte e cinco centimos. Para ele, quatro moedas de vinte e cinco centimos faziam um dólar. Uma pilha de moedas de vinte e cinco centimos equivalia a um almoço. A quantidade de moedas que aqueles putos ranhosos atiraram pela janela fora tinha dado para ele comprar meio par de jeans. Pediu aos miúdos para pararem, dizendo que era perigoso, ilegal, que podiam levar uma multa, que tinham de se sentar bem sentados e estar quietos. Os putos riram-se e Diondra gritou: O Ben vai ficar sem a semanada se vocês não pararem de lhe roubar os trocos, e ele percebeu que ela o tinha apanhado. Pelos vistos, não era tão discreto como pensava: Diondra sabia que ele arrebanhava as moedas que ela deixava para trás. Sentiu-se como uma miúda cujo vestido foi levantado pelo vento. E perguntou-se o que diria isso sobre ela, ver o namorado a arrebanhar trocos e não dizer nada, será que isso fazia dela uma boa pessoa? Ou má.

Trey dirigiu-se a toda a velocidade para casa de Diondra, uma gigantesca caixa bege rodeada por uma vedação de arame para evitar que os pitbulls de Diondra matassem o carteiro. Ela tinha três pitbulls, um deles um saco branco de músculos com uns tomates gigantescos e uns olhos marados que Ben detestava mais ainda do que os outros dois. Ela deixava-os entrar em casa, quando os pais não estavam, e eles saltavam para cima das mesas e cagavam o chão todo. Diondra não limpava nada, limitava-se a pôr ambientador nos fios da alcatifa mesclados de merda. O tapete azul bonito da sala — de um violeta poeirento, como lhe chamava Diondra — era agora um terreno minado de fezes pisadas. Ben tentava não se importar com isso. Não era da sua conta, como Diondra gostava de lhe lembrar.

A porta das traseiras estava aberta, embora estivesse um frio de rachar, e os pitbulls andavam a correr dentro e fora, como se fosse uma espécie de ato de magia: nenhum pitbull, um pitbull, dois pitbulls no quintal! Três! Três pitbulls no quintal, às voltas em círculos toscos e depois a entrarem novamente disparados na casa. Pareciam pássaros em debandada, a brincarem e a mordiscarem-se uns aos outros, em formação.

— Odeio a porra destes cães — queixou-se Trey, parando a carrinha.

— Ela estraga-os com mimos.

Os cães lançaram-se em rosnadelas de ataque quando Ben e Trey se encaminharam para a parte da frente da casa, os animais seguindo-os obsessivamente ao longo da vedação, focinhos e patas espetados por entre as aberturas, a ladrar, ladrar, ladrar.

A porta da frente também estava aberta, deixando sair o calor. Passaram pela entrada forrada com papel de parede cor-de-rosa — Ben não resistiu a fechar a porta, para poupar energia — e desceram ao andar de baixo, que era o piso de Diondra. Diondra estava na sala a dançar, seminua, com umas meias de lã cor-de-rosa enormes, sem calças e com uma camisola para dois, com laçadas enormes que fizeram lembrar a Ben uma coisa que

um pescador usaria e não uma rapariga. Pensando melhor, todas as miúdas do liceu usavam camisas ou camisolas enormes. Chamavam-lhes camisas do namorado ou camisolas do pai. Diondra, claro está, tinha de as usar ultragrandes e com camadas de roupa por baixo: uma t-shirt a sair por baixo da camisola, depois uma espécie de camisola de alças e uma camisa colorida às riscas. Uma vez, Ben oferecera a Diondra uma das suas camisolas pretas enormes para que ela a usasse como camisola do namorado, uma vez que ele era o namorado dela, mas ela franzira o nariz e anunciou: «Não é o tipo certo de camisola. E tem um buraco.» Como se um buraco numa camisola fosse pior do que ter merda de cão na alcatifa toda. Ben nunca sabia muito bem se Diondra conhecia uma série de regras secretas, protocolos privados, ou se inventava aquelas merdas só para o fazer sentir-se um tolo.

Ela estava aos pulos ao som de «Highway to Hell», com a lareira a lançar chamas atrás dela, o cigarro mantido à distância das suas roupas novas. Tinha cerca de doze peças dentro de capas de plástico ou penduradas em cabides ou em sacos reluzentes com papel de seda a sair por cima como labaredas. Tinha também duas caixas de sapatos e uns embrulhos pequeninos que ele percebeu que eram de joias. Quando ela levantou os olhos e viu o cabelo preto dele, dirigiu-lhe um sorriso gigantesco de felicidade e espetou o polegar.

— Espetacular.

E Ben sentiu-se um bocadinho melhor, menos estúpido.

— Eu disse-te que te ia ficar bem, Benji. — E mais nada.

— O que é que compraste, Dio? — perguntou Trey, mexericando nos sacos. Puxou uma fumaça do cigarro dela, enquanto ela o segurava, enquanto ela estava sem calças. Ela viu o olhar de Ben e puxou a camisola para cima, mostrando-lhe uns boxers que não eram dele.

— Está tudo bem, ó totó. — Ela aproximou-se e deu-lhe um beijo, e ele sentiu o cheiro a laca de uvas e cigarros, que o acalmou. Abraçou-a ao de leve, como costumava fazer agora, com os braços frouxos e, quando sentiu a língua dela tocar na sua, estremeceu.

— Oh, meu Deus, vê se ultrapassas esta fase da «Diondra é intocável» — irritou-se ela. — A menos que eu seja demasiado velha para ti.

Ben riu-se.

— Tens dezassete anos.

— Se ouvisses as coisas que eu ouço — cantou Diondra ao som de uma melodia natalícia, parecendo irritada, parecendo furiosa.

— O que é que queres dizer com isso?

— Que uma miúda de dezassete anos talvez seja demasiado velha para o teu gosto.

Ben ficou sem saber o que dizer. Entrar numa discussão com Diondra quando ela estava virada do avesso acabava sempre num sem-fim de frases do estilo: «Não, não é nada» e «Depois eu digo-te» ou «Não te preocupes, eu sei lidar com isto». Ela puxou o cabelo seco para trás e dançou para eles, pegando numa bebida que estava atrás de uma caixa de sapatos. Tinha o pescoço marcado de chupões roxos que ele lhe fizera no domingo, armado em Drácula e ela a pedir mais: «Com mais força, mais força, não vai deixar marca se fizeres assim, não apertes os lábios, não ponhas a língua, mais força...

Faz! Com! Mais Força! Como é que nem sequer sabes fazer um chupão?» e com uma cara crispada e furiosa, agarrara na cabeça dele, virara-o de lado e atacara-lhe o pescoço como um peixe moribundo, a pressionar a carne para dentro e para fora a um ritmo frenético. Depois, afastara-se: «Pronto!» e mandara-o ver-se ao espelho. «Agora faz-me o mesmo.»

O resultado foi uma procissão de sanguessugas pelo pescoço dela abaixo, castanhas e azuis e embaraçosas, até que Ben viu Trey especado a olhar para elas.

— Oh, não, amor, estás todo partido.

Diondra esboçou um sorriso constrangido, reparando pela primeira vez na cabeça partida de Ben. Lambeu um dedo e começou a limpar o sangue.

— Alguém te bateu?

— O bebé caiu da bicicleta — riu-se Trey. Ben não lhe dissera que tinha caído da bicicleta e sentiu uma onda de raiva contra Trey por tentar gozar com a cara dele e acabar por dizer a verdade.

— Vai-te lixar, Trey.

— Eiiii — respondeu Trey, levando as mãos ao ar, os seus olhos transformando-se em ardósias.

— Alguém te empurrou da bicicleta, amor? Alguém te fez mal? — disse Diondra, mimando-o.

— Compraste alguma coisa para o Benny-boy, para ele não ter de usar aqueles jeans merdosos mais um mês? — perguntou Trey.

— É claro que comprei. — Ela sorriu, esquecendo o ferimento de Ben, o que ele pensara que demoraria muito mais tempo. Ela saltou por cima de um gigantesco saco vermelho e tirou umas calças de cabedal pretas, grossas como couro de vaca, uma t-shirt às riscas e um casaco de ganga preto com tachas reluzentes.

— Fogo, calças de cabedal, achas que andas com quem, com o David Lee Roth? — gargalhou Trey.

— Vão-lhe ficar muito bem. Vai experimentá-las. — Ela franziu o nariz quando ele a tentou puxar para si. — Já ouviste falar em banho, Ben? Cheiras à cantina. — Ela empurrou as roupas para as mãos de Ben e despachou-o para o quarto. — É uma prenda, Ben — gritou ela. — Quando quiseres, estás à vontade para me agradecer.

— Obrigado! — berrou ele.

— Mas, pelo amor de Deus, toma banho antes de as vestires.

Portanto, ela estava mesmo a falar a sério: ele fedia. Sabia que fedia, mas esperava que mais ninguém sentisse o cheiro. Entrou na casa de banho à frente do quarto de Diondra — ela tinha a sua própria casa de banho, porra, e os pais tinham outra gigantesca com dois lavatórios — e deixou cair as roupas sujas, amassadas, na alcatifa rosa-vivo. Ainda tinha a área da braguilha molhada da água do balde que despejara na escola e a pila mirrada e pegajosa. O duche soube-lhe bem, descontraíu-o. Ele e Diondra já tinham tido relações muitas vezes naquele chuveiro, todos ensaboados e quentes. Havia sempre sabonete, uma pessoa não precisava de se lavar com champô para bebé por a mãe nem sequer ser capaz de ir à merda do supermercado.

Secou-se e voltou a vestir os boxers. Usava uns boxers que também tinham sido

comprados por Diondra. A primeira vez que se despiram à frente um do outro, ela rira-se tanto das cuecas justas e brancas que ele usava que até se engasgou com a saliva. Ele tentou enfiar os boxers dentro da pele rígida, cheia de molas e fechos e colchetes, e contorceu-se todo para que as calças lhe coubessem no rabo, que Diondra dizia que era a melhor coisa que ele tinha. O problema foi que os boxers se enrodilharam todos na cintura quando finalmente conseguiu puxar as calças para cima, deixando altos em todos os sítios onde não deviam. Voltou a despir as calças e atirou os boxers para a pilha de roupa velha, começando a ficar com os azeites ao ouvir Trey e Diondra aos segredinhos e risinhos na outra divisão. Vestiu as calças outra vez sem nada por baixo e elas colaram-se-lhe à pele como um fato de mergulho feito de cabedal. Quente. Já tinha o rabo todo transpirado.

— Vem cá fazer uma passagem de modelos, garanhão — chamou Diondra.

Ele vestiu a t-shirt e entrou no quarto dela para se ver ao espelho. As estrelas de heavy metal que Diondra adorava fitaram-no dos posters colados nas paredes, incluindo no teto por cima da cama, com cabeleiras gigantescas e espetadas e corpos entalados dentro de cabedal com fivelas e cintos como botões de robôs alienígenas. Por acaso até nem estava mal. Parecia o look certo. Quando entrou na sala, Diondra guinchou e correu para ele, saltando-lhe para os braços.

— Eu sabia. Eu sabia. És mesmo um garanhão. — Puxou-lhe o cabelo para trás, grosso e desgrehado e de um comprimento estranho, pela altura do queixo. — Tens de deixar crescer o cabelo, mas fora isso estás um garanhão.

Ben olhou para Trey, que encolheu os ombros.

— Não sou eu que te vou foder esta noite, por isso não olhes para mim.

No chão estava uma pilha de lixo, os invólucros compridos e finos de carne seca Slim Jims e um quadrado de plástico com tiras de queijo e migalhas de nachos.

— Já comeram tudo? — perguntou Ben.

— Agora é a tua vez, Teep-beep¹ — disse Diondra, entusiasmada, tirando a mão do cabelo de Ben.

Trey pegou numa camisa com tachas de metal que Diondra lhe comprara (e porque é que Trey tem direito a uma prenda, pensou Ben) e gingou até ao quarto para tomar parte no desfile de moda. Do corredor chegou-lhes apenas silêncio, depois o estalar de uma carica de cerveja e depois risos, como se Trey estivesse a rebolar-se no chão e a chorar de tanto rir.

— Diondra, chega aqui!

Diondra já se ia a rir quando correu para Trey, deixando Ben de pé, todo transpirado dentro das calças novas e justas. Daí a nada também ela estava a rir às gargalhadas e apareceram os dois, com uma expressão de pura alegria na cara, Trey sem camisa e com os boxers de Ben na mão.

— Ó meu, estás a usar essas calças justas nos tomates sem nada por baixo? — disse Trey entre gargalhadas, com os olhos arregalados. — Fazes ideia da quantidade de gajos que já enfiou o cu de merda nessas calças antes de ti? Neste preciso momento, tens o suor dos tomates de oito gajos diferentes colado à tua pele. O teu olho do cu está encostado ao olho do cu de outro gajo qualquer. — Riram-se outra vez e Diondra soltou a

sua exclamação de «coitadinho do Ben»: Ooohhhaaa.

— Acho que os boxers têm nódoas de merda, Diondra — disse Trey, espreitando para dentro dos calções. — É melhor tratares disto, mulherzinha.

Diondra pegou neles com dois dedos, atravessou a sala e atirou-os para a lareira, onde crepitaram, mas não pegaram fogo.

— Nem o fogo consegue destruir aquela porra — riu-se Trey. — São feitos de quê, Ben, poliéster?

Atiraram-se para o sofá, Diondra enroscada de lado a rir, com a cabeça de Trey em cima dos quadris. Ela riu-se com a cara toda franzida, depois, ainda deitada, piscou um dos olhos azul-vivo e, abrindo-o, observou-o. Ele preparava-se para ir à casa de banho vestir os jeans, quando Diondra se levantou de um salto e o agarrou pela mão.

— Oh, querido, não fiques chateado. Estás o máximo. A sério que estás. Ignora-nos.

— São fixes, meu. E às tantas, transpirar em cima do molho de outro gajo é exatamente aquilo de que precisas para que te nasça um par de tomates, certo? — Trey desatou a rir outra vez, mas, como Diondra não se juntou a ele, foi ao frigorífico buscar mais uma cerveja. Trey ainda não tinha vestido a camisa nova, parecia gostar de se pavonear sem camisa, com rebentos de pelos pretos no peito e mamilos escuros do tamanho de moedas de cinquenta cêntimos, músculos salientes em todo o lado e um rasto de penugem pela barriga abaixo que Ben nunca haveria de ter. Ben, pálido e de estrutura óssea miudinha e cabelo ruivo, nunca teria aquele aspeto, nem daí a cinco anos, nem daí a dez. Olhou para Trey de relance, desejoso de o observar com atenção, mas sabendo que era má ideia.

— Vá, Ben, não nos vamos chatear — disse Diondra, puxando-o para o sofá. — Depois das merdas todas que ouvi sobre ti hoje, eu é que devia estar passada contigo.

— Vês? Mas que raio de conversa é essa? — retorquiu Ben. — Parece que estás a falar em código. Tive um dia de merda e não estou com paciência!

Diondra era assim, apanhava uma pessoa com um isco, dava beliscões e mordidelas aqui e ali até um gajo estar meio louco e depois era só falinhas-mansas: «Porque é que estás tão chateado?»

— Ohhhhh — sussurrou-lhe ela ao ouvido. — Não quero discutir contigo. Estamos juntos, não vamos discutir. Vamos para o meu quarto fazer as pazes. — Ela tinha um hálito a cerveja e as unhas compridas pousadas na braguilha dele. Puxou-o para cima.

— O Trey está aqui.

— O Trey está-se nas tintas — disse ela, e depois mais alto: — Vê televisão durante um bocado, Trey.

Trey fez um mmmm, sem sequer olhar para eles, e atirou-se para o sofá, fazendo a cerveja jorrar como uma fonte.

Ben estava irritado e tinha a sensação de que era assim que Diondra mais gostava de o ver. Teve vontade de lhe saltar para cima à bruta, de a fazer gemer de dor. Por isso, assim que fecharam a porta, aquela porta de contraplacado que de certeza deixava Trey ouvir tudo — ótimo —, Ben esticou os braços para a agarrar e Diondra virou-se e arranhou-lhe a cara, com força, fazendo-o sangrar.

— Mas que porra é esta, Diondra? — Ficou com mais um arranhão na cara, mas não se

importou nada com isso. Marca-me estas grandes bochechas de bebé, vá. Diondra deu um passo atrás por um instante, abriu a boca e depois puxou-o para si até caírem em cima da cama, fazendo saltar animais de peluche de ambos os lados. Ela arranhou-o outra vez no pescoço e nesse momento ele teve mesmo vontade de a foder bem fodida, até via tudo vermelho como costuma acontecer nos desenhos animados, e ela ajudou-o a despir as calças, puxando-as como a pele de uma queimadura do sol, e o pau dele ficou logo em riste, mais duro do que nunca. Ela tirou a camisola, as mamas dela enormes, azul-leitosas e macias, e ele arrancou-lhe os boxers. Quando ficou especado a olhar para a barriga dela, ela virou-lhe as costas e guiou-o por trás, aos gritos: É só isso? É só isso que tens para me dar? Podes foder-me com mais força!, e ele enterrou-se nela até ficar com os tomates a doer e os olhos sem verem nada e depois acabou e ele deitou-se de costas, a perguntar-se se estaria a ter um ataque cardíaco. Estava ofegante, a lutar contra a depressão que o sufocava sempre depois de terem sexo, aquela melancolia do e é tudo.

Ben já tinha tido relações sexuais vinte e duas vezes, estava a contá-las, todas com Diondra, e já tinha visto televisão suficiente para saber que os homens devem adormecer serenamente logo a seguir. Ele nunca adormecia. Aliás, ficava mais agitado, como se tivesse bebido demasiada cafeína, irritadiço e mau. Pensava que o sexo descontrai uma pessoa... e o durante era bom, a parte em que se vinha era excelente. Mas depois, durante cerca de dez minutos só lhe apetecia chorar. Tinha uma sensação de é só isto? A melhor coisa da vida, a coisa pela qual um homem é capaz de matar e é só isto, acabou ao fim de uns minutos e deixa uma pessoa vazia e deprimida? Nunca percebia se Diondra gostava ou não, se se vinha ou não. Ela gemia e gritava, mas depois nunca parecia feliz. Estava deitada ao lado dele, agora, de barriga para cima, sem lhe tocar, quase sem respirar.

— Vi umas miúdas hoje, no centro comercial — disse Diondra, ao lado dele. — Disseram que andas a foder miudinhas na escola. De dez anos.

— Que história é essa? — perguntou Ben, ainda atordoado.

— Conheces uma miúda chamada Krissi Cates?

Ben conteve-se para não saltar da cama. Dobrou um braço debaixo da cabeça, voltou a esticá-lo ao lado do tronco, cruzou-o sobre o peito.

— Hum, sim, acho que sim. Anda naquela turma de educação visual que eu tenho ajudado a vigiar depois das aulas.

— Nunca me falaste em nenhuma aula de educação visual — ripostou Diondra.

— Não havia nada para contar, foi só umas vezes.

— O que é que foi só umas vezes?

— Que ajudei na aula — disse Ben. — Ajudei os miúdos. Foi uma das minhas antigas professoras que me pediu.

— Dizem que a polícia quer falar contigo. Que fizeste umas asneiras com algumas dessas miúdas, miúdas que são da idade das tuas irmãs. Que lhes tocaste de uma maneira esquisita. Anda toda a gente a chamar-te tarado.

Ele sentou-se na cama e teve um vislumbre da equipa de basquetebol a gozar com o cabelo preto dele, com a taradice dele, preso nos balneários enquanto eles se metiam com ele até se cansarem e irem embora nas suas carrinhas enormes.

— Achas que sou um tarado?

— Não sei.

— Não sabes? Porque é que foste para a cama comigo agora, se achas que eu posso ser um tarado?

— Queria ver se ainda conseguias pôr o pau de pé comigo. Se ainda te vinhas muito. — Ela virou-lhe as costas, puxando as pernas para o peito.

— Bem, que cena marada, Diondra. — Ela não disse nada. — Portanto, queres que eu o diga com todas as letras: não fiz nada com nenhuma miúda. Não fiz nada com ninguém a não ser tu, desde que começámos a sair. Amo-te. Não quero ter relações sexuais com miúdas pequenas. Está bem? — Silêncio. — Está bem?

Diondra virou uma parte do rosto para ele, um só olho azul fixo nele sem qualquer emoção:

— Chiu. O bebé está a dar pontapés.

1 O apelido de Trey é Teepano, cuja sonoridade se presta a trocadilhos com o som de uma buzina (beep-beep). (N. da T.)

Lyle estava hirto e calado quando nos dirigimos de carro a casa de Magda para o nosso encontro. Perguntei-me se estaria a julgar-me, a mim e ao pacote de bilhetes que eu ia vender. Nada do que eu tinha decidido despachar era particularmente interessante: tinha cinco cartões de parabéns que a minha mãe dera a Michelle e a Debby ao longo dos anos, com mensagens apressadas e alegres rabiscadas em baixo, e um cartão de parabéns que ela escrevera a Ben e que eu achei que ia render uma boa quantia. Sentia-me culpada em relação àquilo tudo, não me sentia nada bem, mas tinha medo de ficar sem dinheiro, tinha pavor de ficar falida e isso sobrepunha-se à vontade de ser simpática. A mensagem para Ben, escrita na parte de dentro do cartão de quando ele fez doze anos, dizia: Estás a crescer a olhos vistos, daqui a nada já conduzes! Quando o li, tive de o virar para baixo e afastar-me, porque a minha mãe viria a morrer antes mesmo de Ben poder aprender a conduzir. E, de qualquer maneira, Ben seria preso, nunca aprenderia a conduzir.

Enfim.

Atravessámos o rio Missouri, cuja água parecia nem se dar ao trabalho de cintilar ao sol da tarde. O que eu não queria era ver aquelas pessoas a ler os bilhetes, havia qualquer coisa de demasiado íntimo nisso. Talvez eu me pudesse ir embora, enquanto elas os liam e os avaliavam como se fossem velhos candelabros numa feira da ladra.

Lyle orientou-me até casa de Magda, através de bairros de classe média, onde várias casas exibiam uma bandeira do dia de St. Patrick, com os seus trevos verde-garrido e trasgos já com uns dias fora de prazo. Senti Lyle mexer-se ao meu lado, irrequieto como sempre, até que ele se virou para mim, com os joelhos quase a baterem nas mudanças e a fazerem-nas saltar.

— Então — disse ele.

— Então.

— Este encontro, como acontece muitas vezes com Magda, transformou-se numa coisa ligeiramente diferente do que estava combinado.

— O que é que isso quer dizer?

— Bom, sabe que ela faz parte de um grupo, a Associação Libertem Ben Day. Para tirar o Ben da cadeia. E por isso ela convidou umas quantas... dessas mulheres.

— Oh, não — disse eu. Encostei o carro na berma.

— Ouça, ouça, disse que queria explorar a pista do Runner. Pois esta é a oportunidade. Elas pagam-nos, pagam-lhe a si, para o encontrar e lhe fazer umas perguntas de pai para filha.

— De filha para pai?

— Certo. É que eu estou a ficar sem dinheiro. Por isso, é daqui que as próximas verbas vão sair.

— Quer dizer que tenho de me sentar e deixá-las ser mal-educadas para mim? Como da última vez?

— Não, não, elas podem dar-lhe informações sobre o Runner. Pô-la a par dos pormenores da investigação. Neste momento, está convencida de que o Ben é inocente, certo?

Tive um vislumbre de Ben a ver televisão, da minha mãe a despenteá-lo com uma mão ao passar com um fardo de roupa suja encaixado na anca, e ele a sorrir, mas sem se virar. À espera que ela saísse da sala para voltar a pentear o cabelo.

— Ainda não cheguei aí.

As minhas chaves tilintaram na ignição, girando ao som de uma música do Billy Joel que estava a tocar na rádio. Mudei de estação.

— Tudo bem, vamos — disse eu.

Conduzi mais uns quarteirões. O bairro de Magda tinha tanta falta de categoria como o meu, mas era mais agradável. Todas as casas eram de construção mal-amanhada, mas os donos ainda tinham orgulho suficiente para lhes dar uma camada de pintura de vez em quando, pendurar uma bandeira, plantar umas flores. As casas fizeram-me lembrar meninas caseiras e esperançosas, numa sexta-feira à noite, a saltar de bar em bar com tops de lantejoulas, bandos delas em que pelo menos uma deveria ser bonita, mas nenhuma o era e nunca o viria a ser. E ali estava a casa de Magda, a miúda mais feia e com mais acessórios, freneticamente empilhados. O relvado da frente estava pejado de ornamentos: gnomos aos saltos sobre pernas de arame, flamingos sobre molas e com asas de plásticos que giravam quando o vento soprava. Um veado de cartão ensopado e esquecido do Natal estava no jardim, que se encontrava quase todo coberto de lama, com retalhos de relva a espreitarem intermitentemente. Desliguei o carro e ficámos ambos especados ao olhar para o jardim, com os seus habitantes irrequietos.

Lyle virou-se para mim, com os dedos esticados como um treinador a dar conselhos sobre uma jogada difícil:

— Portanto, não se preocupe. Acho que a única coisa de que convém lembrar-se é de ter cuidado quando fala sobre o Ben. Esta gente fica muito irritada quando se fala do Ben.

— O que é que significa muito irritada?

— Costuma ir à igreja?

— Quando era miúda, ia.

— Então, seria o mesmo que alguém entrar na sua igreja a dizer que odeia Deus.

Por acaso, parecia mesmo que estava numa igreja. Ou num velório. Montes de café, dezenas de pessoas a murmurarem, vestidas com roupa de lã escura, sorriso pesarosos. O ar estava azulado de fumo de tabaco e pensei como era raro, hoje em dia, encontrar um ambiente assim, depois de ter crescido na rulote enevoada de Diane. Inspirei fundo.

Batemos várias vezes à porta e, como ninguém nos ouviu, entrámos. Lyle e eu ficámos ali parados, ao estilo gótico americano, durante uns bons cinco segundos enquanto a conversa esmorecia e as pessoas começavam a olhar para nós fixamente. Uma mulher mais velha, com o cabelo crespo preso com travessões, fitou-me, piscando os olhos com a intensidade de alguém que me estava a transmitir um código secreto, com um grande sorriso colado no rosto. Uma morena de vinte e poucos anos, incrivelmente bonita,

levantou os olhos dos pêssegos que estava a dar a um bebé na boca e também ela nos dirigiu um sorriso expectante. Uma tipa velha e carrancuda, com a estrutura de um boneco de neve, crispou os lábios e tocou no crucifixo que usava no pescoço, mas todas as outras pessoas presentes na sala estavam claramente a obedecer a ordens: sejam simpáticas.

Eram só mulheres, mais de uma dúzia, e todas elas eram brancas. A maior parte parecia desleixada, mas um punhado delas exibia aquele ar de terem passado uma hora inteira à frente do espelho, típico da classe alta. É assim que elas se distinguem, não pelas roupas ou pelos carros, mas pelos pequeninos toques adicionais: uma pregadeira antiga (as mulheres ricas têm sempre pregadeiras antigas) ou lápis dos lábios aplicado na perfeição. Provavelmente tinham vindo de Mission Hills, sentindo-se magnânimas por porem os pés a norte do rio.

Não havia um único homem, era aquilo a que Diane chamava uma festa de galinhas (e depois fazia um barulhinho de desaprovação com o nariz). Perguntei-me como teriam elas descoberto Ben, enfiado como estava na prisão, e qual seria a atração que ele exercia sobre elas. Sentar-se-iam nas camas remexidas à noite, com os maridos gelatinosos a ressonar ao seu lado, e imaginariam uma vida com Ben depois de o terem conseguido pôr em liberdade? Ou pensariam nele como um pobre rapaz a precisar do altruísmo delas, uma causa a acarinhar entre dois jogos de ténis?

Magda saiu da cozinha com passos pesados, a sua cabeleira frisada quase tão larga como o seu metro e oitenta de altura. Eu não teria conseguido reconhecê-la do encontro do Kill Club, porque tinha apagado da memória o rosto de toda a gente, como uma polaroide arrancada demasiado cedo da máquina. Magda usava um vestido de ganga com uma camisola de gola alta e uma quantidade absurda de joias: brincos compridos de ouro, uma grossa corrente de ouro e anéis em quase todos os dedos, exceto no anelar. Tanto anel perturbou-me, pareciam percebes a crescer onde não deviam. Fosse como fosse, apertei a mão estendida de Magda. Quente e seca. Ela fez um som tipo mmmuuááá! e puxou-me para os seus braços, os seus seios grandes abrindo-se e fechando-se sobre mim como uma onda. Fiquei hirta, depois afastei-me, mas Magda segurou-me nas mãos.

— Deixemos os nossos desentendimentos no passado. Seja bem-vinda a minha casa — disse ela.

— Bem-vinda — disseram as mulheres atrás dela, demasiado em unísono.

— É bem-vinda entre nós — reafirmou Magda.

Como é óbvio, se me convidaram, foi o que me apeteceu dizer.

— Apresento-vos a Libby Day, a irmã mais nova do Ben.

— A única irmã do Ben — corrigi.

As mulheres fizeram solenemente que sim com a cabeça.

— E esse é um dos motivos que nos trouxe aqui hoje — anunciou Magda. — Para ajudarmos a apaziguar um pouco a situação. E para ajudarmos. A trazer. O Ben. Para casa!

Olhei para Lyle, que franziu ligeiramente o nariz. Ao fundo da sala, um rapaz de cerca de quinze anos, gorducho mas de uma maneira menos impositiva do que a mãe, desceu as escadas alcatifadas. Vestia umas calças caqui e uma camisa com botões no colarinho, para a ocasião especial, e olhou para a sala sem fitar ninguém nos olhos, com um dos

polegares a mexericar no cinto.

Magda viu o miúdo, mas não o apresentou. Em vez disso, disse:

— Ned, vai à cozinha fazer mais café.

O rapaz atravessou o círculo de mulheres sem mexer os ombros, fixando um ponto na parede que mais ninguém conseguia ver.

Magda puxou-me para dentro da sala, eu a fingir que tossia para poder soltar a mão. Ela instalou-me a meio do sofá, com uma mulher de cada lado. Não gosto de me sentar no meio, com braços a roçarem ligeiramente nos meus e joelhos a tocarem na perna das minhas calças. Equilibrei-me numa nádega e depois na outra, tentando não me afundar nas almofadas, mas sou tão pequena que ainda assim fiquei com ar de miúda de desenho animado sentada numa cadeira demasiado almofadada.

— Libby, eu sou a Katryn. Os meus pésames — disse uma das senhoras ricas ao meu lado, olhando para baixo para o meu rosto, o seu perfume a fazer-me abrir as narinas.

— Olá, Katherine. — Perguntei-me qual seria o prazo-limite para dar os pésames a um desconhecido pelos seus mortos. Pelos vistos, não havia prazo.

— O nome é Kate-ryn — emendou ela adocicadamente, com a pregadeira de ouro em forma de flor a balouçar no fecho.

Há outra maneira de distinguir mulheres ricas: elas corrigem imediatamente a maneira como se pronuncia o seu nome. A-lee-see-a e não Al-eesh-a, Deb-or-ah e não Debra. Fiquei calada. Lyle estava embrenhado numa conversa com uma senhora mais velha, na outra ponta da sala, virado de perfil para ela. Imaginei o hálito quente dela a derramar-se no ouvido dele em forma de caracolzinho. Estavam todas a falar e a olhar para mim, a sussurrar e a olhar para mim.

— Bom, quer começar? — perguntei, e bati com uma palma da mão na outra. Foi um gesto indelicado, mas dispensava o suspense.

— Bem, Libby... Ned, trazes o café? — começou Magda. — Estamos aqui para falar sobre o seu pai, como principal suspeito dos crimes dos quais o seu irmão foi injustamente acusado.

— Certo. O assassinato da minha família.

Magda inspirou fundo, impaciente, aborrecida por eu reivindicar os meus direitos à minha família.

— Mas antes disso — continuou Magda —, gostávamos de partilhar consigo algumas das nossas histórias sobre o seu irmão, de quem todas nós gostamos.

Uma mulher esguia, de uns cinquenta e picos, com cabelo administrativo, levantou-se.

— Chamo-me Gladys e conheci o Ben há três anos, através da minha obra de beneficência — disse ela. — Ele mudou a minha vida. Correspondo-me com muitos reclusos. — Ao ouvir isto, todo o meu corpo deixou transparecer o meu ceticismo e ela reparou. — Correspondo-me com reclusos, porque, para mim, é o ato cristão supremo, amar as pessoas que normalmente não são passíveis de ser amadas. Tenho a certeza de que toda a gente aqui presente viu A Última Caminhada. Portanto, comecei a escrever ao Ben e a pureza dele transparecia claramente nas suas cartas. Ele é o exemplo encarnado da elegância sob pressão e adoro o facto de ele conseguir fazer-me rir, fazer-me rir a mim, que devia estar a ajudá-lo a ele, sobre as condições terríveis em que vive todos os

dias.

Alguém acrescentou um comentário: ele é tão engraçado... é mesmo verdade... ele é extraordinário nesse sentido. Ned apareceu com a cafeteira e começou a encher novamente a dúzia de canecas de plástico que as senhoras estenderam na direção dele, indicando-lhe com a mão quando é que ele devia parar de servir, sem sequer o fitarem.

Uma mulher mais jovem — aproximadamente da idade de Lyle — levantou-se, a tremer.

— Chamo-me Alison. Conheci o Ben através da minha mãe, que não pôde estar presente hoje...

— Quimioterapia, cancro dos ovários — segredou Katryn.

— ... mas ambas sentimos o mesmo, que a missão dela na Terra não estará terminada enquanto o Ben não for um homem livre. — Ouviram-se aplausos dispersos. — É que, é que — o tremor da rapariga transformou-se em lágrimas — ele é tão bom! E é tudo tão injusto. E eu não consigo acreditar que vivemos num mundo em que uma pessoa tão boa como o Ben está... está numa gaiola, sem motivo nenhum!

Cerrei os maxilares. Senti que aquilo ia descambar.

— Eu acho que tem de endireitar esta situação toda — cuspiu a mulher do crucifixo, que era a que tinha o ar menos simpático. Nem se deu ao trabalho de se levantar, limitou-se a inclinar-se para a frente. — Tem de corrigir os seus erros, como qualquer outra pessoa. E lamento muito a morte da sua família e lamento muito tudo o que sofreu, mas agora tem de agir como uma pessoa crescida e resolver isto.

Não vi ninguém a fazer que sim com a cabeça perante este pequeno discurso, mas na sala pesava um ar de concordância tão forte que parecia ter som, um mmm-hmm cuja proveniência não consegui identificar. Como o zumbido dos carris quando o comboio ainda vem a quilómetros de distância, mas em direção a nós. Olhei para Lyle e ele revirou os olhos discretamente.

Magda deslocou-se para o centro da entrada, inchando como um orador de nariz vermelho em plena campanha política.

— Libby, nós já lhe perdoámos pelo papel que desempenhou neste fiasco. Estamos convencidas de que o seu pai cometeu este crime horrível. Temos o motivo, a oportunidade, temos... muitos factos importantes — disse ela, incapaz de arranjar um jargão mais jurídico. — Motivo: duas semanas antes dos crimes, a sua mãe, Patricia Day, apresentou queixa contra o seu pai por falta de pagamento da pensão de alimentos. Pela primeira vez, Ronald «Runner» Day ia ficar numa situação legalmente complicada por causa da família. Ao mesmo tempo, tinha uma dívida de jogo de vários milhares de dólares. Eliminar a sua família melhoraria incrivelmente as finanças dele. E ele estava convencido de que ainda fazia parte do testamento da sua mãe, quando foi lá a casa naquela noite. Acontece que o Ben não estava em casa quando ele chegou e a Libby conseguiu fugir, portanto ele limitou-se a matar os outros membros da família.

Imaginei Runner de respiração pesada, a atravessar a casa a passos largos com a caçadeira em punho, com o seu Stetson sebo e inclinado para trás, quando viu a minha mãe com a espingarda de calibre .10. Ouvi os gritos na minha cabeça, os gritos que ouvia sempre que me lembrava daquela noite, e tentei imaginar que saíam da boca de Runner.

— Fibras da vossa casa foram encontradas na cabana do Runner, embora isto tenha sido constantemente ignorado, porque ele passou aquele verão a entrar e a sair de vossa casa, mas não deixa de ser um facto viável. Não foi encontrado sangue nem tecidos das vítimas no Ben, embora a acusação tenha feito um grande alvoroço por terem encontrado sangue do Ben em casa.

— Jura?? Como se uma pessoa não se pudesse cortar a fazer a barba! — disse a mulher antipática do crucifixo.

As mulheres riram-se ao ouvirem a deixa, bem ensaiadas.

— Por fim, a parte que mais me empolga, Libby, é a da oportunidade. Como sabe, o álibi do seu pai foi dado por uma namorada dele da altura, a Peggy Bannion. Para que saiba que não faz mal nenhum corrigir um erro, a Peggy está neste momento em pleno processo de retratação. Embora possa ser condenada a uma pena de cinco anos de prisão.

— Mas não há de ser — sossegou Katryn. — Não vamos deixar que isso aconteça.

As outras bateram palmas, enquanto uma mulher magricela de jeans elásticos se levantava. Usava o cabelo curto, com a parte de cima frisada e cheia de laca, e os olhos eram pequenos e baços como moedas que tivessem estado demasiado tempo na carteira de alguém. Fitou-me e depois desviou os olhos. Mexericou na pedra azul enorme que trazia num colar, a condizer com a risca azul da sweatshirt. Imaginei-a em casa, à frente de um espelho manchado de água, a bendizer a sorte que era ter um colar a condizer com a sweatshirt.

Fiquei especada a olhar para a namorada do meu pai — a convidada especial de Magda — e fiz um esforço para não pestanejar.

— Queria só agradecer-vos todo o apoio que me deram nestes últimos meses — começou ela, numa voz de cana rachada. — O Runner Day usou-me como usava toda a gente. Como sabe, com certeza. — Demorei uns segundos a perceber que ela estava a falar comigo. Fiz que sim com a cabeça e depois arrependi-me.

— Partilha a tua história connosco, Penny — incitou Magda. Dava para ver que Magda era fã do Oprah. Tinha a mesma cadência, mas não a mesma simpatia.

— A verdade é esta. Na noite do dia dois de janeiro, fiz o jantar para o Runner na cabana dele. Chop suey com arroz e, claro, como se tratava do Runner, foi tudo regado com muita cerveja. Ele bebia umas cervejas que se chamavam Mickey's Big Mouths, tinha de se puxar uma anilha para as abrir, mas as anilhas tinham arestas afiadas, pareciam pinças de caranguejo, e ele andava sempre todo cortado. Lembra-se disso, Libby? Ele andava sempre a sangrar por causa delas.

— O que é que aconteceu depois do jantar? — interrompeu Lyle. Esperei que ele olhasse para mim, para eu lhe dirigir um sorriso de apreço, mas não o fez.

— Nós, hum, tivemos relações sexuais. Depois, acabou-se a cerveja e o Runner saiu para ir comprar mais. Penso que eram umas oito horas, porque estive a ver The Fall Guy, embora me lembre de que foi um episódio repetido, o que me desanimou.

— Ela esteve a ver The Fall Guy — repetiu Magda. — Não acham irónico?¹
Peggy olhou para ela inexpressivamente.

— Seja como for, o Runner saiu e não voltou logo e, sabem como é no inverno,

adormeci cedo. Acordei com ele a chegar a casa, mas ele não tinha relógio, por isso não sei que horas eram. Mas era de certeza de madrugada, era muito tarde, porque eu não parei de acordar, até que finalmente me levantei para ir fazer chichi, já o sol estava a levantar-se e não podiam ter passado mais do que umas horinhas.

Enquanto aquela mulher fazia chichi e procurava o papel higiénico e provavelmente não o encontrava, e depois voltava para a cama ziguezagueando por entre os motores e pás e entranhas de televisão que o Runner andava sempre a fingir que consertava, e eventualmente batia com um dedo do pé nalguma coisa e amuava, eu rastejava pela neve em direção à minha casa encharcada em sangue e a minha família estava morta. Fiquei com rancor dela por causa disso.

— Deus me livre, a polícia foi lá a casa de manhã, a perguntar onde é que o Runner tinha estado entre a meia-noite e as cinco da manhã, a perguntar-me a mim onde é que ele tinha estado. Ele insistiu o tempo todo: Cheguei a casa cedo, cheguei a casa muito antes da meia-noite. Eu acho que não, mas alinhei na história. Alinhei simplesmente.

— Pois, mas agora já não! — disse a morena do bebé.

— Não tenho notícias dele há um ano.

— Pois, olhe, é mais do que eu posso dizer — disse eu, e arrependi-me. Perguntei-me se esta mulher teria guardado o seu segredo se o Runner tivesse ficado em contacto mais algum tempo. Se tivesse ligado de três em três meses em vez de oito em oito.

— E como eu disse — continuou Peggy —, ele vinha com arranhões, tinha as mãos cheias de arranhões, mas não sei se não eram das tais anilhas das latas de cerveja. Não me lembro se ele se feriu antes de sair de casa naquela noite ou se alguém o terá arranhado.

— Só uma das vítimas, Michelle Day, tinha pele debaixo das unhas, o que faz sentido porque foi estrangulada e, portanto, foi a que esteve fisicamente mais perto do assassino — disse Lyle. Durante um instante, toda a gente ficou sentada em silêncio, a ouvir o bebé arrulhar cada vez mais alto, a caminho de um berreiro. — Infelizmente, esse bocado de pele perdeu-se algures antes de chegar ao laboratório.

Imaginei Runner, com aquele seu olhar desconfiado e arregalado, em cima de Michelle, a afundá-la no colchão com o peso do seu corpo, e Michelle a debater-se para conseguir respirar, a tentar arrancar as mãos dele, deixando-o com uns bons arranhões, uns rabiscos nas costas daquelas mãos pequenas e manchadas de óleo que lhe apertavam o pescoço cada vez com mais força...

— E é esta a minha história — rematou Penny, com um encolher de ombros, de mãos abertas, um gesto de comediante, «o que é que se há de fazer?».

— Ned, podes trazer a sobremesa! — berrou Magda na direção da cozinha, e Ned entrou apressadamente na sala, com os ombros puxados para as orelhas e migalhas no lábio inferior, trazendo uma bandeja desfalcada de bolachas secas com o centro de geleia.

— Meu Deus, Ned, para de comer as minhas bolachas! — irritou-se Magda, lançando-lhe um olhar carrancudo por cima da bandeja.

— Só comi duas.

— Duas, o tanas. — Magda tirou um cigarro de um maço mole e acendeu-o. — Vai à loja comprar tabaco. E mais bolachas.

— A Jenny levou o carro.

— Então, vai a pé, só te faz bem.

As mulheres tinham claramente a intenção de prolongar aquela reunião pela noite dentro, mas eu não ia ficar para ver. Instalei-me perto da porta, a deitar o olho a uma tacinha para pôr rebuçados feita de esmalte decorado, que achei demasiado gira para Magda. Enfiei-a no bolso enquanto observava Lyle a fazer negócio, Magda a dizer Ela vai fazê-lo? Ela encontrou-o? Ela acredita mesmo?, enquanto abria o livro de cheques. Sempre que eu pestanejava, quando abria os olhos Peggy estava mais perto de mim, parecia um grotesco jogo de xadrez. Antes que eu pudesse fugir para a casa de banho, já ela estava ao meu lado.

— Não é nada parecida com o Runner — disse ela, semicerrando os olhos. — Talvez o nariz.

— Saio à minha mãe.

Peggy pareceu ficar abalada.

— Andou com ele muito tempo? — perguntei.

— Sim, acho que sim, mas com muitas interrupções pelo meio. Tive outros namorados, mas ele acabava sempre por voltar para a minha vida como se não fosse nada. Como se tivéssemos combinado que ele ia desaparecer e depois voltar e tudo continuaria como dantes. Não sei explicar. Quem me dera ter conhecido um contabilista ou uma coisa desse género. Nunca sei onde hei de ir para conhecer homens como deve ser. Foi assim a minha vida toda. Onde é que a Libby vai?

Parecia que me estava a pedir um local geográfico, como se houvesse uma cidade especial onde armazenavam todos os contabilistas e atuários.

— Ainda vive em Kinnakee?

Ela fez que sim com a cabeça.

— A primeira coisa que eu faria era sair de lá.

1 Série televisiva emitida de 1981-6, em que a personagem principal, um duplo de Hollywood, se especializa em capturar fugitivos e criminosos. (N. da T.)

15h10

Patty atirou-se para o lugar do condutor no carro de Diane, com os olhos postos nas chaves penduradas na ignição, tenho de sair daqui, já, sair daqui. Diane saltou para o lugar do morto, no instante em que Patty ligou o motor. Arrancou da casa dos Muehler com um guinchar de pneus e borracha queimada, a traseira do automóvel a guinar. As porcarias todas que Diane tinha na mala — bolas de basebol, ferramentas de jardinagem e as bonecas das miúdas — rebolaram de um lado ao outro e chocaram umas nas outras como passageiros num veículo capotado. Ela e Diane foram aos solavancos ao longo da estrada de cascalho, levantando poeira, a derrapar em direção às árvores à esquerda, guinando depois para uma vala à direita. Por fim, a mão forte de Diane apareceu à frente de Patty e pousou suavemente no volante.

— Calma.

Patty seguiu caminho a chocalhar, até sair da propriedade dos Muehler, virou à esquerda, encostou na berma da estrada e chorou, com os dedos fincados no volante, deixando cair a cabeça e fazendo soar por um instante a buzina.

— Que raio é que está a acontecer?! — guinchou, o grito lacrimoso de uma criança, molhado, furioso, confuso.

— Coisas estranhas — respondeu Diane, dando-lhe umas palmadinhas nas costas. — Vamos para casa.

— Não quero ir para casa. Tenho de encontrar o meu filho.

A palavra filho fê-la desatar a chorar outra vez e ela entregou-se ao choro: grandes soluços ofegantes e pensamentos a picarem-na como agulhas. Ele ia precisar de um advogado. Não tinham dinheiro para pagar um advogado. Iam levar com um advogado qualquer entediado do apoio jurídico. Iam perder. Ele ia para a cadeia. O que é que ela havia de dizer às miúdas? Quanto tempo é que uma pessoa ficaria presa por um crime daqueles? Cinco anos? Dez? Viu um grande parque de estacionamento de uma prisão, os portões a abrirem-se e o seu Ben a sair, hesitante, da cadeia, com vinte e cinco anos e medo de espaços abertos, os olhos semicerrados para os proteger da luz. Ele aproxima-se dela, que está de braços abertos, e cospe-lhe na cara por não o ter salvado. Como é que uma mãe vive sabendo que não conseguiu salvar o filho? Poderia ela mandá-lo para longe, como um fugitivo? Quanto dinheiro é que lhe daria? Em dezembro, aturdida de cansaço, vendera a arma do exército do pai a Linda Boyler. Imaginava Dave Boyler, de quem ela nunca gostara, a abri-la no dia de Natal, aquela arma que não merecia. Portanto, naquele momento, Patty tinha quase trezentos dólares escondidos em casa. Não eram seus, porque estava a dever dinheiro a várias pessoas, tinha planeado começar a pagar nesse dia, mas agora isso já não ia acontecer... além de que trezentos dólares só chegariam para

sustentar Ben durante uns meses.

— O Ben há de voltar para casa quando tiver despejado a raiva toda — argumentou Diane. — Não pode ir muito longe numa bicicleta em pleno mês de janeiro.

— E se eles o encontrarem antes disso?

— Querida, não anda nenhum pelotão de linchamento atrás dele. Viste que os Muehler nem sequer sabiam da... acusação. Estavam a falar de outros boatos quaisquer da treta. Temos de falar com o Ben para tirar esta história a limpo, mas, tanto quanto sabemos, ele até já pode estar em casa.

— Como é que se chama a família que o está a acusar?

— Ninguém disse.

— Mas podes descobrir, não podes? Eles não podem andar por aí a dizer coisas destas e esperar que fiquemos de braços cruzados, sem fazer nada, pois não? Vê se descobres. Temos o direito de saber quem anda a dizer isto. O Ben tem o direito de confrontar o acusador. Eu tenho o direito.

— Tudo bem, vamos para casa ver se as miúdas estão bem e depois eu faço uns telefonemas. Agora, deixas-me conduzir?

Deparam-se com o caos quando chegaram. Michelle estava a tentar fritar tiras de salame no espeto, a gritar com Debby para ela se afastar. Libby tinha uma fiada de queimaduras rosa-vivo num dos braços e na bochecha, onde a gordura a salpicara, e estava sentada no chão, de boca aberta, a chorar da mesma maneira que Patty chorara no carro: como se não houvesse qualquer esperança e, mesmo que houvesse, ela não estivesse à altura do desafio.

Patty e Diane agiram como se tivessem coreografado os seus movimentos, um daqueles relógios alemães com homens e mulheres elegantes a dançarem às voltas, dentro e fora do mecanismo. Diane entrou na cozinha com três passadas largas e arrancou Michelle do fogão, arrastando-a por um braço, como se fosse uma boneca, até à sala e colocando-a no sofá com uma palmada no rabo. Patty passou entre elas, pegou em Libby, que se agarrou como um macaquinho à mãe e continuou a chorar no pescoço dela.

Patty virou-se contra Michelle, que soltava grandes lágrimas silenciosas.

— Eu avisei-te que só podem usar o fogão para aquecer sopa. Podias ter pegado fogo à casa toda.

Michelle olhou para a cozinha e a sala mal-amanhadas como se estivesse a pensar se seria uma perda assim tão grande.

— Tínhamos fome — murmurou Michelle. — Nunca mais voltavas.

— E isso dá-te o direito de fritar um sanduíche de salame que a tua mãe te disse para não fazeres? — ralhou Diane, acabando a fritura e pondo a carne num prato. — Ela precisa que vocês se portem bem, neste momento.

— Ela precisa sempre que nos portemos bem — murmurou Debby. Tinha o rosto enfiado num panda cor-de-rosa de peluche que Ben ganhara há uns anos na feira de Cloud County. Ele deitara abaixo uma série de garrafas de leite, numa fase em que começava a desenvolver os seus músculos de pré-adolescente. As meninas tinham feito uma festa

como se ele tivesse ganhado uma medalha de honra. Os Day nunca ganhavam nada. Diziam sempre isso, espantados, quando eram brindados com um bocadinho de sorte: Nunca ganhamos nada! Era o lema da família.

— E custa assim tanto portarem-se bem? — Diane deu uma palmadinha por baixo do queixo de Debby e Debby baixou os olhos ainda mais, começando a sorrir.

— Acho que não.

Diane disse que ia fazer uns telefonemas e, pegando no telefone, puxou-o até ao fundo do corredor, até onde o fio chegava. Quando ela se afastou, disse a Patty para alimentar o raio das filhas e as palavras dela soaram aos ouvidos de Patty como uma repreensão, como se fosse tão negligente que até se esquecia das refeições. Fazer sopa de tomate a partir de ketchup e leite em pó, sim. Torrar pão duro, acrescentar um bocado de mostarda e chamar-lhe uma sanduíche, sim. Nos dias piores, sim. Mas nunca se esquecia. As miúdas tinham refeições à borla na cantina da escola, por isso comiam sempre qualquer coisa todos os dias, nem que fosse lá. Assim que pensou nisso, sentiu-se pior, porque Patty andara na mesma escola em pequena e nunca tivera de receber almoços gratuitos na cantina e, como tal, sentiu um aperto no estômago ao lembrar-se dos miúdos que recebiam as refeições gratuitas e os sorrisos condescendentes que ela própria lhes dirigia quando eles apresentavam os seus cartões de cantos dobrados e as senhoras suadas da cantina gritavam: «Almoço de graça!» E o miúdo ao lado dela, de cabelo cortado à escovinha e autoconfiante, segredava estupidamente: Não há almoços à borla. E ela tinha pena desses miúdos, mas não ao ponto de os querer ajudar, era o tipo de pena que a fazia não querer olhar mais para eles.

Libby continuava a chorar, arquejante, nos seus braços; Patty tinha o pescoço molhado do hálito quente da filha. Depois de pedir a Libby duas vezes para olhar para si, a menina finalmente piscou os olhos e levantou o rosto para a mãe.

— Eu quei-me-me. — E recomeçou a chorar.

— Querida, querida, foi só um dói-dói. Isso passa, não vais ficar marcada, é isso que te preocupa? São só uns dói-dóis cor-de-rosa... na próxima semana já nem te lembras.

— Vai acontecer qualquer coisa má!

Libby era a sua filha ansiosa; saíra do útero cautelosa e assim se mantivera. Era a menina dos pesadelos, a preocupada. Foi uma gravidez saída do nada; nem Patty nem Runner ficaram felizes. Nem sequer se deram ao trabalho de fazer uma festa a anunciar o bebé; as suas famílias estavam tão fartas de os ver procriar que a própria gravidez foi embaraçosa. Libby deve ter marinado numa ansiedade de ácidos estomacais durante nove meses, absorvendo toda essa preocupação. Ensiná-la a usar o bacio foi surreal: gritava sempre que via a porcaria que lhe saía do corpo, fugia a correr, nua e desenfreada. Deixá-la na escola fora sempre um ato de profundo abandono, a sua filha de olhos gigantes e molhados, rosto encostado ao vidro, enquanto uma professora do infantário a segurava. No verão passado, recusara-se a comer durante uma semana, ficara pálida e com ar atormentado e, por fim (por fim) mostrara a Patty uma vagem de verrugas que lhe tinha aparecido no joelho. De olhos baixos, em frases lentas que Patty lhe arrancou ao longo de uma hora, Libby explicou que pensava que as verrugas eram toxidendro, que iam acabar por cobri-la da cabeça aos pés e (solução!) ninguém conseguiria ver-lhe a cara. E quando

Patty lhe perguntou porquê, por que carga de água Libby não lhe contara as suas preocupações antes, Libby olhou para ela como se fosse louca.

Sempre que possível, Libby profetizava uma catástrofe. Patty sabia disso, mas as palavras fizeram-na retrair-se. Já tinha acontecido uma coisa má. Mas ainda ia piorar.

Sentou-se com Libby no sofá, a acariciar-lhe o cabelo, a dar-lhe palmadinhas nas costas. Debby e Michelle aproximaram-se, procuraram lenços de papel para dar a Libby e preocuparam-se com ela como deviam ter feito há uma boa hora. Debby tentou fingir que o panda estava a falar com Libby, dizendo-lhe que estava tudo bem, mas Libby afastou o peluche e virou a cabeça. Michelle perguntou se podia fazer sopa para toda a gente. Comiam sopa o inverno todo, Patty guardava taças enormes no congelador da garagem. Geralmente acabava no final de fevereiro. Fevereiro era o pior mês.

Michelle estava a despejar um grande quadrado congelado de carne e legumes numa panela, partindo o gelo, ignorando o prato com salame, quando Diane voltou com a boca contraída num esgar. Acendeu um cigarro — vai por mim, preciso de um — e sentou-se no sofá, o peso dela embatendo em Patty e Libby. Mandou as miúdas para a cozinha com Michelle; as meninas não disseram nada e obedeceram, nervosas.

— Muito bem. Foi uma família chamada Cates que começou isto tudo. Vivem entre Kinnakee e Salina e a filha deles anda em Kinnakee, porque a escola pública do subúrbio onde moram ainda não está pronta. O rumor começou porque o Ben está a ajudar uma turma depois das aulas como voluntário, uma turma onde anda a miúda Cates. Sabias deste trabalho dele como voluntário?

Patty abanou a cabeça.

— Voluntário?

Diane espetou os lábios para fora: também não fazia sentido para ela.

— Bom, seja por que motivo for, ele andava a ajudar uns miúdos da escola básica e os pais desta menina dizem que aconteceu qualquer coisa de errado entre eles. E não são os únicos. Os Hinkel, os Putch e os Cahill dizem o mesmo.

— O quê?

— Andam todos a trocar histórias, falaram todos com a escola. Segundo consta, a polícia já foi metida ao barulho e é melhor contares que alguém venha cá hoje falar contigo e com o Ben. As coisas já vão nesse ponto. Nem toda a gente na escola sabe, temos sorte que isto tenha acontecido nas férias do Natal, mas acho que, a partir de hoje, isso vai mudar. Acho que a escola anda a falar com os pais de todas as crianças que tiveram contacto com o Ben depois das aulas. Portanto, cerca de dez famílias.

— O que é que eu devo fazer? — Patty enfiou a cabeça entre os joelhos. Sentiu riso no estômago, era tudo tão ridículo. Será que estou a ter um esgotamento?, pensou. Talvez eu pudesse ter um esgotamento e depois já não tinha de falar com ninguém. Um quarto branco e seguro e Patty a ser conduzida como uma criança do pequeno-almoço para o almoço e depois para o jantar, manobrada por pessoas com sussurros delicados, Patty a arrastar os pés como uma pessoa moribunda.

— Imagino que estejam todos em casa dos Cates, a falar neste preciso momento — disse Diane. — Tenho a morada deles.

Patty ficou especada a olhar para ela.

— Acho que devíamos ir até lá — disse Diane.
— Ir até lá? Não disseste que vinha cá alguém?
— O telefone tem estado a tocar — disse Michelle, Michelle que estava ainda há pouco na cozinha e não devia ter ouvido nada daquilo.

Patty e Diane viraram-se ambas para o telefone, à espera que parasse de tocar.

— Então, porque é que não atendeste como nós pedimos, Michelle? — disse Diane.

Michelle encolheu os ombros.

— Esqueci-me se era para atendermos ou não.

— Talvez fosse melhor esperarmos aqui — sugeriu Patty.

— Patty, aquelas famílias estão lá a... dizer merdas sobre o teu filho. Vá-se lá saber o que é verdade e o que não é, mas não queres ir lá defendê-lo? Não queres saber o que eles estão a dizer, obrigá-los a dizê-lo na tua cara?

Não, não queria. Queria que as histórias desaparecessem, rápida e discretamente, que caíssem no esquecimento. Não queria saber o que as pessoas da sua terra — Maggie Hinkel fora sua colega no liceu, pelo amor de Deus — andavam a dizer sobre Ben. E tinha medo de desmoronar com aquelas caras todas furiosas a olhar para si. Choraria, imploraria perdão. Nesse momento, já só queria perdão e nem sequer tinham feito nada de mal.

— Deixa-me vestir uma roupa melhor.

Encontrou uma camisola sem rasgões debaixo dos braços e um par de calças largas caqui. Passou um pente pelo cabelo e trocou os brinquinhos de ouro por uns de pérolas falsas com um colar a condizer. Não dava para perceber que eram uma imitação, até eram pesadas.

Quando ela e Diane se dirigiram para a porta da rua — deixando mais avisos sobre o uso do fogão, um pedido para desligarem o televisor e irem fazer qualquer coisa de útil na casa —, Libby começou novamente a chorar, correndo para elas a dar aos braços. Michelle cruzou os braços sobre a sweatshirt manchada e bateu com um pé.

— Não consigo lidar com ela quando está assim — disse, imitando Patty na perfeição.
— Ela é demais. É demais para mim.

Patty inspirou fundo, pensou em argumentar com Michelle, pensou em ralhar com Michelle, mas Libby desatou a berrar mais alto, um animal a uivar, aos gritos queroircontigoqueroircontigoqueroircontigo, enquanto Michelle arqueava uma sobancelha. Patty imaginou um polícia a ir lá a casa enquanto ela não estava e a deparar com uma criança de rosto queimado, a chorar inconsolavelmente no chão. Deveria levar as três consigo? Mas alguém devia ficar em casa para atender o telefone, ficar lá, e provavelmente era melhor ter Michelle e Debby ali do que...

— Libby, vai calçar as tuas botas — ordenou Diane. — Michelle, ficas a tomar conta da casa. Atendes o telefone, não abres a porta a ninguém. Se for o Ben, ele tem chave, se for outra pessoa qualquer, ignorem. Michelle?

— O que é que se passa?

— Michelle, não estou a brincar. Michelle?

— Está bem.

— Muito bem — disse Diane, e pôs literalmente um ponto final na conversa.

Patty ficou parada no corredor, inútil, a observar Libby a calçar as botas e um par de luvas sujas de terra. Patty pegou numa mão enluvada e conduziu-a para o carro. Talvez nem fosse mau as pessoas lembrarem-se de que Ben tinha irmãzinhas que o adoravam.

Libby não era muito faladora; Michelle e Debby pareciam ter-se apropriado das palavras que deviam ser dela. Fazia declarações: gosto de ponies. Odeio esparguete. Odeio-te. Tal como a mãe, não sabia fazer bluff. Não sabia dissimular. Estava-lhe tudo estampado na cara. Quando não estava irritada ou triste, pouco falava. Agora, sentada no banco de trás com o cinto de segurança posto, remeteu-se ao silêncio, com o rosto às manchas cor-de-rosa virado para a janela e um dedo no vidro a desenhar as copas das árvores lá fora.

Patty e Diane também pouco falaram e deixaram o rádio desligado. Patty tentou imaginar como seria a visita (visita? Seria possível chamar a uma coisa tão repulsiva uma «visita»?), mas a única coisa que viu foi a si própria aos gritos «Deixem o meu filho em paz!». Ela e Maggie Hinkel nunca foram amigas, mas trocavam sempre meia dúzia de palavras na mercearia, e conhecia os Putch da igreja. Não eram pessoas más, não seriam maus para ela. Quanto aos pais da primeira menina, Krissi Cates, Patty não fazia a menor ideia. Imaginou os Cates louros e elegantes, com tudo a condizer e uma casa imaculada a cheirar a potpourri. Perguntou-se se a senhora Cates perceberia que as suas pérolas eram falsas.

Diane indicou-lhe a saída da autoestrada que levava ao bairro, depois de uma tabuleta a anunciar casas-modelo em Elkwood Park. Até ver, era só quarteirões e quarteirões de esqueletos de madeira, cada um deles correspondendo à estrutura de uma casa e todos eles permitindo ver os contornos da casa ao lado e da outra mais adiante. Uma rapariga adolescente estava sentada a fumar no segundo andar de uma casa-esqueleto, parecia a Super-Mulher no seu avião invisível, sentada nos contornos de um quarto. Quando aspirou o fumo, as cinzas desprenderam-se e flutuaram até à sala de jantar, no andar de baixo.

Aquelas pré-casas enervaram Patty. Eram reconhecíveis mas completamente desconhecidas, como uma palavra do dia a dia de que repente uma pessoa não se conseguia lembrar, nem para salvar a pele.

— Giro, não é? — disse Diane, abanando um dedo na direção do bairro.

Mais duas curvas e chegaram: um quarteirão de casas ordeiras, casas de verdade, uma delas com um monte de automóveis estacionados à frente.

— Parece uma festa — resfolegou Diane. Abriu o vidro e cuspiu lá para fora.

O carro ficou em silêncio durante uns segundos, excetuando os ruídos guturais de Diane.

— Solidariedade — disse Diane. — Não te preocupes, o pior que podem fazer é gritar.

— Talvez fosse melhor ficares aqui com a Libby — respondeu Patty. — Não quero gritos à frente dela.

— Não — disse Diane. — Ninguém fica no carro. Nós temos estofo para isto. Não é verdade, Libby? És uma menina forte, não és? — Diane virou o seu corpanzil para Libby, no banco de trás, com a parca a restolhar, e depois novamente para Patty. — Vai ser bom eles verem-na, saber que ele tem uma irmãzinha que o adora. — Patty sentiu uma pontada

de confiança por ter pensado exatamente a mesma coisa.

Diane saltou do carro e deu a volta para ir buscar Libby, abrindo-lhe a porta de par em par para ela sair. As três subiram o passeio e Patty sentiu-se imediatamente maldisposta. As suas úlceras andavam calmas há uns tempos, mas agora tinha o estômago a arder. Teve de descontrair os maxilares e mastigar. Ficaram paradas no degrau da entrada, Patty e Diane à frente, com Libby mesmo atrás da mãe, a olhar para trás. Patty imaginou um estranho a passar de carro, pensando que eram amigos que vinham a uma festa. A porta ainda tinha uma grinalda de Natal. Patty pensou: Tiveram um Natal feliz e agora estão assustados e furiosos e aposto que não param de pensar: mas tivemos um Natal tão bom. A casa parecia saída de um catálogo e havia dois BMW na entrada e aquele não era o tipo de pessoas habituado a que lhe acontecesse coisas más.

— Não quero fazer isto, acho melhor não fazermos isto — disse abruptamente.

Diane tocou à campainha e lançou-lhe um olhar igual ao do pai, o olhar calmo e indiferente com que brindava lamúrias. Depois, disse exatamente o que o pai dizia sempre quando lançava aquele olhar:

— É só fazer o que tem de ser feito.

A senhora Cates veio abrir a porta, loura e com cara de campónia. Tinha os olhos vermelhos de chorar e ainda trazia um lenço de papel na mão.

— Sim, o que desejam?

— Eu... A senhora... é a mãe da Krissi Cates? — começou Patty, e desatou a chorar.

— Sou — respondeu a mulher, com os dedos nas suas próprias pérolas e os olhos a saltitar de Patty para Diane, até que pousaram em Libby. — Oh, a sua menina... ele também fez mal à sua menina?

— Não — disse Patty. — Sou a mãe do Ben. Sou a mãe do Ben Day. — Enxugou as lágrimas com as costas da mão e depois com a manga da camisola.

— Oh, meu deus, oh meu Deus, oh, Louuuu, vem cá. Depressa. — A voz da senhora Cates subiu de tom e tornou-se trémula, o som de um avião a descer. Várias caras que Patty não conhecia espreitaram da esquina da sala. Um homem passou, vindo da cozinha, carregado com um tabuleiro de refrigerantes. Uma menina deixou-se ficar no corredor, uma menina loura e bonita, com uns jeans às flores.

— Quem é? — cantarolou a menina.

— Vai chamar o teu pai. — A senhora Cates mudou de posição, de maneira a barrar a entrada, quase empurrando as duas mulheres e a criança para fora do degrau. — Louuuu... — chamou ela para dentro de casa. Um homem apareceu atrás dela, alto, com um metro e noventa e seis no mínimo, maciço, de queixo empinado de uma maneira que fez lembrar a Patty o tipo de pessoa que consegue sempre o que quer.

— É ela, a mãe do Ben Day — disse a mulher, com tanta repulsa que Patty sentiu um aperto no útero.

— É melhor entrarem — disse o homem, e, quando Patty e Diane se entreolharam, ele disparou um «Entrem, entrem», como se fossem animais de estimação malcomportados.

Entraram em casa para uma sala de teto baixo e depararam com uma cena que parecia a festa de aniversário de uma criança. Várias meninas estavam entretidas a brincar. Exibiam estrelas de papel metalizado no rosto e nas mãos, o tipo de autocolante

que os professores usam para dar boas notas. Outras estavam sentadas com os pais, a comer bolo, as meninas com ar ávido, as mães e os pais com uma expressão de pânico por detrás de uma fachada de coragem. Krissi Cates instalara-se a meio da sala e estava a brincar com bonecas, na companhia de um rapaz grande, de cabelo escuro, que se encontrava sentado de pernas cruzadas à frente dela, a tentar cativá-la. Eram daquelas bonecas esponjosas e feias que Patty vira em filmes da televisão, com Meredith Baxter Birney ou Patty Duke Astin no papel de mães ou advogadas determinadas. Eram as bonecas que as crianças usavam para mostrar como é que tinham sido molestadas. Krissi despira ambas as bonecas e estava a colocar o boneco-rapaz em cima da boneca-rapariga. Bateu com o boneco para cima e para baixo na boneca e entoou palavras sem sentido. Uma menina morena observava-a do colo da mãe, enquanto comia a cobertura do bolo que lhe ficara debaixo das unhas. Parecia demasiado crescida para estar ao colo da mãe.

— Assim — concluiu Krissi, entediada ou irritada, e atirou o boneco para um canto.

O rapaz — um terapeuta, assistente social, alguém que usava pullovers de pura lã com camisas de xadrez por baixo, alguém que tinha andado na faculdade — pegou na boneca e tentou chamar a atenção de Krissi.

— Krissi, vamos... — disse ele, pegando no boneco cuidadosamente por um joelho; o pénis do boneco pendia em direção ao chão.

— Quem é? — perguntou Krissi, apontando para Patty.

Patty atravessou a sala, ignorando todos os pais, que começaram a levantar-se, vibrando como arames percutidos.

— Krissi? — disse ela, agachando-se no chão. — O meu nome é Patty e sou a mãe do Ben Day.

Krissi arregalou os olhos, os lábios tremeram e ela fugiu de Patty. Fez-se um segundo de silêncio, como um choque em câmara lenta, em que ela e Patty ficaram espedacadas a olhar uma para outra. Depois, Krissi inclinou a cabeça para trás e gritou:

— Não a quero aqui! Vocês disseram! Disseram que eu não tinha de os ver!

Atirou-se para o chão e começou a puxar os cabelos. A menina morena correu para ela e envolveu-a com o corpo, chorando:

— Não me sinto em segurança!

Patty levantou-se, girando sobre os calcanhares para abarcar a sala toda, viu pais com caras assustadas, revoltadas, viu Diane a puxar Libby atrás dela para a porta.

— Já ouvimos falar de si — disse a mãe de Krissi Cates, com o rosto doce e lívido crispado. Apontou para Maggie Hinkel, a antiga colega do liceu de Patty, que corou ao olhar para Patty. — Tem quatro filhos em casa — continuou ela, numa voz tensa, de olhos húmidos. — Não tem dinheiro para sustentar nem um. O pai deles era um bêbado. Você vive do abono de família. Deixa as suas filhas sozinhas com aquele... predador. Deixa o seu filho atacar meninas. Meu Deus, deixou o seu filho fazer isto! Só Deus sabe o que acontece em sua casa!

A menina dos Putch levantou-se e desatou aos gritos, com as lágrimas a correrem-lhe pelas estrelas das faces. Juntou-se ao bando que estava a meio da sala, onde o rapaz murmurava palavras de conforto, tentando manter os olhos das meninas postos nele.

— Não as quero aqui! — berrou Krissi outra vez.

— Onde é que está o Ben, Patty? — perguntou Maggie Hinkel, com a filha feia, de cara achatada, ao seu lado, inexpressiva. — A polícia precisa de falar com o Ben. Espero que não o tenhas escondido.

— Eu? Eu ando à procura dele. Estou a tentar consertar isto. Por favor. — Por favor ajudem-me, por favor perdoem-me, por favor parem de gritar.

A filha de Maggie Hinkel ficou calada, depois puxou a manga da mãe.

— Mamã, quero ir embora.

As outras meninas continuaram a berrar, observando-se umas às outras. Patty levantou-se, baixou os olhos para Krissi e o psicólogo, que continuava com o boneco nas mãos, o boneco que supostamente era Ben. O estômago de Patty contraiu-se e encheu-lhe a garganta de ácido.

— Acho melhor ir embora — irritou-se a senhora Cates, pegando na filha ao colo como se fosse um bebé, as pernas da menina quase a tocarem no chão e a senhora Cates a cambalear por causa do peso.

O psicólogo levantou-se e colocou-se entre Patty e a senhora Cates. Quase pôs uma mão em Patty, mas depois decidiu pousá-la na senhora Cates. Diane estava a chamar da porta, a chamar o nome de Patty e, se não fosse isso, Patty não se teria mexido. Estava à espera que eles a cercassem, que lhe vazassem os olhos.

— Desculpem, desculpem — gritou Patty para todas as pessoas presentes na sala, frenética e zozna. — É um engano. Lamento muito.

De repente, Lou Cates apareceu à frente dela, agarrou-lhe no braço, como se não a tivesse convidado para entrar havia uns instantes, e conduziu-a para a porta, com o pranto de quatro meninas na sua esteira. Havia mães e pais em todo o lado, adultos a tomarem conta das filhas, e Patty sentiu-se estúpida. Não tola, nem embaraçada, apenas imperdoavelmente estúpida. Ouviu os pais a sussurrarem palavras de conforto às filhas: linda menina, está tudo bem, está tudo bem, ela já se vai embora, estás em segurança, vamos resolver tudo, pronto, pronto, querida.

Antes de Lou Cates a empurrar de vez para fora da sala, Patty virou-se para trás e viu Krissi Cates nos braços da mãe, com o cabelo louro a tapar-lhe um dos olhos. A menina olhou para ela e disse simplesmente:

— O Ben vai para o Inferno.

Eu tinha sido incumbida de localizar Runner, mas toda a minha atividade febril e ambiciosa da semana passada estava esparramada no chão ao lado da minha cama, como uma camisa de noite suja. Não me conseguia levantar, nem quando ouvi os miúdos a fazerem a sua caminhada ensonada diante de minha casa. Imaginei-os com as suas grandes galochas, a baterem com os pés, deixando pegadas na lama de março, e nem assim fui capaz de me mexer.

Tinha tido um sonho desgraçado, um daqueles em que uma pessoa está constantemente a dizer a si própria que não significa nada, que não devia incomodar, porque é só um sonho, não passa de um sonho. Começou na quinta, mas não era realmente a quinta, tinha demasiada luz e era demasiado arrumada para ser a quinta, mas era e, ao longe, contra um horizonte cor de laranja, Runner galopava em direção à quinta, aos urros como um cowboy do Far Oeste. Quando se aproximou — descendo o nosso monte e transpondo o portão — vi que o galope dele afinal era um movimento vacilante e aos solavancos, porque o cavalo tinha rodas. A parte de cima era de carne, mas a de baixo era de metal, afilada, como uma maca de hospital. O cavalo relinchou, em pânico, com o pescoço musculoso a tentar separar-se da parte metálica. Runner saltou do lombo, a criatura afastou-se sobre rodas, uma delas partida, como um irritante carrinho de supermercado. Parou junto de um coto de árvore, os olhos reviraram para trás e o animal continuou a debater-se para se libertar do metal.

— Não te preocupes com ele — disse Runner, rindo-se do cavalo. — Comprei-o.

— Fizeste um mau negócio — ripostei.

O maxilar de Runner contraiu-se e ele postou-se perto de mim.

— A tua mãe disse que não faz mal — murmurou.

É isso!, pensei, a minha mãe está viva. A ideia parecia consistente, como um seixo no meu bolso. A minha mãe estava viva e que tola eu fora estes anos todos, convencida do contrário.

— Primeiro, convém tratares da mão — disse Runner, apontando para o coto do meu dedo anelar. — Trouxe-te isto. Espero que gostes mais deles do que gostaste do cavalo. — Mostrou-me um saco de veludo fininho, como os que se usa no Scrabble, e abanou-o.

— Oh, adorei o cavalo — disse eu, combatendo a minha má vontade. O cavalo tinha arrancado as patas traseiras do metal e estava a sangrar um óleo vermelho como carne para o chão.

Do saco, Runner tirou oito ou nove dedos. Sempre que eu escolhia um parecido com o meu, descobria que era um dedo mindinho, um dedo de homem, um dedo do tamanho ou da cor errados.

Runner fitou-me de lábios crispados.

— Olhe, tira um e deixa-te de coisas. É simples.

Escolhi um que era ligeiramente parecido com o meu anelar e Runner coseu-mo na

mão, enquanto o cavalo ferido relinchava de dor atrás de nós, um grito de mulher, aterrorizado e furioso. Runner atirou-lhe com uma pá e o cavalo partiu-se ao meio e ficou a pulsar no chão, incapaz de se mexer.

— Pronto — disse Runner, estalando os lábios. — Está como novo.

Entre dois dedos meus, de menina, estava um dedo grande do pé, batatudo, preso com pontos grossos e desleixados e, de repente, a namorada de Runner, Peggy, apareceu e disse: «Querida, a tua mãe já cá não está, lembras-te? Nós matámo-la.»

E Runner deu uma palmada na testa como se se tivesse esquecido de comprar leite para a família e disse: «Tens razão, tens razão. Matei as miúdas todas, menos a Libby.» Ficámos os três parados a olhar uns para os outros, pestanejando, o ar a tornar-se tóxico. Depois Runner voltou para junto do cavalo e pegou na pá, que se tinha transformado num machado.

Acordei a esbracejar, derrubando o candeeiro da mesinha de cabeceira no chão. O dia começava apenas a raiar quando me virei e vi o candeeiro a brilhar, caído de lado, e me perguntei se a lâmpada queimaria a alcatifa. Agora era de manhã e eu continuava sem me conseguir mexer.

Mas a luz estava acesa no quarto de Ben. Foi este o meu primeiro verdadeiro pensamento: naquela noite, a luz estava acesa no quarto de Ben e alguém estava a falar. Queria parar de pensar naquilo, mas voltava sempre a esse pormenor. Porque é que um assassino tresloucado iria ao quarto de Ben, fecharia a porta, acenderia a luz e conversaria?

A luz estava acesa no quarto de Ben. Esqueçam o resto: um Lou Cates vingativo, um Runner crivado de dívidas, um bando de estúpidos que queria dar uma lição a Runner assassinando a família dele. Esqueçam a voz que ouvi aos gritos e que — tudo bem — podia não ser a de Ben. Ele não estava em casa quando nos fomos deitar e, quando eu acordei, a luz estava acesa. Lembro-me de sentir uma pontada de alívio por Ben estar em casa, porque a luz dele estava acesa e a discussão entre ele e a minha mãe tinha acabado, pelo menos por esse dia, porque a luz estava acesa e ele estava a falar por detrás da porta, talvez usando o telefone novo, ou a falar sozinho, mas a luz estava acesa.

E quem era Diondra?

Preparei-me para sair da cama, atirando os cobertores para o lado, os lençóis a cheirarem a mofo, cinzentos do meu corpo. Perguntei-me há quanto tempo não os mudava. E, depois, perguntei-me de quanto em quanto tempo se devia trocar os lençóis. Este era o tipo de coisa que não se ensina a uma pessoa. Mudava a roupa da cama depois de ter relações sexuais — agora, finalmente —, mas só aprendi isso há uns anos num filme da televisão: um thriller qualquer com Glenn Close, em que ela acaba de ter sexo e muda os lençóis e não me lembro de mais nada, porque a única coisa que pensei foi: oh, pelos vistos as pessoas mudam os lençóis depois de terem relações sexuais. Fazia sentido, mas eu nunca tinha pensado nisso. Fui criada em estado selvagem e assim fiquei praticamente.

Saí da cama, coloquei finalmente o candeeiro na mesinha de cabeceira e dei a volta até à sala, lançando um olhar ao atendedor de chamadas, sem lhe mostrar que estava à espera de uma mensagem. Só me faltou assobiar, os meus pés a darem pontapés à minha

frente: não se passa nada fora do normal, vim só dar uma volta. Nem sinais de Diane. Quatro dias e nem sinais de Diane.

Bom, tudo bem, eu tinha mais familiares.

Ben estava à minha espera desta vez, quando o fui visitar, e apareceu antes de eu estar preparada para o ver. Sentou-se, hirtos, na cadeira atrás do vidro, com os olhos vagos, um manequim de macacão. Tive vontade de lhe dizer para não me fazer aquilo, assustou-me, mas não disse nada, porque a que propósito é que ele me havia de assustar, a não ser que eu ainda achasse que ele era culpado.

O que eu achava, pelos vistos.

Sentei-me na cadeira ainda húmida da pessoa anterior e o calor do plástico pareceu-me, naquele contexto, uma coisa grosseiramente íntima. Esfreguei as nádegas para cima e para baixo, tornando a cadeira minha, tentando não parecer enojada, mas, quando peguei no telefone, ainda estava suado da pessoa que o utilizara antes e a minha expressão, tenha ela sido qual for, fez com que Ben franzisse o sobrolho.

— Estás bem? — perguntou, e eu acenei uma vez com a cabeça. Sim, claro, estou ótima.

— Voltaste — disse ele. Colou um sorriso na cara. Cauteloso, como Ben sempre foi. Numa festa em família, no último dia de aulas, ele punha o mesmo ar, o de um miúdo que vivia constantemente na biblioteca... à espera que o mandassem calar.

— Voltei.

Ele tinha um rosto agradável, não era bonito, mas agradável, o rosto de um rapaz bom. Quando me apanhou a analisá-lo, apressou-se a pousar os olhos nas mãos. Eram grandes agora, demasiado grandes para a estrutura pequena dele, mãos de pianista, embora ele nunca tivesse tocado piano. Tinham cicatrizes, nada de impressionante, tiras cor-de-rosa escuro, como confetti, de cortes e golpes. Apanhou-me a observá-las, levantou uma mão, apontou com um dedo para um golpe fundo e disse:

— Acidente de polo.

Ri-me, porque percebi que ele já se tinha arrependido da piada.

— Não, sabes o que foi isto? — disse ele. — Foi aquele touro, o Amarelo 5, lembras-te desse sacaninha?

A nossa criação de gado era pequena, mas, apesar disso, nunca dávamos nome aos animais, não era boa ideia, já em miúda eu não tinha qualquer interesse em apegar-me a um Mandão ou um Hank ou uma Doce Bela, porque tinham de ir para o matadouro assim que crescessem. Dezassex meses, foi a idade que me veio à cabeça. Quando faziam um ano, começávamos a andar em bicos dos pés à volta deles, começávamos a olhar para eles de lado, com repulsa e embaraço, como com um convidado em nossa casa que acabou de se peidar. Portanto, todos os anos púnhamos-lhes etiquetas coloridas quando nasciam, etiquetas iguais para cada vaca e respetivo vitelo: Verde 1, Vermelho 3, Azul 2, assim que escorregavam para fora do corpo das mães e aterravam no chão de terra do estábulo, com as patas a espernearem à nascença, sempre a tentarem pôr-se de pé no meio da porcária. As pessoas pensam que o gado é dócil, burro, mas os vitelos são

curiosos como gatinhos, brincalhões, e por causa disso nunca me deixavam entrar no curral, limitava-me a observá-los através das ripas de madeira, mas lembro-me de Ben, de galochas, a tentar entrar, avançando devagar e deliberadamente como um astronauta, e depois, quando se aproximava, era como se estivesse a tentar apanhar peixes. Lembro-me do Amarelo 5, pelo menos do nome, o famoso filhote de touro que se recusou a ser castrado. Coitado de Ben e da minha mãe, dia após dia a tentarem agarrar o Amarelo 5 para lhe cortarem o saco e arrancar os testículos, e todos os dias vinham para a mesa do jantar sentindo-se um fracasso, derrotados pelo Amarelo 5. Tornou-se uma piada que contámos ao jantar, diante do primeiro naco de carne de vaca, toda a gente a falar com o bife, a fingir que era o Amarelo 5: Vais-te arrepender, Amarelo 5. Na segunda noite, foi motivo de risos pesados e, ao quinto dia, era só bocas sisudas e silêncio, um lembrete de que Ben e a minha mãe não eram suficientemente bons: fracos, pequenos, lentos, a quem.

Nunca me teria lembrado do Amarelo 5 outra vez se não fosse Ben. Tive vontade de lhe pedir para fazer uma lista de coisas a lembrar, recordações que eu não conseguia arrancar sozinha do meu cérebro.

— O que é que aconteceu? Ele mordeu-te?

— Não, nada de tão dramático, ele empurrou-me para a cerca quando eu julgava que o tinha apanhado, atirou-me para o lado e eu caí em cheio, espetei as costas da mão direita num prego. Foi num varão que a mãe já me tinha pedido para arranjar pelo menos umas cinco vezes. Por isso, enfim, a culpa foi minha.

Estava eu a pensar no que dizer — qualquer coisa inteligente, de comiseração, eu continuava sem saber quais eram as reações que Ben esperava de mim —, quando Ben me interrompeu.

— Não, que se lixe isso, a culpa foi da porra do Amarelo 5. — O rosto dele abriu-se num sorriso rápido, depois ele deixou descair novamente os ombros. — Lembro-me de que foi a Debby que me tratou a ferida, pôs um penso e depois um dos autocolantes dela, aqueles autocolantes brilhantes com corações ou uma coisa desse género.

— Ela adorava autocolantes — disse eu.

— Andava sempre a colá-los em todo o lado.

Inspirei fundo, perguntando-me se devia mudar de assunto para outro tema qualquer inofensivo, como o tempo ou outra coisa do estilo, mas depois não o fiz.

— Olha, Ben, posso perguntar-te uma coisa?

Ele fez uns olhos de tubarão, tenso, e eu vi o recluso outra vez, um tipo habituado a levar na cabeça, a ouvir pergunta atrás de pergunta e a receber respostas tortas quando ele próprio questionava alguém. Percebi o luxo que era recusar-se a responder a uma pergunta. Não, obrigado, não quero falar sobre isso e o pior que acontecia era alguém pensar que éramos mal-educados.

— Lembras-te daquela noite...?

Ele arregalou os olhos. É claro que se lembrava daquela noite.

— Posso ter ficado baralhada em relação ao que aconteceu ao certo, mas lembro-me...

Ele inclinou-se para a frente, de braços hirtos, debruçado sobre o telefone como se fosse uma chamada de emergência a meio da noite.

— Uma coisa de que me lembro, me lembro mesmo, ao ponto de apostar a minha própria vida... é que a tua luz estava acesa. A luz do teu quarto. Vi-a pela fenda por baixo da porta. E ouvi vozes. Dentro do quarto.

Deixei a ideia em suspenso, na esperança de que ele me salvasse. Ele deixou-me ficar a pairar aqueles segundos em queda livre, em que os pés patinam no gelo e só temos tempo de pensar: Oh. Vou cair.

— Essa é nova — disse ele, por fim.

— Como, é nova?

— Uma nova pergunta. Pensei que já não haveria perguntas novas. Parabéns.

Dei por nós sentados na mesma posição, com a palma da mão na beira da mesa como se nos preparássemos para empurrar a cadeira para trás depois de uma refeição de restos. A postura do Runner, lembro-me dela da última vez que o vi, eu com uns vinte e cinco ou vinte e seis anos, e ele a querer dinheiro, a pedir-me todo sedutor e meloso, a princípio — achas que podias ajudar o teu pai, Libby querida? — e eu a dizer-lhe que não, sem hesitar, um taco a bater uma bola em linha reta, chocante, humilhante. Porquê?, irritara-se ele, e atirou os ombros para trás, levantou os braços, pôs as mãos em cima da minha mesa, e eu a pensar: porque é que o deixei sentar-se?, calculando já o tempo que ia perder a convencê-lo a levantar-se.

— Eu escapuli-me naquela noite — disse Ben. — E quando voltei para casa, eu e a mãe tivemos mais uma discussão.

— Sobre a Krissi Cates?

Ele ficou com os olhos fixos e, depois, deixou o comentário passar em branco.

— Sobre a Krissi Cates. Mas ela acreditou em mim, ficou completamente do meu lado, era a grande qualidade da mãe, mesmo quando estava furibunda connosco ficava do nosso lado, nós sabíamos disso. Sabíamos de corpo e alma. Ela acreditou em mim. Mas estava furiosa. E assustada. Eu tinha-a deixado à espera durante, sei lá, umas dezasseis horas, sem dar notícias... eu nem sequer sabia o que estava a acontecer, naquela época não havia telemóveis, uma pessoa passava um dia inteiro sem falar, não é como hoje. Segundo consta.

— Sim, mas...

— Portanto, tivemos uma discussão, nem sequer me lembro se foi exatamente sobre a Krissi Cates ou se começou por aí e depois passou para outra coisa qualquer, quem me dera lembrar-me, mas, seja como for, ela ralhou comigo, mandou-me para o quarto e eu fui para o quarto e passado uma hora fiquei outra vez irritado e saí de casa, deixei o rádio ligado e as luzes acesas para que, se ela espreitasse para o quarto, pensasse que eu lá estava. Lembras-te de como ela dormia, não ia levantar-se e atravessar a casa toda para ir ao meu quarto verificar se eu lá estava. Assim que ela adormecia, dormia e ponto final.

Ben falou como se aqueles trinta e poucos passos fossem uma distância inacreditável, mas era verdade, a minha mãe era uma desgraça quando dormia. Quase nem se mexia. Lembro-me de fazer vigílias junto do corpo dela, tensa, convencendo-me de que estava morta, observando-a até ficar com lágrimas nos olhos, tentando ver se ela estava a respirar, tentando obter uma reação qualquer, nem que fosse um gemido. Dava-lhe um toque e ela voltava à mesma posição. Todos nós tínhamos histórias sobre encontros com

ela a meio da noite, quando íamos à casa de banho: virávamos a esquina e dávamos com ela a fazer chichi na retrete, com o roupão entre as pernas, a olhar para nós como se fôssemos feitos de vidro. Não sei o que fazer ao sorgo, dizia ela, ou As sementes já chegaram? E depois passava por nós a caminho do quarto, a arrastar os pés.

— Disseste isso à polícia?

— Ai, Libby, vá lá. Vá lá. Não me apetece falar sobre isso.

— Disseste?

— Não, não disse. Que diferença é que isso fazia? Eles já sabiam que tínhamos tido uma discussão. E depois eu dizia-lhes que foram duas e não uma? Isso... não valia a pena. Estive em casa cerca de uma hora, não aconteceu mais nada além disso, foi irrelevante. Completamente irrelevante.

Olhámos um para o outro.

— Quem é a Diondra? — perguntei. Vi-o tentar ficar ainda mais quieto. Vi o cérebro dele a pensar. O pormenor de ele ter saído de casa às escondidas até podia ser verdade, ou não, mas percebi que, agora, se preparava para mentir. O nome Diondra fê-lo vibrar, imaginei os ossos dele a zunirem. Inclinou a cabeça ligeiramente para a direita, uma inclinação como quem diz que estranho perguntas isso, e conteve-se.

— A Diondra? — Estava a tentar ganhar tempo, a ver se percebia o que é que eu sabia ao certo. Fitei-o com uma expressão impenetrável.

— A Diondra era uma miúda do liceu. Onde é que foste buscar o nome dela?

— Encontrei um bilhete que ela te escreveu, parece-me que era muito mais do que só «uma miúda do liceu».

— Hum. Lembro-me de que era uma miúda maluca. Andava sempre a escrever bilhetes que, enfim, fizessem as pessoas pensar que era destravada.

— Pensava que não tinhas namorada.

— E não tinha. Fogo, Libby, como é que passas de um bilhete para uma namorada?

— Por causa do bilhete. — Fiquei tensa, sabendo que estava prestes a apanhar uma desilusão.

— Olha, não sei que te diga. Quem me dera poder dizer que ela era minha namorada. Mas ela estava completamente fora do meu alcance. Nem sequer me lembro de ter recebido um bilhete dela. Tens a certeza de que tinha o meu nome? E como é que deitaste a mão a um bilhete desses?

— Deixa estar — disse eu, tirando o telefone da orelha, para ele perceber que me ia embora.

— Espera, Libby, espera.

— Não, se vais falar comigo como... um recluso, não vejo interesse nenhum nisto.

— Espera, Libby, fogo! Desculpa se não te posso responder como querias.

— Só quero a verdade.

— E eu quero dizer-te a verdade, mas parece-me que tu queres... uma história. Eu só... meu Deus, aqui está a minha irmãzinha, depois de tantos anos, e a primeira coisa que eu penso é que isso pode ser uma coisa boa. Pelo menos uma. É verdade que ela não me ajudou nada há vinte e quatro anos, porra, mas, enfim, já superei isso, superei isso de tal maneira que, quando te vi pela primeira vez, a única coisa que senti foi felicidade. Aqui

estava eu no meu curral, à espera de te ver, tão nervoso como se tivesse um encontro com uma rapariga, e quando te vi, meu Deus, pensei que pelo menos isto fosse correr bem. Talvez eu pudesse ter uma pessoa da minha família ainda na minha vida e não me sentisse tão sozinho, porque... eu sei que falaste com a Magda, acredita que soube de tudo, e sim, tenho pessoas que me vêm visitar e se preocupam comigo, mas não são tu, são pessoas que só me conhecem como o tipo que... e eu estava a pensar que ia ser tão bom poder falar com a minha irmã, ela conhece-me, ela conhece a nossa família e sabe que nós éramos normais, e podemos rir-nos sobre as vacas. É só isso, sabes, é só isso que eu peço nesta altura. Uma coisa tão pequenina quanto isso. Portanto, gostava de te dizer qualquer coisa que não te faça... odiar-me outra vez. — Baixou os olhos, olhando para o reflexo do peito no vidro. — Mas não consigo.

17h58

Diondra tinha uma barriguinha, o que deixou Ben assustado como o diabo, e há semanas que ela só falava sobre «os movimentos». A fase dos movimentos já tinha começado, o bebê já se mexia, era um momento muito especial e importante e, por isso, Ben tinha de pôr a mão na barriga dela de cada vez e sentir o bebê a dar pontapés. Sentia-se orgulhoso de ter feito aquela barriga, orgulhoso de ter feito o bebê, pelo menos da ideia de o ter feito, mas não gostava de tocar na barriga nem de olhar para ela. A pele era esquisita, dura e ao mesmo tempo grossa e aos altos, como fiambre estragado, e tocar-lhe era embaraçoso. Há semanas que ela pegava na mão dele e a encostava à barriga, observando-lhe o rosto à procura de uma reação, e depois gritava com ele por ele não sentir nada. Durante uns tempos, Ben até pensou que a gravidez era só mais uma brincadeira de Diondra para o fazer sentir-se estúpido. Sentava-se com a mão suada em cima daquele monte de pele e pensava: este movimento, foi um movimento?, será que foi o bebê ou os intestinos a mexerem? Andava preocupado. Com medo de que, se não sentisse nada — e não tinha sentido nada, naquelas primeiras semanas —, Diondra gritasse com ele: É aí mesmo, parece um canhão a disparar no meu útero, como é que não sentes?! E tinha medo de que, se dissesse que sim, Diondra o metralhasse com o seu riso, aquele riso que a fazia dobrar-se pela cintura como se tivesse levado um tiro, um riso que a fazia agarrar-se aos joelhos e abanar o cabelo com gel como uma árvore depois de uma tempestade de gelo, porque é óbvio que ela não estava mesmo grávida, estava só a gozar com ele, ele era burro ou quê?

A verdade é que Ben procurara sinais de que ela estava a mentir: aqueles pensos ensanguentados enormes que a mãe enrolava sempre e deitava no lixo e que, um dia depois, já estavam abertos. Fora isso, não sabia muito bem o que procurar e também não sabia se devia perguntar se o bebê era dele. Ela falava como se fosse e provavelmente essa era a única certeza que ele teria.

Fosse como fosse, no passado mês, era nítido que ela estava grávida, pelo menos quem a visse nua. Continuava a ir às aulas, usando camisolas enormes e largueironas, e deixava os jeans desabotoados e com o fecho meio aberto, e a barriga foi ficando cada vez maior. Diondra segurava nela e esfregava-a com as mãos como se fosse uma espécie de bola de cristal do seu futuro lixado e, um dia, agarrou na mão de Ben e ele sentiu-o, sem qualquer dúvida: aquela coisa estava a dar pontapés e, de repente, ele viu o movimento de um pezinho por baixo da pele de Diondra, suave e rápido.

Que raio se passa contigo? Ajudas as vacas a parir na quinta, não ajudas? É só um bebê foi a reação de Diondra, quando ele afastou a mão bruscamente. Ela puxou-a outra vez para a barriga e segurou-a com firmeza, encostou a palma dele àquela coisa que se

contorcia dentro dela e ele pensou: um vitelo não tem nada a ver com um bebé nosso, de verdade, e depois pensou: larga-me larga-me larga-me, como se aquela coisa fosse agarrá-lo como num filme de terror e puxá-lo para dentro de Diondra. Era assim que ele o via: como uma coisa. Não como um bebé.

Talvez tivesse ajudado se falassem mais sobre o assunto. Depois de ter começado a fase dos movimentos, ela recusou-se a falar com ele durante uns quantos dias e ele descobriu que lhe devia ter oferecido qualquer coisa, que se costumava dar prendas às mulheres grávidas para comemorar o facto de o bebé ter começado a dar pontapés, e que os pais lhe tinham oferecido uma pulseira de ouro quando ela teve o período pela primeira vez e que aquela ocasião era igual. Por isso, em vez de uma prenda, ela obrigou-o a fazer-lhe um minete dez vezes, foi esse o acordo, que ele achava que ela tinha escolhido de propósito porque ele não gostava de lhe fazer minetes, o cheiro deixava-o enjoado, sobretudo agora, quando aquela zona toda do corpo dela parecia usada. Ela também parecia não gostar por aí além, por isso Ben tinha a sensação de que era mesmo um castigo, ela a berrar com ele sobre dedos e pressão e mais em cima, é mais em cima, vai mais para cima, e no fim suspirava e agarrava na cabeça dele com força, pelas orelhas, e puxava-o para o ponto que ela queria e ele a pensar sua cabra de merda e a limpar o gosto dela da boca, no fim. Faltam oito, sua cabra de merda, queres um copo de água, amor? E ela respondeu: Não, mas tu queres, cheiras a cona, e riu-se.

As grávidas tinham oscilações de humor. Ele sabia disso. Mas, tirando isso, Diondra não agia como uma grávida. Continuava a fumar e a beber, o que não se devia fazer quando se estava grávida, mas ela disse que só os fanáticos da saúde é que abdicavam dessas coisas todas. Outra coisa que ela não fazia: planos. Diondra nem sequer falava muito sobre o que fariam quando nascesse... quando ela nascesse. Diondra nunca tinha ido ao médico, mas estava convencida de que era uma menina, porque as meninas causam mais enjoos e ela tinha passado o primeiro mês enjoadíssima. Mas não dizia mais nada, em termos de realidade, a não ser falar sobre o bebé como uma menina, como se uma menina fosse mesmo sair de dentro dela. No princípio, ele perguntara-se se ela iria fazer um aborto. Ele dissera: se tiveres o bebé, em vez de quando, e ela passara-se da cabeça, e Diondra completamente passada da cabeça era uma coisa que ele nunca mais queria ver na vida. Já era difícil lidar com ela quando estava absolutamente calma, por isso aquilo foi como assistir a um desastre natural, as unhas o choro os murros, e ela a berrar que aquilo era a pior coisa que alguém lhe dissera na vida, também é do teu sangue, que porra se passa contigo, seu atrasado mental de merda?

Fora isso, não fizeram planos, ou não conseguiam fazer planos, uma vez que o pai de Diondra a mataria literalmente se descobrisse que tinha engravidado sem ser casada. Se ele descobrisse que ela tinha sequer relações sexuais sem ser casada, matava-a. Os pais de Diondra só tinham uma regra, uma só: que ela nunca, nunca deixasse um rapaz tocá-lhe, a menos que fossem casados. Quando fez dezasseis anos, o pai de Diondra dera-lhe um anel de promessa, um anel dourado com uma grande pedra vermelha que parecia uma aliança de casamento, e ela usava-o no anelar, e era uma promessa que ela lhe fizera, ao pai e a ela própria, em como seria virgem até casar. Ben achou a ideia nojenta: isso não parece que estás casada com o teu pai? Diondra disse que era uma questão de controlo.

Era a única coisa que o pai tinha decidido exigir, a única coisa que ele lhe pedira, e fogo, convinha ela cumprir. Disse que isso o fazia sentir-se melhor por a deixar sozinha, sem supervisão, sem proteção, a não ser os cães, durante meses a fio. Era a única exigência parental dele: a minha filha pode beber ou drogar-se, mas é virgem, portanto, eu não posso ser tão fodido da cabeça como pareço.

Ela disse isto de lágrimas nos olhos. Ela disse isto quase a desmaiar de bêbada. Disse que o pai a avisara de que, se algum dia quebrasse a promessa, ele a levava para fora de casa e lhe dava um tiro na cabeça. O pai tinha estado no Vietname e falava nestes termos, e Diondra levava-o a sério, por isso não fez planos para o bebé. Ben fez listas de coisas de que provavelmente iam precisar, e comprou umas roupas de bebé em segunda mão na feira da ladra de Delphos, perto da altura do Natal. Sentira-se embaraçado, por isso comprara um lote inteiro à mulher por oito dólares. Descobriu que era roupa interior para diferentes idades, montes de cuecas com folhinhos — a mulher chamava-lhes bloomers —, o que não tem mal nenhum, os miúdos precisam sempre de roupa interior. Ben escondeu-as debaixo da cama e ficou contente por ter o cadeado na porta, imaginava as miúdas a encontrarem-nas e a roubarem tudo o que lhes servisse. Portanto, era verdade, não pensava o suficiente no puto e no que ia acontecer, mas Diondra parecia pensar ainda menos do que ele.

— Acho que devíamos mudar de cidade — disse Diondra, uma surpresa, com o cabelo ainda a cobrir-lhe metade da cara, a mão de Ben ainda espalmada contra a barriga dela, o bebé a correr de um lado ao outro como se houvesse túneis dentro do corpo dela. Diondra virou-se ligeiramente para ele, com uma mama preguiçosa a balouçar no braço de Ben. — Não consigo esconder isto muito mais tempo. Os meus pais devem estar a voltar a qualquer instante. Tens a certeza de que a Michelle não sabe de nada?

Ben guardara um bilhete de Diondra, em que ela dizia que se sentia excitada a toda a hora e que, mesmo agora, queria ter montes de sexo com ele, e a bisbilhoteira da Michelle encontrara-o quando andara a mexer nos bolsos do casaco dele. A cabrinha chantageara-o — dez dólares e eu não conto à mãe — e, quando Ben se queixara a Diondra, ela passara-se dos carretos. A porra da tua irmã pode trair-nos a qualquer momento, achas que isso está certo? Esta resolves tu, Ben. Lixaste tudo. Diondra estava paranoica, com medo de que Michelle descobrisse que ela estava grávida só por causa daquelas duas palavras — «mesmo agora» —, e seriam tramados por uma merda de uma miúda de dez anos, lindo serviço.

— Não, ela não voltou a falar no assunto.

Era mentira, ainda na véspera Michelle olhara para ele, abanara as ancas e dissera numa voz de gozo: «Então, Beee-ennn, como é que vai a tua vida sêeeexual?» Era uma miúda tão ranhosa. Chantageara-o por outras coisas: tarefas domésticas que ele deixara por fazer, comida que ele tirara do frigorífico. Ninharias. Eram sempre merdices de nada, como se ela existisse só para lembrar a Ben como a vida dele era limitada. Ela gastara o dinheiro em donuts com doce.

Trey puxou uma escarradela na sala ao lado e depois fez um barulho de cuspidela. Ben

conseguiu imaginar o esgarço verde a escorrer pela porta de vidro abaixo e os cães a lambê-lo. Era uma coisa que Trey e Diondra faziam: atiravam escarradelas às coisas. Às vezes, Trey lançava-a em cheio para o ar e os cães apanhavam-na com as bocas babadas. («É só matéria corporal a entrar noutro corpo», dizia Diondra. «Tu também já mandaste coisas do teu corpo para dentro do meu e não pareceste nada incomodado com isso.»)

Quando o som da televisão se tornou mais forte na sala — despachem-se lá, vocês os dois, estou a apanhar uma seca dos diabos —, Ben tentou pensar na coisa certa para dizer. Às vezes tinha a sensação de que nunca dizia nada a Diondra que fosse só conversa banal, era tudo cotovelos e braços verbais, ele a tentar defender-se da irritação constante dela, a dizer o que ela queria ouvir. Mas amava-a, amava-a mesmo, e era isso o que os homens faziam pelas mulheres que amavam, diziam-lhes o que elas queriam ouvir e calavam-se. Emprenhara Diondra e agora ela era dona dele e ele tinha de agir corretamente. Teria de desistir do liceu e arranjar um emprego a tempo inteiro, o que não tinha mal nenhum, conhecia um puto que desistira das aulas no ano passado e trabalhava perto de Abilene na fábrica de tijolos, ganhava doze mil dólares por ano, Ben nem sequer imaginava como é que gastaria tanto dinheiro. Portanto, desistiria do liceu, o que era ótimo, tendo em conta as merdas, fossem elas quais fossem, que Diondra ouvira sobre Krissi Cates.

Era estranho, a princípio isso deixara-o muito nervoso, todos aqueles boatos a circular e, depois, uma parte dele sentiu-se quase que orgulhosa. Embora ela fosse uma miudinha, era uma das miúdas mais novas consideradas fixas. Alguns dos putos mais velhos do liceu até a conheciam, as miúdas mais crescidas interessavam-se por ela, por aquela miúda bonita e de boas famílias, por isso era fixe ela ter uma paixoneta por ele, embora fosse tão novinha, e ele estava convencido de que as histórias que Diondra lhe contara tinham uma grande dose de exagero da parte dela, como sempre. Às vezes, ela ficava histérica.

— Ei, ainda aqui estás? Vê se te concentras. Eu disse que acho que devíamos mudar de cidade.

— Então, mudamos de cidade. — Ele tentou beijá-la, mas ela afastou-o.

— A sério, assim, sem mais nem menos? Para onde é que íamos, como é que nos sustentavas? Vou ficar sem a minha mesada, sabias? Vais ter de arranjar um emprego.

— Então, arranjo um emprego. E o teu tio ou primo ou não sei quem que vive em Wichita?

Ela olhou-o como se ele fosse louco.

— O da loja de artigos desportivos? — insistiu ele.

— Não podes trabalhar lá, tens quinze anos. Não conduzes. Aliás, acho que nem sequer podes arranjar um emprego a sério sem a autorização da tua mãe. Diz lá outra vez quando é que fazes dezasseis anos?

— Treze de julho — disse ele, sentindo-se como se ela tivesse acabado de dizer que ele urinara nas calças.

Ela começou a chorar.

— Oh meu Deus, oh meu Deus, o que é que nós vamos fazer?

— O teu primo não pode ajudar?

— O meu tio vai contar aos meus pais, como é que isso nos pode ajudar?

Ela levantou-se e pôs-se a andar, nua, com a barrigona perigosamente suspensa, e Ben teve vontade de a amparar com uma mão, perguntando-se de que tamanho é que ela iria ficar. Ela não vestiu nada para atravessar o corredor até à casa de banho, embora Trey a pudesse ver perfeitamente, se ainda estivesse sentado no sofá. Ele ouviu o som gutural da torneira do chuveiro a rodar. Fim da conversa. Limpou-se com uma toalha bafienta que estava junto do cesto da roupa suja de Diondra, depois voltou a enfiar as calças de cabedal e a t-shirt às riscas, e sentou-se na beira da cama a tentar adivinhar qual seria o comentário espertalhão que Trey ia fazer quando regressassem à sala.

Daí a uns minutos, Diondra entrou airoosamente no quarto, enrolada numa toalha vermelha, com o cabelo molhado, sem olhar para ele, e sentou-se à frente do espelho da cómoda. Pôs espuma na palma da mão, uma pilha enorme como um cacalhão de cão, e massajou-a no cabelo, apontando o secador a cada secção: espuma, cabelo, secador, espuma, cabelo, secador.

Ben não sabia se ela estava à espera que ele se fosse embora ou não, por isso deixou-se ficar, sentado na cama, a tentar que ela pousasse os olhos nele. Diondra pôs base escura na palma da mão, como um artista faria com tinta, e espalhou-a na cara. Umas miúdas tinham-lhe chamado cara de betume, ele ouvira-as, mas gostava do ar com que ela ficava, bronzeada e macia, embora às vezes o pescoço parecesse mais branco, como gelado de baunilha com caramelo derretido por cima. Aplicou três camadas de rímel; dizia sempre que eram precisas três, uma para escurecer, outra para engrossar e uma terceira para dar um ar mais dramático. Depois, começou a pôr batom: base, camada normal, brilho. Ela viu-o a olhar e parou, tirando o excesso com uns pequenos triângulos de espuma que ficaram com marcas roxas e pegajosas de beijos.

— Vais ter de pedir dinheiro ao Runner — anunciou ela, olhando para ele no espelho.

— Ao meu pai?

— Sim, ele tem dinheiro, não tem? O Trey compra sempre erva ao teu pai. — Ela deixou cair a toalha, dirigiu-se para a gaveta da roupa interior, um matagal de rendas e cetins coloridos, e remexeu-a até tirar umas cuecas e um sutiã, rosa forte orlado a renda preta, daqueles que as miúdas usavam nos saloons nos westerns.

— Tens a certeza de que estamos a falar da mesma pessoa? — disse ele. — O meu pai faz trabalho braçal. Em quintas e coisas desse género.

Diondra revirou os olhos, repuxando as costas do sutiã, com as mamas a transbordarem por todos os lados: por cima das copas, por baixo das tiras, indomáveis e leitosas. Finalmente desistiu do sutiã, atirou-o para a outra ponta do quarto: foda-se, preciso de uma porra de um sutiã que me sirva! Lançou-lhe um olhar carrancudo e depois as cuecas começaram a enrolar-se, afastando-se da barriga e subindo pelo rabo acima. Nenhuma daquelas roupas interiores sexy lhe servia. Primeiro, Ben pensou: rechonchuda, e depois corrigiu-se: grávida.

— Estás a falar a sério? Não sabias que o teu próprio pai vende droga? Ainda na semana passada me vendeu erva, a mim e ao Trey. — Despiu as cuecas e vestiu outro sutiã, um sutiã banal e feio, e uns jeans novos, amuada por causa do seu tamanho.

Ben nunca comprara droga. Fumava muito com Trey e Diondra, e com quem quer que tivesse erva no grupo, e às vezes contribuía com um dólar ou dois, mas, quando imaginava

um traficante de droga, imaginava alguém com o cabelo escorrido para trás e com joias, e não o seu pai, de boné de baseball e botas de cowboy com uns grandes tacões, e camisas no fio. O seu pai é que não, tudo menos isso. E os traficantes de droga não tinham sempre dinheiro? O seu pai nunca tinha dinheiro, por isso aquela conversa toda era estúpida. E mesmo que ele fosse traficante de droga, e que tivesse dinheiro, não daria nada a Ben. Gostaria com Ben por lhe pedir, talvez pegasse numa nota de vinte dólares e a espetasse mesmo à frente de Ben, mas sem que ele a conseguisse agarrar, da mesma maneira que um bully agarraria no caderno de apontamentos de um miúdo totó na escola e depois ria-se e enfiava-o no bolso das calças. Runner nunca usava carteira, levava as notas amarrotadas no bolso da frente dos jeans, e não era isso um sinal óbvio de que não tinha dinheiro?

— Trey! — gritou Diondra para o corredor. Enfiou uma camisola nova com padrões que pareciam uma experiência geométrica. Arrancou as etiquetas e atirou-as para o chão, depois saiu do quarto estrepitosamente. Ben ficou espicado a olhar para os cartazes de rock e os posters de astrologia (Diondra era escorpião, levava os signos muito a sério) e cristais e livros sobre numerologia. A toda a volta do espelho estavam agraçados bouquets decrépitos e secos de bailes a que Ben não a levava, eram quase todos oferta de um tipo finalista de Hiawatha chamado Gary, que até Trey dizia que era um idiota. Trey, claro está, conhecia-o.

Os bouquets incomodaram Ben, pareciam órgãos genitais, com as suas pregas e torções, os seus rosas e roxos. Lembraram a Ben os bocados de carne fedorenta que estavam guardados no seu cacifo naquele mesmo instante, uma prenda horrível que Diondra lhe dera — surpresa! —, as partes femininas de um animal qualquer, Diondra recusara-se a dizer onde as arranjava. Dera a entender que eram de um ritual sacrificial que fizera com Trey; Ben partira do princípio de que eram simplesmente restos de alguma experiência de Biologia. Ela gostava de o assustar. Quando a turma dela dissecara leitões, ela levava-lhe uma cauda em rosca, achara o gesto divertidíssimo. Não foi, foi simplesmente nojento. Ben levantou-se e foi à sala.

— Seu estúpido de merda — disse Trey do sofá, onde acabara de acender um charro, sem tirar os olhos de um televisão. — Não sabias do teu pai? O caraças, meu. — O estômago nu de Trey era quase côncavo, mas ondulado, perfeito, bronzeado. O oposto da barriga de rato de Ben, mole e branca. Trey tinha enrolado a camisa que Diondra lhe oferecera e estava a usá-la como almofada.

— Toma, seu cão castrado. — Deu o charro a Ben e Ben puxou uma grande fumaça, sentindo a nuca ficar dormente. — Ei, Ben, quantos bebés são precisos para pintar uma casa?

Aniquilação.

Ali estava aquela palavra outra vez. Ben imaginou hordas de bárbaros a irromperem pela grande lareira de pedra e a atacarem a cabeça de Trey com um machado, mesmo a meio de uma das suas piadas de merda sobre bebés mortos, a cabeça a rolar sobre a merda de cão e a parar ao lado de um dos sapatos pretos de fivela de Diondra. E talvez a seguir fosse Diondra a morrer. Foda-se para tudo. Ben puxou outra fumaça, sentindo o cérebro a formigar, e devolveu o charro a Trey. Um dos cães de Diondra, o maior, o

branco, deslizou até Ben e ficou a olhar para ele fixamente, sem piedade.

— Depende da força com que os atirares — rematou Trey. — Porque é que se enfia um bebé numa misturadora de pés e não de cabeça?

— Estou a falar a sério, Trey — disse Diondra, continuando uma conversa que Ben desconhecia qual era. — Ele acha que o pai não é traficante.

— Para ver qual é a reação dele. Ei, Ben? Estás a fumar droga do teu pai, meu — disse Trey, virando-se finalmente para ele. — É uma merda. Forte, mas uma merda. É por isso que nós sabemos que o teu pai tem dinheiro. Ele cobra de mais, mas mais ninguém tem erva neste momento. Acho que ele disse que a tinha arranjado no Texas. Ele foi ao Texas recentemente?

Runner tinha desaparecido da vida de Ben depois de Patty lhe ter dado com os pés. Tanto quanto Ben sabia, até podia ter ido passar uns tempos ao Texas. Um gajo pode ir de carro até ao Texas e voltar no mesmo dia se andar depressa, por isso, porque não?

— Esta merda já não dá nada — disse Trey, numa voz roufenha. — Seja como for, ele deve-me dinheiro, como toda a gente nesta terra. Adoram fazer apostas, mas nunca as querem pagar.

— Ei, eu nem sequer dei uma passa — amuou Diondra. Virou costas e começou a mexericar nos armários (a cave também tinha uma minicozinha, imaginem só, precisar de uma divisão à parte para guardar a comida de merda toda), depois abriu o frigorífico e tirou uma cerveja, sem perguntar a Ben se também queria. Ben viu o interior do frigorífico, que tinha sido atulhado de comida há um mês, e agora só tinha cerveja e um grande frasco com um único pickle a boiar como umagalhão.

— Dás-me uma cerveja, Diondra? — pediu, irritado.

Ela fitou-o, inclinando a cabeça, depois deu-lhe a cerveja dela e voltou ao frigorífico para tirar outra.

— Vá, vamos procurar o Runner e pedir-lhe erva e dinheiro — disse Diondra, estendendo-se ao lado dele na cadeira. — E, depois, podemos pôr-nos a andar desta terra de merda.

Ben olhou para aquele olho azul, aquele olho azul-vivo — parecia que Diondra olhava sempre para ele de lado, ele nunca via os dois olhos ao mesmo tempo — e, pela primeira vez, sentiu medo a sério. Nem sequer podia desistir das aulas sem a autorização da mãe antes de fazer dezasseis anos. E ainda menos arranjar um emprego na fábrica de tijolos ou outra coisa qualquer em que ganhasse dinheiro suficiente para que Diondra não o detestasse, para que não suspirasse quando ele chegasse a casa à noite, e agora foi isso que ele viu, nem sequer um apartamentozinho em Wichita, mas uma fábrica qualquer perto da fronteira, perto de Oklahoma, onde havia trabalho muito mal pago, onde se trabalhava dezasseis horas por dia e aos fins de semana, e Diondra ficaria em casa com o bebé e ia odiar essa vida. Não tinha qualquer instinto maternal, ela, nem sequer acordaria quando o bebé chorasse, esquecer-se-ia de o alimentar, iria para os copos com uns tipos quaisquer que conhecesse — estava sempre a conhecer tipos, no centro comercial ou na bomba de gasolina ou no cinema — e deixaria o puto para trás. Que mal lhe pode acontecer, é um bebé, não vai a lado nenhum! Ele já a estava a ouvir, ele é que era o mau da fita. O coitado do idiota mau que nem sequer consegue sustentar a família.

— Tudo bem — disse Ben, pensando que, assim que saíssem de casa, esqueceriam aquela ideia. Ele já quase a tinha esquecido. O seu cérebro estava a enredar-se todo, a ficar confuso. Queria ir para casa.

Trey levantou-se de um salto, tilintando as chaves da carrinha — Eu sei onde o encontrar — e, de repente, estavam lá fora, ao frio, a pisar a neve e o gelo, Diondra exigindo o braço de Ben para não cair, Ben a pensar: e se ela caísse? E se ela caísse e morresse, ou perdesse o bebé? Ouvira histórias de miúdas do liceu a dizerem que, se comessem um limão por dia, abortariam, e pensara em meter um limão à socapa nas Coca-Colas diet de Diondra e depois percebera que isso estava errado, fazê-lo sem ela saber, mas e se ela caísse? Mas não caiu e sentaram-se na carrinha de Trey, com o aquecimento a soprar para cima deles, e Ben ia no banco de trás como sempre — era meio banco, na verdade, só dava para uma criança, por isso ele levava os joelhos de lado, esborrachados contra o peito — e quando viu uma batata frita mirrada no banco, enfiou-a na boca e em vez de olhar para ver se alguém tinha reparado, procurou mais batatas, o que significava que estava mesmo muito pedrado e cheio de fome.

No ensino básico, os meus psiquiatras tentaram canalizar a minha maldade para um escape construtivo, por isso eu cortava coisas com uma tesoura. Tecidos pesados e baratos que Diane comprava ao rolo. Retalhava-os com uma velha tesoura de metal, para cima e para baixo: odeio-teodeio-teodeio-te. O suave resmungar do tecido enquanto eu o retalhava e aquele último instante perfeito, quando o polegar está a ficar dorido e os ombros doem de estarem debruçados e de cortarem, cortarem, cortarem... o tecido, livre, a balouçar em duas partes nas nossas mãos, uma cortina aberta. E depois? Era assim que eu me sentia agora, como se tivesse estado a coser qualquer coisa e chegado ao fim e ali estava eu sozinha outra vez, na minha casa pequena, sem trabalho, sem família, e tinha dois pedaços de tecido nas mãos e não sabia o que fazer a seguir.

Ben estava a mentir. Não queria que isso fosse verdade, mas era inegável. Porquê mentir sobre uma namoradinha tola do liceu? Os meus pensamentos perseguiam-se uns aos outros como pássaros presos num sótão. Talvez Ben estivesse a dizer a verdade e o bilhete de Diondra realmente não fosse destinado a ele, fizesse apenas parte dos detritos fortuitos arrastados por uma casa cheia de miúdos em idade escolar. Michelle até o podia ter tirado do lixo depois de um rapaz qualquer o ter deitado fora, um bocado de lixo útil para as suas constantes chantagens mesquinhas.

Ou talvez Ben conhecesse Diondra, amasse Diondra e estivesse a tentar manter isso em segredo por Diondra estar morta.

Ele matara-a na mesma noite em que matara a nossa família, parte dos seus sacrifícios satânicos, enterrara-a algures naquele vasto e plano território agrícola do Kansas. O Ben que me assustava estava de volta à minha cabeça: imaginei uma fogueira, álcool a chapinhar numa garrafa, a Diondra do livro de turma, com os seus caracóis em espiral a balouçarem quando se ria, de olhos fechados, ou a cantar, com o rosto laranja das chamas e Ben de pé atrás dela, levantando lentamente uma pá, com os olhos na cabeça dela...

Onde estavam os outros miúdos da seita, o resto da matilha de adoradores de Satanás? Se havia um círculo de adolescentes pálidos, de olhos amendoados, que tinha recrutado Ben, onde é que estava? Por essa altura já eu lera todas as informações do julgamento. A polícia nunca encontrara ninguém que estivesse envolvido na adoração de Satanás com Ben. Todos os miúdos de cabelos desgrehnados, pedrados e adoradores do Diabo que viviam em Kinnakee tinham-se metamorfoseado novamente em rosados rapazes do campo nos dias que se seguiram à detenção de Ben. Que conveniente. Dois «consumidores de droga habituais» de vinte e poucos anos testemunharam que, no dia dos crimes, Ben tinha aparecido num armazém qualquer abandonado, um sítio onde se costumavam encontrar. Disseram que ele guinchou como um demónio quando alguém tocou uma música de Natal. Garantiram que ele lhes disse que ia fazer um sacrifício. Disseram que se foi embora com um tipo chamado Trey Teepano, que supostamente

mutilava gado e adorava o Diabo. Teepano declarou que só conhecia Ben de vista. Tinha um álibi para a hora dos crimes: o pai, Greg Teepano, testemunhou que Trey estava com ele em casa, em Wamego, a mais de noventa quilómetros de distância.

Portanto, talvez Ben fosse louco por si só. Ou talvez fosse inocente. Os pássaros no sótão voltaram a esvoaçar violentamente. Estrondo pancada seca estilhaços. Provavelmente estava sentada há horas no sofá, a perguntar-me o que fazer, em ponto morto, quando ouvi os passos pesados do meu carteiro a subirem as escadas. A minha mãe punha-nos sempre a fazer biscoitos de Natal para o nosso carteiro. Mas o meu carteiro, ou carteira, mudava de tantas em tantas semanas. Nada de biscoitos.

Recebi três envelopes a oferecerem-me cartões de crédito, uma conta que pertencia a uma pessoa chamada Matt, que vivia numa rua que ficava tudo menos perto da minha, e um envelope que parecia roupa suja, de tão macio e engelhado que estava. Usado. O nome e morada de outra pessoa qualquer tinha sido rasurado com um marcador preto e os meus escritos no espaço apertado que sobrava em baixo. Sr.^a Libby Day.

Era de Runner.

Fui ao andar de cima ler a carta, sentada na beira da cama. Depois, como faço sempre que estou nervosa, aninhei-me num espaço pequeno, neste caso o espaço entre a minha cama e a mesinha de cabeceira, sentada no chão com as costas apoiadas na parede. Abri o envelope sujo e tirei uma folha repulsiva de papel feminino, bordejado de rosas. A caligrafia do meu pai amontoava-se de uma ponta à outra: pequenina, frenética, aguçada, como se uma centena de aranhas tivessem sido esborrachadas na página.

Querida Libby,

Bem, Libby, depois de tantos anos estamos numa situassão no mínimo estranha. Pelo menos eu estou. Nunca pensei chegar a esta idade e estar tão cansado e sozinho. Tenho cancro. Dizem que me restam uns meses. Por mim tudo bem, estou nesta terra á mais tempo do que meresso. Sai de vossa casa e vim para aqui. Olha, sei que nunca fomos muito chegados. Era muito novo quando vossês nasceram e não fui o melhor pai do mundo, embora tenha tentado ajudar-vos e ser proximo de vossês sempre que pude. A vossa mãe dificultou muito as coisas. Eu era imaturo e ela ainda mais. E os crimes foram muito duros para mim. Portanto aqui tens a minha historia. Preciso que saibas e por favor não me pregues um cermão a dizer que eu já te devia ter contactado. Eu sei que devia. Mas entre os meus problemas com o jogo e o facto de ser alcoolico, tenho tido dificuldade em enfrentar os meus demonios. Sei quem foi o verdadeiro assassino naquela noite e sei que não foi o Ben. Contarei a verdade antes de morrer. Se me poderes mandar dinheiro, eu gostava de te vizitar e contar-te mais coisas. Quinhentos dolares devem dar.

Espero noticias tuas.

Runner «Pai» Day
12 Donneran Road
Asilo Masculino de Bert Nolan

P.S. Pergunta a alguém qual é o código postal que eu não sei.

Agarrei no pé fino do meu candeeiro de cabeceira e atirei-o pelo quarto; o candeeiro voou cerca de um metro até o fio esticar ao máximo e depois caiu no chão. Precipitei-me para ele, arranquei-o da tomada e lancei-o outra vez. Bateu na parede, o abajur saltou e rolou aos ziguezagues pelo chão, e a lâmpada estilhada ficou espetada no cimo da haste como um dente partido.

— Vai-te. Foder — gritei. Um grito destinado ao meu pai, mas também a mim própria. O facto de eu, naquela fase da vida, ainda esperar que Runner agisse corretamente era uma estupidez tão grande que chegava a ser escandalosa. A carta era apenas uma longa palma da mão esticada entre a distância de quilómetros que nos separava, a pedir uma esmola, a manipular-me como uma presa. Pagaria os quinhentos dólares a Runner e nunca mais o veria na vida, até precisar de mais ajuda ou respostas, e depois ele manipular-me-ia outra vez. A própria filha.

Ia viajar até Oklahoma. Dei dois pontapés na parede, fazendo chocalhar as janelas, e preparava-me para dar um terceiro quando a campainha tocou no andar de baixo. Olhei instintivamente lá para baixo, mas do primeiro andar só via a copa de um plátano e o céu fusco. Fiquei petrificada, à espera que a visita se fosse embora, mas a campainha tocou outra vez, cinco vezes de seguida, a pessoa que se encontrava no meu alpendre sabia que eu estava em casa graças ao meu ataque de fúria.

Eu estava vestida como a minha mãe no inverno: uma grande sweatshirt sem formas, umas ceroulas baratas e largas, umas meias grossas que me picavam. Virei-me para o armário por um segundo e depois decidi que me estava nas tintas quando a campainha tocou outra vez.

A minha porta não tem janela, por isso não pude ter um vislumbre da pessoa. Pus a corrente de segurança e abri a porta uma nesga, deparando com uma nuca, um emaranhado de cabelo amarelo-torrado, e depois Krissi Cates virou-se para mim.

— Aquelas velhas em frente são um bocado mal-educadas — disse ela, e depois fez um aceno ostensivo com a mão, como eu fizera na semana anterior, um aceno largo de vão-se foder. — Será que nunca ninguém lhes explicou que é falta de educação ficarem espetadas a olhar para as pessoas?

Eu parava de olhar para ela através da corrente, sentindo-me eu própria uma velhinha.

— Arranjei a sua morada através... de quando foi ao bar — disse ela, baixando-se para ficar à altura dos meus olhos. — Ainda não tenho o dinheiro para lhe pagar. Hum, mas estava com esperança de falar consigo. Não acredito que nem a reconheci naquela noite. Bebo demais, demais. — Disse-o sem embaraço, da mesma maneira que outra pessoa diria que tem alergia ao trigo. — A sua casa é muito difícil de encontrar. E por acaso nem estive a beber. Mas nunca tive jeito para me orientar. Se chegar a uma encruzilhada na estrada e puder virar à direita ou à esquerda, escolho sempre o caminho errado. Devia

ouvir a minha intuição e depois fazer o oposto do que ela diz. Mas não o faço. Nunca percebi porquê.

Continuou a falar assim, acrescentando uma frase e depois outra, sem pedir para entrar, e foi provavelmente por isso que decidi convidá-la para entrar.

Ela entrou com passos respeitosos, de mãos entrelaçadas, como faria uma menina bem-educada, tentando encontrar qualquer coisa que pudesse elogiar na minha casa decrépita, até que os seus olhos pousaram na caixa de cremes junto do televisor.

— Ah, também adoro cremes... tenho um com cheiro a pera que adoro, mas já experimentou creme de teta? Aquele que se costumava pôr nas vacas leiteiras? Nas tetas? É tão suave, compra-se na farmácia.

Abanei a cabeça frouxamente e ofereci-lhe um café, embora só me sobrassem uns grãos de café instantâneo.

— Mmmmm, detesto dizer isto, mas tem alguma coisa mais forte que se beba? O trajeto foi longo.

Fingimos ambas que a vontade de beber era do trajeto longo, como se duas horas de carro fizessem alguém precisar de álcool. Fui à cozinha com a esperança de que uma lata de Sprite aparecesse no fundo do frigorífico.

— Tenho gim, mas nada para misturar com o gim — disse.

— Ah, não faz mal — disse ela. — Pode ser puro.

Também não tinha cubos de gelo — tenho dificuldade em obrigar-me a encher as cuvetes —, por isso servi dois copos de gim à temperatura ambiente e, quando voltei para a sala, ela estava junto da minha caixa de cremes. Aposto que tinha enfiado uns quantos minifrascos de creme nos bolsos. Usava calças pretas com um casaco a condizer e uma camisola de gola alta rosa-clarinho por baixo, um visual dolorosamente ambicioso para uma stripper. Ela que ficasse com os cremes.

Dei-lhe o copo e reparei que tinha pintado as unhas a condizer com a camisola de gola alta e depois vi que ela tinha reparado no meu dedo amputado.

— Isso foi do...? — começou ela, deixando pela primeira vez uma frase em suspenso. Fiz que sim com a cabeça.

— E então? — disse eu, o mais educadamente que consegui. Ela inspirou fundo e instalou-se no sofá, com uns gestos delicados de quem tinha sido convidada para tomar chá. Sentei-me ao lado dela, entrelaçando as pernas uma na outra e depois obrigando-as a desentrelaçarem-se.

— Nem sequer sei como é que hei de dizer isto — começou ela, engolindo um trago de gim.

— Diga simplesmente.

— É só que, quando percebi quem você era... você veio a minha casa, naquele dia.

— Nunca fui a sua casa — retorqui, confusa. — Nem sequer sei onde vive.

— Não, não foi agora, naquela altura. No dia em que a sua família foi assassinada. Você e a sua mãe vieram a minha casa.

— Mmmm — disse eu, semicerrando os olhos, tentando lembrar-me. Aquele dia não tinha sido nada de especial para mim... sabia que Ben estava metido em sarilhos, mas não sabia porquê nem até que ponto. A minha mãe protegera-nos a todas do seu pânico

crescente. Mas naquele dia... Lembrava-me de ter ido com a minha mãe e com Diane procurar Ben. Ben estava em sarilhos e por isso fomos procurá-lo e eu sentei-me sozinha no banco de trás do carro, à vontade e toda satisfeita. Lembrava-me da minha cara a arder por causa do salame que Michelle fritou. Lembrava-me de ter visitado casas cheias de gente, uma festa de anos onde a minha mãe pensava que Ben podia estar. Ou uma coisa dessas. Lembrava-me de ter comido um donut. Nunca chegámos a encontrar Ben.

— Não faz mal — interrompeu Krissi. — É que... com tudo o que aconteceu, tinha-me esquecido. De si. Enche-me o copo outra vez? — Estendeu-me o copo, bruscamente, como se já o tivesse vazio há muito tempo. Enchi-o até cima para ela poder continuar a contar a sua história.

Ela bebeu um gole e estremeceu.

— Quer ir para qualquer lado? — perguntou.

— Não, não, diga-me o que é que se passa.

— Menti-lhe — disse ela abruptamente.

— Sobre o quê?

— O Ben nunca me molestou.

— Foi o que eu pensei — respondi, tentando mais uma vez falar num tom suave.

— E também não molestou nenhuma das outras miúdas.

— Não, toda a gente retirou a queixa menos a Krissi.

Ela mudou de posição no sofá, revirando os olhos para a direita, e percebi que estava a lembrar-se da sua casa, da sua vida, naquela época.

— O resto era verdade — disse ela. — Eu era uma menina bonita e tínhamos dinheiro e eu era boa aluna e tinha jeito para o ballet... Penso sempre no que teria sido a minha vida se não tivesse contado aquela mentira idiota. Uma só mentirinha de merda, se ela não me tivesse saído pela boca fora daquela primeira vez, a minha vida seria completamente diferente. Seria dona de casa e teria o meu próprio estúdio de ballet ou uma coisa assim. — Passou um dedo pela barriga, onde eu sabia que tinha a cicatriz da cesariana.

— Mas tem filhos, não tem? — disse eu.

— Mais ou menos — respondeu, e revirou os olhos. Não fiz mais perguntas sobre isso.

— Então, o que é que aconteceu? Como é que tudo começou? — perguntei. Não conseguia perceber o significado da mentira de Krissi, o que é que aquela mentira nos fizera naquele dia. Mas pareceu-me uma coisa em grande, relevante... com ondas de choque, para citar Lyle. Se a polícia queria falar com Ben naquele dia por causa do que Krissi dissera, isso era importante. Só podia ser.

— A verdade é que eu tinha uma paixoneta. Uma paixoneta enorme. E sei que o Ben também gostava de mim. Costumávamos estar juntos de uma maneira que, e estou a falar completamente a sério, provavelmente não era correta. Eu sei que ele também era um miúdo, mas tinha idade suficiente para... não me ter incentivado. Beijámo-nos um dia e isso mudou tudo...

— Você beijou-o.

— Beijámo-nos.

— Como?

— De uma maneira incorreta, como dois adultos. De uma maneira que eu não queria

que a minha filha do quinto ano fosse beijada por um rapaz adolescente.

Não acreditei nela.

— Continue — incitei.

— Passada cerca de uma semana, fui a uma festa à noite, durante as férias do Natal, e contei às outras meninas que tinha um namorado no liceu. Toda orgulhosa. Inventei que tínhamos feito uma série de coisas. Coisas sexuais. E uma delas contou à mãe e a mãe dela telefonou à minha mãe. Ainda me lembro disso, do telefonema. Lembro-me da minha mãe a falar ao telefone e eu à espera no quarto que ela viesse berrar comigo. Ela andava sempre chateada com qualquer coisa. Mas quando ela entrou no meu quarto, afinal, vinha toda meiga. Meu amor e minha querida, e a pegar-me na mão, a dizer: «Podes confiar em mim, vamos resolver isto juntas» e a perguntar-me se o Ben me tinha tocado de alguma maneira estranha.

— E o que é que a Krissi respondeu?

— Bom, comecei pelo beijo e não ia dizer mais nada. Só a verdade. E contei-lhe e ela, ela pareceu distanciar-se, disse: «Está bem, isso não tem nada de mais. Está tudo bem.» Lembro-me de ela ter dito: Foi só isso? Foi só isso que aconteceu? Quase como se tivesse ficado desiludida e, de repente, quando ela já estava de pé, lembro-me de que me saiu pela boca fora: «Ele tocou-me aqui. Obrigou-me a fazer coisas.» E ela voltou a dar-me atenção.

— E depois?

— Foi uma escalada. A minha mãe contou ao meu pai quando ele chegou a casa e ele desfez-se em meu bebé, coitadinha da minha menina, e telefonaram para a escola e a escola mandou um, um tipo, um psicólogo para crianças. Lembro-me de que ele era um estudante universitário e fez com que fosse impossível eu dizer a verdade. Ele queria acreditar que eu tinha sido molestada.

Franzi o sobrolho.

— A sério. Porque eu lembro-me de que lhe ia contar a verdade e pedir-lhe para dizer aos meus pais, mas... ele perguntava-me se o Ben me tinha obrigado a fazer coisas, sexualmente, e eu dizia que não e ele, ele ficava irritado. Pareces uma menina esperta e corajosa, conto contigo para me dizeres o que aconteceu. Ah, não aconteceu nada? Meu Deus, pensei que fosses mais corajosa do que isso. Estava com esperança de que fosses suficientemente corajosa para me ajudares. Talvez me possas dizer se te lembras pelo menos deste tipo de carícia ou de o Ben te ter dito isto? Lembras-te de brincar um jogo assim, podes dizer-me se te lembras pelo menos disso? Ah, isso é tão bom. Eu sabia que tu eras capaz, que menina tão inteligente e boa. E sei lá, naquela idade, se um grupo de adultos nos diz uma coisa ou nos instiga, de repente... começou a parecer verdade. Que o Ben me tinha molestado, porque senão, porque é que aqueles adultos todos estavam a tentar obrigar-me a dizer que sim? E os meus pais foram muito severos: Podes dizer a verdade. Podes dizer a verdade. E por isso eu contei a mentira que eles achavam que era a verdade.

Lembrei-me do meu próprio psiquiatra depois dos crimes. O doutor Brooner, que se vestia sempre de azul, a minha cor preferida, para as nossas consultas, e que me dava doces quando eu lhe dizia o que ele queria ouvir. Conta-me lá que viste o Ben com aquela

caçadeira a matar a tua mãe. Eu sei que isto é muito difícil para ti, Libby, mas, se o disseses em voz alta, vais ajudar a tua mãe e as tuas irmãs e vais ajudar-te a ti própria a sarar as tuas feridas. Não guardes tudo dentro de ti, Libby, não guardes a verdade dentro de ti. Podes ajudar-nos a garantir que o Ben vai ser castigado pelo que fez à vossa família. Eu seria uma menina corajosa e diria que vi Ben cortar a minha irmã aos bocados e que vi Ben matar a minha mãe. E depois dar-me-iam manteiga de amendoim com doce de alperce, o meu preferido, que o doutor Brooner trazia sempre para mim. Acho que ele acreditava mesmo que me estava a ajudar.

— Estavam a tentar pô-la à vontade, pensavam que, quanto mais acreditassem em si, mais fácil seria para si — disse eu. — Estavam a tentar ajudá-la e a Krissi estava a tentar ajudá-los a eles. — O doutor Brooner deu-me um crachá em forma de estrela com as palavras «Super Estrela» impressas, depois de eu ter arrumado Ben com o meu depoimento.

— Pois é! — exclamou Krissi, arregalando os olhos. — Este psicólogo ajudou-me a visualizar cenas inteiras. Representávamos tudo com as bonecas. E depois começou a falar com as outras meninas, meninas que nem nunca tinham beijado o Ben e, no espaço de dias, uns meros dias, já nós tínhamos inventado todo um mundo imaginário, onde o Ben era um adorador do Diabo que fazia coisas tipo matar coelhos e obrigar-nos a comer as entranhas enquanto nos molestava. Foi de loucos. Mas ao mesmo tempo foi... divertido. Eu sei que isto é horrível, mas juntámo-nos todas, as miúdas, fizemos outra festa de pijama, e estávamos no quarto, sentadas numa roda, a instigar-nos umas às outras a inventar histórias, cada vez maiores e mais picantes e... já alguma vez fez uma sessão espírita a brincar?

— Quando era pequena, sim.

— Ótimo! Então sabe que uma pessoa quer tanto que seja a sério que, quando alguém move um objeto e nós sabemos que foi alguém que o fez mover-se, há uma parte de nós que pensa que talvez seja de verdade, que é realmente um fantasma, e ninguém precisa de dizer nada, toda a gente sabe que está disposta a acreditar.

— Mas a Krissi nunca disse a verdade.

— Disse aos meus pais. Naquele dia, o dia em que você foi a minha casa, já tinham chamado a polícia, as meninas todas estavam em minha casa... ofereceram-nos bolo, meu Deus, não é completamente de loucos, isso? Os meus pais disseram que me iam comprar um maldito cachorrinho para eu me sentir melhor. E depois a polícia foi-se embora e as miúdas também e o psicólogo também, e eu fui para o meu quarto e desatei a chorar, e foi só aí que tive consciência. Foi só aí que parei para pensar.

— Mas disse que o seu pai saiu para ir procurar o Ben.

— Não, isso foi só uma fantasia. — Ela disse isto e ficou novamente a olhar para a sala. — Quando eu lhe contei... o meu pai abanou-me com tanta força que pensei que a minha cabeça ia soltar-se do corpo. E, depois dos crimes, todas as meninas entraram em pânico e contaram a verdade. Todas achámos que tínhamos invocado o Diabo. Que tínhamos inventado uma história horrível sobre o Ben e que uma parte dela se tinha tornado realidade.

— Mas a sua família recebeu uma indemnização choruda da escola.

— Não foi assim tão choruda. — Ela observou o fundo do copo.
— Mas os seus pais mantiveram a história, mesmo depois de lhes ter dito a verdade.
— O meu pai era um homem de negócios. Pensou que podia obter uma espécie de... compensação.

— Mas, portanto, o seu pai sabia com toda a certeza, naquele dia, que o Ben não a tinha molestado.

— Sabia, sim — disse ela, dando uma sacudidela ao pescoço na minha direção, defensiva. O Buck aproximou-se e roçou-se na perna das calças dela e ela parecia calma, passou as unhas compridas pelo pelo dele. — Mudámos de cidade naquele ano. O meu pai disse que aquela terra estava corrompida. Mas o dinheiro não ajudou em nada. Lembro-me de que ele me comprou um cão, mas, sempre que eu tentava falar sobre o cão, ele levantava uma mão, como se fosse demais para ele. A minha mãe nunca me perdoou. Eu chegava a casa e contava-lhe qualquer coisa que tinha acontecido na escola e... e ela limitava-se a dizer A sério?, como se eu estivesse a mentir, dissesse eu o que dissesse. Dizia-lhe que tinha comido puré de batata ao almoço e ela respondia A sério? E, um dia, deixou de me falar. Olhava para mim quando eu entrava em casa, vinda da escola, e limitava-se a ir para a cozinha, abria uma garrafa de vinho e passava o resto do dia a encher o copo, a vaguear pela casa fora, sem dizer nada. Sempre a abanar a cabeça. Lembro-me de que uma vez lhe disse que gostava de não a ter deixado tão triste e ela disse, ela disse: Pois, mas deixaste.

Krissi começou a chorar, fazendo festas ritmicamente ao gato.

— E foi assim. Quando o ano acabou, já a minha mãe se tinha ido embora. Cheguei a casa, um dia, e o quarto dela estava vazio. — Deixou cair a cabeça no colo, um gesto infantil e dramático, com o cabelo puxado para cima. Eu sabia que devia fazer-lhe uma carícia, reconfortá-la, mas em vez disso fiquei parada à espera e finalmente ela levantou os olhos para mim.

— Nunca ninguém me perdoa por nada do que faço — lamuriou-se, com o queixo a tremer. Quis dizer-lhe que eu a perdoava, mas não o fiz. Em vez disso, servi-lhe mais um copo de gim.

18h11

Patty ainda estava a murmurar pedidos de desculpa quando Lou Cates a conduziu para a porta e, de repente, encontrava-se no degrau da rua, no ar gelado, a pestanejar muito. Entre duas piscadelas, antes que conseguisse abrir a boca para formular uma palavra qualquer, a porta voltou a abrir-se e saiu um homem de cinquenta e picos. Fechou a porta atrás dele e ei-los no pequeno alpendre da entrada: Patty, Diane, Libby e o homem, com uns papos de basset hound por baixo dos olhos lacrimosos, o cabelo grisalho penteado para trás. Passou uma mão pela brilhantina, enquanto tirava as medidas a Patty, o seu anel irlandês com o símbolo da amizade a cintilar.

— Senhora Patty Day? — O hálito dele a café ficou a pairar no ar frio, ligeiramente desbotado.

— Sou a Patty Day. Mãe do Ben Day.

— Viemos cá averiguar o que se passa em relação a estas histórias — interrompeu Diane. — Ouvimos muitos boatos, mas ninguém se deu ao trabalho de falar diretamente connosco.

O homem levou as mãos às ancas, baixou os olhos para Libby e desviou-os rapidamente.

— Sou o detetive Jim Collins. Estou à frente desta investigação. Tive de passar por cá hoje para falar com estas pessoas e, claro, ia entrar em contacto consigo. Poupe-me o trajeto de carro. Quer conversar noutro lugar qualquer? Está um bocado frio aqui.

Foram a um Dunkin' Donuts à beira da autoestrada, em carros separados, com Diane a murmurar uma piada qualquer sobre polícias e donuts, e depois amaldiçoando a senhora Cates: nem sequer se deu ao trabalho de falar connosco. Cabra. Normalmente, Patty teria dito qualquer coisa em defesa da senhora Cates: os papéis de Diane e Patty, de mulher sem rodeios e de mulher que pede desculpas, estavam bem enraizados. Mas a família Cates não precisava de defesa.

O detetive Collins estava à espera delas com três copos de cartão com café e um pacote de leite para Libby.

— Não sabia se a deixa comer doces ou não — disse ele, e Patty perguntou-se se ele pensaria que ela era má mãe se comprasse um donut para Libby. Sobre tudo se soubesse que tinham comido panquecas de manhã. Isto vai ser a minha vida daqui para a frente, pensou ela, sempre a pensar no que as pessoas vão pensar. Libby já estava a esfregar a cara na montra dos doces, a saltitar de um pé para o outro, e por isso Patty procurou uns trocos no bolso e comprou um donut com cobertura cor-de-rosa e deu-o a Libby com um guardanapo. Não conseguia lidar com Libby a sentir-se rejeitada, a olhar pesarosamente para todos aqueles tons pastel de açúcar, enquanto tentavam ter uma conversa sobre a

eventualidade de o seu filho ser um adorador do Diabo e um molestador de crianças. Uma vez mais, teve vontade de rir. Instalou Libby a uma mesa atrás deles e mandou-a ficar quieta e comer, enquanto os adultos conversavam.

— São todos ruivos na família? — perguntou Collins. — De onde é que vem o ruivo, são irlandeses?

Patty lembrou-se de imediato da sua conversa de sempre com Len sobre o cabelo ruivo e depois pensou: Estamos a perder a quinta. Como é que me esqueci de que estamos a perder a quinta?

— Alemães — respondeu ela pela segunda vez naquele dia.

— Tem mais filhotes, não tem? — perguntou Collins.

— Tenho. Tenho quatro filhos.

— Do mesmo pai?

Diane restolhou na cadeira ao lado dela.

— É claro que são do mesmo pai!

— Mas é mãe solteira, não é? — insistiu Collins.

— Sou divorciada, sim — disse Patty, tentando parecer recatada como uma beata.

— Que tem isso a ver com o que se está a passar com o Ben? — irritou-se Diane, debruçando-se sobre a mesa. — Já agora, sou irmã da Patty. Tomo conta destes miúdos quase tanto quanto ela.

Patty estremeceu e o detetive Collins viu-a estremeecer.

— Vamos tentar começar a conversa de uma maneira civilizada — disse Collins. — Porque temos um longo caminho a percorrer juntos até resolvermos isto. As acusações apresentadas contra o seu filho, senhora Day, são de carácter muito grave e muito preocupante. Neste momento, temos quatro meninas que dizem que o Ben lhes tocou nas partes privadas e que as obrigou a tocar-lhe. Que as levou para uma quinta qualquer e fez determinados... atos que estão associados a rituais satânicos. — Disse estas palavras, rituais satânicos, como fazem as pessoas que não entendem nada de carros e se limitam a repetir o que disse o mecânico: É a bomba do combustível que está partida.

— O Ben nem sequer tem carro — disse Patty, numa voz que mal se ouviu.

— Ora, a diferença de idades entre uma menina de onze anos e um rapaz de quinze é de apenas quatro anos, mas são anos cruciais — continuou Collins. — Teremos de o considerar um perigo e um predador, se verificarmos que estas acusações são verdadeiras. E, sinceramente, vamos ter de falar não só com o Ben, mas com as suas meninas também.

— O Ben é bom rapaz — disse Patty, e detestou-se pelo tom pouco convicto e fraco da sua voz. — Toda a gente gosta dele.

— O que é que as pessoas pensam dele no liceu? — perguntou Collins.

— Desculpe?

— É considerado um rapaz popular?

— Tem muitos amigos — murmurou Patty.

— Não me parece, minha senhora — retorquiu Collins. — Pelo que averiguámos, ele não tem muitos amigos, é mais um solitário.

— E o que é que isso prova? — irritou-se Diane.

— Não prova absolutamente nada, Miss...?

— Krause.

— Não prova absolutamente nada, Miss Krause. Mas esse facto, aliado ao facto de ele não ter uma figura paterna forte por perto, levar-me-ia a concluir que ele pode ser mais vulnerável a, digamos, influências nefastas. Drogas, álcool, pessoas que podem ser um pouco mais toscas, perturbadas.

— Ele não se dá com delinquentes, se é isso que o preocupa — redarguiu Patty.

— Nesse caso, diga-me o nome de alguns dos amigos dele — pediu Collins. — Diga-me o nome dos rapazes com quem ele se dá. Diga-me com quem ele esteve no fim de semana passado.

Patty ficou sentada sem conseguir dizer uma palavra e, depois, abanou a cabeça e entrelaçou as mãos perto de uma nódoa de chocolate deixada por outra pessoa qualquer. Demorou. Mas finalmente ela estava a revelar-se aquilo que era: uma mulher que não conseguia impedir a sua família de desmoronar, que vivia de emergência em emergência, pedindo dinheiro emprestado, tentando dormir umas horas aqui e ali, passando ao largo quando devia ter estado a tomar conta de Ben, incentivando-o a arranjar um passatempo ou a inscrever-se num clube qualquer, em vez de se sentir secretamente grata por ele se trancar no quarto ou desaparecer durante um serão inteiro, pensando que era menos um filho com o qual tinha de lidar.

— Há umas lacunas parentais, então — suspirou Collins, como se já soubesse como aquela história ia acabar.

— Queremos contactar um advogado antes que façam mais alguma coisa, antes que falem com qualquer uma das miúdas — interrompeu Diane.

— Sinceramente, senhora Day — disse Collins, sem sequer olhar para Diane —, com três meninas em casa, se eu fosse a si, queria saber a verdade mais do que ninguém. Este tipo de comportamento não é uma coisa que desapareça. Aliás, se isto for verdade, e para ser sincero, acho que é, provavelmente as suas filhas foram as primeiras vítimas dele.

Patty olhou para trás, para Libby, que estava sentada a lamber a cobertura do donut. Pensou na quantidade de tempo que Libby costumava passar com Ben. Pensou em todas as tarefas que as miúdas faziam sozinhas. Às vezes, depois de um dia a trabalharem no estábulo com Ben, as meninas voltavam para casa irritadas, chorosas. Mas... e daí? Eram pequeninas, ficavam cansadas e rabugentas. Teve vontade de atirar com o café à cara de Collins.

— Posso falar à vontade? — disse Collins, numa voz manipuladora. — Nem consigo imaginar como... como deve ter sido horrível ouvir estas coisas, enquanto mãe. Mas posso dizer-lhe uma coisa, e isto vem direto da boca do nosso psicólogo, que tem estado a trabalhar com estas meninas, uma a uma, e posso dizer-lhe o que ele me contou: que estas meninas andam a dizer coisas que nenhuma criança do quinto ano normalmente saberia, coisas de natureza sexual, a menos que tivessem acontecido mesmo. Ele diz que são casos clássicos de molestamento. Está a par do caso McMartin, com certeza.

Patty lembrava-se vagamente. Uma escola pré-primária na Califórnia, em que todos os professores estavam a ser julgados por serem adoradores do Diabo e terem molestado os

alunos. Lembrava-se do noticiário da noite: a imagem de uma casa californiana, bonita e soalheira, e depois palavras estampadas a negro por cima dela: Pesadelo no Infântário.

— Infelizmente, o culto satânico não é um fenómeno raro — disse Collins. — Infiltrou-se em todos os ramos da comunidade e os adoradores do Diabo costumam ter como alvo rapazes jovens, recrutam-nos. E a adoração do Diabo passa por... pela corrupção de crianças.

— Tem provas? — gritou Diane. — Alguma testemunha além de umas meninas de onze anos? Aliás, o senhor tem filhos? Sabe a facilidade com que as crianças inventam coisas? A vida toda delas é uma fantasia. Por isso, tem alguém que comprove estas mentiras além de um bando de miúdas e um psiquiatra qualquer espertalhão de Harvard que os deixa a todos impressionados?

— Bem, no que toca a provas... As meninas disseram que ele ficou com as cuecas delas como uma espécie de recordação doentia ou qualquer coisa desse estilo — disse Collins a Patty. — Se nos deixar revistar a sua casa, podemos começar por esclarecer esse assunto.

— Antes disso, temos de falar com um advogado — resmungou Diane em direção a Patty.

Collins engoliu o café de um trago e abafou um arroto, bateu com o punho no peito e sorriu pesarosamente para Libby por cima do ombro de Patty. Tinha o nariz vermelho de um bebedor.

— Neste momento, o que temos de fazer é manter a calma. Vamos falar com todas as pessoas envolvidas no caso — disse Collins, continuando a ignorar Diane. — Interrogámos vários membros do pessoal do liceu e da escola básica, esta tarde, e o que soubemos não nos reconfortou, senhora Day. Conhece uma professora chamada Darksilver?

Olhou para Patty para que ela confirmasse o nome e Patty fez um sinal de assentimento com a cabeça. A senhora Darksilver sempre adorara Ben, ele era um dos alunos preferidos dela.

— Ainda hoje de manhã ela viu o seu filho a mexericar no cacifo da Krissi Cates. Na escola básica. Durante as férias do Natal. Isto inquieta-me e — olhou para Patty do fundo dos olhos, apontando-lhe os bordos rosados das pálpebras — a senhora Darksilver disse que ele estava excitado.

— O que é que isso quer dizer? — enervou-se Diane.

— Que tinha uma ereção. Quando analisámos a caixa da Krissi, encontrámos um bilhete de teor provocante. Senhora Day, nas conversas que tivemos com as pessoas, o seu filho foi constantemente descrito como um pária, um inadaptado. Estranho. Consideram-no uma espécie de bomba-relógio. Alguns dos professores até têm medo dele.

— Medo? — repetiu Patty. — Como é que podem ter medo de um rapaz de quinze anos?

— Não sabe o que encontrámos no cacifo dele.

O que encontraram no cacifo dele. Patty pensou que Collins ia dizer drogas ou revistas

pornográficas ou, num mundo piedoso, um monte de foguetes ilegais. Era disso que ela queria que Ben fosse culpado: uma dúzia de foguetes escondidos como acendalhas na mochila dele. Se fosse isso, ela aguentava.

Quando Collins fez a sua introdução untuosa — isto é muito inquietante, senhora Day, tem de se preparar para o que vai ouvir —, Patty pensou que, afinal, talvez fosse uma arma. Ben adorava armas, sempre adorara, assim como passara pela fase dos aviões e dos camiões de cimento, só que esta ainda durava. Era uma coisa que eles faziam juntos, que tinham feito juntos: caçar, dar tiros. Talvez ele tivesse levado uma para o liceu só para se exibir. A Colt Peacemaker. A preferida dele. Ben não podia mexer no armário das armas sem a autorização dela, mas, se o fizera, teriam de lidar com isso. Portanto, que fosse uma arma.

Collins pigarreou e, numa voz que as fez debruçar-se, disse:

— Encontrámos uns... despojos... no cacifo do seu filho. Órgãos. A princípio, pensámos que fosse um bocado de um bebé, mas parece que são de um animal. Partes reprodutivas femininas dentro de uma taça de plástico, talvez de um cão ou de um gato. Deu pela falta de algum cão ou gato?

Patty ainda estava tonta só de pensar que a polícia achava que Ben era capaz de ter um bocado de um bebé no cacifo. Que a polícia achava que ele era tão perturbado que a primeira coisa que lhes veio à cabeça foi infanticídio. Foi nesse instante, de olhos fixos numa série de migalhas de cobertura de donut em tons pastel, que ela percebeu que o filho ia para a cadeia. Se eles estavam convencidos de que o seu filho era assim tão perverso, Ben não tinha a mínima hipótese.

— Não, não nos falta nenhum animal doméstico.

— Somos uma família de caçadores. Agricultores — disse Diane. — Lidamos com animais, criamos animais. Não é de estranhar que ele tenha bocados de animal.

— Não me diga que guarda bocados de animais mortos dentro de casa? — Pela primeira vez, Collins olhou em cheio para Diane, um olhar duro que interrompeu ao fim de uns segundos.

— Há alguma lei contra isso? — rosnou Diane.

— Um dos rituais dos adoradores do Diabo, senhora Day, é o sacrifício de animais — respondeu Collins. — Com certeza ouviu falar no gado que foi morto à machadada perto de Lawrence. Achamos que isso e o envolvimento com as meninas estão relacionados.

O rosto de Patty ficou frio. Estava tudo acabado, tudo.

— O que é que quer que eu faça? — perguntou.

— Vou atrás de si até sua casa, para podermos falar com o seu filho, está bem? — respondeu Collins, assumindo um tom paternal no fim da frase, uma voz mais aguda, e Patty pensou que ele ia falar com ela como se fosse um bebé. Sentiu Diane cerrar os punhos ao seu lado.

— Ele não está em casa. Andámos à procura dele.

— Precisamos imperativamente de falar com o seu filho, senhora Day. Onde é que acha que o podemos encontrar?

— Não sabemos onde ele está — interrompeu Diane. — Estamos no mesmo barco que o senhor.

— Vão prendê-lo? — perguntou Patty.

— Não podemos fazer nada até falarmos com ele e, quanto mais cedo o fizermos, mais depressa podemos esclarecer isto tudo.

— Isso não é uma resposta — protestou Diane.

— É a única que lhe posso dar agora, minha senhora.

— Isso significa que sim — disse Diane e, pela primeira vez, baixou os olhos.

Collins levantou-se e dirigiu-se para junto de Libby, ajoelhando-se ao lado dela e dizendo-lhe um Olá, querida.

Diane agarrou no braço dele.

— Não. Deixe-a em paz.

Collins franziu o sobrolho.

— Estou só a tentar ajudar. Não quer saber se a Libby está bem?

— Nós sabemos que a Libby está bem.

— Porque é que não a deixam dizer-me isso? Senão, podemos chamar os serviços sociais...

— Ponha-se a andar — disse Diane, colocando-se à frente dele. Patty ficou sentada onde estava, a tentar convencer o seu cérebro a desligar. Ouvia Diane e Collins a discutirem atrás de si, mas continuou sentada, a ver a empregada atrás do balcão fazer mais um bule de café, tentando concentrar toda a sua atenção no café. Resultou durante um segundo, até Diane arrastar Patty e Libby, com a boca suja de donut, para fora do restaurante.

Patty teve vontade de chorar mais um pouco no caminho para casa, mas preferiu esperar até Diane se ir embora. Diane obrigou Patty a conduzir, disse que seria bom para ela se concentrar. Durante o caminho todo, Diane teve de lhe dizer quando meter uma mudança, de tão distraída que ela estava. Porque é que não metes terceira, P? Acho que agora é melhor meteres segunda. Libby foi sentada no banco de trás, sem abrir a boca, toda enroscada, com os joelhos puxados para o queixo.

— Vai acontecer alguma coisa má? — perguntou Libby finalmente.

— Não, querida.

— Parece que vai.

Patty teve outro ataque de pânico: que raio se passava consigo, para meter uma menina de sete anos numa situação daquelas? A sua mãe nunca teria feito uma coisa daquelas. Verdade seja dita, a sua mãe não teria educado Ben como Patty — à balda e a rezar para que tudo corresse bem —, portanto nada daquilo teria acontecido.

Naquele preciso instante, foi acometida por uma necessidade quase obsessiva de ir para casa, de se aninhar, de se sentir segura. O plano era Patty esperar que Ben voltasse — àquela hora, ele só podia estar quase a chegar —, enquanto Diane saía para averiguar os boatos. Quem sabia o quê, de que lado estavam as pessoas e quem eram as malditas companhias com que Ben andava.

Subiram o caminho até casa e viram o Cavalier de Patty e outro carro, um automóvel desportivo com bancos anatómicos que parecia ter uns dez anos, salpicado de lama.

— Quem é? — perguntou Diane.

— Não faço a mínima ideia. — Respondeu em tom trágico, porque sabia que, quem fosse, trazia más notícias.

Abriam a porta da entrada e sentiram o calor fugir para a rua. O termostato devia estar acima dos vinte e seis graus. A primeira coisa que viram foi uma caixa aberta de cacau de levar ao micro-ondas, daquele com marshmallows a fingir, em cima da mesa da sala de jantar, e um rasto de pó de cacau que se estendia até à cozinha. Depois, Patty ouviu o riso asmático e soube. Runner estava sentado no chão, a bebericar chocolate quente com as filhas dela encostadas a ele. Estava a dar um programa qualquer sobre vida selvagem na televisão e as meninas guincharam e agarraram-se aos braços dele quando um crocodilo saltou da água e abocanhou um bicho qualquer com cornos.

Ele levantou os olhos indolentemente, como se ela fosse um estafeta que viesse entregar qualquer coisa.

— Olá, Patty, há quanto tempo.

— Temos uns problemas de família para resolver — anunciou Diane. — Devias ir embora.

Naquelas longas semanas em que Runner voltara a viver com eles, ele e Diane tinham-se enervado várias vezes um com o outro: ela a berrar e ele a dar-lhe para trás. Não és tu o marido aqui, Diane. Ele ia à garagem, embriagava-se e passava horas a atirar uma velha bola de baseball contra a parede. Diane não tinha capacidade para obrigar Runner a ir embora.

— Está tudo bem, D. Vai tu embora. Liga-me daqui a uma hora a dizer o que se passa, de acordo?

Diane lançou um olhar fulminante a Runner, resmungou qualquer coisa entre dentes e saiu porta fora, fechando-a com firmeza nas suas costas.

Michelle exclamou «Fogo! Que bicho lhe mordeu?» e fez uma cara cómica para o pai. Traidora! Tinha o cabelo castanho desgrehado de eletricidade estática, no sítio onde Runner o esfregara com as duas mãos. Runner sempre fora estranho com os miúdos, tratando-os com uma afetuosidade bruta que não tinha nada de adulto. Gostava de os beliscar e dar caldos para lhes chamar a atenção. Eles estavam a ver televisão e, de repente, ele debruçava-se e pregava-lhes uma palmada na pele. A menina em quem ele tivesse batido olhava para ele com uma cara de amuo, chorosa e escandalizada, e ele ria-se e dizia: «Que foiiiiii?» ou «Estava só a dizer olá. Olá!». E quando ia com elas a algum lado, caminhava uns passos atrás delas em vez de andar ao lado, e observava-as de lado. Fazia sempre lembrar a Patty um velho coioite, trotando mesmo atrás da sua presa, a picá-la durante uns quilómetros antes de atacar.

— O pai fez macarrão para nós comermos — disse Debby. — Ele fica para jantar.

— Sabem que não têm autorização para abrir a porta a ninguém quando eu não estou — ralhou Patty, limpando o pó de cacau com um trapo que já cheirava mal.

Michelle revirou os olhos e encostou-se ao ombro de Runner.

— Meu Deus, mãe, é o paiaiiii.

Teria sido mais fácil se Runner tivesse simplesmente morrido. Ele tinha tão pouca interação com os filhos, ajudava-os tão pouco que, se falecesse, as coisas só podiam

melhorar. Assim como estavam, ele vivia perpetuamente no vasto Algures no Mundo e, de vez em quando, aparecia lá em casa com ideias e esquemas e ordens que os miúdos tendiam a seguir. Porque o pai mandava.

Patty adoraria repreender Runner naquele preciso instante. Contar-lhe do filho e da inquietante coleção que ele escondia no cacifo. A ideia de Ben cortar e guardar partes de animais deixou-a com um nó na garganta. A menina dos Cates e as amigas dela, isso era um mal-entendido que podia, ou não, acabar em bem. Mas em relação ao conjunto de partes corporais ela não conseguia arranjar uma desculpa, e Patty tinha jeito para arranjar desculpas. Não se preocupou com o que Collins dissera, que Ben podia ter molestado as irmãs. Analisara essa ideia no caminho para casa, esmiuçara-a, examinara-lhe a boca e os dentes, fora dolorosamente minuciosa. E não tinha qualquer dúvida: Ben jamais faria uma coisa dessas.

Mas sabia que o filho tinha efetivamente uma propensão para magoar. Houve aquele incidente dos ratos: aquelas pazadas robóticas, de dentes arreganhados e o rosto a escorrer suor. Ele tirara prazer disso, ela sabia que sim. Era bruto com as irmãs, duro. Às vezes, os risos transformavam-se em gritos e ela dobrava uma esquina e via-o a segurar o braço de Michelle atrás das costas, puxando-o para cima devagar, muito devagar. Ou a agarrar no braço de Debby, como um torno, para lho esfregar com as duas mãos, uma em cada sentido, e o que começava como uma brincadeira tornava-se cada vez mais frenético, com ele a esfregar até fazer sangue, rangendo os dentes. Via nele a mesma expressão que via em Runner quando estava com os miúdos: excitado e tenso.

— O pai tem de ir embora.

— Fogo, Patty, nem sequer me dizes olá antes de me pores na rua? Anda lá, vamos conversar, quero fazer-te uma proposta de negócios.

— Não estou em condições de me meter me negócio nenhum, Runner — respondeu ela. — Estou falida.

— Nunca estás tão falida como dizes — retorquiu ele, com um sorriso escarninho, e virou a pala do boné de basebol para trás sobre o cabelo comprido e liso. A intenção dele fora irónica, mas as palavras saíram em tom de ameaça, como se, para bem da saúde dela, fosse melhor não estar falida.

Ele tirou as meninas de cima dele e dirigiu-se para Patty, postando-se demasiado perto, como fazia sempre, com o suor de cerveja a colar-lhe a camisola interior ao peito.

— Não acabaste de vender a máquina para revolver a terra, Patty? O Vern Evelee disse-me que vendeste a máquina para revolver a terra.

— E esse dinheiro todo já se foi, Runner. Vai-se sempre, assim que o recebo. — Tentou fingir que estava a ver o correio. Ele continuou em cima dela.

— Preciso que me ajudes. Preciso de dinheiro só para chegar ao Texas.

É claro que Runner ia querer fugir do inverno para um sítio onde estivesse calor, viajando sem crianças como um cigano, de estação para estação, um insulto para ela e para a quinta e para a ligação dela àquele único lugar na terra. Ele arranjava trabalho e gastava o dinheiro em coisas estúpidas: tacos de golfe porque se imaginava a jogar golfe, um dia, uma aparelhagem estéreo que nunca chegaria a ligar. Agora, estava a planear escapular-se para o Texas. Ela e Diane tinham ido de carro até ao Golfo quando Patty

andava no liceu. A única vez que Patty saía dali. O que lhe ficou na mente foi o gosto salgado do ar, uma pessoa chupava uma madeixa de cabelo e ficava com a boca a salivar. Runner arranjaria dinheiro de alguma maneira e passaria o resto do inverno nalgum bar com música à beira-mar, a bebericar cerveja enquanto o filho ia para a cadeia. Ela não tinha meios para contratar um advogado para Ben. Não parava de pensar nisso.

— Pois, mas não te posso ajudar, Runner. Lamento.

Tentou virá-lo para a porta da rua, porém, ele empurrou-a mais para o interior da cozinha, com o seu hálito adocicado e rançoso a fazê-la desviar a cabeça.

— Anda lá, Patty, vais obrigar-me a implorar? Estou numa alhada dos diabos. Coisa de vida ou morte. Tenho de sair daqui para fora. Sabes que, se não fosse assim, não te pedia nada. Podem matar-me esta noite, se eu não arranjar o dinheiro. Dá-me só oitocentos dólares.

O número fê-la desatar a rir. Será que ele achava mesmo que aquilo eram trocos para ela? Não era ele capaz de olhar à sua volta e ver como eles eram pobres, os miúdos em mangas de camisa em pleno inverno, o congelador da cozinha com pilhas de carne barata, toda ela com a data de validade de há um ano? Era isso que eles eram: uma casa que há muito passara de prazo de validade.

— Não tenho um tostão, Runner.

Ele fitou-a com o olhar fixo, o braço apoiado na moldura da porta para ela não poder fugir.

— Tens joias, não tens? Tens o anel que te dei.

— Runner, por favor, o Ben está metido em sarilhos, tenho muita coisa má a acontecer na minha vida neste momento. Volta noutra altura, está bem?

— Que raio é que o Ben fez?

— Houve uns problemas na escola, uns problemas na terra, é mau, acho que ele vai precisar de um advogado, por isso preciso de todo e qualquer dinheiro que houver para ele e...

— Então, tens dinheiro.

— Não, não tenho, Runner.

— Pelo menos dá-me o anel.

— Não o tenho.

As meninas estavam a fingir que viam televisão, mas as vozes exaltadas deles fizeram com que Michelle, a bisbilhoteira da Michelle, virasse a cabeça e ficasse descaradamente espedada a olhar para eles.

— Dá-me o anel, Patty. — Ele esticou o braço como se ela tivesse o anel no dedo naquele instante, o anel de noivado piroso a imitar ouro que, já aos dezassete anos, ela sabia que era embaraçoso, baratucho. Ele oferecera-lho três meses depois de a pedir em casamento. Demorou três meses a mexer-se, a ir a uma loja rasca e a comprar aquele bocado de lata que lhe deu quando já ia na terceira cerveja. Amo-te para sempre, querida, dissera. Ela soubera imediatamente, naquele instante, que ele a abandonaria, que não era homem de confiança, que nem sequer era um homem de quem ela gostasse por aí além. E, ainda assim, ela engravidara mais três vezes, porque ele não gostava de usar preservativos e dava-lhe demasiado trabalho a ela chagá-lo.

— Runner, já não te lembras do anel? Aquele anel não te vai valer dinheiro nenhum. Deve ter custado uns dez dólares.

— Agora vais-te queixar do anel? Agora?

— Acredita que, se valesse alguma coisa, já eu o tinha penhorado.

Ficaram parados, de frente um para o outro, Runner a respirar como um burro furioso, com as mãos a tremer. Pousou-as nos braços dela, depois tirou-as com um esforço exagerado. Até o bigode dele tremia.

— Vais-te arrepender disto, Patty.

— Já me arrependi, Runner. Há muito tempo.

Ele virou-se e o casaco tocou no pacote de cacau, que caiu ao chão, espalhando mais pó castanho aos pés dele.

— Adeus, meninas, a vossa mãe é... uma cabra! — Deu um pontapé numa das cadeiras altas da cozinha, que foi a rebolar até à sala. As meninas ficaram petrificadas como criaturas da floresta, enquanto Runner descrevia círculos apertados, Patty perguntando-se se deveria ir a correr buscar uma espingarda ou pegar numa faca da cozinha, enquanto rezava o tempo todo para que ele se fosse simplesmente embora.

— Obrigado por NADA, FODA-SE! — gritou ele, dirigindo-se para a porta com passos pesados. Abriu a porta com tanta força que ela bateu na parede e rachou-a, voltando depois a fechar-se. Ele abriu-a novamente ao pontapé, agarrou nela, atirou-a de encontro à parede, de cabeça baixa, arremessando-a com toda a força uma e outra vez.

A seguir, foi-se embora, o carro a guinchar pelo carreiro abaixo, e Patty foi buscar a caçadeira, carregou-a e colocou-a em cima da cornija da lareira, espalhando os cartuchos. Para o caso de ser necessária.

Krissi acabou por dormir no meu sofá. Quando a acompanhei à porta, percebi que ela não estava em condições de conduzir, ia a arrastar os pés, com uma teia de rímel a escorrer por uma bochecha abaixo. Cambaleou para o meu alpendre, virou-se de repente e perguntou-me pela mãe, se eu sabia onde a mãe estava ou como a encontrar, e foi então que a puxei para dentro de casa, lhe fiz uma sanduíche com Velveeta, a instalei no sofá e tapei com um cobertor. Quando ela adormeceu, tendo pousado o último quarto da sanduíche cuidadosamente no chão ao seu lado, três dos meus frascos de creme caíram-lhe do casaco. Assim que ela «apagou», enfiar os outros no bolso.

Ela já se tinha ido embora quando acordei, o cobertor estava dobrado com um bilhete rabiscado nas costas de um envelope: Obrigada. Desculpe.

Portanto, Lou Cates não matou a minha família, se acreditássemos no que Krissi contou. Eu acreditei. Pelo menos, nessa parte.

Decidi ir de carro visitar Runner, ignorar as duas mensagens de Lyle e a falta de mensagens de Diane. Ir de carro visitar Runner, obter respostas. Não me parecia que ele tivesse tido alguma coisa a ver com os crimes, independentemente do que a namorada dissesse, mas perguntei-me se ele saberia de alguma coisa, com as suas dívidas e o seu alcoolismo e os seus amigos da sarjeta. Se ele sabia de alguma coisa ou se ouvira alguma coisa, ou se as suas dívidas teriam desencadeado alguma vingança terrível. Talvez eu conseguisse voltar a acreditar em Ben, que era o que eu queria fazer. Agora sabia porque é que nunca o tinha ido visitar. Era demasiado tentador, demasiado fácil ignorar as paredes da prisão e ver simplesmente o meu irmão, ouvir a cadência específica da voz de Ben, aquela curva descendente no fim de todas as frases, como se eventualmente fosse a última coisa que ele ia dizer na vida. Só de o ver, lembrava-me de coisas, coisas boas, ou nem sequer boas. Coisas banais. Sentia um cheirinho da minha casa. Da época em que todos estavam vivos. Meu Deus, eu queria tanto isso.

Passei por uma loja de conveniência à saída da vila, comprei um mapa e bolachas com sabor a queijo, que descobri que eram de dieta quando lhes dei uma dentada. Comi-as apesar disso, dirigindo-me para sul, com o pó laranja a flutuar dentro do carro. Devia ter parado para comer a caminho de Oklahoma. O ar da autoestrada estava pejado de cheiros tentadores: batatas fritas, peixe de fast-food, frango frito. Mas eu sentia-me tomada por um pânico absurdo, com medo, sem qualquer motivo, de não apanhar Runner se parasse, por isso comi as bolachas dietéticas e uma maçã farinhenta que tinha encontrado ao canto do balcão da cozinha.

O que fazia aquele bilhete, o bilhete sujo que não estava endereçado a Ben, dentro de uma caixa, misturado com as coisas de Michelle? Se Michelle descobrisse que Ben tinha uma namorada, teria usado isso a seu favor, mais ainda se ele quisesse manter a relação em segredo. Ben detestava Michelle. Tolerava-me a mim, ignorava Debby, mas odiava vivamente Michelle. Lembro-me de ele a puxar para fora do quarto por um braço, o corpo

dela quase de lado, Michelle em bicos dos pés, a avançar a par com ele para ele não a arrastar pelo chão. Ben atirou-a porta fora e ela caiu contra a parede e ele disse-lhe que, se voltasse a entrar no quarto dele, a matava. Ben arreganhava os dentes sempre que falava com Michelle. Gritava com ela por estar sempre colada a ele: postava-se à porta do quarto dele noite e dia, à escuta. Michelle sabia sempre os segredos de toda a gente, nunca tinha uma conversa sem subentendidos. Lembrei-me disso mais vividamente depois de encontrar os bilhetes esquisitos dela. Quando não se tem dinheiro, a bisbilhotice é uma arma. Mesmo no seio da própria família.

«O Ben fala muito sozinho», anunciou Michelle ao pequeno-almoço, um dia, e Ben esticou-se por cima da mesa, atirando-lhe o prato para o colo, e agarrou-a pelos colarinhos.

«Deixa-me em paz!», gritou ele. E depois a minha mãe acalmou-o, conseguiu que ele fosse para o quarto e pregou-nos um sermão, como sempre. Mais tarde, encontrámos bocados de ovo que tinham sido catapultados para o lustre por cima da mesa, o lustre que parecia saído de uma pizaria.

E então, o que é que isso significava? Ben não mataria a família só porque uma das irmãs descobrira que ele tinha namorada.

Passei por um campo com vacas, imóveis, e lembrei-me de todos os boatos que circularam quando eu era pequena sobre gado mutilado e as pessoas a jurarem que tinha sido obra de adoradores do Diabo. O Diabo andava à espreita na nossa terrinha do Kansas, um mal que era tão natural e físico como uma encosta. A nossa igreja não era particularmente supersticiosa, mas o pastor alimentara efetivamente a ideia: o Diabo, com olhos de bode e sangrento, podia apoderar-se tão facilmente do nosso coração como Jesus, se não tivéssemos cuidado. Em todas as terras em que vivi, havia sempre os «miúdos do Diabo» e as «casas do Diabo», da mesma maneira que havia sempre um palhaço assassino às voltas numa carrinha branca. Toda a gente conhecia um armazém qualquer, velho e abandonado, na orla da vila, onde havia um colchão manchado no chão, ensanguentado de sacrifícios. Toda a gente tinha um amigo de um primo que assistira a um sacrifício com os seus próprios olhos, mas ficara demasiado apavorado para contar os pormenores.

Tinha entrado em Oklahoma há dez minutos, ainda me faltavam umas boas três horas de viagem, quando comecei a sentir um cheiro a qualquer coisa avassaladoramente doce, mas podre. Picava-me os olhos, deixou-mos a lacrimejar. Tive um ridículo arrepio de medo, de que os meus pensamentos sobre o Diabo tivessem invocado a besta. Foi então que a vi, ao longe, sob o céu revoltado da cor de uma nódoa negra: uma fábrica de papel.

Liguei o rádio e deixei-o procurar as estações: estação 1, 2, 3, explosões de ruído desagradável, estática e anúncios de automóveis, e mais estática, por isso voltei a desligá-lo.

Ao passar por um letreiro com a imagem de um cowboy — Bem-vindos a Lidgerwood, Oklahoma, Amigos! —, saí da autoestrada e dirigi-me para a cidade, que era uma ratoeira para turistas completamente decrépita. Em tempos, moldara-se à semelhança de uma povoação típica do Velho Oeste: a rua principal estava cheia de vidros foscos e falsos saloons e lojas. Uma montra autointitulava-se Estúdio Fotográfico à Moda Antiga, um

espaço onde as famílias podiam encomendar retratos em tons de sépia, trajadas à moda do Faroeeste. Na montra, estava pendurada uma fotografia do tamanho de um poster: o pai com um laço para apanhar animais, a tentar exibir um ar ameaçador debaixo de um chapéu que lhe ficava demasiado grande; a menina de vestido de algodão estampado e touca, demasiado novinha para perceber qual era a piada; a mãe, vestida de prostituta, com um sorriso incomodado e os braços cruzados à frente das coxas, a tapar a racha da combinação. Ao lado da fotografia, estava um letreiro a dizer VENDE-SE. Outro letreiro igual, na porta ao lado, na Guloseimas da Daphne, mais VENDE-SE na Galeria de Jogos Buffalo Bill e numa loja com o nome ridículo de Sorvos Wyatt Earp. A povoação inteira parecia poeirenta. Até o defunto escorrega aquático ao longe estava coberto de pó.

O Asilo Masculino de Bert Nolan ficava a três quarteirões da rua principal da baixa, um edifício quadrado e baixo com um pequeníssimo jardim infestado de ervas daninhas rabo-de-raposa. Sempre gostei de rabos-de-raposa, quando era miúda, apelavam para o meu cérebro literal, porque pareciam exatamente aquilo que apregoavam: uma haste comprida e fina, com um tufo de penugem na ponta, como a cauda de uma raposa, mas verde. Cresciam por toda a nossa quinta: tínhamos prados inteiros cobertos de rabos-de-raposa. Michelle, Debby e eu partíamos as hastes e fazíamos cócegas umas às outras na parte de dentro dos pulsos. A minha mãe ensinou-nos os nomes coloquiais de todas as coisas: orelha-de-cordeiro, crista-de-galo, todas aquelas plantas que estavam à altura dos seus títulos. Uma orelha-de-cordeiro era macia como a orelha de um cordeiro. As cristas-de-galo por acaso parecem mesmo a crista vermelha de um galo. Saí do carro e rocei as mãos pela penugem dos rabos-de-raposa. Talvez cultivasse um jardim de ervas daninhas. A *Chloris truncata*, a que chamamos «erva moinho-de-vento», abre no cimo como as pás de um moinho. A flor da cenoura, a que damos o nome de «renda-da-rainha-ana», é branca e aos folhos. «Erva-de-bruxa», ou *Panicum capillare*, seria adequada para mim. Um pouco de unha-do-diabo.

A porta do Asilo Masculino de Bert Nolan era feita de metal pintado de cinzento-escuro, como um submarino. Fez-me lembrar as portas da prisão de Ben. Toquei à campainha e esperei. Do outro lado da rua, dois adolescentes apareceram de bicicleta, descrevendo círculos largos e indolentes, ambos interessados. Toquei novamente à campainha e dei uma pancada no metal que não reverberou lá dentro. Interroguei-me se devia perguntar aos rapazes se estava alguém em casa, só para quebrar o silêncio. Quando se aproximaram de mim — o que é que está aí a fazer, ó senhora? —, a porta abriu-se e deparei com um homem do tamanho de um duende, de ténis brancos ofuscantes, jeans passados a ferro e camisa de cowboy. Abanou o palito que levava na boca, sem olhar para mim, a folhear um exemplar da revista *Amante de Gatos*.

— Só abrimos às... — Deixou a frase a meio, quando me viu. — Ah, desculpa, querida. Somos um asilo para homens, é preciso ser-se homem e ter mais de dezoito anos.

— Venho à procura do meu pai — expliquei, sublinhando o meu sotaque arrastado. — Runner Day. O senhor é o gerente?

— Ha! Gerente, contabilista, padre, faxina — disse ele, abrindo a porta. — Alcoólico em recuperação. Jogador em recuperação. Caloteiro em recuperação. Bert Nolan. Sou o proprietário do asilo. Entra, querida, lembra-me lá como é que te chamas?

A entrada dava para uma sala cheia de camas, com um cheiro intenso a lixívia a emanar do chão. O duende Bert conduziu-me por entre as filas de camas estreitas, todas elas ainda com marcas dos corpos que dormiram nelas, até um escritório do tamanho dele, do meu tamanho, que continha apenas uma secretária pequena, um arquivador e duas cadeiras de armar, onde nos sentámos. A luz fluorescente não era a mais lisonjeira para o rosto dele, que tinha os poros muito abertos e pretos.

— Já agora, não sou nenhum tarado — disse ele, abanando a Amantes de Gatos na minha direção. — Acabei de arranjar um gato, nunca tinha tido um antes. Até ver, não gosto dela por aí além. Dizem que os gatos fazem bem ao moral, mas, até ver, a única coisa que a minha faz é mijar em cima das camas.

— Eu tenho um gato — disse, surpreendendo-me a mim própria com o meu súbito e intenso carinho pelo Buck. — Se fazem chichi fora da caixa, normalmente é porque estão irritados.

— A sério?

— A sério, caso contrário, são animais muito fáceis.

— Hum — fez Bert Nolan. — Hum. Quer dizer que andas à procura do teu pai? Sim, já falámos, agora lembro-me. Day. Ele é como a maior parte dos homens que aqui vem: deve ficar contente por alguém andar à procura dele, depois das merdas que fizeram em casa. Geralmente por causa de dinheiro. Ou por falta dele. Dinheiro a menos e bebida a mais. Não fazem propriamente sobressair as melhores qualidades numa pessoa. Runner. Hum.

— Ele escreveu-me uma carta a dizer que estava aqui.

— Queres levá-lo para casa, tomar conta dele? — disse Bert. Os olhos dele eram pretos e brilhantes, como se tivesse acabado de contar uma piada a si próprio.

— Não sei. Queria só ver como é que ele está.

— Ah, está bem. Era uma rasteira. As pessoas que dizem que andam à procura de um dos meus homens para tratarem deles nunca o fazem. — Nolan cheirou as pontas dos dedos. — Deixei de fumar, mas às vezes os meus dedos ainda cheiram a tabaco.

— Ele está?

— Não. Foi-se embora outra vez. Não permito a entrada a alcoólicos. Ele teve a terceira recaída.

— Ele disse para onde ia?

— Ah, querida, eu não dou moradas. Não dou. Descobri que era a maneira mais inteligente de lidar com qualquer pedido. Mas posso dizer-te uma coisa, uma vez que pareces uma rapariga simpática...

— Berrrrrt! — guinchou alguém lá fora.

— Ah, ignora, é só um dos meus homens a tentar entrar mais cedo. É outra coisa que aprendemos a nunca fazer: nunca deixar ninguém entrar mais cedo, nunca. E nunca deixar ninguém entrar mais tarde.

Bert tinha perdido o fio à meada, ficou a olhar para mim, expectante.

— Disse que me ia dizer uma coisa. O quê? — instei-o.

— O quê?

— Como é que me pode ajudar a encontrar o meu pai?

— Ah, sim. Podes deixar uma carta aqui comigo.

— Senhor Nolan, eu já fiz isso. Foi por isso que vim. Preciso mesmo, mesmo de o encontrar. — Dei por mim na posição de Runner, de palmas na beira da mesa, pronta a saltar se me irritasse.

Bert pegou numa estatueta de gesso de um velho careca de braços esticados, num gesto de exasperação, mas não consegui ler as palavras que estavam escritas na base. Ele pareceu tirar algum conforto da estatueta. Solto um suspiro estridente por entre os lábios praticamente fechados.

— Bom, querida, vou-te dizer uma coisa: ele pode não estar aqui, mas sei que ainda está em Lidgerwood. Um dos meus homens viu-o ontem à noite à porta do Cooney's. Está escondido nalgum lado, mas está por cá. Vai-te preparando para uma desilusão.

— Desilusão porquê?

— Oh, por tudo e mais alguma coisa.

Quando Bert Nolan se levantou para me conduzir até à porta, virou-me as costas e, nesse mesmo instante, agarrei na estatueta. Mas obriguei-me a pousá-la no seu lugar e, em vez da estatueta, roubei um pacote de milho salgado e um lápis. Estava a fazer progressos. Pu-los no banco ao meu lado, enquanto me dirigia de automóvel para o bar mais próximo, o Cooney's.

O Cooney's não tinha cedido ao tema do Velho Oeste. O Cooney's era orgulhosamente manhoso na época atual. Três rostos enrugados olharam para mim, carrancudos, quando abri a porta. Isto incluía o empregado do bar. Pedi uma cerveja e o homem respondeu, irritado, que precisava de ver a minha carta de condução, levantando-a contra a luz e depois baixando-a à altura da barriga, com um hmmpf, quando não conseguiu provar que era falsa. Beberiquei a cerveja e fiquei sentada, deixando-os habituarem-se à minha presença. Depois, falei. Assim que mencionei o nome Runner, o bar animou-se.

— Aquele sacana roubou-me três grades de cerveja — disse o empregado do bar. — Foi às traseiras em plena luz do dia e tirou-as do camião. E olhe que eu lhe tinha dado muitas bebidas à borla, acredite que tinha.

O homem de meia-idade, que estava sentado dois bancos mais abaixo, agarrou-me no braço com demasiada força e disse:

— O sacana do teu pai deve-me duzentos dólares. E quero o meu cortador de relva de volta. Diz-lhe que eu ando à procura dele.

— Eu sei onde o podes encontrar — anunciou um velhote com uma barba à Hemingway e uma estrutura de menina.

— Onde? — perguntou toda a gente em uníssono.

— Aposto que está a viver com aqueles tipos que se instalaram ilegalmente no aterro tóxico. Devias ir lá ver — acrescentou, mais para o empregado do bar do que para mim —, parece um bairro de lata dos tempos da Depressão, com fogueiras e barracas.

— Por que carga de água é que alguém haveria de viver num aterro tóxico? — perguntou o empregado do bar, irritado.

— Porque têm a certeza de que nenhum funcionário do governo lá há de aparecer.

Riram-se todos, furiosos.

— E é seguro lá ir? — perguntei. Imaginei barris de desperdícios tóxicos e lama verde-lima.

— Claro, se não beberes água do poço e não fores um gafanhoto.

Arqueei as sobrancelhas.

— É do que é: o recinto todo está ensopado em arsénico. É um antigo ponto de descarga de engodo para gafanhoto.

— E de gente de merda — acrescentou o empregado do bar.

20h38

Dirigiram-se de carro para a povoação. Estava a começar a nevar e Ben lembrou-se, de repente, que tinha deixado a bicicleta no armazém e provavelmente ela já tinha ido ao ar.

— Ei — gritou para o banco da frente; Trey e Diondra estavam a falar, mas ele não os conseguia ouvir, com a música aos guinchos no rádio, como folhas de metal a rasgar. — Podemos passar pelo Complexo rapidamente só para eu ir buscar a minha bicicleta?

Trey e Diondra entreolharam-se.

— Não — disse Diondra, abrindo a cara num sorriso, e desataram a rir. Ben ficou recostado um segundo e, depois, voltou a debruçar-se. — A sério, preciso dela.

— Esquece, meu, já foi ao ar — respondeu Trey. — Não podes deixar nada no Complexo.

Meteram pela Bulhardt Avenue, a rua principal da povoação, onde não se passava nada, como era hábito. A espelunca dos hambúrgueres era um diorama amarelo-vivo com uns quantos clientes e respetivas acompanhantes, todos abraçados uns aos outros. As lojas estavam às escuras e nem o bar parecia verdadeiramente aberto, via-se apenas uma vaga luz no retângulo da única janela da fachada. A própria porta fora pintada de azul-marinho e não deixava ver nada.

Estacionaram mesmo à porta. Diondra ainda estava acabar a cerveja, mas Trey arrancou-lha das mãos e bebeu o resto: o bebé não se importa. No passeio, um velho qualquer, com uma confusão de rugas na cara e o nariz e a boca a parecerem ter sido moldados com um pedaço retorcido de barro, lançou-lhes um olhar carrancudo e entrou no bar.

— Vamos lá — disse Trey, e começou a sair da carrinha. E depois, quando viu Ben hesitar, ainda sentado no banco de trás com as mãos nos joelhos, espetou a cabeça dentro da carrinha e sorriu com um ar pragmático. — Não te preocupes, meu, estás comigo. Bebo muitos copos ali dentro. E... ei, no fundo vais visitar o teu pai ao escritório.

Diondra mexericou nas pontas dos caracóis crocantes, a maneira dela de passar os dedos pelos cabelos, e entraram ambos no bar atrás de Trey, Diondra com um esgar de amuo na boca e uma expressão de cama nos olhos, a expressão que costumava fazer na maior parte das fotografias, como se estivesse a sonhar com a pessoa que acabou de a acordar. Ao lado dela, Ben sentia-se desengonçado e abatido como sempre, literalmente a arrastar os pés.

O bar estava tão cheio de fumo que Ben se engasgou assim que entraram, Diondra já de cigarro aceso, com um andar indolente como se isso lhe desse um ar mais velho. Um tipo nervoso, com falhas no cabelo como um pássaro que está a mudar as penas, correu de imediato para Trey com passinhos curtos, cabeça baixa, e murmurou qualquer coisa ao

ouvido dele; Trey fez que sim com a cabeça, comprimindo os lábios contra os dentes, com ar preocupado e sério. Ben pensou que talvez o tipo fosse o gerente e estivesse a expulsá-los, porque Diondra até podia parecer mais velha com tanta maquilhagem, mas Ben, não. Mas Trey limitou-se a dar uma palmada nas costas do tipo, dizendo qualquer coisa do género: «Não me obrigues a mexer-me, meu», e o tipo nervoso sorriu de orelha a orelha e, rindo, respondeu: «Não, não, não te preocupes com isso, não te preocupes minimamente, a sério», e Trey disse simplesmente: «Domingo» e dirigiu-se para o balcão, pediu três cervejas e um shot de SoCo, que engoliu de um trago.

O empregado do bar era outro tipo velho e gordo, de cabelo grisalho. Parecia uma anedota, a maneira como aqueles gajos eram parecidos uns com os outros, como se viver fosse tão duro que lhes apagasse as feições, eliminasse tudo o que fosse característico da pessoa. O barman lançou um olhar espertalhão a Ben e Diondra, um olhar que queria dizer «fiquem sabendo que eu sei», mas deu-lhes as duas cervejas sem refilar. Ben virou as costas ao balcão para beber a dele, com um pé contra um banco numa pose que lhe parecia descontraída, como se já tivesse feito aquilo antes, porque sentia os olhos de Trey postos em si à procura de um motivo para fazer chacota.

— Estou a vê-lo, estou a ver o Runner — anunciou Diondra, e, antes que Ben lhe pudesse perguntar porque é que dizia o nome dele com tanto à-vontade, Trey pôs-se a chamá-lo:

— Ei, Runner, anda cá! — E Runner fez o mesmo ar nervoso, de fuinha, que o primeiro tipo tinha feito.

Aproximou-se a trote, com aquele seu andar gingão, mãos enfiadas nos bolsos, olhos arregalados e amarelos.

— Não tenho, meu, não tenho mesmo. Tentei arranjar hoje, mas... ia agora mesmo procurar-te, acabei de chegar, mas entretanto posso dar-te o resto da minha erva...

— Importas-te de cumprimentar a Diondra? — interrompeu Trey.

Runner sobressaltou-se e depois sorriu.

— Ah, olá, Diondra, hehheh, uau, devo estar mesmo bêbado, nem te vi! — Fingiu que fechava um olho para ver melhor e deu um saltinho nas pontas dos pés. — Heheh, pus-me a beber até ficar vesgo, porque esta situação toda assusta-me com'o caraças.

— Runner, importas-te de ver quem está ao lado da Diondra? — Ben mal se virara para olhar para ele, estava a tentar pensar em alguma coisa para lhe dizer além de Olá, pai, mas como não conseguiu lembrar-se de nada, ficou parado, à espera que a merda inevitável acontecesse.

Runner semicerrou os olhos para ver na penumbra do bar e não reconheceu Ben.

— Olá... — disse, e virando-se para Trey acrescentou: — É o teu primo? Não consigo ver bem, visão noturna, preciso de lentes, mas...

— Oh, meu Deus — exclamou Trey, encostando-se para fingir que se ria, mas com ar furioso. — Vê bem, ó estúpido. — Ben não percebeu se convinha mostrar-se melhor, como uma miúda com a esperança de arranjar homem. Em vez disso, ficou hirto, a olhar para a sua madeixa escura de cabelo num antigo espelho na parede ao fundo, enquanto via Runner aproximar-se e esticar o braço num gesto saído de um conto de fadas, como se Runner fosse um gnomo e Ben um tesouro horrível. Continuou a aproximar-se, tropeçando no pé

de Ben, e depois olharam um para o outro e Runner soltou um «Ohhhh!» e pareceu ficar ainda mais nervoso.

— O teu cabelo já não é ruivo.

— Lembra-te do teu filho, certo, este é o teu filho, não é, Runner?

— É o meu filho, é! Olá, Ben. Ninguém me pode levar a mal neste caso, o cabelo dele já não é ruivo. Nem sequer sabia que conhecias o Trey.

Ben encolheu os ombros, observando o reflexo de Runner afastar-se dele no espelho. Perguntou-se quanto é que Runner deveria a Trey e porque é que ele próprio se sentia uma vítima de rapto, embora soubesse que Runner se estaria nas tintas se o filho fosse raptado. Perguntou-se também até que ponto aquela visita era accidental. Na altura, parecera uma sugestão repentina, mas Ben começava a achar que aquilo tudo tinha sido planeado.

— Não entendo, Runner — continuou Trey, elevando a voz uns decibéis acima da música country. — Dizes que não tens dinheiro, o Ben diz que não tens dinheiro e, no entanto, tinhas um monte gigantesco de erva há umas semanas.

— Mas não era erva da boa. — Virou o ombro na direção de Trey, excluindo Ben da conversa e lançando olhares por cima do ombro, tentando empurrar Trey para o meio da sala, aproximando-se cada vez mais dele, sem que Trey se mexesse, até que Trey disse:

— Larga-me, meu. — Runner chegou-se para trás. — Pois não, meu, tens razão, não era erva da boa — continuou Trey. — Mas cobraste como se fosse.

— Não te cobrei nada e tu sabes.

— Não me cobraste, porque me deves dinheiro, monte de merda. Mas eu sei que andaste a cobrar vinte dólares por uma dose, portanto onde é que está a porra do dinheiro, deste-o à tua mulher para ela o guardar?

— Ex! Ex-mulher — gritou Runner. E depois: — Eu tentei sacar-lhe dinheiro e não dar-lhe. Eu sei que ela tem dinheiro, mesmo quando éramos casados ela escondia dinheiro, maços inteiros, centenas, das vendas das colheitas, e enfiava-o nos sítios mais estranhos. Uma vez, encontrei duzentos dólares dentro do pé de uns collants. Talvez eu devesse lá ir. — Olhou para Ben que estava a ouvir tudo, mas a fingir que se metia com Diondra, enrolando o dedo no cabelo de Diondra e Diondra a alinhar no jogo, mas só um pouco.

— Posso falar contigo sobre esta situação ali ao fundo, em particular? — Runner apontou para um canto onde três homens do tamanho de rebocadores estavam a jogar bilhar. O mais alto, um tipo pálido e velho, de cabelo branco, com uma tatuagem dos fuzileiros, levantou o taco e espetou o peito para fora, para os impressionar.

— Tudo bem — disse Trey.

— Podem conversar à minha frente — disse Ben, tentando falar como se se estivesse nas tintas para tudo.

— O teu filho precisa que lhe dês dinheiro, exatamente como eu — disse Trey. — Talvez até mais do que eu.

Sob o olhar negro e intenso de Trey, Runner, que estava todo encolhido, dirigiu-se para Ben endireitando as costas de modo a ficar o mais alto possível. Algures, desde o verão, Ben crescera. Era ligeiramente mais alto do que Runner, agora, media 1,65 m ou 1,68 m.

— Deves dinheiro ao Trey? A tua mãe disse que estás metido em sarilhos. Deves

dinheiro ao Trey? — berrou ele com Ben, o seu hálito amarelo de cerveja e tabaco e eventualmente uma salada de atum com mostarda. O estômago de Ben fez barulho.

— Não! Não! — Teve consciência de que a sua voz parecia nervosa, intimidada. Diondra mudou o peso do corpo ao lado dele. — Não devo nada a ninguém.

— Então, porque é que eu te hei de dar dinheiro que me custa a ganhar, hein? — disse Runner, numa voz amarga. — Foi isso que eu nunca entendi, esta ideia de dar sem mais nem menos: pensão de alimentos para a mulher e para os filhos, e o governo sempre a ir-me ao bolso. Mal ganho para me sustentar, não sei porque é que as pessoas acham que eu tenho a obrigação de arranjar três empregos para poder dar dinheiro à minha mulher, que é dona de uma quinta. Que tem uma casa na quinta. E quatro putos para a ajudarem a gerila. Eu cá não fui educado para pensar que o meu pai me devia o sustento, que o meu pai tinha a obrigação de me dar dinheiro para comprar uns Nikes e pagar a faculdade e arranjar camisas de cerimónia e...

— Comida — disse Ben, olhando para as suas botas rotas e com nódoas de molho de tomate.

— O que foi? O que é que estás para aí a dizer? — Runner estava em cima dele, com aquelas suas íris azuis a revirarem nas órbitas amarelas como peixe à superfície de um lago sujo.

— Nada — murmurou Ben.

— Queres dinheiro para pintar o cabelo, é? Queres dinheiro para o salão de beleza?

— Ele quer dinheiro para tratar da namorada... — começou Trey, mas Diondra passou a mão várias vezes pela garganta, a mandá-lo calar-se.

— Pois eu não tenho a obrigação de comprar nada para a namorada dele — ripostou Runner. — Agora és namorada dele, Diondra? O mundo é mesmo pequeno. Mas eu não tenho nada a ver com isso.

Os homens da mesa de bilhar tinham parado de jogar e estavam a olhar para eles com ar escarninho e, depois, o homem de cabelo branco aproximou-se a coxear e pousou uma mão firme no ombro de Trey.

— Algum problema, Trey? Aqui o Runner é um gajo de palavra. Dá-lhe mais vinte e quatro horas, de acordo? Por minha conta. Entendeste? — O tipo tinha uma postura de fúrcula, como se a gravidade o puxasse para o chão por ambas as pernas, mas tinha as mãos musculosas, nodosas, e fizeram pressão no ombro de Trey.

Runner sorriu, mexeu as sobancelhas para cima e para baixo olhando para Ben, indicando que deviam ambos ficar contentes.

— Não te preocupes, pá, está tudo bem — disse ele a Ben. — Está tudo bem agora.

Trey retesou o ombro debaixo da mão do homem, pareceu que ia sacudi-la, mas depois cravou os olhos ao longe.

— Tudo bem, vinte e quatro horas. De acordo, Whitey. Por tua conta.

— Agradecido, índio — disse o homem. Piscou o olho, fez um estalido alegre com a boca, como se estivesse a chamar um cavalo, e voltou para junto dos amigos, que soltaram um restolhar de riso, seguido do barulho da bola de bilhar a bater.

— És um cobardolas de merda — disse Trey a Runner. — Amanhã à noite, aqui. Senão, que Deus te ajude, Runner, porque dou cabo de ti.

O ricto vitorioso de Runner, aquele seu sorriso de Dia das Bruxas, esmoreceu e ele fez que sim duas vezes com a cabeça e, quando se virou para o balcão, irritou-se:

— Tudo bem, mas então não te metas nos meus negócios.

— Estou doido para ficar longe dos teus negócios, meu.

Quando se preparavam para ir embora, Ben esperou que Runner lhe dissesse qualquer coisa: desculpa, até um dia destes, qualquer coisa. Mas já Runner estava a tentar convencer o empregado do bar a dar-lhe uma bebida por conta da casa, ou por conta de Whitey, Whitey pagar-lhe-ia uma rodada, e já se tinha esquecido de Ben. Trey e Diondra também o tinham esquecido, estavam a sair porta fora, e Ben ficou parado com as mãos nos bolsos da frente das calças, viu-se no espelho, com um ar tão diferente, e observou-se enquanto se virava para Runner.

— Ei, hum, pai — disse ele, e Runner levantou os olhos, irritado por ele ainda ali estar. Era aquela sensação de que Runner o achava um chato que fazia com que Ben quisesse obrigar o pai a respeitá-lo. Sentira um ínfimo eco de camaradagem antes — naquela palavra, pá — e queria-o de volta. Imaginara, um mero vislumbre, ele e o pai no bar a beberem umas cervejas juntos. Era só isso que ele queria do homem, uma simples cerveja juntos de vez em quando. — Queria só dizer-te uma coisa. Talvez te faça sentir, não sei, bem. — E o rosto de Ben abriu-se num sorriso, foi mais forte do que ele.

Runner ficou sentado, com olhos ensonados, sem qualquer expressão.

— Eu, hum, a Diondra está grávida. Eu, hum, nós, a Diondra e eu vamos ter um bebé. — E o sorriso dele abriu-se de orelha a orelha pela primeira vez, pela primeira vez sentiu-se mesmo bem a dizê-lo em voz alta, assim. Ia ser pai. Pai, com uma coisinha pequena dependente dele, a pensar que ele era o máximo.

Runner inclinou a cabeça para o lado, pegou na cerveja desajeitadamente e disse:

— Certifica-te só de que é teu. Duvido que seja teu. — E virou as costas a Ben.

Lá fora, Trey deu um pontapé na carrinha e gritou entre dentes.

— Sabes que mais? É melhor que aquele grupo de merda morra depressa, porque estou farto até aos tomates de os ver protegerem-se uns aos outros. Dizes que é uma questão de honra, mas não é, é só uma cambada de velhos brancos a tentar agarrar-se ao pouco que lhes resta do negócio, antes de começarem a cagar-se todos nas calças e de lhes colarem uma etiqueta com o nome para saberem quem são. Foda-se para o Whitey! — Apontou um dedo a Ben, rodeado de neve, neve no ar a enfiar-se-lhe na camisa e a derreter-se no seu pescoço. — E o teu pai é um monte de merda, se acha que eu caio na conversa da tanga dele. Espero que não estejas muito ligado a ele, porque eu gostava de o mandar pela retrete abaixo como um monte de merda.

— Vamos embora, Trey — disse Diondra, abrindo a porta e empurrando Ben para o banco de trás. — O meu pai volta para casa na próxima semana e, de qualquer maneira, vou acabar morta.

Ben teve vontade de bater com a cabeça nas paredes. A única coisa que ele não devia contar a ninguém e fora logo contá-la a Runner. Estava tão irritado que, assim que se sentou no banco de trás, começou a esmurrá-lo às cegas, cuspo a sair-lhe da boca,

cabrãodemerdacabrãodemerdacabrãodemerda, a dar pontapés nos estofos, a bater com os punhos no tejadilho, a bater com a cabeça no vidro vezes sem conta até sangrar outra vez, Diondra aos gritos: o que foi, amor, o que foi?

— Eu juro por Deus, eu juro por Deus, Diondra, foda-se!

Aniquilação.

Nunca podia contar a Diondra que tinha contado.

— Alguém devia morrer, foda-se! — cuspiu Ben. Pôs a cabeça entre as mãos, sentiu Trey e Diondra a entreolharem-se, em silêncio, e por fim Trey disse:

— O teu pai é um idiota de merda, meu. — Meteu marcha-atrás e saiu para a rua com os pneus a guinchar, fazendo com que Ben embatesse no vidro. Diondra enfiou a mão no banco de trás e acariciou o cabelo de Ben até ele se sentar direito, ou quase, o corpo uma pilha. O rosto de Diondra estava verde à luz do carro e, de repente, Ben percebeu como ela seria daí a vinte anos, flácida e com borbulhas como ela descrevera a mãe, com a pele áspera e enrugada, mas com aquele brilho elétrico das cabinas de bronzamento.

— Tens aí erva no porta-luvas — disse Trey, e Diondra abriu-o e começou a mexericar no porta-luvas. Tirou um cachimbo enorme com folhas, a erva a espalhar-se por todo o lado, Trey a dizer cuidado e, depois, acendeu-o e puxou uma fumaça e deu-o a Trey. Ben esticou o braço — estava nauseado, todo a tremer de fome, tonto das luzes dos candeeiros de rua que tremeluziam lá fora —, mas não tencionava ser excluído. Trey não lho deu. — Não sei se queres isto, pá. Isto é uma coisa entre mim e a Diondra. Erva da forte. Estou a falar a sério, Diondra, é capaz de ser hoje, preciso de sentir o poder, não o sinto há demasiado tempo. Acho que vai ter de acontecer.

Diondra manteve os olhos fixos em frente, a neve estonteante.

— O Ben também talvez precise — insistiu Trey.

— Tudo bem, vamos fazê-lo então. Vira à esquerda aqui — disse Diondra.

E, quando Ben perguntou o que se passava, eles limitaram-se a sorrir.

O céu tinha um estranho tom roxo quando saí do bar de Lidgerwood, o carro aos saltos nas estradas secundárias, em direção ao aterro tóxico. Perguntei-me o que diria isso sobre mim, o facto de o meu pai estar a viver num aterro tóxico e de até aqui eu não ter sabido de nada nem me importar. Engodo para gafanhoto. Farelo, melaço e arsénico para acabar com a praga de gafanhotos que assolara a região nos anos 30 e, quando as pessoas já não precisavam do produto, limitaram-se a enterrá-lo, sacos e sacos, em valas abertas. Depois, as pessoas começaram a adoecer.

Devia ter trazido alguém comigo. O Lyle a mexer-se e remexer-se no banco ao meu lado, num dos seus casacos demasiado pequenos. Devia ter-lhe telefonado. Na minha pressa nervosa para aqui chegar, não tinha dito a ninguém onde estava e não usara um cartão de crédito desde que metera gasolina em Kansas City. Se alguma coisa corresse mal, ninguém daria pela minha falta durante dias. Aqueles tipos do bar seriam os únicos que teriam uma pista sobre o meu paradeiro e não me pareceram bons cidadãos.

Isto é absurdo, resmunguei em voz alta, para tomar consciência disso. Estremeci quando me lembrei do motivo por que andava à procura de Runner: um bom número de pessoas achava que ele tinha assassinado os Day. Mas eu continuava sem acreditar nessa teoria, mesmo na ausência do álibi. Tinha dificuldade em imaginar Runner a usar o machado, para dizer a verdade. Via-o a pegar na caçadeira num ataque de fúria — pegar, engatilhar, disparar —, mas no machado, não. Dava demasiado trabalho. Além disso, ele estava em casa no dia seguinte de manhã, a dormir e ainda bêbado que nem um cacho. Runner teria apanhado uma pela depois de assassinar a família, sim. Mas não teria tido disciplina suficiente para ficar quieto num canto. Teria fugido, anunciando acidentalmente a sua culpa a toda a gente.

O aterro estava vedado com uma cerca barata de metal, com buracos irregulares abertos aqui e ali. Ervas daninhas que me davam pela cintura cresciam em toda a parte, como erva da pradaria, e ao longe cintilavam pequenas fogueiras. Conduzi ao longo do perímetro da vedação, as ervas daninhas e o cascalho solto a chocalharem debaixo do carro com insistência crescente, até eu parar. Fechei a porta do automóvel com um estalido seco, de olhos postos naquelas chamas distantes. Demoraria uns dez minutos a atravessar o aterro até chegar ao acampamento. Passei facilmente por um dos buracos abertos no arame, na vedação à minha direita, e comecei a andar com os rabos-de-raposa a baterem-me nas pernas. A luz estava a esvaír-se rapidamente, o horizonte era uma mera cutícula cor-de-rosa. Apercebi-me de que ia a cantarolar «Uncle John's Band» para dentro, sem saber porquê.

Ao longe, erguiam-se árvores raquíticas, mas nas primeiras centenas de metros havia apenas ervas daninhas ondulantes que me davam pela cintura. Lembrei-me, uma vez mais, da minha infância, da sensação reconfortante daquela erva a roçar-me as orelhas e os pulsos e a parte de dentro das canelas, como se as plantas estivessem a tentar sossegar-

me. Dei umas quantas passadas e, de repente, espetei a biqueira da bota nas costelas de uma mulher, senti os ossos a afastarem-se quando a ponta de cabedal se enfiou entre elas. Estava enroscada no chão, numa poça de urina, abraçada a uma garrafa de álcool sem rótulo. Ela sentou-se, zozza, com uma das faces e o cabelo sujos de lama seca. Com um rosto murcho e uns dentes lindos, sibilou:

— Larga-me, larga-me!

— Que raio...?! — gritei, dando uns passos aflitos para longe dela, com os braços no ar como se tivesse medo de lhe tocar. Segui caminho rapidamente, tentando fingir que não tinha acontecido nada, na esperança de que a mulher desmaiasse outra vez, mas ela continuou aos gritos comigo, entre tragos de álcool: Larga-melarga-melarga-melarga-me, os gritos transformando-se numa canção que por sua vez se transformou em choro.

Os berros da mulher despertaram o interesse de três homens, cujos rostos surgiram por detrás do arvoredado retorcido para o qual me dirigia. Dois deles fitaram-me com ar carrancudo, beligerante, e o mais novo, um homem esquelético de uns quarenta e picos, levantou-se de um salto e desatou a correr para mim a toda a velocidade, com um pau em chamas na mão. Dei dois passos para trás e finquei os pés.

— Quem é? Quem é? — gritou ele. A chama fina da tocha esmoreceu com uma rajada de vento e apagou-se quando ele se aproximou de mim. O tipo percorreu os últimos passos a trote, depois parou à minha frente, a olhar vagamente para as cinzas e o fumo, o machismo dele reduzindo-se a um amuo ao ver o fogo extinguir-se. — O que é que quer? Não devia estar aqui, tem de pedir autorização para vir para aqui, não está certo. — O tipo tinha uns olhos arregalados, com a cara toda suja, mas o cabelo brilhava, amarelo, como um boné, como se fosse a única coisa de que ele cuidava. — Não está certo — repetiu, mais para as árvores do que para mim. Naquele instante, desejei ter levado o meu Colt e perguntei-me quando é que ia deixar de ser tão estúpida.

— Ando à procura de um tipo chamado Runner Day. — Não sabia se o meu pai se dera ao trabalho de inventar um pseudónimo, mas depreendi que, mesmo que o tivesse feito, ter-se-ia esquecido dele à terceira ou oitava cerveja. E estava certa.

— Runner? O que é que quer do Runner? Ele roubou-lhe alguma coisa? O quê? Tirou-me o relógio e não mo devolve. — O homem encolheu-se como uma criança e mexericou num botão a cair ao fundo da camisa.

À beira do carreiro, a cerca de dez metros, vi movimento. Era um casal a mandar uma, só se viam pernas e cabelo e caras crispadas de raiva ou repulsa. Tinham ambos os jeans enrodilhados à volta dos tornozelos, o rabo cor-de-rosa do homem a bombar como um martelo. O tipo de cabelo amarelo olhou para eles, riu-se e disse qualquer coisa entre dentes do género estão a divertir-se.

— Não estou irritada com ele, com o Runner — acrescentei, desviando a atenção dele do casal. — Sou da família dele.

— Runnerrrr! — gritou o homem por cima do ombro. Depois, olhou novamente para mim. — O Runner vive na casa mais ao longe, na beira do acampamento. Tens comida?

Comecei a andar sem responder, enquanto o casal atingia ruidosamente o clímax atrás de mim. As fogueiras tornaram-se mais intensas e juntas quando cheguei à zona principal: um pedaço de terra chamuscada, salpicada de tendas abauladas a meio como chapéus de

chuva estragados por uma tempestade. Uma grande fogueira num buraco brilhava a meio do acampamento, uma mulher com uma queixada comprida e o olhar distante tratava das chamas, ignorando as latas de feijão e sopa que estavam a ficar pretas do calor, com as entranhas a crepitar. Um casal mais jovem com os braços cheios de crostas observava-a, meio dentro da tenda. A mulher usava um gorro de criança enfiado na cabeça, com o rosto pálido a espreitar, feio como o diabo. A seguir a eles, dois velhos com dentes-de-leão entrelaçados no cabelo acachapado estavam sentados a comer avidamente de uma lata com os dedos, o guisado espesso a fumar.

— Anda lá, Beverly! — irritou-se o homem das crostas com a mulher que tratava da fogueira. — Acho que já está.

Quando entrei no acampamento, calaram-se todos. Tinham ouvido o grito a chamar por Runner. Um velho apontou um dedo sujo para a extremidade esquerda — ele está ali — e eu saí do calor das fogueiras e entrei no matagal fresco. As colinas ondulavam mais agora, como gordas ondas do mar, com um metro, um metro e meio de altura, fila atrás de fila, e a cerca de nove colinas de distância vi um brilho constante, como um nascer do sol.

Subindo e descendo, flutuando, cheguei ao cimo do último cume e descobri a origem da luz. A casa de Runner era uma cuba de mistura de tamanho industrial, que parecia uma piscina à superfície do solo. Dela saía luz e, por um instante, tive medo de que fosse radioativa. Será que o arsénico para gafanhoto brilhava?

Quando me dirigi para o tanque, ouvi os ecos amplificados dos movimentos de Runner, como um escaravelho a atravessar um tambor de aço. Estava a sussurrar sozinho, numa voz de professor da primária, reprovadora — pois, pelos vistos devia ter pensado nisso antes, Sr. Chico-Esperto —, e o tanque transmitia o barulho para o céu, que estava agora roxo como um vestido de luto. Sim, acho que desta vez armaste mesmo bronca, Runnerman, estava ele a dizer. O tanque tinha cerca de três metros de altura, com um escadote de um lado, e comecei a trepá-lo, chamando o nome do meu pai.

— Runner, é a Libby. A tua filha — berrei, sentindo comichão nas mãos por causa da ferrugem do escadote. Do interior, chegou-me o barulho de gargarejos guturais. Subi mais uns degraus e espreitei para dentro do tanque. Runner estava dobrado pela cintura a vomitar para o chão e, de repente, cuspiu uma porcária roxa e globular, como um atleta a cuspir tabaco. Depois, deitou-se numa toalha de praia suja, ajeitando o boné de basebol na cabeça, de lado, a fazer que sim como se tivesse executado bem um trabalho qualquer, algures. Meia dúzia de lanternas brilhavam à volta dele como velas, iluminando o seu rosto duro e moreno, e uma pilha de lixo: torradeiras sem botão, uma panela de latão, uma pilha de relógios e correntes de ouro e um minifrigorífico que não estava ligado a nada. Ele deitou-se de lado com a pose indolente de uma pessoa a apanhar banhos de sol, uma perna cruzada sobre a outra, uma cerveja na boca e uma caixa amassada de doze latas ao lado. Berrei o nome dele outra vez e ele focou os olhos e espetou o nariz na minha direção quando me viu, como um cão de caça mau. Era um dos meus gestos.

— O quê que queres? — rosnou Runner, fincando os dedos na lata de cerveja. — Já avisei toda a gente que hoje não há negócio.

— Runner, é a Libby. A Libby, a tua filha.

Ele soergueu-se nos cotovelos e virou o boné para trás. Depois, passou uma mão pela renda de saliva seca no queixo e conseguiu limpar uma parte.

— Libby? — O rosto dele abriu-se num sorriso. — Libbyzinha, Libbbbyzinha! Vem cá, querida! Vem dizer olá ao teu pai. — Tentou endireitar-se, pôr-se de pé a meio do tanque, com a voz grave e melódica a ressoar nas paredes, as lanternas dando-lhe um brilho louco como de uma fogueira. Hesitei no escadote, que dava a volta sobre a borda do tanque e depois terminava.

— Anda, Libby, esta é a nova casa do teu pai! — Estendeu os braços para mim. Saltar para dentro do tanque não era perigoso, mas também não era fácil.

— Anda lá! Meu Deus de muletas, vieste de tão longe para me ver e agora vais armar-te em medrosa? — ladrou Runner. Perante isto, passei as pernas por cima da borda e sentei-me como uma nadadora nervosa. Depois de mais um Meu Deus! de Runner, comecei a baixar o corpo desajeitadamente. Runner nunca hesitara em rotular os filhos de bebés chorões, cobardes. A verdade é que eu só conhecia o tipo de um verão, mas fora um verão infernal. A troça dele sempre funcionara comigo: acabava por me pendurar no ramo de uma árvore, por saltar do cimo do palheiro, por me atirar para dentro do riacho apesar de eu não saber nadar. Nunca me sentia triunfante, depois, apenas irritada. Agora, estava a descer para dentro de um tanque ferrugento e, quando os meus braços começaram a tremer, as minhas pernas a sacudir, Runner aproximou-se e agarrou-me pela cintura, tirou-me da parede e começou a rodopiar comigo em círculos apertados e frenéticos. As minhas pernas curtas giravam como se eu tivesse sete anos e comecei a debater-me para as pousar no chão, o que só serviu para que Runner me agarrasse com mais força, deslizando os braços por baixo do meu peito, comigo a pairar como uma boneca de trapos.

— Para, Runner, pausa-me, para. — Derrubámos duas lanternas, que rebolaram pelo chão fora, os feixes a incidirem em toda a parte. Como as lanternas que me perseguiram naquela noite.

— Diz tio — riu-se Runner.

— Põe-me no chão. — Ele girou com mais força. O meu peito estava esborrachado contra o pescoço, as axilas a doerem das garras de Runner.

— Diz tio.

— Tio! — gritei, de olhos fechados de fúria.

Runner libertou-me. Como se tivesse sido atirada para fora de um baloiço, de repente senti-me sem peso, a voar para a frente. Aterrei de pés e dei três grandes passos até bater na parede do tanque. Um grande estrondo metálico ressoou na cuba. Esfreguei o ombro.

— Meu Deus, os meus filhos foram sempre uns bebés chorões! — exclamou Runner, ofegante, com as duas mãos nos joelhos. Inclinou-se para trás e estalou ruidosamente o pescoço. — Passa-me uma das cervejas, querida.

Runner foi sempre assim: louco, e depois normal, e sempre à espera que fingíssemos que a barbaridade qualquer que acabara de nos fazer nem sequer tinha acontecido. Fiquei parada de braços cruzados, sem me mexer para pegar numa cerveja.

— Fogo, Debby, isto é, Libby, agora és do bando das feministas? Ajuda aí o teu pai.

— Sabes porque é que aqui estou, Runner?

— Não. — Ele aproximou-se e pegou numa cerveja, lançando-me um olhar de sobrolho franzido que fez com que a testa toda ficasse enrugada. Pensei que ele ia ficar mais chocado ao ver-me, mas Runner há muito que congelara a parte do cérebro que tinha capacidade para se surpreender. Os dias dele eram tão vazios e inúteis que tudo podia acontecer, portanto, porque não uma visita de uma filha passada meia década?

— Quando é que foi a última vez que te vi, pequenota? Recebeste o cinzeiro em forma de flamingo que te mandei? — Recebi o cinzeiro em forma de flamingo há mais de duas décadas, quando era uma miúda de dez anos não fumadora.

— Lembras-te da carta que me escreveste, Runner? — perguntei. — Sobre o Ben. A dizer que sabes que não foi ele que... cometeu os crimes.

— O Ben? Porque é que eu havia de escrever àquele estúpido? O gajo é mau. Sabes que não fui eu que o criei, foi a mãe. Ele nasceu esquisito e continuou esquisito. Se fosse um animal, teria sido o mais fraco da ninhada e tínhamo-lo abatido.

— Lembras-te da carta que me escreveste a mim, há uns dias? Dizias que estavas a morrer e que querias contar a verdade sobre o que aconteceu naquela noite.

— Às vezes até me perguntava se ele seria mesmo meu, se seria meu filho. Sempre me senti um bocado parvo a criá-lo. Provavelmente andava toda a gente a gozar com a minha cara quando eu virava costas. Porque ele não tem absolutamente nada de parecido comigo. Era cem por cento filhinho da tua mãe. O menino da mamã.

— Na carta... lembras-te da carta, Runner, que me enviaste há uns dias? Dizias que sabias que não foi o Ben quem cometeu os crimes. Sabias que a Peggy retirou o teu álibi? A tua antiga namorada, a Peggy?

Runner bebeu um grande trago de cerveja e fez uma careta. Enfiou o polegar no rebordo do bolso dos jeans e soltou uma gargalhada de raiva.

— Sim, eu escrevi-te uma carta. Já me tinha esquecido. Sim, estou a morrer, tenho escol... qual é a doença do fígado?

— Cirrose?

— É isso mesmo, é o que eu tenho. Mais um problema qualquer nos pulmões. Dizem que daqui a menos de um ano estou morto. Eu sabia que me devia ter casado com alguém com seguro de saúde. A Peggy tinha, andava sempre a limpar os dentes, a aviar receitas. — Falou como se estivesse a dizer que ela comia caviar, receitas. — Uma pessoa deve arranjar sempre um seguro de saúde, Libby. É muito importante. Sem isso, não somos nada. — Ele analisou as costas da mão e piscou os olhos. — Por isso escrevi-te uma carta. É preciso esclarecer umas coisas. Aconteceu muita merda no dia dos crimes, Libby. Pensei muito nisso, atormentou-me. Foi um dia péssimo. Um dia amaldiçoado. Um Day amaldiçoado — acrescentou, apontando para o peito. — Mas, fogo, naquela altura havia tanta gente a apontar o dedo, metiam qualquer um na cadeia. Eu não pude falar como gostava de ter feito. Não teria sido inteligente da minha parte.

Disse isto como se fosse uma simples decisão de negócios, depois arrotou baixinho. Imaginei-me a pegar na panela e a espatifá-la na cara dele.

— Pois, mas agora podes falar. O que é que aconteceu, Runner? Diz-me o que aconteceu. O Ben está na prisão há décadas, por isso, se sabes alguma coisa, diz agora.

— O quê, e depois vou eu para a cadeia? — Soltou um resmungo de indignação e sentou-se na toalha de praia, assoando-se a uma ponta. — O teu irmão não era propriamente um santo. O teu irmão andava metido em bruxaria, merdas diabólicas. Uma pessoa dá-se com o Diabo e mais cedo ou mais tarde acaba fodida... devia ter adivinhado quando o vi com o Trey Teepano, esse cabrão... de merda.

Trey Teepano, o nome que teimava em vir à baila, mas não ia a lado nenhum.

— O que é que o Trey Teepano fez?

Runner sorriu de orelha a orelha, com um dente lascado sobre o lábio inferior numa expressão de escárnio.

— Meu Deus, as pessoas não sabem peva do que aconteceu naquela noite. É hilariante.

— Não tem nada de hilariante. A minha mãe está morta, o meu irmão está na prisão. As tuas filhas morreram, Runner.

Ele inclinou a cabeça e fixou os olhos na lua, curva como uma chave-inglesa.

— Tu não morreste — disse ele.

— A Michelle e a Debby morreram. A Patty morreu.

— Mas porque é que tu não morreste, nunca pensaste nisso? — Ele cuspiu uma massa gelatinosa de sangue. — Parece estranho.

— O que é que o Trey Teepano tem a ver com isso? — repeti.

— Recebo alguma recompensa ou uma coisa dessas, se falar?

— Sim, com certeza que sim.

— Não sou inocente, não completamente, mas o teu irmão também não, e o Trey também não.

— O que é que fizeste, Runner?

— Quem é que ficou com o dinheiro todo? Eu é que não fui.

— Que dinheiro? Não tínhamos dinheiro nenhum!

— A tua mãe tinha dinheiro. A tua mãe, que era a rainha das cabras, tinha dinheiro, acredita que tinha.

Ele estava de pé agora, de olhos cravados em mim, com as pupilas enormes a eclipsarem as íris, os seus olhos azuis como explosões solares. Inclinou outra vez a cabeça, de uma maneira nervosa e bestial, e começou a avançar para mim. Esticou as palmas das mãos para fora, como que para me mostrar que não me ia magoar, o que me fez sentir que ia.

— Para onde foi aquele dinheiro todo, Libby, do seguro de vida da Patty? É mais um mistério para tu analisares. Porque eu é que não o tenho.

— Ninguém ficou com o dinheiro, Runner, o dinheiro foi todo para a defesa do Ben.

Runner estava agora parado, quase em cima de mim, a tentar assustar-me como fazia quando eu era pequena. Era um homem franzino, mas ainda assim tinha uns bons quinze centímetros a mais do que eu, e respirou para cima de mim, um hálito quente, a cerveja enlatada.

— O que é que aconteceu, Runner?

— A tua mãe guardou sempre o dinheiro só para ela, nunca me ajudou e eu, que investi anos de vida naquela quinta, nunca vi um tostão. Pois bem, o que cá se faz, cá se paga. E a porra da tua mãe fez a cama em que se deitou. Se ela me tivesse dado o dinheiro...

— Pediste-lhe dinheiro naquele dia?

— A vida toda devi dinheiro às pessoas — disse ele. — A minha vida toda, sem nunca conseguir endireitar as coisas, sempre em dívida. Tens dinheiro, Libby? É claro que tens, escreveste aquele livro, não foi? Portanto, também não és inocente nisto tudo. Dá-me dinheiro, Libby. Dá um dinheirinho ao teu pai. Compre um fígado no mercado negro e depois digo o que quiseres em tribunal. O que a bebé quiser. — Espetou dois dedos a meio do meu peito e eu comecei lentamente a tentar recuar.

— Se tiveste alguma coisa a ver com o que aconteceu naquela noite, Runner, as pessoas vão acabar por descobrir.

— Se não descobriram nada na altura, porque é que haveriam de descobrir agora? Achas que a polícia, os advogados, toda a gente que esteve envolvida naquele caso, toda a gente que ficou famosa à custa daquele caso — ele apontou para mim, com o lábio inferior espetado para fora —, achas mesmo que vão dizer: oh, que chatice, enganámo-nos, olha, Benny, vai-te embora e goza a vida. Não. Independentemente do que aconteceu, ele vai ficar na cadeia para o resto da vida.

— Não, se tu contares a verdade.

— És mesmo igual à tua mãe, tão... cabra. Nunca se deixam ir na corrente, têm sempre de fazer as coisas da maneira mais difícil. Se ela me tivesse ajudado uma vez, uma só vez, naqueles anos todos, mas ela era uma cabra dos diabos. Não estou a dizer que merecia morrer... — riu-se, roeu uma cutícula... —, mas, fogo, era muito dura. E criou um molestador de crianças. Um tarado. Aquele puto nunca foi homem, nunca. Ah, e diz à Peggy que vá levar no cu.

Virei-me para me ir embora, mas percebi que não podia sair sem ajuda de Runner. Voltei-me de novo para ele.

— O bebezinho Ben... achas mesmo que ele cometeu aqueles crimes sozinho? O Ben?

— Então, quem é que lá estava, Runner? O que é que estás a tentar dizer?

— Estou a dizer que o Trey precisava de dinheiro, ele era um corretor de apostas que precisava que lhe pagassem o que lhe deviam.

— Que tu lhe pagasses?

— Não vou agora entrar em promenores, mas ele era corretor de apostas. E naquela noite ele estava com o Ben. Como é que achas que ele entrou naquela casa de merda?

— Se é isso que tu achas que aconteceu, se achas que o Trey Teepano matou a nossa família, tens de dizer isso à polícia — interrompi. — Se é a verdade.

— Meu Deus, tu não sabes nada. — Agarrou-me por um braço. — Esperas que te deem tudo de bandeja, queres tudo de graça, uma grande esmola, eu aqui a arriscar o couro por... eu disse-te para trazeres dinheiro. Eu disse-te.

Fugi das garras dele, pus as mãos no minifrigorífico e comecei a arrastá-lo para junto do escadote, a coisa a chocalhar tanto que deixei de ouvir a voz de Runner. Trepei para cima do frigorífico, mas os meus dedos continuavam demasiado longe do cimo do tanque.

— Dá-me cinquenta dólares e eu ajudo-te a subir — disse Runner, avaliando-me preguiçosamente. Estiquei-me para agarrar no rebordo, em bicos dos pés, a esforçar-me toda e, de repente, senti o frigorífico a inclinar-se debaixo de mim e caí no chão, bati com o maxilar e mordi a língua, fiquei com os olhos cheios de lágrimas, da dor. Runner riu-se.

— Meu Deus, que chatice — disse ele, baixando os olhos para mim. — Tens medo de mim, minha menina?

Escapuli-me para trás do frigorífico, sempre de olhos postos em Runner, enquanto procurava coisas para empilhar em cima do eletrodoméstico e sair dali.

— Eu não mato meninas — disse ele, saído do nada. — Nunca mataria meninas pequenas. — E, depois, os olhos brilharam. — Ei, chegaram a encontrar a Dierdre?

Eu conhecia aquele nome, sabia o que ele estava a tentar dizer.

— A Diondra?

— Sim, a Di-on-dra!

— O que é que sabes sobre a Diondra?

— Sempre me perguntei se a mataram naquela noite, ela desapareceu de circulação depois daquela noite.

— A namorada... do Ben — disse eu, dando-lhe a deixa.

— Sim, isso, acho que era isso. A última vez que a vi foi com o Ben e o Trey e espero que ela tenha conseguido fugir. Às vezes agrada-me a ideia de ser avô.

— O que é que estás para aí a dizer?

— O Ben engravidou-a. Ou pelo menos foi isso que ele disse. Fez um grande alarido à volta disso, como se fosse difícil engravidar alguém. Eu vi-a naquela noite e depois nunca mais lhe pus os olhos em cima. Fiquei preocupado, a pensar que às tantas estava morta. Não é isso que eles fazem, os adoradores do diabo? Matam mulheres grávidas e os bebés? Pois ela desapareceu por completo.

— E tu não disseste nada à polícia?

— O que é que eu tinha a ver com isso?

21h12

A casa tinha ficado silenciosa durante uns quantos batimentos cardíacos, depois de Runner se ter ido embora a toda a velocidade à procura de outra pessoa qualquer a quem extorquir dinheiro. Patty tinha ouvido dizer que Peggy Bannion era a namorada dele agora... porque é que ele não ia chagá-la a ela? Provavelmente, já o tinha feito.

Um batimento, dois batimentos, três batimentos. Depois, as meninas tinham-na bombardeado com um monte de perguntas e preocupações e mãozinhas a tocarem-na de cima a baixo, como se estivessem a tentar aquecer-se junto de uma fogueira muito fraca. Runner fora assustador, desta vez. Ele sempre fora ligeiramente ameaçador, sempre tivera mau feitio quando não conseguia levar a sua avante, mas nunca estivera tão perto como dessa vez de a atacar. Grosso modo. Quando eram casados, de vez em quando tinha havido umas brigas, umas bofetadas na cabeça, mais destinadas a irritá-la, a lembrar-lhe que era uma inútil, do que propriamente a magoá-la. Porque é que o frigorífico está vazio? Bofetada. Porque é que esta casa é um pardieiro? Bofetada. Para onde vai o dinheiro todo, Patty? Bofetada, bofetada, bofetada. Estás a ouvir-me, mulher? Que raio fazes ao dinheiro todo? O homem estava obcecado por dinheiro. Num dos raros momentos em que agira como um pai e jogara, contrariado, ao Monopólio com os filhos, passara o tempo quase todo a roubar dinheiro à banca, agarrando-se às notas garridas, laranja e roxas, no colo. Estás a chamar-me batoteiro? Bofetada. Estás a dizer que o teu pai é um batoteiro, Ben? Bofetada, bofetada, bofetada. Achas que és mais esperta do que eu? Bofetada.

Quase uma hora depois de Runner ter ido embora, ainda as meninas estavam aninhadas nela, perto dela, atrás dela, em cima do sofá a perguntar-lhe o que é que se passava, o que é que se passava com Ben, porque é que o pai estava tão irritado. Porque é que ela deixara o pai irritado? Libby sentou-se longe dela, toda enroscada, a chupar no dedo, o seu cérebro preocupado às voltas com a visita a casa dos Cates, o polícia. Parecia febril e, quando Patty se esticou para lhe tocar na bochecha, ela sobressaltou-se.

— Está tudo bem, Libby.

— Não está nada — ripostou, de olhos fixos, sem pestanejar, em Patty. — Quero o Ben de volta.

— Ele vai voltar — disse Patty.

— Como é que saaaaaabes? — lamuriou-se Libby.

Debby aproveitou a deixa.

— Sabes onde ele está? Porque é que não o conseguimos encontrar? Ele meteu-se em sarilhos por causa do cabelo?

— Eu sei porque é que ele se meteu em sarilhos — disse Michelle, na sua voz mais adúladora. — Por causa de sexo.

Patty virou-se para ela, furiosa com a cadência afetada e coscuvilheira da filha. Um tom de mulher de rolos no cabelo, de boatos sussurrados no supermercado. Era o tom que as pessoas usavam em toda a Kinnakee, naquele preciso instante, para falar da família de Patty. Agarrou em Michelle por um braço, com mais força do que pretendia.

— Que conversa é essa, Michelle, o que é que tu achas que sabes?

— Nada, mãe, nada — disse Michelle abruptamente. — Estava a falar por falar, não sei. — Começou a soluçar, como acontecia sempre que se metia em sarilhos e sabia que tinha feito asneira.

— O Ben é teu irmão, estás proibida de falar dessa maneira odiosa do teu irmão. Aqui em casa, não, e muito menos fora daqui. Isso inclui a igreja, a escola, seja onde for.

— Mas, mãe... — começou Michelle, sem parar de chorar. — Eu não gosto do Ben.

— Não digas isso.

— Ele é mau, faz coisas más, toda a gente na escola sabe disso...

— Sabe o quê, Michelle? — Sentiu a testa começar a arder, desejou que Diane ali estivesse. — Não percebo o que estás a dizer. Estás a dizer que o Ben... que o Ben fez alguma coisa... má... a ti?

Tinha prometido a si própria que nunca faria aquela pergunta, que era trair Ben pensar sequer numa pergunta daquelas. Quando Ben era mais novo e tinha uns sete ou oito anos, apanhara o hábito de se enfiar na cama dela à noite e ela acordava com os dedos dele a deslizarem-lhe pelo cabelo, a fecharem-se sobre um dos seios. Momentos inocentes, mas perturbantes, em que ela acordava a sentir-se sensual, excitada, e depois fugia da cama a sete pés, puxando roupões e camisas de noite para o corpo como uma donzela horrorizada. Não, não, não, não se toca na mãe assim. Mas nunca desconfiara — até agora — que Ben pudesse ter feito o mesmo às irmãs. Por isso, deixou a pergunta pairar no ar, enquanto Michelle ficava cada vez mais nervosa, puxando os seus grandes óculos para cima e para baixo na cana do nariz afilado, a chorar.

— Michelle, desculpa eu ter berrado contigo. O Ben está metido em sarilhos. Agora, diz-me, ele fez-te alguma coisa que eu precise de saber? — Sentia os nervos em franja: tinha momentos de puro pânico, seguidos de estados de espírito marcados por um total distanciamento de tudo. Apercebeu-se do medo a avolumar-se, uma espécie de propulsão, como um avião a descolar.

— Fez-me o quê?

— Ele tocou-te de alguma maneira estranha. Uma maneira que não fosse a de um irmão? — Uma pausa em que ela se sente a pairar sem rumo, como um avião com os motores desligados.

— As únicas vezes que ele me toca é para me empurrar ou puxar os cabelos ou me dar cotoveladas — lamuriou-se Michelle, desfiando a sua habitual litania.

Alívio, oh, que alívio.

— Então, o que é que as pessoas dizem sobre ele na escola?

— Que é uma aberração, é uma vergonha. Ninguém gosta dele. Basta ver o quarto dele, mãe. Tem montes de coisas esquisitas no quarto.

Patty preparou-se para pregar um sermão a Michelle, que ela estava proibida de entrar no quarto dele sem autorização, e só lhe apeteceu bater com a cabeça nas paredes.

Lembrou-se do que o detetive Collins tinha dito sobre órgãos de animais guardados em Tupperwares. Imaginou-os. Alguns secos, bolas compactas e duras, outros frescos, a atingirem uma pessoa com o cheiro quando se tirava a tampa.

Patty levantou-se.

— O que é que tem o quarto dele?

Começou a atravessar o corredor, tropeçando, como sempre, no maldito fio do telefone de Ben. Passou pela porta dele, fechada a cadeado, percorreu o corredor, dobrou a esquina à sua esquerda, passou pelo quarto das meninas e entrou no seu. Havia meias e sapatos e jeans espalhados por todos os lados, os destroços de cada dia abandonados em pilhas.

Abriu a gaveta da mesinha de cabeceira e encontrou um envelope com as palavras «Em Caso de Emergência» rabiscadas na letra comprida de Diane, que era igualzinha à da sua mãe. Dentro do envelope estavam quinhentos e vinte dólares. Não fazia a mínima ideia de quando é que Diane enfiara aquilo no seu quarto às escondidas e ficou contente por não saber, porque Runner teria pressentido que ela lhe estava a esconder qualquer coisa. Levou o dinheiro ao nariz e cheirou-o. Depois, voltou a guardar o envelope e tirou um alicate que comprara há semanas, só para ter à mão caso algum dia precisasse de entrar no covil de Ben. Sentira vergonha de si própria nesse dia. Voltou a atravessar o corredor, o quarto das meninas parecia uma pensão barata, com uma cama encostada a cada parede, deixando vazia apenas a parede da porta. Imaginou a polícia a franzir o nariz — elas dormem todas aqui? — e depois o cheiro a urina chegou-lhe às narinas e percebeu que uma delas devia ter feito chichi na cama, na noite anterior. Ou teria sido há mais tempo ainda?

Pensou se não deveria mudar os lençóis imediatamente, mas obrigou-se a ir direita ao quarto de Ben e ficou parada a olhar para um velho autocolante da Fender Guitar meio arrancado. Sentiu uma náusea passageira quando quase decidiu não entrar no quarto. E se encontrasse fotografias incriminatórias, polaroides nojentas?

Snap. O cadeado caiu na alcatifa. Deu um berro às meninas, que estavam a espreitar da sala como veados assustados, disse-lhes para irem ver televisão. Teve de o dizer três vezes — vãovertelevisãovãovertelevisãovãovertelevisão — até Michelle finalmente desaparecer.

A cama de Ben estava por fazer, amarrotada debaixo de uma pilha de casacos e jeans e camisolas de lã, mas o resto do quarto não estava uma desgraça. A secretária tinha um monte de cadernos e cassetes e um globo desatualizado que fora de Diane. Patty girou-o, o seu dedo deixando uma marca no pó perto da Rodésia, depois começou a folhear os cadernos. Estavam cobertos de logótipos de bandas: AC/DC com o relâmpago, Venom, Iron Maiden. Num dos cadernos, Ben desenhara pentagramas e poemas sobre assassinios e Satanás.

O filho é meu

Mas na verdade não é

Porque Satanás tem um plano mais sinistro

Matar o bebé e a mãe

E depois procurar outras vítimas

Sentiu um estremecer de enjoo, como se uma veia que lhe corresse do pescoço até ao pélvis tivesse azedado. Folheou outros cadernos e, quando abanou o último, este abriu-se naturalmente a meio. Ao longo de páginas e páginas, Ben desenhara imagens a esferográfica de vaginas com mãos a entrarem por elas adentro, úteros com criaturas no interior sorrindo demoniacamente, mulheres grávidas partidas ao meio com os bebés a caírem.

Patty sentou-se na cadeira de Ben, sentindo-se tonta, mas continuou a folhear até encontrar uma página com os nomes de várias raparigas escritos em filas como pilhas de panquecas: Heather, Amanda, Brianne, Danielle, Nicole e depois, vezes sem conta, numa letra cursiva gótica ornada: Krissi, Chrissy, Krissi, Krissie, Krissi Day, Krissi Day, Krissi Dee Day Krissi D. Day, Krissi D-Day!

Krissi Day dentro de um coração.

Patty pousou a cabeça no tampo fresco da secretária. Krissi Day. Como se ele se fosse casar com a pequenina Krissi Cates. Ben e Krissi Day. Seria isso que ele pensava? Seria que, assim, o que ele fizera à menina lhe parecia bem? Imaginar-se-ia ele a levar aquela menina para casa para jantar, para a mãe conhecer a namorada? E Heather. Era o nome da filha dos Hinkel que estava em casa dos Cates. Seriam os restantes nomes mais meninas que ele magoara?

Patty tinha a cabeça pesada, obrigou-se a não se mexer. Ia ficar com a cabeça ali, assim, em cima da secretária, até alguém lhe dizer o que fazer. Tinha jeito para isso, às vezes sentava-se durante horas sem sair da cadeira, com a cabeça caída como o residente de um lar da terceira idade, a pensar na sua infância, quando os pais tinham uma lista de tarefas para ela fazer, e a mandavam ir para a cama, e lhe diziam quando se devia levantar e o que fazer durante o dia, e nunca ninguém lhe pedia para tomar decisões. Mas enquanto estava especada a olhar para os lençóis amarrotados na cama de Ben, com o padrão aos aviões, e a lembrar-se de ele ter pedido lençóis novos — lençóis lisos — há cerca de um ano, reparou num saco de plástico almofadado debaixo da armação da cama.

Pôs-se de gatos e tirou aquilo que era um velho saco de plástico das compras. Estava pesado, balouçou como um pêndulo. Espreitou lá para dentro e viu roupas, e depois percebeu que estava a olhar para padrões de menina: flores e corações, cogumelos e arco-íris. Despejou-os numa pilha no chão, com medo, enquanto o fazia, de que as tais polaroides que temia caíssem com as roupas. Mas eram apenas roupas: roupa interior, camisolas interiores, cuecas. Todas de tamanho diferente, desde a idade de Krissi até à de um bebé de colo. Eram roupas usadas. Isto é, tinham sido usadas por meninas pequenas. Exatamente como o detetive dissera. Patty guardou-as outra vez no saco.

O seu filho. O seu filho. Ia para a prisão. Iam perder a quinta, Ben ia para a prisão e as meninas... Percebeu, como acontecia tantas vezes, que não sabia como agir corretamente. Ben precisava de um bom advogado e ela não sabia como tratar disso.

Dirigiu-se para a sala, a pensar no julgamento e que não ia aguentar. Mandou as meninas para o quarto com uma voz feroz, elas ficaram especadas a olhar com a boca

aberta, magoadas e assustadas, e ela pensou que tornara a vida de Ben ainda mais complicada, uma mãe solteira que era incompetente, se sentia assoberbada, que o fazia parecer ainda pior, e pôs umas achas e uns jornais na lareira, e uns quantos toros no cimo, e deitou fogo às roupas. O elástico de umas cuecas com umas margaridas tinha acabado de pegar fogo, quando o telefone tocou.

Era Len, o homem dos empréstimos. Patty começou a pedir desculpas, a explicar que estava a acontecer demasiadas coisas para poder falar sobre a execução da hipoteca. Surgira um problema com o filho...

— Foi por isso que telefonei — interrompeu ele. — Soube do que se passa com o Ben. Não tinha pensado telefonar. Antes. Mas. Acho que posso ajudar. Não sei se vai querer. Mas tenho uma alternativa.

— Uma alternativa para o Ben?

— Uma maneira de ajudar o Ben. A pagar os custos legais. Perante o que tem pela frente, vai precisar de muito dinheiro.

— Pensei que já tínhamos esgotado as alternativas — respondeu Patty.

— Não inteiramente.

Len não quis ir ter com ela à quinta, não quis encontrar-se com ela na povoação. Veio com um discurso todo clandestino, insistindo para que ela fosse de carro até à área de piquenique da Estrada Rural 5. Regatearam e discutiram, e Len acabou por bufar ao telefone de uma maneira que a fez arreganhar os lábios numa careta.

— Se quer ajuda, vá lá ter comigo agora, já. Não leve ninguém consigo. Não conte nada a ninguém. Só faço isto porque acho que posso confiar em si, Patty, e gosto de si. Quero mesmo ajudá-la. — Fez uma pausa, tão profunda que Patty olhou para o auscultador, e sussurrou Len? para o telefone, a pensar que ele já tinha desligado e que ela estava prestes a fazer o mesmo.

— Patty, sinceramente não vejo como ajudá-la senão assim. Acho que, enfim, verá. Estou a rezar por si.

Patty virou-se para a lareira, remexeu as labaredas, viu que só metade das roupas tinha ardido. Não sobravam toros, por isso correu para a garagem, pegou no velho machado do pai com a sua cabeça pesada e a lâmina afiada — da época em que faziam ferramentas como deve ser — e cortou um toro de lenha, que transportou para dentro de casa.

Estava a pôr a lenha na lareira quando sentiu a presença de Michelle a balançar-se ao seu lado.

— Mãe!

— Que foi, Michelle?

Levantou os olhos e Michelle estava de camisa de noite a apontar para a lenha.

— Estavas prestes a deitar o machado na lareira juntamente com a lenha. — Michelle sorriu. — Cabeça de alho chocho. — Ali estava o machado nos braços de Patty como se fosse lenha. Michelle tirou-lho das mãos, com cuidado para afastar a lâmina de si, como

lhe tinham ensinado, e colocou-o junto da porta.

Patty observou Michelle a voltar, hesitante, para o quarto, como se estivesse a avançar com cuidado por entre erva alta, e acabou por ir atrás da filha. As meninas estavam ao monte no chão, a murmurarem com as bonecas. Havia aquela piada que as pessoas costumavam contar, que a altura do dia em que mais gostavam dos filhos era quando estavam a dormir, hah-hah, e Patty sentiu uma pontadinha de dor. De facto, a altura em que mais gostava delas era quando estavam a dormir, sem fazerem perguntas, sem precisarem de comida ou diversão, e o segundo momento em que mais gostava delas era quando estavam assim: cansadas, calmas, sem se interessarem pela mãe. Encarregou Michelle de tomar conta das irmãs e deixou-as estar, demasiado estoirada para fazer fosse o que fosse, a não ser obedecer às ordens de Len, o homem dos empréstimos.

Não tenhas demasiadas esperanças, disse a si própria. Não tenhas esperança.

Era um trajeto de meia hora por entre a neve radiante, os flocos transformando-se em estrelas sob os faróis do automóvel. Era uma «neve boa», como a mãe de Patty, que adorava o inverno, diria, e Patty pensou que as filhas iam passar o dia seguinte inteiro a brincar na neve e, depois, pensou: será que iam? O que é que vai acontecer amanhã? Onde é que Ben estará?

Onde é que Ben está?

Meteu o carro para a área de piquenique, abandonada; o abrigo era uma grande laje de cimento e metal construída nos anos 70, com mesas compridas e um telhado inclinado que fazia lembrar um origâmi que não resultara bem. Havia dois baldios cobertos por dez centímetros de neve, com os velhos assentos de borracha preta completamente imóveis, ao contrário do que Patty imaginara. Se soprava uma brisa, porque é que estavam tão parados?

Não havia sinais do carro de Len. Aliás, não havia qualquer carro à vista, e ela começou a mexerica no fecho do casaco, a deslizar uma unha ao longo de cada dente de metal para ouvir o barulhinho, como um clique. O que é que podia acontecer: ela ia até às mesas de piquenique e descobria que Len lhe deixara um envelope com um maço de notas, um gesto de cavalheiro, e ela haveria de lhe pagar de volta. Ou talvez Len tivesse reunido um monte de gente que sentia pena dela e estavam prestes a chegar e a maravilhá-la com donativos em dinheiro, e Patty perceberia que afinal gostavam dela.

Ouviu arranhar na janela do carro, viu uns nós dos dedos rosa-forte e o torso corpulento de um homem. Não era Len. Abriu a janela até meio e espreitou lá para fora, à espera que ele a mandasse sair dali, avance, minha senhora. O gesto no vidro dera a entender que a mensagem seria essa.

— Venha — disse ele em vez disso. Não se debruçou, ela continuava sem lhe ver a cara. — Venha, vamos falar ali nas mesas.

Ela desligou o carro e saiu com esforço, já o homem ia à frente, enfiado dentro de um casacão grosso e com um Stetson na cabeça. Ela levava um gorro de lã que nunca lhe assentara bem, as orelhas ficavam sempre espetadas, por isso já ia a esfregá-las quando chegou junto do homem.

Ele parecia simpático, foi isso que lhe passou pela cabeça. Ela precisava que ele fosse simpático. Tinha olhos escuros e um bigode farfalhudo com as pontas caídas até ao

queixo. Devia ter uns quarenta anos e parecia ser daquelas bandas. Tinha um ar simpático, pensou ela outra vez. Instalaram-se nos bancos de piquenique, a fingir que não estavam cobertos de neve. Talvez fosse advogado?, pensou. Um advogado que Len convencera a representar Ben. Mas então porque é que se encontravam ali?

— Ouvi dizer que está com uns problemas em mãos — disse ele numa voz ribombante que condizia com os olhos. Patty limitou-se a fazer que sim com a cabeça.

— A hipoteca da sua quinta está prestes a ser executada e o seu filho prestes a ser preso.

— A polícia só quer falar com ele sobre um incidente que...

— O seu filho está prestes a ser preso e eu sei porquê. No ano que vem, a senhora vai precisar de dinheiro para calar os seus credores, para manter os seus filhos em casa, na sua própria casa, e vai precisar de dinheiro para contratar um advogado para o seu filho, porque não quer que ele vá para a prisão com o rótulo de molestador de crianças.

— Claro que não, mas o Ben...

— Não, o que eu quero dizer é: a senhora não quer que o seu filho vá para a prisão com o rótulo de molestador de crianças. Não há nada pior na cadeia do que ter o rótulo de molestador de crianças. Eu sei do que estou a falar. O que acontece a esses homens é um pesadelo. Por isso, precisa de um advogado muito bom, o que custa muito dinheiro. Precisa de um já, não daqui a semanas, não daqui a dias. Imediatamente. Estas coisas descontrolam-se rapidamente.

Patty fez um gesto de assentimento com a cabeça, expectante. O discurso do homem lembrou-lhe o de um vendedor de automóveis: era preciso comprar já, e este modelo e àquele preço. Perdia sempre nessas conversas, ficava sempre com o que o vendedor insistia para que ela comprasse.

O homem enterrou o chapéu na cabeça e expirou como um touro.

— Ora, eu próprio em tempos fui agricultor e o meu pai antes de mim e o pai dele antes dele. Trezentos hectares, gado, milho, trigo, nos arredores de Robnett, no Missouri. Uma propriedade grande, como a sua.

— Nunca tivemos trezentos hectares.

— Mas foi dona de uma quinta, foi dona de uma propriedade. Uma propriedade sua. Fomos enganados, nós, agricultores. Disseram-nos para cultivar as terras de uma ponta à outra e foi exatamente isso que fizemos. Comprei mais terras, dizem, porque já não vai haver mais! Depois, de repente, oh, desculpem lá, foi um mau conselho que vos demos. Vamos ficar-vos com a quinta, esta terra está na vossa família há gerações, nós vamos ficar com ela, não levem a mal. Vocês é que foram parvos por terem acreditado em nós, a culpa não é nossa.

Patty já tinha ouvido aquela conversa antes, já tinha pensado naquilo. Era um negócio péssimo. Voltemos ao meu filho. Apoiou o peso do corpo numa anca e estremeceu, fez um esforço para parecer paciente.

— Ora, eu não sou nenhum homem de negócios, não sou contabilista, não sou político. Mas posso ajudar, se estiver interessada.

— Sim, sim, estou — disse ela. — Por favor.

E para si própria disse: não tenhas esperanças, não tenhas demasiadas esperanças.

Voltei para casa de carro por entre florestas de aspeto doentio. Algures numa daquelas longas estradas estreitas havia um aterro. Não cheguei a ver a lixeira em si, mas atravessei uns bons trinta quilómetros de lixo ao ar livre. De ambos os lados, o solo tremeluzia com milhares de sacos de plástico de supermercado, esvoaçando e pairando acima da relva. Como fantasmas de pequeninas coisas.

Começaram a cair pingos de chuva, que se tornaram mais grossos, gelados. Do lado de fora do carro, tudo parecia distorcido. Sempre que via um lugar solitário — uma covinha na paisagem, um arvoredor esfiapado —, imaginava Diondra lá enterrada, um conjunto de ossos que ninguém reclamara e pedaços de plástico: um relógio, a sola de um sapato, talvez os brincos vermelhos compridos que ela usava no livro do liceu.

Quem se interessa um chavo pela Diondra?, pensei, as expressões da Diane a virem-me novamente à cabeça. Quem se importa se o Ben a matou, porque ele matou a nossa família e, seja como for, tudo acaba aí.

Eu estava tão desejosa de que Runner dissesse qualquer coisa, que me fizesse acreditar que era ele o assassino. Mas vê-lo lembrou-me simplesmente de que era impossível ter sido ele a matar a minha família toda, era demasiado burro para isso. Burro, uma palavra que se usa muito em miúdo, mas era a melhor maneira de descrever Runner. Velhaco e, ao mesmo tempo, burro. Magda e o Kill Club iam ficar desiludidos, embora eu não me importasse de lhes dar a morada dele, se quisessem continuar a conversa. Quanto a mim, esperava que ele morresse em breve.

Passsei por um terreno plano de terra castanha e espessa, onde estava um adolescente apoiado numa vedação, no escuro, amuado ou a morrer de tédio, a olhar fixamente para a autoestrada. O meu cérebro voltou a concentrar-se em Ben. Diondra e Ben. Grávida. Tudo o resto que Ben me contara sobre aquela noite parecia certo, credível, mas a mentira, a mentira insistente sobre Diondra... isso parecia-me uma coisa preocupante.

Acelerei para chegar depressa a casa, sentindo-me contaminada. Fui direita ao chuveiro e esfreguei-me ao estilo Silkwood¹, com uma escova das unhas dura e, quando acabei, a minha pele parecia ter sido arranhada por um bando de gatos. Enfie-me na cama ainda a sentir-me contaminada, remexi-me entre os lençóis durante uma hora e depois levantei-me e tomei banho outra vez. Por volta das duas da manhã, dormi um sono profundo e suado, cheio de velhos lubrificantes que me pareciam sempre o meu pai, até que me aproximava e via os rostos deles a derreterem. Seguiram-se mais pesadelos: Michelle estava a fazer panquecas e gafanhotos flutuavam na massa e, de cada vez que Michelle a mexia, as pernas fininhas dos gafanhotos partiam-se. Foram cozinhados nas panquecas e a minha mãe obrigou-nos a comê-los, eram proteínas, mastiga, mastiga, estala. Depois, começámos todas a morrer — sufocadas, aos soluços, com os olhos a revirarem nas órbitas —, porque os gafanhotos estavam envenenados. Engoli um dos insetos grandes e senti-o trepar-me pela garganta acima, a superfície pegajosa do corpo a vir-me à boca, a

encher-me a língua de tabaco, a empurrar a cabeça contra os meus dentes para fugir.

O dia amanheceu de um cinzento inexpressivo. Tomei banho outra vez — a minha pele ainda me parecia estranha — e depois fui de carro à biblioteca municipal, um edifício branco com colunas que costumava ser um banco. Sentei-me ao lado de um homem importuno com uma barba emaranhada e um casaco militar manchado, o tipo de homem ao lado do qual eu acabava sempre em qualquer lugar público e, finalmente, consegui aceder à Internet. Encontrei a enorme e triste base de dados de Pessoas Desaparecidas e inseri o nome dela.

O ecrã fez o seu barulhinho de máquina a pensar, enquanto eu suava à espera que aparecessem as palavras «Nenhuma Correspondência» no ecrã. Não tive essa sorte. A fotografia era diferente da do livro do liceu, mas não tão diferente assim: Diandra com os caracóis tesos de espuma e a franja em crista, olhos debruados a lápis cor de carvão e gloss rosa nos lábios. Tinha um ligeiro sorriso, a fazer uma boquinha.

DIONDRA SUE WERTZNER

NASCIMENTO: 28 DE OUTUBRO DE 1967

DESAPARECIDA: 21 DE JANEIRO DE 1985

Ben estava novamente à minha espera, desta vez de braços cruzados, recostado na cadeira, beligerante. Tinha-me castigado com um silêncio irredutível durante uma semana até aceder ao meu pedido de visita. Abanou a cabeça quando me sentei.

Fiquei baralhada.

— Sabes uma coisa, Libby, estive a pensar desde a nossa última conversa — disse ele, por fim. — Estive a pensar que não preciso disto, desta dor. Já aqui estou dentro, não preciso que a minha irmã cá venha com ar de quem acredita em mim, depois já não acredita. A fazer-me perguntas esquisitas, a pôr-me na defensiva ao fim de vinte e quatro anos de merda. Não preciso do stresse. Por isso, se vens cá para tentar esclarecer as coisas — ele fez o sinal de aspas com as mãos, irritado —, é melhor ires bater a outra porta. Porque eu não preciso disto.

— Encontrei o Runner.

Ele não se levantou, manteve-se firme na cadeira. Depois, soltou um suspiro, um suspiro de «ainda bem».

— Uau, Libby, passaste ao lado da tua vocação de detetive. O que é que o Runner tinha para dizer? Ele ainda está em Oklahoma?

Senti um sorriso inapropriado aflorar-me os lábios.

— Vive num aterro tóxico à beira de Lidgerwood, foi expulso do asilo.

Ben sorriu.

— Está a viver num aterro tóxico. Ha-ha.

— Ele disse que a Diandra Wertzner era tua namorada, que tu a engravidaste. Que ela estava grávida e vocês estavam juntos na noite dos crimes.

Ben cobriu o rosto com uma mão, de dedos abertos. Vi-lhe os olhos a piscarem por entre os dedos. Falou sem destapar a cara e não consegui perceber o que disse. Repetiu

duas vezes, perguntei de cada vez o que é que ele estava a dizer e, à terceira, levantou a cabeça, a morder a bochecha por dentro, e debruçou-se.

— Eu disse: que porra de obsessão é a tua pela Diondra? Andas com a pulga atrás da orelha em relação a isto e sabes o que vai acontecer, vais foder esta merda toda. Tiveste a oportunidade de acreditar em mim, de fazer a coisa certa e finalmente acreditares no teu irmão. Que tu conheces. Não digas que não, porque isso é mentira. Não entendes, Libby? Esta é a nossa última oportunidade. O mundo pode acreditar que sou culpado, acreditar que sou inocente, que ambos sabemos que não vou sair daqui. Não há nenhum ADN para me pôr em liberdade. A porra da casa já não existe. Portanto, não vou sair daqui. Portanto. A única pessoa que me importa ouvir dizer que sabe que eu não era capaz de ter assassinado a minha família és tu.

— Não me podes recriminar por me perguntar se...

— É claro que posso. É claro que posso. Posso recriminar-te por não acreditares em mim. Posso perdoar-te por teres mentido, por teres ficado baralhada, em miúda. Posso perdoar isso. Mas, fogo, Libby, e agora? Tens o quê, trinta e poucos anos, e ainda acreditas que uma pessoa do teu próprio sangue era capaz de fazer uma coisa daquelas?

— Oh, eu acredito piamente que uma pessoa do meu próprio sangue era capaz de fazer aquilo — retorqui, sentindo a raiva subir por mim acima, bater-me nas costelas. — Acredito piamente que o sangue que nos corre nas veias é mau. Sinto-o dentro de mim. Já espanquei pessoas, Ben. Eu. Deitei portas e janelas abaixo e... matei coisas. Metade das vezes que olho para baixo, tenho as mãos cerradas para bater em alguém.

— Achas que somos assim tão maus?

— Acho.

— Mesmo tendo o sangue da mãe?

— Mesmo assim.

— Pois, então tenho pena de ti, minha menina.

— O que foi feito da Diondra?

— Esquece isso, Libby.

— O que é que fizeste ao bebé?

Sentia-me nauseada, febril. Se o bebé tinha sobrevivido, teria agora (ele, ela), o quê, vinte e quatro anos. O bebé já não era um bebé. Tentei imaginar um adulto, mas o meu cérebro não parou de me devolver a imagem de um bebé enrolado numa manta. Mas, c'os diabos, eu nem a mim conseguia imaginar em adulta. Vou fazer trinta e dois anos, a idade da minha mãe quando foi assassinada. Ela parecia tão adulta. Mais adulta do que eu alguma vez seria.

Portanto, se estivesse vivo, o bebé teria vinte e quatro anos. Tive uma das minhas visões horríveis. Uma visão do que podia ter acontecido. Nós, se toda a gente tivesse sobrevivido, em casa, em Kinnakee. Michelle está na sala, ainda a mexericar nos óculos demasiado grandes, a dar ordens a um grupo de miúdos que reviram os olhos sempre que ela fala, mas obedecem. Debby, gorducha e faladora, com um marido grande e louro, agricultor, e um quarto especial na sua própria quinta para fazer artesanato, cheio de fitas de costura e retalhos para mantas e pistolas de cola. A minha mãe, cinquentona e enrugada do sol, com o cabelo quase todo branco, ainda a irritar-se na brincadeira com

Diane. E eis que na sala entra o filho de Ben, uma rapariga, ruiva, uma rapariga de vinte e poucos anos, magra e segura de si, com pulseiras nos pulsos delicados, estudante universitária que não leva nenhum de nós a sério. Uma miúda Day.

Engasguei-me com a minha própria saliva, desatei a tossir, a traqueia fechada. A visita que estava das cabinas mais abaixo inclinou-se para fora para ver e, depois, achando que eu não ia morrer, voltou a concentrar-se no filho.

— O que é que aconteceu naquela noite, Ben? Preciso de saber. Preciso simplesmente de saber.

— Não podes ganhar neste jogo, Libby. Se te disser que sou inocente, isso significa que tu és culpada, que me estragaste a vida. Se eu te disser que sou culpado... acho que isso também não te faz sentir muito melhor, pois não?

Ele tinha razão. Foi um dos motivos que me fez ficar quieta durante tantos anos. Atirei outra coisa para o ar:

— E o Trey Teepano?

— Trey Teepano.

— Eu sei que ele era corretor de apostas e que estava metido em merdas satânicas e que era teu amigo e que estava contigo naquela noite. Com a Diondra. Parece-me tudo uma embrulhada dos diabos.

— Quem é que te contou isso tudo? — Ben fitou-me nos olhos, depois levantou o rosto, fixou longamente as minhas raízes ruivas que me chegavam agora às orelhas.

— O pai. Ele disse que devia dinheiro ao Trey Teepano e...

— O pai? Agora trata-lo por pai?

— O Runner disse...

— O Runner só disse merdas. Tens de crescer, Libby. Tens de escolher um lado. Podes passar o resto da vida a tentar descobrir o que aconteceu, a tentar perceber. Ou podes simplesmente confiar em ti própria. Escolhe um lado. Fica do meu lado. É melhor.

1 Referência a Karen Silkwood, uma técnica que trabalhava numa fábrica de plutónio que morreu em circunstâncias misteriosas depois de ter alertado as autoridades para os riscos de contaminação na fábrica. A história deu origem a um filme, em 1983, com as atrizes Meryl Streep e Cher. (N. da T.)

22h23

Seguiram de carro para lá dos confins da povoação, a estrada a passar de cimento a terra batida, Ben a chocalhar no banco de trás, com as mãos fincadas no tejadilho da carrinha, a tentar não sair do lugar. Estava pedrado, com uma grande moca, e os dentes e a cabeça matraqueavam. Tens um parafuso a menos e o cérebro anda aí dentro a chocalhar? Tinha dois ou três a menos. Queria dormir. Comer primeiro e depois dormir. Observou as luzes de Kinnakee a esmorecerem e depois a paisagem reduziu-se a quilómetros e quilómetros de reluzente neve azul, um retalho de erva aqui, a cicatriz irregular de uma vedação acolá, mas sobretudo neve como a superfície da Lua. Como se ele estivesse mesmo no espaço, noutra planeta, e nunca mais fosse voltar para casa.

Viraram para uma estrada qualquer ladeada de árvores que os sugaram como que para dentro de um túnel e Ben percebeu que não fazia ideia de onde estavam. Só esperava que o quer que estivesse para acontecer acontecesse depressa. Queria um hambúguer. A mãe fazia uns hambúrgueres marados, carne móida barata e cheia de gordura misturada com cebola e macarrão pequeno e qualquer outra merda que estivesse à beira de se estragar. Uma vez, ele era capaz de jurar que tinha encontrado um bocado de banana, coberta de ketchup; a mãe achava que o ketchup melhorava qualquer prato. Não melhorava, a comida dela era uma porcaria, mas ele comeria um desses hambúrgueres naquele instante. Estava a pensar Tenho tanta fome que até comia uma vaca inteira. E, de repente, como se a sua prece por comida tivesse funcionado, focou os olhos, que estavam postos numa nódoa áspera no banco de trás, e lá fora viu dez ou vinte vacas Hereford paradas na neve, vá-se lá saber a que propósito. Havia um estábulo ali perto, mas nem sinais de uma casa, e as vacas eram demasiado burras para voltarem para o estábulo, por isso estavam paradas como um bando de idiotas gordas, a deitarem fumo pelas narinas. As Hereford eram as vacas mais feias de todas, gigantescas, cor de ferrugem, com uns focinhos brancos e enrugados e uns olhos de bordos cor-de-rosa. As vacas Jersey tinham um ar querido, tinham aqueles focinhos grandes de veado, mas as Hereford pareciam pré-históricas, beligerantes, más. Aquelas coisas tinham uns quadris grossos e peludos e uns cornos curvos e afilados e, quando Trey parou a carrinha, Ben sentiu os nervos em alvoroço. Ia acontecer alguma coisa bera.

— Chegámos — anunciou Trey, enquanto permaneciam sentados na carrinha, com o aquecimento desligado e o frio a infiltrar-se no interior. — Todos para fora. — Trey esticou o braço por cima de Diondra e levou a mão ao porta-luvas, roçando no bebé dentro da barriga de Diondra, ele e ela trocaram sorrisos estranhos outra vez, pegou numa cassete e enfiou-a no leitor. A música frenética, ziguezagueante, encheu o cérebro de Ben com gatafunhos.

— Anda daí, Ben — disse Trey, pisando a neve. Puxou o banco do condutor para a frente para Ben poder sair e Ben saiu da carrinha aos tropeções, falhou o degrau e Trey teve de o agarrar para ele não cair. — Está na hora de perceberes as coisas, de sentires o poder. Vais ser pai, meu. — Trey sacudiu-o pelos ombros. — Pai! — A voz dele parecia simpática, mas ele não sorria. Fitou-o simplesmente com os lábios cerrados e os olhos vermelhos, quase sangrentos. Decisivo. Tinha um olhar decisivo. Depois, Trey soltou-o, apertou os punhos do casaco de ganga e deu a volta até à traseira da carrinha. Ben tentou ver por cima do tejadilho, fitou Diondra nos olhos, lançou-lhe um olhar de que merda é esta, mas ela debruçou-se para dentro da carlinga e tirou mais um saco de debaixo do banco, gemendo com uma mão na barriga, como se fosse muito difícil baixar-se um palmo. Endireitou-se, com a mão nas costas agora, e pôs-se a remexer o interior do saco. Estava cheio de papel de prata de pastilha elástica e ela tirou três.

— Dá cá — disse Trey, enfiando dois no bolso e desembulhando o terceiro. — Tu e o Ben podem partilhar um.

— Não quero partilhar — queixou-se Diondra. — Sinto-me uma merda, preciso de um inteiro.

Trey soltou um suspiro frustrado, depois atirou-lhe um embrulho, murmurando Meu Deus.

— O que é isso? — perguntou Ben, por fim. Sentiu um fiozinho quente a escorrer-lhe pela cabeça, percebeu que estava a sangrar outra vez. A dor de cabeça também tinha piorado, latejava-lhe por trás do olho esquerdo, descia-lhe pelo pescoço até ao ombro, como uma infeção a espalhar-se-lhe pelo organismo. Esfregou o pescoço, parecia que alguém tinha dado vários nós numa mangueira de jardim e enfiado a mangueira debaixo da pele dele.

— É estalo do Diabo, meu, já alguma vez experimentaste? — Trey despejou o pó na palma da mão e debruçou-se como um cavalo a comer açúcar, depois inalou com uma barulheira que mais parecia um tiro, atirou a cabeça para trás, tropeçou uns quantos passos e a seguir olhou para eles como se não devessem ali estar. Um círculo laranja-escuro cobria-lhe a boca e o nariz.

— P'ra onde é que estás a olhar, Ben Day?

As pupilas de Trey saltitavam de um lado para o outro como se estivessem a seguir um beija-flor invisível. Diondra sugou o dela com a mesma fungadela ávida de animal e caiu imediatamente de joelhos, a rir. Foi um riso de alegria durante três segundos, que depois se transformou num ataque de riso fraco, entrecortado, como quando uma pessoa nem consegue acreditar na sorte que teve, foi esse tipo de riso. Ela chorava e cacarejava, agachando-se na neve, a rir de gatas, e depois desatou a vomitar, nachos com queijo e grossos fios de esparguete que quase cheiravam bem no meio do molho doce de vômito. Diondra ainda tinha um fio de esparguete pendurado na boca quando levantou os olhos. O fio ficou pendurado por um segundo, até que ela se apercebeu e o puxou. Ben imaginou a massa ainda enfiada na garganta dela, a fazer-lhe cócegas à medida que ia subindo para a boca. Ela atirou-a para o chão, sem parar de chorar, de gatas, e, quando olhou para ela, desatou a berrar como um bebé, com a cara toda franzida, como as irmãs de Ben faziam quando se magoavam. O choro de fim do mundo.

— Diondra, estás bem, queri...? — começou ele.

Ela atirou-se para a frente e vomitou o resto junto dos pés de Ben. Ele afastou-se do vomitado e ficou quieto a observar Diondra de gatas, a choramingar.

— O meu pai vai-me matar! — guinchou ela outra vez, com as raízes do cabelo molhadas de suor. O seu rosto contorceu-se num esgar quando olhou para a barriga. — Vai-me matar.

Trey tinha os olhos cravados em Ben, ignorando Diondra por completo, e fez um gesto com um dedo, um gesto que significava que Ben devia parar de empatar e tomar o estalo do Diabo. Ele aproximou o pó do nariz e sentiu o cheiro a borracha de lápis gasta e a bicarbonato de soda.

— O que é, é tipo cocaína?

— É tipo ácido de bateria para o cérebro. Experimenta.

— Já me sinto uma merda, meu, não sei se preciso disto. Estou com uma fome do caraças, meu.

— Vais precisar, para enfrentar o que vai acontecer. Snifa.

Diondra estava novamente a rir às gargalhadas, o seu rosto branco por baixo da base bege de maquilhagem. Uma migalha de nacho flutuou em direção ao pé de Ben, num riacho cor-de-rosa. Ele afastou-se. Depois, virou-lhes as costas, em direção às vacas que os observavam, pôs o pó na palma da mão e deixou-o ser levado pelo vento. Quando a pilha estava reduzida a um quarto, sniffou o pó, muito alto e com um barulho fingido como eles tinham feito, e mesmo assim só levou uma pequena parte ao nariz.

E ainda bem, porque foi direito ao cérebro, intenso como cloro, mas com um ardor ainda mais intenso, e imaginou-o a espalhar-se como ramos de árvores, a queimar-lhe as veias da cabeça. Parecia que toda a sua corrente sanguínea se tinha transformado em chapa quente, até os ossos do pulso começaram a doer. Os seus intestinos mexeram-se como uma serpente a acordar e, por um segundo, pensou que se ia borrar todo nas calças, mas em vez disso bebeu um gole de cerveja, perdeu a visão e caiu no chão, com a cabeça aberta a latejar, o sangue a escorrer-lhe pelo rosto a cada bombada do coração. Teve a sensação de que era capaz de correr a cento e trinta à hora e que o devia fazer, que se ficasse onde estava o seu peito ia estalar e sair um demónio qualquer, que sacudiria o sangue de Ben das asas, inclinaria a cabeça perante a ideia de estar preso neste mundo e voaria para o céu, tentando regressar ao inferno. E no instante em que pensou que precisava de uma arma para dar um tiro na cabeça e acabar com aquilo, sentiu uma grande onda de alívio que se espalhou por ele todo, acalmando-lhe as veias, e percebeu que tinha estado a conter a respiração e desatou a sorver golfadas de ar e, depois, sentiu-se bem como o caraças. Respirar era uma coisa inteligente como o caraças, era mesmo. Sentiu que estava a expandir-se, tornando-se grande, inegável. Fizesse o que fizesse, era a escolha certa, sim senhor, sem mais nem menos, como se pudesse alinhar no céu todas as escolhas que ia precisar de fazer nos próximos meses e fosse capaz de as abater como animais de peluche numa feira e ganhar um prémio enorme. Gigantesco. Viva o Ben, carregado aos ombros de toda a gente, para o mundo inteiro o aplaudir.

— Que raio é esta merda? — perguntou. A sua voz parecia maciça, como uma porta pesada com um bom balanço.

Trey ignorou-o, olhou para Diondra, que se estava a levantar do chão, com os dedos vermelhos por os ter enterrado no gelo. Ele parecia estar a fazer troça dela sem se aperceber. Depois, procurou qualquer coisa na parte de trás da carrinha, voltou com um machado, que cintilou com o mesmo tom azul da neve. Entregou-o a Ben, com a lâmina virada para este, e Ben baixou os braços, hirtos, não não não não não me podes obrigar a pegar nisso, como se fosse um miúdo a quem tivessem pedido para pegar num bebé recém-nascido a chorar, não não não não.

— Toma.

Ben pegou no machado frio, com manchas ferrugentas na ponta.

— Isto é sangue?

Trey lançou-lhe um dos seus olhares preguiçosos de esguelha e nem se deu ao trabalho de responder.

— Oh, eu quero o machado! — guinchou Diondra. Saltou até à carrinha, enquanto Ben se perguntava se eles estariam a gozar com ele outra vez.

— É demasiado pesado para ti, leva a faca de caçar.

Diondra remexeu-se dentro do casaco, com a borda de pele do capuz a saltar para cima e para baixo.

— Não quero a faca, é demasiado pequena, dá a faca ao Ben, ele está habituado a caçar.

— Então o Ben fica com isto também — disse Trey, dando-lhe uma caçadeira de calibre .10.

— Então, deixa-me ficar com a caçadeira, eu fico com ela — disse Diondra.

Trey pegou na mão dela, abriu-a e enfiou a Bowie nela.

— É muito afiada, por isso não faças merda.

Mas não era isso mesmo que eles estavam a fazer, merda?

— BenGay, limpa a cara, estás a pingar sangue por todo o lado.

De machado numa mão e caçadeira na outra, Ben limpou a cara na manga e ficou tonto. Não parava de sangrar, tinha sangue no cabelo agora, e a cobrir-lhe um dos olhos. Estava gelado e lembrou-se de que era isso que acontecia quando uma pessoa se esvaía em sangue, ficava gelada, e depois percebeu que seria absurdo não ter frio, com o casquinho fino da Diondra, o tronco todo coberto de pele de galinha.

Trey puxou de uma picareta enorme, com a lâmina tão afiada que parecia uma lasca de gelo. Encavalitou-a ao ombro, como um homem pronto para ir trabalhar. Diondra continuava amuada a olhar para a faca e Trey irritou-se.

— Tens alguma coisa para dizer? — disse ele. — Queres fazer isto ou não?

Ela desfez a cara de amuo, assentiu rapidamente com a cabeça e pousou a faca no meio do círculo accidental que formavam. Mas não, não era accidental, porque depois Trey pousou a picareta ao lado da Bowie e fez sinal a Ben para o imitar, um gesto impaciente como o de um pai cujo filho se esqueceu de dar graças à mesa. Por isso, Ben obedeceu, empilhou a caçadeira e o machado em cima das outras armas, uma pilha de metal reluzente e afiado que deixou o coração de Ben aos pulos.

De repente, Diondra e Trey deram-lhe a mão, o aperto de Trey era forte e quente, o de Diondra frouxo e pegajoso, e formaram um círculo à volta das armas. O luar fazia a

paisagem toda brilhar à volta deles. O rosto de Diondra parecia uma máscara, todo ele vales e colinas e, quando ela espetou o queixo para a lua, a boca aberta dela e a pilha de metal deixaram Ben com tesão e ele borrifou-se para isso. Tinha o cérebro a crepitar algures no fundo da sua consciência, tinha o cérebro literalmente a fritar, e depois Diondra começou a entoar umas palavras.

— A Satanás oferecemos um sacrifício, oferecemos dor, e sangue, e medo, e raiva, a base da vida humana. Honramos-te, ó Ente Negro. No teu poder, tornamo-nos mais poderosos, na tua exaltação, tornamo-nos glorificados.

Ben não sabia o que significavam aquelas palavras. Diondra estava sempre a rezar. Rezava na igreja como as pessoas normais, mas também rezava a deusas, e geodes e cristais e outras merdas. Estava sempre a procurar ajuda.

— Hoje, vamos fazer do teu bebé um verdadeiro guerreiro, Dio — disse Trey.

Dispersaram então, todos eles pegaram nas suas armas e marcharam silenciosamente para o campo, com a neve a fazer um som de borracha a cada passo pesado, quebrando a sua crosta. Os pés de Ben pareciam congelados, coisas à parte, artificialmente ligadas ao seu corpo. Mas isso não tinha importância, isso não, pouca coisa lhe importava, estavam numa bolha nessa noite, nada era relevante e, desde que conseguisse ficar dentro dessa bolha, ia correr tudo bem.

— Qual delas, Diondra? — perguntou Trey, quando se detiveram. Quatro vacas Hereford estavam paradas perto deles, imóveis na neve, sem medo dos humanos. Que imaginação tão limitada, a das vacas.

Diondra fez uma pausa, apontou com um dedo para as vacas — um silencioso um-dó-li-tá — e depois pousou-o na maior, um touro com uma pila grotesca e peluda pendurada na direção da neve. Diondra arreganhou a boca num sorriso de vampiro, expondo os caninos, e Ben esperou por um grito de guerra, uma ordem para atacarem, mas em vez disso ela limitou-se a avançar calmamente. Três longos passos desajeitados na neve até ao touro, que se afastou apenas um passo antes de ela lhe espetar a faca de caça no pescoço.

Está a acontecer, pensou Ben. Aqui está, a acontecer. Um sacrifício a Satanás.

O touro estava a perder sangue como uma fuga de óleo, escuro e espesso, glug, glug, e de repente contorceu-se num espasmo, a veia mudou de sítio ou coisa assim, e o sangue desatou a jorrar, uma neblina furiosa, cobrindo-os de salpicos vermelhos, as caras, as roupas, os cabelos. Diondra desatou aos gritos, finalmente, como se esta primeira parte tivesse acontecido debaixo de água e de repente ela estivesse vindo à tona, os gritos dela a ecoarem no gelo. Apunhalou o focinho do touro e rasgou-lhe o olho esquerdo, que ficou desfeito, a revirar na cabeça, escorregadio e negro de sangue. O touro tropeçou na neve, desajeitado e confuso, parecendo uma pessoa que estivesse a dormir e fosse acordada por causa de uma emergência, assustada mas entorpecida. O sangue espalhou-se por todo o seu pelo encaracolado e branco. Trey ergueu a lâmina para a lua, soltou um grito, deu balanço ao machado e enterrou-o no ventre do animal. Os quadris da besta cederam um segundo, depois o touro levantou-se e desatou a trotar aos ziguezagues. As outras vacas tinham alargado o círculo à volta dele, como miúdos numa escaramuça, a observarem e a mugirem.

— Apanha-o — gritou Diondra. Trey deu uns grandes pulos a galope pela neve, com as pernas muito levantadas como se estivesse a dançar, o machado a descrever círculos no ar. Estava a cantar a Satanás e, depois, a meio da canção, desferiu o machado sobre o dorso do animal, partindo-lhe a coluna, derrubando-o na neve. Ben não se mexeu. Mexer-se significava que era capaz de participar e não queria, não queria sentir a pele do touro a rasgar debaixo dele, não por ser errado, mas porque talvez gostasse demais, como da erva, a primeira vez que deu uma passa percebeu que nunca mais deixaria de fumar charros. Assim como o fumo encontrara um espaço dentro dele que ficara vazio especificamente para albergar o fumo que aí se enroscara, talvez também houvesse um espaço para aquilo. A sensação de matar... podia haver um espaço vazio dentro dele só à espera de ser preenchido.

— Anda lá, Ben, não te acobardes agora — gritou Trey, sorvendo golfadas de ar após uma terceira, quarta, quinta machadada.

O touro estava caído de lado, a gemer, um mugido lamentoso e fora deste mundo, como um dinossauro faria num poço de alcátrão: apavorado, moribundo, atordoado.

— Anda lá, Ben, vem matar também. Não podes ficar parado só a ver — gritou Diondra, dando a sensação de que ficar parado era a coisa mais inútil do mundo. O touro olhou para ela do chão e ela começou a apunhalá-lo nas queixadas, punhaladas rápidas, eficazes, de dentes a ranger, aos gritos: «Cabrão!», enquanto desferia golpe atrás de golpe, uma mão na faca, a outra a cobrir a barriga.

— Calma, D — disse Trey, e apoiou-se no machado. — Vá, Ben. Vá, senão magoo-te, meu. — Os olhos dele ainda tinham o brilho da droga e Ben desejou ter tomado mais estalo do Diabo, desejou não estar preso naquele estado intermédio, onde ainda possuía alguma capacidade de raciocínio mas nenhum medo.

— É a tua oportunidade, meu. Sê homem. Tens a mãe do teu filho aqui a ver. Ela já fez a parte dela. Não sejas um puto medícras e sem tomates a vida toda, a deixar que as pessoas passem por cima de ti, a deixar que as pessoas te metam medo. Eu costumava ser como tu, meu, e nunca mais quero voltar a ser assim. Foda-se para isso. Vê como o teu próprio pai te tratou. Como se fosses um banana. Mas levas aquilo que mereces, sabias? Acho que sabes disso.

Ben inspirou ar gelado para dentro dos pulmões, as palavras infiltrando-se-lhe debaixo da pele, deixando-o cada vez mais irritado. Não era um cobarde.

— Anda lá, Ben, mexe-te — instigou Diondra.

O touro já só estava a ofegar agora, com o sangue a jorrar de dezenas de ferimentos, uma poça vermelha na neve.

— Tens de soltar essa raiva, meu, é o segredo do poder, estás cheio de medo, meu, não estás cansado de ter medo?

O touro no chão parecia tão patético agora, tão rapidamente derrotado, que Ben achou-o nojento. As suas mãos apertaram o machado cada vez com mais força, o bicho precisava de ser abatido, tinham de acabar com o sofrimento dele, e então empunhou a lâmina acima da cabeça, bem alta e pesada, e descarregou-a sobre o crânio do touro, um estampido chocante, um derradeiro grito vindo do animal, e pedaços de cérebro e osso saltaram e soube-lhe tão bem esticar os músculos e usar os ombros — trabalho de

homem — que baixou o machado outra vez, o crânio a rachar-se ao meio, o touro finalmente morto, com um último estertor das patas dianteiras, e a seguir mudou a sua atenção para a barriga, onde podia mesmo causar estragos, de uma ponta à outra, fazendo voar ossos para todos os lados e bocados espumosos de entranhas.

— Foda-se para ti foda-se para ti foda-se para ti — gritava, com os ombros incrivelmente tensos, como se estivessem presos com elásticos, os maxilares a vibrarem, os punhos a tremerem, o pau duro e tenso, como se o seu corpo todo estivesse à beira de um orgasmo. Balanço, golpe!

Preparava-se para pegar na caçadeira quando os braços cederam, estava arrumado, com a raiva a esvair-se-lhe do corpo, e não sentiu poder nenhum. Sentiu-se embaraçado, da mesma maneira que sentia quando batia uma punheta a ver uma revista pornográfica, mole, errado e tolo.

Diondra desatou a rir.

— Ele é todo durão quando a coisa já está praticamente morta — disse ela.

— Matei-o ou não matei?

Estavam todos a ofegar, exaustos, com os rostos cobertos de sangue exceto os olhos onde os tinham limpado, deixando-os de fora, como guaxinins.

— Tens a certeza que foi este tipo que te engravidou, Diondra? — perguntou Trey. — Tens a certeza de que ele o consegue pôr de pé? Não admira que ele prefira meninas.

Ben deixou cair o machado e começou a dirigir-se para o carro, a pensar que estava na hora de ir para casa, a pensar que a culpa era da mãe por ter sido tão cabra nessa manhã. Se ela não se tivesse passado por causa do cabelo dele, ele estaria em casa agora, limpo e quente debaixo do cobertor, com o barulho das irmãs do lado de fora da porta, a televisão a zumbir ao fundo do corredor, a mãe a preparar um guisado qualquer de merda para o jantar. Em vez disso, estava ali, a ser alvo de troça como sempre, tendo feito o seu melhor para provar que era forte e ficando aquém, como sempre, a verdade finalmente exposta. Essa noite serviria sempre de prova, a noite em que Ben não conseguiu matar.

Mas agora que sabia qual era o gosto da violência, queria mais. Daí a uns dias ainda estaria a pensar nisso, o alarme soou, não se pode voltar atrás, e por isso ele ia ficar a pensar nisso, obcecado com a matança, mas duvidava que Trey e Diondra voltassem a levá-lo com eles e Ben sentir-se-ia demasiado desprezível, demasiado assustado, como sempre, para o fazer sozinho.

Ficou de costas para eles, depois levou a caçadeira ao ombro, virou-se, levantou o cão da arma, com o dedo no gatilho. Pum! Imaginou o ar a ressoar, a caçadeira a embater no seu ombro como um amigo que lhe dá uma pancada a dizer bom trabalho! E ele a armar a espingarda, a enfiar outra bala, a adentrar-se pelo campo, a empunhar novamente a caçadeira e pum!

Imaginou os ouvidos a ressoar e o ar a cheirar a fumo, e Trey e Diondra pela primeira vez na vida calados, enquanto ele ficava parado no meio de um campo de cadáveres.

Lyle tinha-me deixado nove mensagens nos dias em que estive em Oklahoma sem dar notícias, o tom variando desenfadadamente de mensagem para mensagem: começara com uma espécie de imitação de um viúvo ansioso, acho eu, a falar com o nariz tapado, a perguntar se eu estava bem, um sketch qualquer, depois mudara para um tom aborrecido, severo, urgente e em pânico, voltando novamente a uma voz apalermada na última mensagem. «Se não me telefonares, vou aí... e levo o inferno comigo!», guinchou ele, depois acrescentou: «Não sei se já alguma vez viste o Tombstone.»

Vi, mas era uma má imitação de Kurt Russell.

Telefonei-lhe, dei-lhe a minha morada (uma decisão invulgar em mim) e disse-lhe que podia ir a minha casa, se quisesse. Lá por trás, ouvi a voz de uma mulher a perguntar quem era, a dizer a Lyle para me perguntar uma coisa — pergunta-lhe, não seas tolo, pergunta-lhe — e Lyle a tentar desligar à pressa. Talvez fosse Magda a pedir informações sobre Runner? Eu dava-lhas. Por acaso apetecia-me falar, senão enfiava-me na cama e só saía daí a uns dez anos.

Enquanto esperava, tratei do cabelo. Tinha comprado um kit para pintar o cabelo, na mercearia a caminho de casa, quando voltei da prisão. Pensara em comprar o meu louro habitual — platinado —, mas, no fim, viera-me embora com uma embalagem de escarlata, com uma ruiva a sorrir-me provocadoramente da caixa. Menos trabalho, sim, sempre preferi tudo o que exigisse menos esforço. E andava a pensar em mudar desde que Ben comentara que eu estava igualzinha à minha mãe, a ideia pareceu-me irresistível, eu a achar que ia bater à porta da rulote de Diane como se fosse a Patty Day ressuscitada, e que talvez isso fosse suficiente para ela me deixar entrar. Maldita Diane, que continuava sem me telefonar.

Apliquei uma bola de produtos químicos na cabeça, que deitavam um cheiro como se estivesse qualquer coisa a queimar em lume brando. Faltavam catorze minutos quando a campainha tocou. Lyle. É claro que ele havia de chegar demasiado cedo. Entrou à pressa, a dizer que estava aliviadíssimo por ter tido notícias minhas, depois afastou-se.

— O que é que está a fazer, uma permanente?

— Vou voltar ao ruivo.

— Ah. Ótimo. Que bom. Natural.

Nos treze minutos que faltavam, contei a Lyle o que se passara com Runner e falei em Diondra.

— Está bem — disse Lyle, olhando para a esquerda, virando o ouvido para mim, a sua postura de escuta. — Portanto, segundo o Ben, ele voltou para casa naquela noite, por uns breves instantes, discutiu com a mãe e depois foi-se embora outra vez e não sabe nada sobre o que aconteceu depois disso.

— Segundo o Ben — confirmei.

— E segundo o Runner, o que é que aconteceu? Ou o Trey matou a sua família porque

o Runner lhe devia dinheiro, ou o Ben e o Trey mataram a sua família e a Diondra numa espécie de ritual qualquer satânico. O que é que o Runner disse sobre o facto de a namorada dele se retratar do depoimento que fez?

— Mandou-a levar no cu. Tenho de ir passar o cabelo por água.

Ele seguiu-me até à casa de banho, enchendo a entrada, com as mãos de cada lado da moldura da porta, a pensar.

— Posso dizer uma coisa específica sobre aquela noite, Libby?

Eu estava debruçada sobre a banheira, com água a escorrer da agulheta de enroscar — não há chuveiros aqui, no Meio de Nenhures —, mas fiz uma pausa.

— Não acha que podem ter sido duas pessoas? De alguma maneira? O assassinio da Michelle foi... a sua mãe e a Debby foram quase que, hum, abatidas. Mas a Michelle morreu na cama, com os cobertores puxados para cima. Parecem crimes cometidos num estado de espírito diferente. Acho eu.

Fiz um encolher de ombros tenso e discreto, as imagens do Lugar Escuro a rodopiarem, e enfiei a cabeça debaixo do jato de água para não ouvir mais nada. A água começou a escorrer para o ralo, cor de vinho tinto. Enquanto eu ainda estava de cabeça para baixo, senti Lyle pegar na agulheta e dar-me uma palmadinha na nuca. Desajeitado, sem romantismo nenhum, só a cumprir uma tarefa.

— Ainda tem tinta — gritou ele, para se fazer ouvir por cima do barulho da água, e devolveu-me a mangueira. Levantei-me e ele esticou o braço para mim, agarrou no lóbulo de uma orelha e limpou. — Também tem tinta vermelha na orelha. Provavelmente não ficava bem com brincos.

— Não tenho as orelhas furadas — disse eu, penteando o cabelo, a tentar averiguar se a cor tinha ficado bem. A tentar com toda a força não pensar nos cadáveres da minha família, a concentrar-me só no cabelo.

— A sério? Pensei que todas as raparigas tivessem as orelhas furadas.

— Nunca tive uma pessoa que mas furasse.

Ele observou-me a escovar o cabelo, com um sorriso pesaroso na cara.

— Como é que o cabelo ficou? — perguntou ele.

— Já vemos, quando secar.

Sentámo-nos no sofá mole e húmido da sala, um em cada ponta, a ouvir a chuva começar a cair outra vez.

— O Trey Teepano tinha um álibi — disse ele por fim.

— Bom, o Runner também tinha. Pelos vistos, é fácil arranjar álibis.

— Talvez devesse tomar a dianteira e retratar-se oficialmente do seu depoimento?

— Não me vou retratar de nada até ter a certeza — disse eu. — Não vou.

A chuva intensificou-se, fez-me ansiar por uma lareira.

— Sabe que a hipoteca da quinta foi executada no dia dos crimes, não sabe? — perguntou Lyle.

Assenti com a cabeça. Era um dos quarenta mil factos novos que eu tinha no cérebro graças a Lyle e aos seus dossiês.

— Isso não lhe parece relevante? — perguntou ele. — Não acha que tudo isso é estranho, como se estivéssemos a ignorar o óbvio? Uma rapariga diz uma mentira, uma

quinta vai à falência, as dívidas de um jogador são cobradas por um, meu Deus, por um corretor de apostas satânico. Tudo no mesmo dia.

— E todas as pessoas do processo mentem, estão a mentir, mentiram.

— O que é que devemos fazer agora? — perguntou ele.

— Ver televisão — disse eu. Liguei o televisor, instalei-me para trás, puxando uma madeixa de cabelo meio seco para verificar a cor. Parecia ruivo intenso, que era a cor do meu cabelo.

— Sabe uma coisa, Libby, estou orgulhoso de si, com isto tudo — disse Lyle, tenso.

— Oh, não diga isso, parece tão paternalista, dá comigo em doida quando faz isso.

— Não estava a ser paternalista — disse ele, numa voz que se tornou estridente.

— Mesmo doida.

— Não estava. É bom tê-la conhecido.

— Pois, que excitação. Valho mesmo a pena.

— Vale mesmo.

— Não diga isso, Lyle, está bem? — Dobrei um joelho debaixo do queixo e ficámos ambos sentados a fingir que víamos um programa de culinária, a voz do anfitrião demasiado animada.

— Libby?

Revirei os olhos para ele, lentamente, como se me custasse.

— Posso dizer-lhe uma coisa?

— O quê?

— Já ouviu falar naqueles incêndios perto de San Bernardino, em 1999, que destruíram cerca de oitenta casas e trinta e seis mil hectares?

Encolhi os ombros. Tinha a sensação de que a Califórnia estava sempre a arder.

— Fui eu quem ateou esse incêndio. Não foi de propósito. Ou, pelo menos, não foi com a intenção de que o fogo se descontrolasse.

— O quê?

— Eu era um miúdo, tinha doze anos, e não era pirómano nem nada desse género, mas tinha um isqueiro, não sequer me lembro a que propósito, mas gostava de o acender e andava a passear pelas colinas atrás do meu bairro, a morrer de tédio, e o caminho estava coberto de erva seca. E eu ia a passear, a acender o isqueiro, só a ver se conseguia incendiar as pontas das ervas, tinham umas pontas penugentas...

— Rabos-de-raposa.

— E quando me virei... tinham pegado fogo. Havia uns vinte mini-incêndios atrás de mim, como tochas. E foi durante a estação dos vendavais, por isso as pontas começaram a esvoaçar e, quando aterravam, deitavam fogo a outro bocado, e depois voavam mais uns trinta metros. E, de repente, já não havia só pequenos incêndios aqui e ali. Era um incêndio enorme.

— Assim tão depressa?

— Sim, no espaço de segundos, era um incêndio. Ainda me lembro da sensação, como se por um instante eu tivesse podido desfazer o mal, mas não. A coisa estava completamente fora do meu controlo. E ia piorar muitíssimo mais. Só me lembro de pensar que estava a meio de um acontecimento que nunca haveria de superar. E não

superei. É duro ser tão novo e ter consciência de uma coisa dessas.

Eu devia dizer qualquer coisa naquele momento.

— Não foi de propósito, Lyle. Era um miúdo e teve um azar terrível.

— Sim, eu sei, mas é por isso que, enfim, que me identifico consigo. Não foi há muito tempo que tomei conhecimento da sua história e pensei: Talvez ela seja como eu. Talvez conheça esta sensação de uma coisa que escapa completamente ao nosso controlo. Por causa do seu depoimento e do que aconteceu depois...

— Eu sei.

— Nunca contei esta história a ninguém. Voluntariamente. Mas pensei que a Libby...

— Eu sei. Obrigada.

Se eu fosse uma pessoa melhor, teria pousado a mão na de Lyle e dado um apertãozinho quente, para ele saber que eu compreendia, que estava solidária. Mas não era, o obrigada já tinha sido suficientemente difícil. Buck saltou para o sofá, para o espaço entre nós, a pedir para eu lhe dar de comer.

— Então, hum, o que vai fazer este fim de semana? — disse Lyle, mexericando na beira do sofá, no mesmo sítio onde Krissi tinha enfiado a cara entre as mãos e chorado.

— Nada.

— Hum, bom, a minha mãe queria que eu lhe perguntasse se a Libby quer ir a uma festa que ela está a organizar para os meus anos — disse ele. — É só um jantar ou uma coisa assim, só para amigos.

As pessoas faziam festas de anos, as pessoas adultas, mas a maneira como Lyle falou fez-me pensar em palhaços e balões e eventualmente um passeio de pónei.

— Oh, provavelmente prefere passar esse dia só com amigos — disse eu, olhando à minha volta, à procura do telecomando.

— Pois prefiro. Foi por isso que a convidei.

— Ah. Está bem, então.

Eu estava a tentar não sorrir, isso teria sido horrível, e a tentar decidir o que dizer, perguntar-lhe quantos anos fazia — doze anos em 1999 significa, oh meu Deus, vinte e dois? —, mas a emissão foi interrompida por um noticiário. Lisette Stephens fora encontrada morta nessa manhã, o corpo no fundo de uma ravina. Tinha sido assassinada há meses.

00h01

Kinnakee decrépita. Não ia ter saudades daquela terra, especialmente no inverno, quando as estradas ficavam esburacadas e o simples ato de conduzir mudava de sítio todos os ossos do corpo. Quando Patty chegou a casa, as meninas estavam a dormir profundamente, Debby e Michelle esparramadas no chão, como sempre, Debby usando um animal de peluche como almofada, Michelle ainda a chupar a caneta, com o diário debaixo do braço e um ar confortável apesar de ter a perna dobrado debaixo do corpo. Libby estava na cama, toda enroscada, com os punhos junto do queixo, a ranger os dentes. Patty pensou em metê-las na cama, mas não quis correr o risco de as acordar. Em vez disso, atirou-lhes um beijo e, ao fechar a porta, o cheiro a urina assolou-lhe as narinas, fazendo-a perceber que se esquecera de mudar os lençóis.

O saco de roupa tinha queimado por completo, já só restavam uns minúsculos farrapos a flutuarem no fundo da lareira. Um quadrado branco de algodão com uma estrela roxa assentava nas cinzas, com ar de desafio. Patty pôs mais um toro nas chamas, para ter a certeza de que não sobraria nada, e lançou o farrapo para o meio das labaredas. Depois, telefonou a Diane e pediu-lhe para passar por lá muito cedo no dia seguinte, ao nascer do sol, para poderem ir procurar Ben outra vez.

— Posso ir para aí agora, se quiseres companhia.

— Não, ia agora deitar-me — respondeu Patty. — Obrigada pelo envelope. Pelo dinheiro.

— Já estou a tratar de arranjar advogado, fiz uns telefonemas e devo ter uma boa lista de nomes amanhã. Não te preocupes, o Ben vai voltar para casa. Provavelmente entrou em pânico. Deve ter decidido passar a noite em casa de alguém. Ele há de aparecer.

— Gosto tanto dele, Diane... — começou Patty e controlou-se. — Dorme bem.

— Eu levo-te uma caixa de cereais amanhã, esqueci-me de te trazer cereais hoje.

Cereais. Era uma coisa tão normal que a atingiu como um soco na barriga.

Patty dirigiu-se para o quarto. Queria sentar-se e pensar, refletir, analisar as coisas. O desejo de o fazer era intenso, mas resistiu-lhe. Era como tentar conter um espirro. Acabou por se servir de dois dedos de uísque e vestiu as suas grossas camadas de roupa de dormir. A hora de pensar tinha acabado. Mais valia tentar descansar.

Pensou que ia chorar — a sensação de alívio —, mas não o fez. Enfiou-se na cama e olhou para o teto rachado e pensou: «Já não tenho de me preocupar com o teto, se nos vai cair em cima». Já não tinha de olhar para a janela de rede que estava partida junto da sua cama, a pensar todos os anos que devia arranjá-la. Já não tinha de se preocupar com o dia em que acordaria a precisar de café e descobriria que a máquina tinha finalmente morrido. Não tinha de se preocupar com os preços das coisas ou os custos da quinta ou as taxas de juro ou o cartão de crédito que Runner tinha pedido em nome dela e utilizado

para além da conta, de tal maneira que ela nunca conseguiria pagar a dívida. Nunca mais veria a família Cates, pelo menos não durante muito tempo. Não tinha de se preocupar com Runner e o seu andar de pavão, nem com o julgamento, nem com o advogado janota, de cabelo puxado para trás com brilhantina e um grosso relógio de ouro, que lhe diria coisas reconfortantes e a julgaria. Não tinha de passar a noite acordada a preocupar-se com o que o advogado estaria a dizer à mulher, deitados na sua cama de edredão de penas de ganso, ele a contar-lhe histórias sobre «a mãe Day» e a sua prole suja. Não tinha de se preocupar com a hipótese de Ben ir para a cadeia. Não tinha de se preocupar com o facto de não ser capaz de tomar conta dele. De nenhum deles. As coisas iam mudar.

Pela primeira vez numa década, não estava preocupada e, por isso, não chorou. Algures depois da uma, Libby abriu a porta com estrondo e, a dormir, enfiou-se na cama com ela, e Patty virou-se e deu-lhe um beijo de boa-noite e disse «adoro-te», feliz por conseguir dizê-lo em voz alta a um dos filhos, e Libby adormeceu tão depressa que Patty se perguntou se ela teria sequer ouvido as suas palavras.

Acordei com a sensação de que tinha sonhado com a minha mãe. Ávida de comer os hambúrgueres esquisitos dela com que gozávamos sempre, cheios de bocados de cenoura e nabo e às vezes fruta velha. O que era estranho, uma vez que não como carne. Mas apetecia-me um daqueles hambúrgueres.

Estava a pensar como é que se cozinha um hambúrguer quando Lyle telefonou com uma ideia. Só mais uma. Foi isso que Lyle não parou de dizer: só mais uma pessoa com quem eu devia falar e, se não desse em nada, podia desistir. Trey Teepano. Eu devia procurar Trey Teepano. Quando respondi que ia ser muito difícil localizá-lo, Lyle deu-me a morada. «Foi fácil, ele tem uma empresa. Rações Teepano», disse Lyle. Tive vontade de lhe dizer «bom trabalho» — não teria sido fácil fazer isso? —, mas fiquei calada. Lyle disse que as mulheres de Magda me dariam quinhentos dólares para falar com Trey. Eu tê-lo-ia feito de graça, mas, fosse como fosse, aceitei o dinheiro.

Eu sabia que ia continuar assim, que não era capaz de parar até descobrir algum tipo de resposta. Ben sabia, eu estava convencida disso agora, Ben sabia de alguma coisa. Mas recusava-se a falar. Por isso, eu tinha de continuar. Lembro-me de, uma vez, ter visto na televisão um especialista em questões amorosas muito sensato. O conselho dele: «Não percam o ânimo: todas as relações que temos são um fracasso até encontrarmos a relação certa.» Era assim que eu me sentia perante esta triste missão: todas as pessoas com quem eu falava desapontavam-me, até encontrar a pessoa certa que me ajudaria a descobrir o que aconteceu naquela noite.

Lyle ia comigo às Rações Teepano, por um lado porque queria ver como era Trey Teepano e, por outro, creio eu, porque o homem o deixava nervoso. («Não confio em adoradores do Diabo.») As Rações Teepano ficavam a leste de Manhattan, Kansas, algures numa zona de terrenos agrícolas entalada entre vários subúrbios novos. Os bairros eram neutros e limpos. Pareciam tão falsos quanto as lojas de recordações do Faroeste de Lidgerwood, um sítio onde as pessoas se limitam a fingir que vivem. À minha esquerda, as casas tipo caixote acabaram por dar lugar a uma lagoa de relva esmeralda. Um campo de golfe. Novinho em folha e pequeno. Sob a chuva fria da manhã, uns quantos homens mantinham-se no campo de golfe, torcidos e inclinados, a balouçarem os seus tacos, parecendo bandeiras em tons de amarelo e rosa contra o fundo verde. Depois, com a mesma rapidez com que apareceram, as casas falsas e a relva falsa e os homens de camisas pastel desapareceram, e dei por mim a olhar para um terreno com bonitas vacas castanhas Jersey, a observarem-me, expectantes. Devolvi os olhares delas; as vacas são os poucos animais que parecem ver-nos de facto. Fixei-as tão intensamente que nem vi o grande edifício antigo de tijolos com o letreiro Rações e Equipamentos Agrícolas Teepano, Lyle teve de me bater no ombro, LibbyLibbyLibby. Pisei o travão a fundo e fui a planar na estrada molhada uns bons quinze metros e a sensação de pairar lembrou-me Runner a soltar-me, depois de me ter feito rodopiar. Fiz uma marcha-atrás desenfreada e guinei o

volante para o parque de estacionamento de cascalho.

Só estava um carro estacionado à frente da loja, o espaço todo parecia decrepito. As juntas de cimento entre os tijolos estavam cheias de sujidade e o carrossel junto da porta da entrada — vinte e cinco cêntimos a volta — não tinha bancos. Quando subi os degraus largos de madeira da entrada, as luzes de néon das janelas piscaram. «Temos Llamas!», estranhas palavras para se ver num néon. Uma placa de latão a dizer «Pesticida Sevin» balouçava num dos postes do edifício.

— O que é uma codorniz japonesa? — perguntou o Lyle, quando chegámos ao último degrau. Uma campainha tocou quando abri a porta e entrámos para uma sala com uma temperatura mais baixa do que lá fora. O ar condicionado estava no máximo, bem como a música, a tocar um jazz cacofónico, a banda sonora perfeita para um derrame cerebral.

Por trás de um balcão, vimos espingardas trancadas num armário reluzente, com os vidros apelativos como a superfície de um lago. Filas e filas de fertilizantes e balas, picaretas, terra e selas estendiam-se até ao fundo da loja. Na parede mais afastada estava uma gaiola de arame com um bando de coelhos de olhos fixos. O animal de estimação mais burro do mundo, pensei. Quem é que queria um animal que ficava sentado, a tremer o dia todo, e fazia cocó em toda a parte? Dizem que é possível treiná-los para só fazerem as necessidades dentro da caixa, mas é mentira.

— Veja se não... sabe o que eu quero dizer — comecei, dirigindo-me a Lyle, que estava a rodar o pescoço de um lado para o outro, assumindo o seu modo de inquisidor distraído. — Tente não...

— Não se preocupe.

O jazz desenfreado continuou a tocar, enquanto Lyle gritava um «está alguém?». Não vi um único empregado, nem um cliente, já agora, mas também era verdade que estávamos a meio de uma manhã chuvosa de terça-feira. Entre a música e a luz crua das impiedosas lâmpadas fluorescentes, senti-me pedrada. Depois, captei movimento, alguém ao fundo da loja, a debruçar-se e a dobrar-se num dos corredores, e comecei a andar em direção à pessoa. Era um homem moreno, musculoso, com o cabelo preto e grosso apanhado num rabo de cavalo. Endireitou-se quando nos viu.

— Fogo — disse ele, recuando. Ficou especado a olhar para nós, depois para a porta, como se se tivesse esquecido de que já tinha aberto a loja. — Não os ouvi entrar.

— Provavelmente por causa da música — gritou Lyle, apontando para o teto.

— Está demasiado alto para o vosso gosto? Provavelmente têm razão. Esperem. — Entrou num gabinete nos fundos da loja e, de repente, a música parou.

— Está melhor assim? Em que é que os posso ajudar? — Encostou-se a um saco de sementes e lançou-nos um olhar que significava que era bom termos alguma coisa de interessante para lhe dizer, a fim de o compensar por ter baixado a música.

— Ando à procura de Trey Teepero — anunciei. — Ele é o proprietário desta loja?

— Sou o Trey e, sim, sou o proprietário da loja. Em que é que a posso ajudar? — Ele tinha uma energia tensa, saltitava sobre os calcanhares, metia os lábios para dentro e arreganhava os dentes. Era extremamente atraente, com um rosto que tanto parecia novo como velho, dependendo da perspetiva.

— Bem. — A verdade é que eu não sabia. O nome dele fluía dentro da minha

cabeça como uma palavra mágica, mas o que devia eu fazer a seguir: perguntar-lhe se tinha sido corretor de apostas, se conhecia a Diondra? Acusá-lo de assassinio? — Hum, é por causa do meu irmão.

— O Ben.

— Sim — disse eu, surpreendida.

Trey Teepano sorriu um sorriso frio de crocodilo.

— É, demorei um segundo, mas reconheci-a. Deve ter sido o cabelo ruivo, e a cara é a mesma. Você é a irmã que sobreviveu, certo? A Debby?

— Libby.

— É isso mesmo. E você quem é?

— Um amigo — respondeu Lyle. Senti-o fazer um esforço para controlar a vontade de falar, para não repetir a cena que se passara com Krissi Cates.

Trey começou a arrumar as prateleiras, a endireitar embalagens de repelente de veados, a fingir pessimamente que estava ocupado, como uma pessoa que finge que está a ler um livro de pernas para o ar.

— Também conhecia o meu pai?

— O Runner? Toda a gente conhecia o Runner.

— O Runner falou em si da última vez que o vi.

Ele sacudiu o rabo de cavalo para trás das costas.

— Sim, ele morreu?

— Não, ele, ele vive em Oklahoma. E parece convencido de que você esteve de alguma maneira... envolvido no que aconteceu naquela noite, que talvez pudesse esclarecer-nos sobre o que se passou. Na noite dos crimes.

— Pois. O velho é louco, sempre foi.

— Ele disse que você era corretor de apostas ou uma coisa desse estilo, naquela época.

— E era.

— E que estava metido em rituais satânicos.

— E estava.

Ele disse estas coisas com o tom deslavado de um ex-toxicodependente, com aquela onda de serenidade treinada.

— Então isso é verdade? — disse Lyle. Depois, olhou para mim com ar culpado.

— É, e o Runner devia-me dinheiro. Montes de dinheiro. Ainda deve. Mas isso não quer dizer que eu saiba o que aconteceu em vossa casa naquela noite. Já tive esta conversa toda há dez anos.

— Há dez, não, vinte e cinco.

Trey franziu as sobrancelhas.

— Uau, sim, deve ser isso — disse ele, parecendo pouco convencido, com o rosto crispado enquanto somava os anos.

— Conhecia o Ben? — insisti.

— Por alto, não muito bem.

— O seu nome está sempre a vir à baila.

— Tenho um nome que fica na cabeça das pessoas — disse ele, encolhendo os ombros.

— Ouçam, naquela época, Kinnakee era racista como o diabo. Não gostavam de índios. Fui acusado de muitas merdas que não fiz. Isto foi antes do Dança com Lobos, entendem o que eu estou a querer dizer? Era sempre tudo CDI na MDP.

— O quê?

— CDI, culpa dos índios. Eu admito que era um merdas. Não era boa pessoa. Mas depois daquela noite, do que aconteceu à sua família, apanhei um cagaço, mudei de vida. Bom, não foi logo a seguir, mas passado um ano ou coisa assim. Deixei as drogas, deixei de acreditar no Diabo. Foi mais difícil deixar de acreditar no Diabo.

— Acreditava mesmo no Diabo? — perguntou Lyle.

Ele encolheu os ombros.

— Claro. Uma pessoa tem de acreditar em alguma coisa, certo? Toda a gente acredita em alguma coisa.

Eu não, pensei.

— Um gajo acredita que tem o poder de Satanás dentro de si, por isso tem mesmo o poder de Satanás — disse Trey. — Mas isso foi há muito tempo.

— E a Diondra Wertzner? — perguntei.

Ele ficou calado, virou-nos as costas, dirigiu-se para os coelhos e começou a acariciar um deles através do arame com o dedo indicador.

— Onde é que quer chegar com esta conversa, Deb, hum, Libby?

— Estou a tentar localizar a Diondra Wertzner. Ouvi dizer que ela estava grávida do Ben na época dos crimes e que desapareceu depois disso. Há quem diga que a última vez que foi vista estava consigo e com o Ben.

— Ai, que merda, a Diondra. Sempre soube que aquela miúda ia acabar por me arranjar chatices, mais cedo ou mais tarde. — Sorri de orelha a orelha. — Fogo, a Diondra. Não faço ideia onde é que a Diondra está, ela estava sempre a fugir, sempre a armar uns grandes dramas. Fugia, os pais faziam um escarcéu, ela voltava para casa, eles brincavam às casinhas durante uns tempos e depois os pais dela voltavam a ser uns idiotas (eles estavam-se a cagar para ela) e ela voltava a precisar de muito drama, fazia uma merda qualquer, fugia, e por aí fora. Uma verdadeira novela. Pelos vistos, deve ter decidido fugir de vez e achou que não valia a pena voltar para casa. Já procuraram o nome dela na lista telefónica?

— Ela foi dada como desaparecida — disse Lyle, olhando novamente para mim, para ver se eu me importava com a interrupção. Não me importei.

— Oh, deve estar tudo bem com ela — retorquiu Trey. — Aposto que está a viver nalgum lado, mas a usar um dos nomes malucos dela.

— Um dos nomes malucos? — repeti, pousando uma mão no braço de Lyle para ele ficar calado.

— Oh, não era nada de especial, ela era só uma daquelas raparigas que estava sempre a tentar ser diferente. Um dia, falava com um sotaque inglês, no dia seguinte com um sotaque sulista. Nunca dizia o seu nome verdadeiro a ninguém. Ia ao cabeleireiro e dava o nome errado, encomendava uma piza e dizia um nome falso. Gostava de se meter com as pessoas, sempre a brincar que era a Desiree de Dallas ou a Alexis de Londres. Estava sempre a usar o seu nome, hum, o nome pornográfico, entendem?

— Não como naquele jogo. Como é que se chamava o seu animal de estimação quando era miúda?

Fiquei especada a olhar para ele.

— Como é que se chamava o seu animal de estimação quando era miúda?

Usei o nome do cão morto de Diane:

— Gracie.

— E qual era o nome da rua onde vivia em miúda?

— Estrada Rural 2.

Ele riu-se.

— Bom, este não resultou. A ideia é criar um nome ordinário, tipo Bambi Evergreen ou uma coisa assim. O da Diondra era... Polly qualquer coisa... Palm. Polly Palm, não é espetacular?

— Acha que ela está viva?

Ele encolheu os ombros.

— Acha que o Ben é mesmo culpado? — perguntei.

— Não tenho uma opinião sobre isso. Provavelmente.

De repente, Lyle ficou tenso, pôs-se a mexer a cabeça para cima e para baixo, a espetar-me um dedo nas costas, a tentar empurrar-me para a porta.

— Obrigado pelo seu tempo — disse Lyle abruptamente, e eu franzi-lhe o sobrolho e ele franziu-me o sobrolho a mim. Uma luz fluorescente por cima de nós tremelicou subitamente, banhando-nos numa luz doentia, fazendo os coelhos correrem às voltas na palha. Trey lançou um olhar fulminante à luz e ela parou de tremer, como se tivesse sido repreendida.

— Bom, posso dar-lhe o meu número de telefone para o caso de se lembrar de alguma coisa? — disse eu.

Trey sorriu e abanou a cabeça.

— Não, obrigado.

Virou-nos as costas. Quando nos dirigíamos para a porta, a música recomeçou a tocar muito alto. Virei-me no instante em que a tempestade começou a estalar, uma parte do céu negra, a outra amarela. Trey vinha a sair do escritório, observando-nos com as mãos nos quadris, enquanto, atrás dele, os coelhos se alvorocavam.

— Ei, Trey, afinal o que é que significa MDP? — gritei.

— Merda da Parvónia, Libby. A nossa terra.

Lyle ia a passos largos à minha frente, saltando os degraus. Chegou ao carro em três grandes passadas, sacudiu o puxador para abrir a porta, vamoslá vamoslá vamoslá. Postei-me ao lado dele, pré-aborrecida.

— O que foi? — perguntei. Estalou um trovão. Uma rajada de ar levantou um cheiro a cascalho molhado.

— Meta-se no carro e vamos pôr-nos a andar daqui para fora, depressa.

— Sim, chefe.

Tirei o carro do parque de estacionamento e virei-o na direção de Kansas City, sob uma chuva que se estava a tornar desenfreada. Passados cinco minutos, Lyle mandou-me encostar à berma, virou-se para mim e disse:

— Oh, meu Deus.

00h02

Pararam à porta da casa de Diondra, os cães a ladrarem freneticamente como sempre, como se nunca tivessem visto uma carrinha, ou uma pessoa, ou sequer Diondra. Os três transpuseram o portão das traseiras, depois Diondra disse a Ben e a Trey para esperarem à frente da porta de correr e se despirem, para não pingarem sangue por todo o lado. Dispam-se, ponham a roupa toda numa pilha e, a seguir, queimamos tudo.

Os cães tinham medo de Trey. Ladraram, mas não se aproximaram dele; uma vez, ele dera uma coça ao branco e desde então eles tinham o máximo de cuidado perto dele. Trey puxou a camisola pela parte de trás, como os homens faziam nos filmes, da maneira mais difícil, e depois desabotoou os jeans, de olhos postos em Diondra, como se estivessem a preparar-se para foder. Como se aquilo fizesse parte de quaisquer preliminares marados. Ben tirou a camisola da mesma maneira e despiu as calças, aquelas calças de cabedal que já estavam impregnadas de suor, e os cães cercaram-no, a farejarem-lhe as virilhas, a lamberem-lhe os braços, como se fossem capazes de o devorar. Ele afastou um deles, com a palma da mão no focinho, com força, e o cão voltou a aproximar-se, a salivar, agressivo.

— Quer chupar-te a piça, meu — riu-se Trey. — Aproveita, que não sabes quando é que vais ter outra oportunidade.

— De mim é que não leva nada, por isso ele que aproveite, sim — ripostou Diondra, revirando a cabeça num loop, com ar mal-humorado. Despiu os jeans, mostrando as marcas do bronzado no sítio onde devia ter as cuecas, só que não tinha cuecas, era só pele branca e pelo negro, espetado como um gato molhado. Depois, tirou a camisola e ficou parada, de sutiã, com as mamas inchadas, cheias de estrias ao longo da parte de cima.

— Que foi? — disse ela a Ben.

— Nada, devias ir para dentro.

— Obrigada, ó génio. — Atirou as roupas umas para cima das outras com o pé e disse a Trey, deixando bem claro que estava a falar só com Trey, que ia buscar combustível.

Trey atirou os jeans para o meio, ficou parado de boxers azuis e disse a Ben que ele não tinha sido capaz de dar provas de que era homem.

— Não é assim que eu vejo as coisas — murmurou Ben, mas, quando Trey disse o quê?, limitou-se a abanar a cabeça. Um dos cães empoleirou-se nele, com as patas na coxas, a tentar lamber-lhe o estômago, onde o sangue se tinha acumulado. — Larga-me! — irritou-se Ben e, quando o cão voltou a saltar para cima dele, afastou-o com a mão. O cão rosnou, depois o segundo imitou-o e o terceiro ladrou, de dentes arreganhados. Ben saltitou, nu, para casa, aos gritos Vão-se embora! com os cães, que só se afastaram

quando Diondra voltou.

— Os cães respeitam a força — disse Trey, com um lábio ligeiramente revirado a apontar para a nudez de Ben. — Lindo matagal.

Trey tirou o combustível das mãos de Diondra, ainda nua da barrigona para baixo, com o umbigo espetado como um polegar. Trey regou as roupas, segurando na lata perto do pénis como se estivesse a urinar. Abriu o isqueiro e zás!, as roupas incendiaram-se, fazendo com que ele recuasse dois grandes passos, aos tropeções, e quase caísse. Foi a primeira vez que Ben o viu fazer figura de tolo. Diondra virou a cara, para não embarçar Trey, o que deixou Ben mais triste do que nunca: a mulher com quem ele queria casar, a mulher que ia ter um filho dele, oferecera aquele gesto de graça a outro homem, mas nunca, nunca o faria em relação a Ben.

Ele tinha de fazer com que ela o respeitasse.

Estava preso ali, em casa de Diondra, a vê-los fumar mais erva. Não podia voltar para casa sem a bicicleta; estava demasiado frio, um frio de morte, recomeçara a nevar intensamente, o vento soprava pela chaminé abaixo. Se a queda de neve se transformasse numa tempestade, o resto daquelas vacas morreria congelado antes de amanhecer, se o preguiçoso do agricultor não fizesse alguma coisa. Ótimo. Podia ser que aprendesse a lição. Ben sentiu a raiva subir por ele acima outra vez, densa.

Mereciam todos uma lição de merda. Aqueles cabrões todos que pareciam nunca ter problemas, que pareciam passar pela vida como se fosse um mar de rosas. Fogo, até Runner, aquele bêbado de merda, parecia ter menos chatices que Ben. Havia muita gente a precisar de uma lição, a precisar de ver as coisas como elas eram, como Ben as via, que nada na vida nos era dado de bandeja, que a maior parte das coisas ia acabar mal.

Diondra queimara sem querer os jeans dele juntamente com as calças de cabedal. Portanto, ele vestira umas calças de fato de treino de Diondra, roxas, com uma grande sweatshirt e umas meias brancas grossas que ela já tinha dito por duas vezes que ele tinha de lhe devolver. Estavam naquela hora parva da noite, terminado o grande acontecimento, Ben ainda a interrogar-se sobre o que aquilo tudo significara, se realmente tinha rezado ao Diabo, se realmente começaria a sentir poder. Ou se teria sido tudo um embuste, ou uma daquelas coisas de que uma pessoa se autoconvencia: como uma sessão espírita ou um palhaço-assassino numa carrinha branca. Estariam eles os três a decidir silenciosamente que acreditavam que tinham realmente feito um sacrifício a Satanás ou teria sido só uma desculpa para apanharem uma moca dos diabos e fazerem merda?

Deviam ter parado com as drogas mais cedo. Era droga ordinária, dera para perceber pela maneira como tudo lhe doeu, até a erva caiu mal, como se a ideia fosse provocar estragos. Era a merda de má qualidade que tornava as pessoas beras.

Trey adormeceu, lentamente, a ver televisão, primeiro piscando muito os olhos, depois girando a cabeça para cima e para baixo e novamente para cima, até que desmoronou para o lado e adormeceu.

Diondra disse que tinha de ir fazer chichi, por isso Ben deixou-se ficar sentado na sala, a pensar que só lhe apetecia estar em casa. Estava a lembrar-se dos seus lençóis de

flanela, a imaginar-se na cama, a falar com Diondra ao telefone. Ela nunca ligava de casa e ele estava proibido de lhe telefonar por os pais dela serem tão marados da cabeça. Por isso, ela comprava tabaco e sentava-se numa cabina telefónica perto da bomba de gasolina ou no centro comercial. Era a única coisa que ela fazia por ele e fazia-o sentir-se bem o facto de ela fazer esse esforço, ele adorava. Talvez gostasse mais da ideia de falar com Diondra do que efetivamente de falar com ela, ultimamente ela era tão má para ele quando estavam juntos. Lembrou-se novamente do touro a sangrar e desejou ter a arma outra vez nas mãos, era isso que queria e, de repente, Diondra chamou-o do quarto.

Ben dobrou a esquina e deparou com ela junto do atendedor de chamadas vermelho reluzente, com a cabeça inclinada para o lado, e ela limitou-se a dizer:

— Estás fodido. — E carregou no botão.

«Olá, Dio, é a Megan. Estou completamente passada por causa do Ben Day, já sabes da história, que ele molestou um monte de miúdas? A minha irmã anda no sexto ano. Não lhe aconteceu nada, graças a Deus, mas fogo, que tarado. A polícia já o deve ter prendido. Olha, liga-me.»

Seguiu-se um clique e um zumbido e a voz de outra rapariga, grave e nasalada: «Olá, Diondra, é a Jenny. Eu bem te disse que o Ben Day andava metido no satanismo, já soubeste das merdas que ele fez? Parece que anda fugido da polícia. E dizem que amanhã vai haver uma grande reunião no liceu por causa disso. Queria saber se queres ir.»

Diondra estava debruçada sobre o atendedor como se tivesse vontade de o espatifar, como se fosse um animal que ela pudesse maltratar. Virou-se para Ben e gritou «Que porra é esta?», ficando cor-de-rosa e a salivar de raiva e, de imediato, Ben disse o que não devia:

— É melhor eu ir para casa.

— É melhor ires para casa? Que merda é esta, Ben, o que é que se passa?

— Não sei, por isso é que é melhor ir para casa.

— Não não não não não, menino da mamã. Não passas da merda de um menino da mamã, não vales nada! Quer dizer que vais para casa esperar pela polícia e eu fico aqui enquanto tu vais preso? Deixas-me aqui sozinha à espera que a porra do meu pai volte para casa? Com a merda do bebé que me fizeste e de que eu não me consigo livrar?

— O que é que queres que eu faça, Diondra? — Casa. Era só nisso que ele pensava.

— Amanhã, pomo-nos a andar daqui. Tenho uns duzentos dólares que sobraram do dinheiro que os meus pais me deixaram. Quanto é que consegues arranjar em tua casa? — Como Ben não respondeu de imediato, absorto a pensar em Krissi Cates e se o beijo seria motivo para ir preso e quanto é que haveria de verdade naquilo tudo, se a polícia andaria mesmo atrás dele, Diondra aproximou-se e deu-lhe uma bofetada na cara, com força. — Quanto é que tens em casa?

— Não sei. Tenho algum dinheiro que andei a poupar e a minha mãe geralmente tem uns cem dólares, duzentos, escondidos nalgum lugar. Mas não sei onde.

Diondra oscilou o corpo, fechou um dos olhos e olhou para o relógio despertador.

— A tua mãe deita-se tarde, achas que ainda está acordada?

— Se a polícia lá estiver, sim. — Se não estivesse, ela estaria a dormir, mesmo se se sentisse apavorada. Era a grande anedota da família o facto de a mãe nunca ter celebrado

a passagem de ano, adormecia sempre antes da meia-noite.

— Vamos lá a casa e, se não virmos nenhum carro da polícia, entramos. Tu vais buscar o dinheiro, arrumas umas roupas num saco e depois cavamos daqui.

— E depois?

Diondra aproximou-se e fez-lhe uma carícia na bochecha, que ainda estava a arder. A maquilhagem dos olhos já ia a meio da face, mas ainda assim ele sentiu uma pontada de... de quê, amor? Poder? Qualquer coisa. Uma pontada, uma sensação, qualquer coisa boa.

— Ben, amor, eu sou a mãe do teu filho, certo? — Ele assentiu com a cabeça, ao de leve. — Muito bem, então tira-me daqui. Vamos embora daqui. Não consigo fazer isto sem ti. Temos de ir embora. Vamos para Oeste. Podemos acampar nalgum lugar, dormir no carro, seja o que for. Caso contrário, tu vais preso e eu acabo morta pela mão do meu pai. Ele obrigava-me a ter o bebé e depois matava-me. E tu não queres que o nosso filho seja órfão, pois não? Não, se pudermos evitar, certo? Então, vamos.

— Eu não fiz o que eles andam a dizer que fiz com aquelas miúdas, não fiz — segredou Ben, por fim, com Diondra encostada ao seu ombro, fiapos do cabelo dela a encaracolarem como gavinhas e a meterem-se-lhe na boca.

— Quem é que se importa se fizeste ou não? — disse ela, com a cabeça enterrada no peito dele.

LIBBY DAY
TEMPO PRESENTE

Lyle estava aos pulos no banco.

— Reparou, Libby? Meu Deus, reparou?

— No quê?

— O nome pornográfico da Diondra, aquele que ela usava sempre, reparou qual era?

— Polly Palm e daí?

Lyle estava a sorrir, os seus dentes compridos brilhavam mais intensamente do que o resto dele no carro escuro.

— Libby, qual foi o nome que o seu irmão tatuou no braço? Lembra-se dos nomes que dissemos? Molly, Sally e aquele que a Libby disse que parecia o nome de um cão?

— Oh, meu Deus.

— Era Polly, não era?

— Oh, meu Deus — repeti.

— Não pode ser coincidência, pois não?

É claro que não era. Toda a gente tem um segredo que está mortinho por revelar. Aquela era a maneira de Ben o revelar. A homenagem dele à namorada secreta. Mas ele não podia usar o nome verdadeiro dela na tatuagem, Miss Diondra Desaparecida. Por isso, recorreu ao nome que ela usava a brincar. Imaginei-o a passar os dedos pelas linhas inchadas, a pele dele ainda a doer, orgulhoso. Polly. Talvez fosse um gesto romântico. Talvez fosse um tributo fúnebre.

— De quando será a tatuagem? — interrogou-se Lyle.

— Por acaso, não parecia muito antiga — disse eu. — Ainda estava muito, sei lá, viva, não estava desbotada.

Lyle sacou do portátil e equilibrou-o nos joelhos tensos.

— Vá, anda lá, apanha rede.

— O que é que está a fazer?

— Acho que a Diondra não morreu. Acho que está no exílio. E se a Libby decidisse exilar-se e tivesse de escolher um nome, não se sentiria tentada a usar um nome que já usou antes, um nome que só uns quantos amigos conheciam, uma piada? Seria uma maneira de manter um bocadinho das suas... origens ainda vivas. Uma coisa que o seu namorado podia tatuar no braço e que significaria qualquer coisa para ele, uma coisa permanente que ele poderia ver todos os dias. Anda lá — irritou-se ele com o computador.

Seguimos caminho durante mais uns vinte minutos, percorrendo as autoestradas até Lyle conseguir apanhar rede e começar a matraquear ao compasso da chuva, eu a tentar olhar para o ecrã sem nos matar.

Por fim, ele levantou os olhos com um sorriso feliz da vida na cara:

— Libby — anunciou —, é melhor encostar outra vez.

Guinei o volante para a berma da estrada, quase a chegar a Kansas City, levando com uma buzina de um camião por causa da minha manobra impetuosa; o meu carro

abandonou quando o camião passou a toda a velocidade.

O nome dela estava ali no ecrã: Polly Palm, em Kearney, Missouri. Morada e número de telefone, ali mesmo, a única Polly Palm registada na lista telefónica no país inteiro, tirando um pequeno salão de unhas em Shreveport.

— Tenho mesmo de arranjar Internet — comentei.

— Acha que é ela? — perguntou Lyle, olhando para o nome fixamente como se tivesse medo de fugisse. — Só pode ser ela, certo?

— Vejamos. — Puxei do meu telemóvel.

Ela atendeu ao quarto toque, no instante em que eu sorvia uma grande golfada de ar para lhe deixar uma mensagem no atendedor.

— Seria possível falar com Polly Palm?

— Sim, é a própria. — A voz era bonita, uma voz de cigarros e leite.

— É a Diondra Wertzner?

Pausa. Clique.

— Arranjas-me as direções para chegar a casa dela, Lyle?

Lyle queria ir comigo, queria muito ir comigo, a sério, ele achava mesmo que devia ir comigo, mas eu via que não ia resultar e não o queria ao meu lado, por isso deixei-o no pub Sarah's, ele a tentar disfarçar o amuo quando arranquei de carro, prometendo telefonar-lhe assim que saísse de casa da Diondra.

— A sério, não se esqueça — gritou ele, quando arranquei. — A sério! — Buzinei e fui-me embora. Ele ainda estava a gritar qualquer coisa quando dobrei a esquina.

Eu tinha os dedos tensos de segurar no volante com tanta força. Kearney ficava a uns bons quarenta e cinco minutos a nordeste de Kansas City e a morada de Diondra, segundo as indicações muito precisas de Lyle, ficava a mais uns quinze minutos da povoação. Percebi que estava perto quando comecei a ver placas a indicar a quinta de Jesse James e a Sepultura de Jesse James. Perguntei-me porque é que Diondra teria decidido viver na terra natal de um fora da lei. Parece o tipo de coisa que eu faria. Passei pelo desvio para a quinta de James — fui lá na escola primária, um lugar pequenino e frio onde, durante um ataque-surpresa, o meio-irmão mais novo de Jesse foi morto — e lembro-me de ter pensado: «É igualzinha à nossa casa.» Segui caminho por uma estrada estreitinha e às voltas, subindo e descendo colinas e depois atravessando o campo, onde se erguiam casas poeirentas de madeira em terrenos grandes e planos, com cães acorrentados a ladrarem em todos os quintais. Não vi uma única pessoa; aquela zona parecia completamente deserta. Só cães e uns quantos cavalos e, mais adiante, uma linha de floresta cerrada que tinham deixado intacta entre as casas e a autoestrada.

A casa de Diondra surgiu ao fim de dez minutos. Era feia, mas com carácter, inclinada para o lado como uma mulher irritada, de anca espetada. Bem precisava de ter carácter, porque, fora isso, pouco mais tinha. Ficava recuada em relação à rua, parecia o alojamento dos trabalhadores de uma grande quinta, mas não havia mais nenhuma casa nas imediações, apenas uns quantos hectares de lama a toda a volta, ondulantes e aos altos e baixos como se a terra tivesse acne. E aquele triste lembrete da floresta ao longe.

Subi a longa estrada de terra batida que levava à casa, com medo de que o meu carro ficasse atolado, preocupada com o que faria se isso acontecesse.

Por detrás das nuvens de tempestade, o sol do final da tarde apareceu mesmo a tempo de me cegar quando fechei a porta com força e me encaminhei para a casa, com um frio na barriga. Quando me aproximei dos degraus da entrada, uma grande mãe gambá saiu disparada de debaixo do alpendre, sibilando na minha direção. O bicho enervou-me, com aquele seu focinho branco afilado e aqueles olhos pretos com uma expressão de coisa que já devia estar morta. Além do mais, as mães gambás são umas cabras maldosas. Correu para os arbustos e eu dei um pontapé nos degraus para ter a certeza de que não estava lá mais nenhum e depois subi-os. O meu pé direito, torto, deslizou de um lado para o outro dentro da bota. Um espanta-espíritos estava pendurado perto da porta, penas e dentes de animal esculpidos a balouçar.

Assim como na cidade a chuva realça os cheiros a cimento, aqui evocava o cheiro a terra e esterco. Cheirava à minha casa e à minha infância, o que era estranho.

Bati à porta e seguiu-se uma longa pausa frouxa e, depois, uns pés silenciosos aproximaram-se. Diondra abriu a porta, definitivamente viva. Nem sequer estava muito diferente das fotografias que eu tinha visto dela. Tinha abandonado a permanente aos canudos, mas ainda usava o cabelo escuro às ondas, ainda usava o eyeliner preto e grosso que fazia os olhos parecer azul-claros, como rebugados. Aplicara duas camadas de rímel, filamentosos, que lhe tinham deixado grumos pretos nos papos debaixo dos olhos. Os lábios eram carnudos como os lábios de uma vulva. O rosto e o corpo eram uma série de curvas suaves: faces rosadas com umas ligeiras bochechas, seios a transbordarem um nadinha do sutiã, uma argola de pele a bordejar a cintura dos jeans.

— Oh — disse ela ao abrir a porta, deixando sair uma onda de calor. — Libby?

— Sim.

Ela levou as mãos ao meu rosto.

— Fogo, Libby. Sempre achei que um dia ias acabar por me encontrar. És uma rapariga esperta. — Abraçou-me e depois afastou-me um pouco. — Olá. Entra.

Entrei para uma cozinha com um espaço ao lado para comer, que me fez lembrar a minha própria casa, que já não existia. Atravessámos um pequeno corredor. À minha direita, a porta de uma cave estava aberta, deixando passar rajadas de ar frio. Que negligência. Entrámos para uma sala de estar com o teto baixo, fumo de cigarro a desprender-se de um cinzeiro no chão, as paredes amarelas, os móveis todos com ar cansado. Um televisor enorme encontrava-se de encontro a uma parede como se fosse um pequeno sofá.

— Importas-te de tirar os sapatos, querida? — disse ela, apontando para a alcatifa da sala, que estava pegajosa e suja. A casa toda parecia torta, maltratada, manchada. Umagalhão miniatura de cão estava amontoado junto das escadas e Diondra desviou-se dele destramente.

Conduziu-me para o sofá, deixando um rasto de pelo menos três cheiros diferentes: a laca com perfume de uva, a creme floral e talvez... repelente de inseto? Vestia uma blusa decotada com uns jeans apertados e umas bugingangas de adolescente. Era uma daquelas mulheres de meia-idade que achava que estava a enganar alguém.

Seguia-a, sentindo a falta dos centímetros a mais que as minhas botas de salto me davam, sentindo-me infantil. Diondra virou-se de perfil para mim, fitando-me pelo canto do olho, e vi um canino afilado espreitar por baixo do lábio superior. Inclinou a cabeça para o lado e disse:

— Entra, senta-te. Meu Deus, és mesmo uma Day, hã? Sempre adorei esse cabelo ruivo-vivo.

Assim que nos sentámos, três caniches de patas atarracadas vieram a correr, com as coleiras a tilintarem como sinos, e treparam para o colo dela. Fiquei hirta.

— Fogo, és mesmo uma Day — disse ela, soltando uma gargalhada. — O Ben ficava sempre nervoso perto de cães. Mas os que eu tinha antes eram maiores do que estas coisinhas. — Deixou os cães lamberem-lhe os dedos, as línguas cor-de-rosa a entrarem e a saírem da boca muito depressa. — Então, Libby — começou ela, como se o meu nome, a minha existência, fosse uma piada privada —, o Ben disse-te onde me encontrar? Diz-me a verdade.

— Encontrei-te graças a uma coisa que o Trey Teepano disse.

— O Trey? Meu Deus. Como é que chegaste ao Trey Teepano?

— Ele tem uma loja de rações, vem nas Páginas Amarelas.

— Uma loja de rações. Nunca me teria passado pela cabeça. Como é que ele está de aspeto, já agora?

Acenei entusiasticamente com a cabeça — está com boa cara —, mas contive-me e disse:

— Estiveste com o Ben naquela noite.

— Mmmm-hmmm. Pois estive. — Perscrutou-me o rosto, desconfiada, mas interessada.

— Quero saber o que aconteceu.

— Porquê? — perguntou ela.

— Porquê?

— Desculpa, Miss Libby, mas isto é tudo tão inesperado. O Ben disse-te alguma coisa? Porque é que vieste à minha procura agora? Porquê agora?

— Preciso de saber ao certo o que aconteceu.

— Oh, Libby. Ohhh. — Lançou-me um olhar de compaixão. — O Ben não se importa de cumprir pena pelo que aconteceu naquela noite. Ele quer cumprir a pena. É deixá-lo.

— Ele matou a minha família?

— Foi por isso que vieste?

— O Ben matou a minha família?

Ela limitou-se a sorrir, mantendo rígidos aqueles seus lábios sem demarcação.

— Preciso de paz de espírito, Diondra, por favor. Diz-me só.

— Então, isto é uma questão de paz de espírito, Libby? Achas que, se souberes a resposta, vais ter paz de espírito? Como se o facto de saberes te fosse sarar? Achas que depois do que te aconteceu vais ter paz de espírito, querida? E se em vez de te interrogares sobre o que aconteceu, te limitasses a aceitá-lo? Dai-me serenidade para aceitar as coisas que não posso mudar, a Prece da Serenidade. Ajudou-me muito.

— Diz só, Diondra, conta-me. Depois, eu tentarei aceitar.

O sol estava a pôr-se, incidindo em nós pela janela das traseiras, fazendo-me pestanejar por causa da luz. Ela debruçou-se para mim e pegou-me nas duas mãos.

— Lamento muito, Libby, mas não sei. Estive com o Ben naquela noite. Tínhamos planeado ir embora de Kinnakee. Eu estava grávida dele. Íamos fugir. Ele foi a vossa casa buscar dinheiro. Passou uma hora, duas horas, três horas. Pensei que ele tinha perdido a coragem. Acabei por adormecer de tanto chorar. No dia seguinte de manhã, soube do que aconteceu. Ao princípio, pensei que ele também tinha sido assassinado. Depois, ouvi dizer que não, que estava preso e que a polícia pensava que ele fazia parte de uma seita qualquer, uma seita satânica do tipo da do Charles Manson, de que eles andavam à procura. Fiquei à espera que me viessem bater à porta. Mas ninguém apareceu. Passaram-se dias e ouvi dizer que o Ben não tinha álibi, que não disse absolutamente nada sobre mim. Ele estava a proteger-me.

— Estes anos todos.

— Estes anos todos, sim. A polícia nunca acreditou que tivesse sido só o Ben o culpado, queriam mais. Ficaria melhor perante a opinião pública. Mas o Ben nunca disse nada. É o meu herói.

— Portanto, ninguém sabe o que aconteceu naquela noite. Quer dizer que nunca, mas nunca, vou descobrir o que aconteceu. — Senti um estranho alívio ao dizê-lo em voz alta. Talvez agora pudesse desistir. Se nunca, nunca fosse possível saber a verdade, talvez pudesse desistir.

— Por acaso, até acho que podes encontrar alguma paz de espírito se aceites isso. Não me parece que o Ben seja culpado, Libby. Acho que ele está a proteger o teu pai, é o que eu acho. Mas vá-se lá saber? Odeio dizer isto, mas o que quer que tenha acontecido naquela noite, o Ben precisava de ir parar à cadeia. Ele próprio o diz. Ele tinha qualquer coisa dentro dele que não estava certa no mundo cá fora. Uma violência. Ele está muito melhor na prisão. É muito popular lá dentro. Corresponde-se com um monte de mulheres, as mulheres são doidas por ele. Todos os anos recebe uma dúzia de pedidos de casamento. Uma vez por outra, ele acha que quer sair. Mas não quer.

— Como é que sabes isso?

— Mantemo-nos em contacto — disse ela bruscamente, e depois fez um sorriso delicado. A luz laranja-amarelada do pôr do sol raiou-lhe o queixo e os olhos ficaram subitamente no escuro.

— Que é feito do bebé, Diondra? O bebé que tiveste dele?

— Estou aqui — disse a Menina Day.

01h11

Ben abriu a porta que dava para a sala escura e pensou: estou em casa. Como um herói marinheiro que regressa a casa depois de meses no mar. Quase fechou a porta na cara de Diondra — não me apanhas —, mas deixou-a entrar, porque sim. Porque tinha medo do que aconteceria se não deixasse. Pelo menos era um alívio Trey não ter ido com eles. Não queria Trey a andar pela sua casa fora, a fazer os seus comentários espertalhões sobre coisas que Ben já sabia que eram embaraçosas.

Estavam todas a dormir, a casa inteira a fazer uma inspiração-expiração coletiva. Teve vontade de acordar a mãe, desejou que ela dobrasse a esquina, de olhos ensonados, dentro dos seus casulos de roupa, e lhe perguntasse onde é que tinha andado, que raio lhe passara pela cabeça para desaparecer assim?

O Diabo. O Diabo possuiu-me, mãe.

Não queria ir a lado nenhum com Diondra, mas ela estava atrás dele, a espumar de raiva por todos os poros, de olhos arregalados — despacha-te, despacha-te — e, por isso, ele começou a mexerica silenciosamente nos armários, à procura de dinheiro nos esconderijos da mãe. No primeiro armário, encontrou uma velha caixa de flocos de trigo, abriu-a e engoliu o máximo que conseguiu de cereais secos, que lhe ficaram colados aos lábios e à garganta, fazendo-o tossir um bocado, uma tosse de bebé. Depois, enterrou a mão toda na caixa e tirou os flocos às mãos-cheias, enfiando-os na boca. Quando abriu o frigorífico, encontrou um Tupperware cheio de ervilhas e cenouras cortadas aos pedaços com uma crosta de manteiga no cimo; enfiou uma colher nos legumes, levou os lábios à borda do recipiente de plástico e meteu tudo na boca às pazadas, deixando cair ervilhas pelo peito abaixo e para o chão.

— Despacha-te! — sibilou Diondra. Ele continuava com as calças roxas de fato de treino dela; ela vestia uns jeans novos, todos giros, uma camisola vermelha e sapatos pretos masculinos que gostava de usar, só que os pés de Diondra eram tão grandes que os sapatos eram mesmo de homem. Ela não gostava que lhe chamassem a atenção para isso. Pôs-se a tamborilar com um dos sapatos no chão, despacha-te, despacha-te.

— Vamos para o meu quarto — disse ele. — Tenho dinheiro lá. E uma prenda para ti. — Diondra animou-se logo; até naquele estado, ainda com os olhos a turvarem-se e o corpo a vacilar de droga e álcool, ela se deixava distrair pela ideia de receber uma prenda.

O cadeado do quarto estava partido e Ben irritou-se e, a seguir, ficou preocupado. Teria sido a mãe ou a polícia? Não que eles pudessem ter encontrado alguma coisa, mas ainda assim... Abriu a porta, acendeu a luz, Diondra fechou a porta atrás deles e sentou-se na cama. Estava a falar, a falar, a falar, mas ele não a ouvia, e depois ela desatou a chorar e por isso ele parou de arrumar as suas coisas e deitou-se ao lado dela. Acariciou-lhe o

cabelo e afagou-lhe a barriga e tentou sossegá-la, tentou murmurar qualquer coisa reconfortante, dizer que a vida deles juntos ia ser espetacular e mais mentiras desse género. Ela demorou uma boa meia hora a acalmar-se. E quem estava cheia de pressa era ela. Típico.

Ele levantou-se, olhando para o relógio, desejoso de sair dali, se realmente a ideia era ir embora. A porta entreabriu-se uma nesga e ele nem sequer parou para a fechar, queria a aberta, o perigo fazia-o despachar-se mais depressa. Atirou jeans e camisolas de lã para dentro de um saco de desporto, juntamente com o caderno cheio de nomes de raparigas de que ele gostaria para o bebé. Continuava a achar que Krissi Day era o melhor, era um bom nome, Krissi Day. Krissi Patricia Day ou então, em honra de Diane, Krissi Diane Day. Gostava disso, porque assim os amigos dela chamar-lhe-iam D-Day, seria fixe. Mas teria de convencer Diondra, ela achara os nomes todos demasiado banais. Ela queria nomes do estilo Ambrósia e Calíope e Rouxinol.

De saco de desporto ao ombro, meteu a mão no fundo da gaveta da secretária e tirou o seu maço secreto de dinheiro. Andara a surripiar notas de cinco e de dez aqui e ali, convencera-se de que tinha uns trezentos, quatrocentos dólares, mas agora via que afinal não chegavam a cem. Ficou-os no bolso, pôs-se de gatas para tirar o saco de plástico de debaixo da cama e deparou com o espaço vazio no sítio onde deveria estar o saco com as roupas. As roupas da sua filha.

— Onde é que está a minha prenda? — perguntou Diondra, um som gutural, porque estava deitada de costas, com a barriga a apontar para o teto, beligerante, como um pirete.

Ben levantou a cabeça, olhou para ela, para o batom esborratado e os olhos pretos com o rímel a pingar pelas faces, e pensou que ela parecia um monstro.

— Não a consigo encontrar — disse.

— Como, não a consegues encontrar?

— Não consigo, alguém mexeu nas minhas coisas.

Ficaram ambos parados à luz crua da lâmpada, sem saberem o que fazer.

— Achas que foi uma das tuas irmãs?

— Talvez. A Michelle anda sempre a bisbilhotar no meu quarto. E também não tenho tanto dinheiro como pensava.

Diondra sentou-se, agarrando na barriga, um gesto que nunca era afetuoso nem protetor. Agarrava nela como se fosse um fardo que ele nem se oferecia para transportar, de tão estúpido que era. Segurou nela, espetada na direção de Ben, e disse:

— Tu és o pai deste maldito bebé, por isso é bom arranjares uma solução depressa, foste tu que me engravidaste, por isso resolve. Estou grávida de quase sete meses, posso ter o bebé a qualquer instante e tu...

Um tremeluzir junto da porta, um vislumbre de camisa de noite e depois um pé espetado, a tentar manter o equilíbrio. Um toque accidental e a porta abriu-se de par em par. Michelle andava à coca no corredor, a tentar ouvir a conversa deles, até que se encostou demasiado e o seu rosto de lua cheia apareceu na totalidade, com aqueles seus olhos enormes a refletirem dois quadrados de luz. Trazia o diário novo nas mãos e um fio de tinta de caneta a escorrer-lhe da boca.

Michelle olhou de Ben para Diondra e depois assumidamente para a barriga de Diondra e disse:

— O Ben engravidou uma rapariga. Eu sabia!

Ben não lhe conseguia ver os olhos, só a luz nos óculos e o sorriso mais abaixo.

— Já contaste à mãe? — perguntou Michelle, ficando inebriada, a sua voz um ferrão a provocá-lo. — Queres que vá contar à mãe?

Ben preparava-se para a agarrar, para a levar de volta para a cama com uma ameaça, quando Diondra se precipitou para ela. Michelle tentou chegar à porta, mas Diondra apanhou-a pelos cabelos, aqueles cabelos castanhos compridos, e puxou-a para o chão. Michelle aterrou com força em cima do cóccix, Diondra sussurrou-lhe nem uma palavra, sua cabrazinha de merda, nem uma palavra, e Michelle contorceu-se e afastou-se, empurrando o corpo com os pés escorregadios nas paredes, deixando Diondra com um tufo de cabelo nas mãos, que atirou para o chão, e foi atrás de Michelle, e se Michelle tivesse corrido para o quarto da mãe talvez tudo se tivesse resolvido, a mãe teria tomado conta da situação, mas em vez disso correu para o quarto dela, o quarto das meninas, e Diondra foi atrás dela, com Ben a reboque, a sussurrar Para, Diondra, para, esquece. Mas Diondra não fazia tenções de esquecer, foi direita à cama de Michelle, onde Michelle estava toda enroscada de encontro à parede, a choramingar, e puxou-a por uma perna, pô-la direita na cama e sentou-se em cima dela: Queres contar a toda a gente que estou grávida, é esse o teu plano, um dos teus esquemazinhos, um segredinho de merda para venderes a cinquenta cêntimos, vais dizer à tua mãezinha: imagina o que eu descobri? Não me parece, minha cabra de merda, porque é que toda a gente nesta família é tão estúpida?, e pôs as mãos à volta do pescoço de Michelle, os pés de Michelle enfiados numa pantufas a imitar patas de cachorro a darem pontapés para cima e para baixo, Ben a observar os pés, desligado, a pensar que pareciam mesmo patas de cachorro, e depois Debby acordou lentamente do seu sono de morta-viva, por isso Ben fechou a porta em vez de a abrir de par em par e chamar a mãe, ele queria que se mantivesse tudo em silêncio, o seu único instinto era cumprir o plano de não acordar ninguém, e ele estava a tentar argumentar com Diondra, a pensar que ia correr tudo bem, Diondra, Diondra, acalma-te, ela não conta nada a ninguém, larga-a e Diondra a fazer cada vez mais pressão no pescoço de Michelle, Achas que vou passar a minha vida toda com medo desta cabra, e Michelle a arranhar, depois a apunhalar a mão de Diondra com a caneta, um reluzir de sangue, Diondra largou-a um segundo, com ar surpreendido, como se não acreditasse naquilo, e Michelle encostou-se para o lado e sorveu o ar às golfadas e Diondra agarrou-se outra vez ao pescoço dela e Ben pousou as mãos nos ombros de Diondra para a puxar para trás, mas as suas mãos limitaram-se a ficar pousadas, sem fazer nada.

A Menina Day era esguia, quase se poderia considerar alta e, quando entrou na sala, mostrou-me um rosto que era basicamente o meu. Também tinha o nosso cabelo ruivo, pintado de castanho, com as raízes a verem-se exatamente como as minhas há uns dias. Devia ter herdado a altura de Diondra, mas o rosto era puramente nosso, meu, de Ben, da minha mãe. Ela ficou pasmada a olhar para mim e depois abanou a cabeça.

— Desculpe, foi uma sensação estranha — disse ela, corada. Tinha a pele pontilhada de sardas como a nossa família. — Não sabia. Acho que faz sentido sermos parecidas, mas... bolas! — Olhou para a mãe e depois novamente para mim, para as minhas mãos, as mãos dela, o coto do meu dedo. — Sou a Crystal. Sou a sua sobrinha.

Senti que a devia abraçar e tive vontade de o fazer. Demos um aperto de mão.

A rapariga hesitou junto de nós, retorcendo os braços um no outro como uma trança, sempre a olhar para mim de lado, como uma pessoa que vislumbra o seu reflexo numa montra ao passar na rua e tenta observar-se sem que ninguém repare.

— Eu disse-te que, se fosse para acontecer, acontecia, querida — disse Diondra. — Portanto, aqui a tens. Anda, senta-te aqui connosco.

A rapariga deixou-se cair preguiçosamente ao colo da mãe, encostando-se à curva do cotovelo de Diondra, com a face no ombro da mãe, Diondra a brincar com uma madeixa de cabelo ruivo/castanho. Observou-me dessa perspetiva, sentindo-se em segurança.

— Nem acredito que finalmente tenho a oportunidade de a conhecer — disse ela. — Supostamente nunca a deveria conhecer. Sou um segredo, sabia? — Levantou os olhos para a mãe. — Fruto de um amor clandestino, não é?

— É isso mesmo — respondeu Diondra.

Portanto, a rapariga sabia quem era, quem eram os Day, que o pai era Ben Day. Fiquei espantada por Diondra confiar na filha ao ponto de lhe contar a verdade e esperar que ela guardasse segredo e não me procurasse. Perguntei-me há quanto tempo é que Crystal saberia, se alguma vez teria passado de carro pela minha casa só para ver, só para dar uma vista de olhos. Perguntei-me porque é que Diondra teria contado à filha uma verdade tão terrível, quando não precisava de o ter feito.

Diondra deve ter adivinhado os meus pensamentos.

— Não há problema — disse ela. — A Crystal sabe da história toda. Eu conto-lhe tudo. Somos a melhor amiga uma da outra.

A filha fez que sim com a cabeça.

— Até tenho um pequeno álbum com fotografias de vocês todos. Bom, fotografias que recortei de revistas e jornais. É uma espécie de imitação de álbum de família. Sempre a quis conhecer. Como é que a devo tratar, por tia Libby? Acha esquisito? É demasiado esquisito.

Eu não sabia o que responder. Senti apenas alívio. Os Day ainda não estavam extintos. Aliás, estavam a florescer, com esta rapariga bonita e alta que era parecida comigo, mas

tinha todos os dedos das mãos e dos pés e não tinha o meu cérebro de pesadelo. Tive vontade de fazer uma catadupa de perguntas bisbilhoteiras: ela tinha problemas de vista como Michelle? Era alérgica a morangos como a minha mãe? Tinha mel nas veias, como Debby, e era devorada viva pelos mosquitos, passava o verão a feder a repelente de insetos? Tinha mau feitiço como eu, era distante como Ben? Era manipuladora e carecia de uma consciência como Runner? Como é que ela era, como é que ela era, contem-me de que maneira ela era parecida com os Day e lembrem-me de como nós éramos.

— Li o seu livro — acrescentou Crystal. — Um Novo Dia. É muito bom. Fiquei cheia de vontade de contar a alguém que a conhecia, porque, enfim, fiquei orgulhosa. — A voz dela tinha a cadência de uma flauta, como se estivesse constantemente à beira do riso.

— Oh, obrigada.

— Estás bem, Libby? — perguntou Diondra.

— Hum, não sei, acho que continuo sem perceber porque é que se mantiveram este tempo todo na clandestinidade. Porque é que o Ben continua a jurar que não te conhece. Depreendo que ele nunca conheceu sequer a filha.

Crystal fez que não com a cabeça.

— Mas eu adorava conhecê-lo. É o meu herói. Protegeu a minha mãe, e a mim, estes anos todos.

— Precisamos mesmo que guardes segredo, Libby, e não fales a ninguém de nós — disse Diondra. — Temos esperanças que cumpras isto. Não posso correr o risco de que pensem que fui cúmplice dos crimes. Não posso correr esse risco. Por causa da Crystal.

— Não vejo qual é a necessidade de tanto segredo...

— Por favor? — insistiu Crystal. Falou numa voz simples, mas urgente. — Por favor. Não suporto a ideia de que venham cá a qualquer instante e me tirem a minha mãe. Ela é mesmo a minha melhor amiga.

Sim, já o ouvi da boca das duas. Quase revirei os olhos, mas vi que a rapariga estava à beira das lágrimas. Portanto, ela tinha mesmo medo daquele espectro que Diondra criara: os polícias papões, vingativos, que podiam irromper pela casa dentro e levar a mãe dela. Aposto que de facto Diondra era a melhor amiga da filha. Durante aqueles anos todos, tinham vivido num casulo composto por duas pessoas. Segredo. Temos de guardar segredo em nome da mamã.

— Quer dizer que fugiste e nunca disseste nada aos teus pais?

— Fugi quando a barriga começou a notar-se demasiado — disse Diondra. — Os meus pais eram loucos. Foi um alívio livrar-me deles. O bebé era um segredo só nosso, meu e do Ben.

Um segredo em casa dos Day, coisa rara. Finalmente, Michelle passara ao largo de uma notícia em grande.

— Está a sorrir — constatou Crystal, com um ligeiro sorriso igual ao meu no rosto.

— Ah, estava só a pensar como a minha irmã Michelle teria adorado deitar a mão a um mexerico desses. Ela adorava melodramas.

Foi como se eu lhes tivesse dado uma bofetada.

— Desculpem, não estava a tentar fazer pouco da situação — disse eu.

— Ah, não, não te preocupes — respondeu Diondra. Ficámos especadas a olhar umas

para as outras, com os dedos e as mãos e os pés irrequietos. Diondra quebrou o silêncio:
— Queres ficar para jantar, Libby?

Ela serviu-me um assado na caçarola demasiado salgado, que me esforcei por engolir com muito vinho rosé de uma embalagem que parecia não ter fundo. Não bebericámos, bebemos. Aquelas duas eram cá das minhas. Falámos sobre trivialidades, histórias sobre o meu irmão, com Crystal a fazer pergunta atrás de pergunta sobre coisas às quais eu não sabia responder, o que me deixou envergonhada: Ben gostava de rock ou de música clássica? Ele lia muito? Era diabético? Porque ela tinha problemas com os níveis de açúcar no sangue. E a avó Patty, como é que ela era?

— Gostava de os conhecer, como pessoas, entende? E não como vítimas — explicou ela, com o ar zeloso de uma rapariga de vinte e poucos anos.

Pedi licença para ir à casa de banho, precisava de me afastar uns instantes das memórias, da rapariga, de Diondra. Tomei consciência de que tinha esgotado as pessoas com quem falar, que tinha chegado ao fim e agora só me restava fazer inversão de marcha e voltar a pensar em Runner. A casa de banho era tão nojenta como o resto da casa, suja de bolor, a água da sanita a correr sem parar, bocados de papel higiénico manchados de batom caídos no chão à volta do caixote do lixo. Vendo-me sozinha pela primeira vez naquela casa, não resisti à tentação de procurar um souvenir. Em cima do autoclismo estava uma jarra de esmalte vermelho, mas eu não tinha levado a minha carteira para a casa de banho. Precisava de um objeto pequeno. Abri o armário dos medicamentos e encontrei vários frascos com o nome Polly Palm escrito no rótulo. Comprimidos para dormir, analgésicos e anti-histamínicos. Tirei uns quantos Vicodin, depois surripiei um batom rosa-claro e um termómetro. Um achado, porque eu nunca me lembraria de comprar um termómetro, mas sempre quisera ter um. Quando me enfio na cama, é bom saber se estou doente ou simplesmente a ser preguiçosa.

Voltei para a mesa. Crystal estava sentada com um pé em cima da cadeira e o queixo apoiado no joelho.

— Ainda tenho mais perguntas para lhe fazer — anunciou ela, a sua voz de flauta a percorrer a escala de cima abaixo.

— Provavelmente, eu é que não tenho respostas — comecei, a tentar desmotivá-la. — Era tão pequena quando aquilo tudo aconteceu. Aliás, já me tinha esquecido de muitas coisas sobre a minha família até começar a falar com o Ben.

— Não tem álbuns de família? — perguntou Crystal.

— Tenho. Estiveram guardados durante uns tempos, dentro de caixas.

— Era demasiado penoso — disse Crystal, numa voz abafada.

— Só agora é que voltei a mexer nas caixas... álbuns de fotografias, livros do liceu e um monte de coisas antigas.

— O quê, por exemplo? — disse Diondra, esmagando umas ervilhas com o garfo, como um adolescente entediado.

— Bom, metade das coisas são tralhas da Michelle — indiquei, desejosa de poder responder com convicção a pelo menos uma pergunta.

— O quê, brinquedos? — disse Crystal, brincando com uma ponta da saia.

— Não, bilhetes e outras tretas. Diários. A Michelle tinha a mania de apontar tudo. Se via uma professora a fazer qualquer coisa estranha, apontava logo no diário, se achava que a nossa mãe tinha um filho preferido, escrevia isso no diário, se tinha uma discussão com a melhor amiga por causa de um rapaz de que ambas gostavam, anotava...

— ... odd Delhunt — murmurou Crystal, acenando com a cabeça. Bebeu mais um pouco de vinho de um só trago.

— ... no diário — continuei, sem prestar atenção. Mas depois prestei. Ela disse Todd Delhunt? Foi mesmo Todd Delhunt, eu nunca me teria lembrado desse nome sozinha, daquela grande discussão em que Michelle se meteu por causa de Todd Delhunt. Acontecera no Natal, mesmo antes dos crimes, lembro-me de ela ter passado a manhã toda de Natal agitada, a escrevinhar no diário novo. Mas. Todd Delhunt, como é que...?

— Conhecias a Michelle? — perguntei a Diondra, o meu cérebro ainda a trabalhar.

— Não muito bem — respondeu Diondra. — Não, não a conhecia — acrescentou, e fez-me lembrar Ben a fingir que não conhecia Diondra.

— Agora é a minha vez de ir fazer chichi — disse Crystal, bebendo um último gole de vinho.

— Então — comecei, e deixei a frase em suspenso. Era impossível Crystal saber que Michelle tinha tido uma paixão por Todd Delhunt, a menos que... A menos que tivesse lido o diário de Michelle. O que ela recebera no dia de Natal, para arrancar o ano de 1985. Eu tinha partido do princípio de que não faltava nenhum diário, porque o de 1984 estava intacto, mas nem sequer tinha pensado em 1985. O diário novo de Michelle, com apenas nove dias de pensamentos... era esse que Crystal estava a citar. Ela tinha lido o diário da minha irmã morta...

Captei um reflexo metálico à minha direita, no instante em que Crystal espetou com um antigo ferro de engomar na minha têmpora, de boca arreganhada num grito petrificado.

02h03

Patty acabara por adormecer, o que era absolutamente ridículo, e acordara às 02h02, escapulira-se de debaixo de Libby e atravessara o corredor a arrastar os pés. Alguém murmurou dentro do quarto das meninas, uma das camas rangeu. Michelle e Debby tinham o sono profundo, mas eram barulhentas: atiravam as cobertas para o chão, falavam a dormir. Passou à frente do quarto de Ben, a luz ainda estava acesa desde que ela violara o cadeado e entrara. Ter-se-ia demorado um pouco mais, mas estava atrasada e Calvin Diehl não parecia um homem que tolerasse atrasos.

Ben Bebé.

Era melhor não ter tempo. Dirigiu-se para a porta e, em vez de se preocupar com o frio, pensou no mar, naquela sua única viagem ao Texas quando era mais nova. Imaginou-se coberta de óleo e a tostar, a água a enrolar-se no seu corpo, sal nos lábios. Sol.

Abriu a porta e a faca enterrou-se-lhe no peito e ela dobrou-se pela cintura, caindo nos braços do homem, que sussurrou: Não se preocupe, daqui a trinta segundos já acabou, vamos só dar mais uma para ter a certeza, e afastou o corpo dela do seu, inclinando-a para o chão como se fosse uma bailarina, e Patty sentiu a faca rodar no seu peito, não a atingira no coração, devia tê-la atingido no coração, e sentiu o aço a remexer dentro de si e o homem baixou os olhos para ela com uma expressão bondosa, preparando-se para lhe dar mais uma punhalada, mas depois olhou por cima do ombro de Patty e o seu rosto ficou às manchas, o bigode começou a tremer...

— Que diabo...?

E Patty virou o rosto um nadinha, na direção do interior da casa, e era Debby, com a sua camisa de noite alfazema, os puxinhos tortos de ter estado deitada, uma fita branca pendurada ao longo do braço, a gritar: Mãe, estão a fazer mal à Michelle! Sem sequer reparar que também estavam a fazer mal à mãe, de tão concentrada que estava na sua mensagem: Anda, mãe, anda lá e a única coisa que passou pela cabeça de Patty foi: Maldita hora para teres um pesadelo. E a seguir: fecha a porta. Estava a pingar sangue para as pernas e, quando tentou fechar a porta para que Debby não a visse, o homem empurrou a porta e gritou Foda-sefoda-sefoddddaaaaa-se!, bradando aos ouvidos de Patty. Ela sentiu-o a tentar arrancar-lhe a faca do peito e percebeu o que isso significava, que ele queria ir atrás de Debby, que este homem que dissera que ninguém podia saber, ninguém o podia ver, queria que Debby morresse juntamente com Patty, e Patty levou a mão ao cabo e empurrou a lâmina mais para dentro da sua carne e o homem não parava de berrar e por fim largou a faca, deu um pontapé na porta e entrou e, quando Patty caiu no chão, viu-o precipitar-se para o machado, o machado que Michelle encostara junto da porta, e Debby desatou a correr para a mãe, a correr para ajudar a mãe, e Patty berrou Foge! E Debby

ficou petrificada, gritou, vomitou pelo peito abaixo, patinou no chão de ladrilhos e fugiu na direção oposta, conseguiu chegar ao fundo do corredor e dobrar a esquina, mas o homem alcançou-a de imediato, empunhou o machado, e Patty viu o machado descer e levantou-se, trôpega como um bêbado, sem conseguir ver nada de um olho, avançando como num pesadelo, em que os pés andam depressa mas não se chega a lado nenhum, a gritar Foge, Foge, Foge, e a dobrar a esquina, deparando com Debby deitada no chão com asas de sangue e o homem furibundo, de olhos molhados e a relampejar, berrando: Porque é que me obrigou a fazer isto?, e virou-se como se se fosse embora e Patty ultrapassou-o a correr, pegou em Debby, que cambaleou uns passinhos como quando era um bebé gorducho a aprender a andar, e estava gravemente ferida, o braço, o seu lindo braço, Está tudo bem, querida, vais ficar bem, e a faca escorregou do peito de Patty e caiu com estrépito no chão, o sangue a jorrar dela mais depressa, e o homem voltou, desta vez com uma caçadeira. A caçadeira de Patty, que ela colocara com tanto cuidado na cornija da lareira da sala, onde as meninas não conseguiam chegar. Ele apontou a arma a Patty, enquanto esta tentava pôr-se à frente de Debby, porque agora ela não podia morrer.

O homem engatilhou a arma e Patty teve tempo para um último pensamento: quem me dera, quem me dera, quem me dera poder voltar atrás.

E depois, com um som sibilante, como uma rajada de ar estival a entrar disparada pela janela de um automóvel, a explosão da caçadeira arrancou-lhe metade da cabeça.

— Desculpa, mãe — disse Crystal. Eu estava meio cega, só conseguia ver uma cor laranja-queimado, uma cor de quem olha para o céu de olhos fechados. Captei vislumbres da cozinha, mas as imagens desapareciam de imediato. Doía-me a bochecha, sentia-a a latejar pela coluna abaixo, até aos pés. Eu estava caída no chão, de cabeça para baixo, com Diondra sentada em cima de mim, com uma perna para cada lado. Sentia o cheiro dela — aquele cheiro a repelente de inseto — encavalitada nas minhas costas.

— Oh, meu Deus, lixei tudo.

— Não faz mal, querida, mas vai-me buscar a arma.

Ouvi os passos de Crystal nas escadas e, depois, Diondra virou-me de barriga para cima e agarrou-me o pescoço. Queria que ela me insultasse, gritasse qualquer coisa, mas ela estava calada, pesada, a respirar calmamente. Os dedos dela fincaram-se-me no pescoço. A minha jugular deu um salto e depois começou a latejar debaixo do polegar dela. Eu continuava sem conseguir ver nada. Daí a pouco estaria morta. Tinha a certeza disso, o meu coração batia mais depressa e depois demasiado devagar. Ela prendeu-me os braços com os joelhos, eu não os conseguia mexer, a única coisa que pude fazer foi dar pontapés no chão, com os pés a escorregarem. Ela estava a respirar para cima da minha cara, eu sentia o calor, imaginava a boca dela aberta sobre mim. Sim, eu conseguia imaginar onde estava a boca dela. Contorci-me uma última vez com toda a força, debaixo dela, libertei os braços e espetei-lhe um punho na cara.

Acertei em alguma coisa, o suficiente para a derrubar por um instante, um leve barulho de osso a estalar, o suficiente para eu ficar com o punho a arder. Depois, arrastei-me pelo chão fora, à procura de uma cadeira, a tentar ver, e as mãos dela agarraram-me no tornozelo. Desta vez, não escapas, querida, e ela segurou-me no pé dentro da meia, mas era o meu pé direito, o que tinha os dedos amputados e, por isso, era mais difícil de agarrar, as meias nunca assentavam bem e, de repente, levantei-me e deixei-a com uma das minhas meias nas mãos e nem sinais de Crystal, da arma, e corri para o fundo da casa, mas não conseguia ver, não era capaz de correr em linha reta, e em vez disso guinei para a direita, atravessei a tal porta que estava aberta e caí de cabeça pelas escadas abaixo até à cave fria, mole como uma criança, sem oferecer resistência, a maneira certa de cair e, quando cheguei ao fundo, pus-me logo de pé, no meio do cheiro a humidade. A minha visão piscou como um velho televisor, a ligar e a desligar, e a seguir distingui a sombra de Diondra parada no retângulo de luz ao cimo das escadas. Depois, ela fechou a porta e desapareceu.

Ouvi-as no andar de cima, Crystal a dizer:

— Vamos ter de a...

— Bom... agora, temos.

— Nem acredito, aquilo saiu-me pela boca fora, que estupidez...

Pus-me a correr às voltas na cave, a tentar encontrar uma saída: três paredes de

betão e uma parede ao fundo, coberta de tralha até ao teto. Diondra e Crystal não estavam preocupadas comigo, estavam a papaguear atrás da porta, eu a tirar coisas da pilha, à procura de um esconderijo, à procura de qualquer coisa que servisse de arma.

— ... ela não sabe ao certo o que aconteceu, não tem a certeza...

Abri uma arca dentro da qual me podia esconder, e morrer.

— ... sabe, não é estúpida...

Comecei a atirar para um canto um bengaleiro, dois pneus de bicicleta, a parede de tralha a abanar sempre que eu tirava qualquer coisa.

— ... eu faço, a culpa foi minha...

Toquei numa montanha de caixas velhas, abauladas como as que eu tinha debaixo das escadas. Quando as afastei, caiu um velho pau de um pula-pula, demasiado pesado para eu o conseguir empunhar.

— ... deixa estar, eu faço...

As vozes irritadas-culpadas-irritadas-culpadas-determinadas.

A cave era maior do que a casa em si, uma boa cave típica do Midwest, feita para aguentar tornados e armazenar legumes, profunda e suja. Continuei a tirar tralha, sem parar, e, quando me esgueirei por detrás de uma secretária enorme, encontrei uma antiga porta. Dava para outra divisão, a parte importante da cave preparada para tornados e, sim, era um beco sem saída, mas não havia tempo para pensar, tinha de avançar, e a luz acendeu-se na cave, Diondra e Crystal vinham aí e eu fechei a porta atrás de mim e entrei no espaço estreito, onde estavam mais coisas guardadas: gira-discos antigos, um berço, um minifrigorífico, tudo empilhado dos lados, restavam-me pouco mais de seis metros de espaço para fugir e atrás de mim ouvi uma parte da pilha de tralha a cair à frente da porta, mas isso não me ajudava muito, elas conseguiriam transpô-la numa questão de segundos.

— Dispara naquela direção, ela só pode estar ali ao fundo — disse Crystal e Diondra mandou-a calar, os passos delas pesados nos últimos degraus, com toda a calma, Diondra a afastar as coisas ao pontapé enquanto avançavam para a porta, a encurralarem-me como se eu fosse um animal com raiva que tinha de ser abatido. Diondra nem sequer estava concentrada, de repente disse:

— O assado estava demasiado salgado.

Dentro do meu quarto, reparei numa luz muito ténue ao canto. Vinha de algures no teto.

Avancei para ela, tropeçando numa carroça vermelha. As duas mulheres riram-se quando me ouviram cair e Crystal gritou: «Vais ficar com uma nódoa negra», Diondra atirava coisas ao chão e eu já debaixo da luz, era a abertura de uma ventoinha grande, a conduta de ventilação do abrigo em caso de tornado e era demasiado pequena para deixar passar a maior parte das pessoas, mas eu cabia, e comecei a empilhar coisas para conseguir lá chegar, para conseguir levar os dedos ao cimo para me poder içar, e Diondra e Crystal já quase tinham transposto os destroços. Tentei pôr-me de pé em cima de um velho carrinho de bebé, mas o assento cedeu, lacerei a perna, comecei a amontoar coisas em cima umas das outras: uma cómoda empenada para mudar fraldas e depois umas enciclopédias e eu em cima das enciclopédias, a senti-las a querer escorregar, mas

consegui levar os braços à conduta, partir as ripas da turbina ferrugenta, um grande impulso e eis-me a respirar o ar frio da noite, pronta para que o próximo balanço me fizesse sair da cave, mas Crystal agarrou-me num pé, tentou puxar-me para baixo, eu a dar-lhe pontapés, a espernear. Por baixo de mim, gritos: Dá-lhe um tiro! e Crystal a berrar Apanhei-a e o peso dela a puxar-me para baixo, eu a perder o apoio, meio dentro, meio fora do abrigo, até que dei um valente pontapé com o meu pé defeituoso e espetei o calcanhar em cheio na cara dela, parti-lhe o nariz, ela soltou um uivo de lobo e Diondra gritou Oh meu amor e eu livre, à superfície, com arranhões vermelhos, fundos, nos braços, por causa da conduta, mas já à superfície, no exterior, e enquanto tentava recuperar o fôlego, a respirar na lama, ouvi Diondra dizer: Vai lá para cima, vai lá para cima.

As minhas chaves do carro tinham desaparecido, perdidas algures dentro de casa, por isso dei meia-volta e corri para a floresta num trote coxo, como um animal com três patas, uma meia calçada, o outro pé descalço, a chafurdar na lama, a feder a esterco ao luar, e depois virei-me sentindo-me quase a salvo, e vi que elas já tinham saído de casa e vinham atrás de mim, a correr atrás de mim — rostos pálidos, ambos a sangrar —, mas consegui chegar à floresta. Tinha a cabeça a andar à roda, os olhos incapazes de reterem fosse o que fosse: uma árvore, o céu, um coelho a fugir de mim, assustado. Libby! atrás de mim. Adentrei-me mais no bosque, prestes a desmaiar, e, quando os meus olhos começavam a turvar-se, encontrei um carvalho gigantesco. Estava empoleirado num declive com pouco mais de um metro, as raízes nodosas a irradiarem como o sol, e desci por entre elas para o meio da terra e enfiei-me na antiga toca de um animal, debaixo de uma raiz grossa como um homem adulto. Escavei o solo frio e molhado, uma coisinha pequena numa pequena reentrância, a tremer mas em silêncio, escondida, que pelo menos era uma coisa que eu podia fazer.

As lanternas aproximaram-se, incidiram no tronco da árvore, as mulheres treparam por cima das raízes, por cima de mim, o vislumbre de uma saia, o brilho de uma perna sardenta, Ela tem de estar aqui, não pode ter ido longe, e eu a tentar não respirar, sabendo que, se o fizesse, seria uma golfada de ar que me faria levar um tiro na cara, por isso contive a respiração, enquanto sentia o peso delas mover as raízes e Crystal disse: Será que ela voltou para dentro de casa? e Diondra respondeu: Continua à procura, ela é rápida, como se soubesse, e elas viraram-se e correram para o interior da mata e eu respirei com a cabeça encostada ao chão, engoli ar com cheiro a húmus, com o rosto abafado contra a terra. Durante horas, a floresta ressoou com os gritos delas de fúria e frustração — isto é mau, isto é muito mau — e, a dada altura, os gritos pararam e eu esperei mais umas horas, até de madrugada, e só depois é que saí da toca e fui a manquejar por entre as árvores em direção à minha casa.

02h12

Diondra continuava encavalitada no corpo de Michelle. À escuta. Ben estava sentado, todo encolhido, a balouçar para a frente e para trás, enquanto do corredor lhes chegava o som de gritos e pragas, o machado a bater em carne, a caçadeira e o silêncio e depois a mãe dele a falar outra vez, talvez não estivesse ferida, talvez não, mas depois ele percebeu que estava, estava a fazer barulhos sem sentido, ohlallalala e ohhhhhhh, e aos encontros às paredes, e umas botas pesadas atravessaram o corredor em direção ao quarto da mãe, e depois o som horrível de umas mãozinhas a tentarem agarrar-se a qualquer coisa, as mãos de Debby a arranharem o chão de madeira e depois o machado outra vez e uma ruidosa expiração, e depois mais um tiro de caçadeira. Diondra estremeceu em cima de Michelle.

Os nervos de Diondra só se refletiam no cabelo, no tremor dos caracóis espessos à volta da cabeça. Tirando isso, ela estava completamente imóvel. Os passos detiveram-se à porta do quarto, a porta que Ben fechara assim que os gritos começaram, a porta atrás da qual ele estava escondido, enquanto a sua família jazia do lado de fora, a morrer. Ouviram um uivo — fodaaaaa-se — e depois os passos correram, pesados e duros, para fora de casa.

Ben sussurrou para Diondra, apontando para Michelle:

— Ela está bem? — E Diondra franziu o sobrolho como se ele a tivesse insultado.

— Não, está morta.

Ben não se conseguia levantar.

— Tens a certeza?

— Absoluta — respondeu Diondra, e saiu de cima dela. A cabeça de Michelle rolou para o lado, de olhos abertos postos em Ben. Os óculos partidos estavam caídos ao lado dela.

Diondra aproximou-se de Ben, os joelhos dela pararam diante do rosto dele. Ela esticou a mão.

— Anda, levanta-te.

Abriam a porta e Diondra arregalou os olhos como se estivesse a ver a primeira neve do ano. Havia sangue em toda a parte, Debby e a mãe numa poça de sangue, o machado e a caçadeira caídos no corredor, uma faca mais ao fundo. Diondra aproximou-se para ver mais de perto, o reflexo dela escuro na poça de sangue que escorria em direção a Ben.

— Foda-se — sussurrou. — Às tantas, metemo-nos mesmo com o Diabo.

Ben correu para a cozinha com vontade de vomitar na pia, a sensação de vômito reconfortante, deita tudo cá para fora deita tudo cá para fora, como a mãe costumava dizer, segurando-lhe na testa sobre a sanita quando ele era miúdo. Deita tudo cá para fora. Mas não conseguiu, por isso cambaleou para o telefone, mas Diondra apareceu à sua

frente para o impedir de o usar.

— Vais-me denunciar? Pelo que eu fiz à Michelle?

— Temos de chamar a polícia — disse ele, de olhos postos na caneca manchada da mãe, ainda com um resto de café no fundo.

— Onde é que está a mais pequenina? — perguntou Diondra. — Onde é que está o bebé?

— Oh, merda! Libby! — Ele atravessou o corredor a correr, a tentar não olhar para os corpos, fingindo que eram apenas obstáculos que ele tinha de saltar, e espreitou para dentro do quarto da mãe e sentiu o frio, viu a brisa a adejar as cortinas e a janela aberta. Voltou para a cozinha.

— Ela desapareceu — anunciou. — Conseguiu fugir, desapareceu.

— Então vai buscá-la.

Ben virou-se para a porta, prestes a correr lá para fora, mas depois deteve-se.

— Buscá-la para quê?

Diondra aproximou-se dele, pegou-lhe nas mãos e pô-las na sua barriga.

— Ben, não estás a ver como tudo encaixa? Achas que é só uma coincidência o facto de termos feito o ritual esta noite, de precisarmos de dinheiro e de — pum! — um homem matar a tua família? Vais herdar o dinheiro todo do seguro de vida da tua mãe. Vais poder fazer o que te apetecer: ir viver para a Califórnia, na praia, na Florida, podemos fazer seja o que for.

Ben nunca tinha dito que queria ir viver para a Califórnia ou para a Florida. Diondra é que tinha.

— Agora somos uma família, podemos ser uma verdadeira família. Mas a Libby é um problema. Se ela viu alguma coisa.

— E se não viu?

Mas Diondra abanou a cabeça:

— Não podemos deixar pontas soltas, amor. É demasiado perigoso. Há que ter coragem.

— Mas se temos de ir embora de Kinnakee esta noite, não posso ficar à espera do seguro de vida.

— É claro que não podemos ir embora hoje. Agora temos de ficar, pareceria suspeito de tu desaparecesses. Mas não vês a prenda que isto é? As pessoas vão esquecer a merda toda da Krissi Cates, porque agora és tu a vítima. As pessoas vão querer ser queridas para ti. Vou tentar esconder isto — tocou na barriga — mais um mês, não sei bem como. Vou andar sempre de casaco ou qualquer coisa assim. E, quando recebermos o dinheiro, metemo-nos num avião daqui para fora. Livres. Nunca mais vais ter de aturar merdas.

— E a Michelle?

— Eu tenho o diário dela — disse Diondra, mostrando-lhe o diário novo com a Minnie na capa. — Está tudo bem.

— Mas o que é que dizemos sobre a Michelle?

— Dizes que foi o louco que a matou, tal como matou o resto da tua família. Incluindo a Libby.

— Mas então e...?

— E, Ben, não podes dizer que me conheces, nunca, até nos irmos embora daqui. Eu não posso ter nada a ver com esta história. Entendes? Queres que eu tenha o nosso bebé na prisão, sabes o que acontece nesses casos, a criança vai para uma família de acolhimento e nunca mais a vês. Queres isso para o teu filho, para a mãe do teu filho? Tens aqui uma oportunidade de mostrar que és crescidinho, que és homem. Agora vai-me buscar a Libby.

Ele pegou numa lanterna grande e saiu para o frio, a gritar o nome de Libby. Ela era veloz, tinha jeito para correr, podia ter descido a rua toda e já ir na autoestrada. Ou então podia estar escondida no seu lugar habitual junto do lago. Ben pisou a neve, a perguntar-se se aquilo tudo seria uma trip má. Voltaria para casa e tudo estaria como antes, quando ouvira o clique da porta e estava tudo normal, toda a gente a dormir, uma noite normal.

Depois, viu uma imagem de Diondra agachada em cima de Michelle como uma gigantesca ave predadora, ambas a tremerem no escuro, e soube que nada ia ficar bem e soube também que não ia trazer Libby de volta para dentro de casa. Apontou a lanterna para o cimo dos juncos e viu o brilho dos cabelos ruivos dela entre o amarelo baço e gritou:

— Libby, não saias daí, querida! — E virou-se e correu para casa.

Diondra estava a atacar as paredes, a atacar o sofá, a gritar de dentes arreganhados. Manchara as paredes de sangue, escrevera coisas. Deixara pegadas em toda a parte com os seus sapatos de homem, comera Rice Krispies na cozinha e deixara rastros de comida atrás dela, e estava a deixar impressões digitais em todos os sítios, sem parar de gritar: «Limpa tudo como deve ser, limpa tudo muito bem», mas Ben sabia o que era, era a sede de sangue, a mesma sensação que ele experimentara, aquela explosão de raiva e poder que fazia uma pessoa sentir-se tão forte.

Limpou as pegadas todas muito bem, achava ele, embora fosse difícil perceber quais eram as da Diondra e quais as do homem. E quem era o cabrão do homem? Limpou tudo aquilo em que ela tocara: os interruptores das luzes, o machado, as bancadas, todos os objetos do seu quarto. Diondra apareceu à porta a dizer: «Limpei o pescoço da Michelle» e Ben tentou não pensar, não penses. Deixou as palavras escritas nas paredes, não sabia como resolver isso. Ela atacara a mãe com o machado, a mãe tinha novos golpes estranhos, profundos, e Ben perguntou-se como é que conseguia estar tão calmo e quando é que os seus ossos derreteriam e ele cairia para o chão, e disse a si próprio para se controlar, sê um homem, porra, fá-lo, sê um homem, faz o que tem de ser feito, sê homem, e conduziu Diondra para fora de casa e a quinta toda já cheirava a terra e morte. Quando fechou os olhos, viu um sol vermelho e pensou outra vez: Aniquilação.

LIBBY DAY
TEMPO PRESENTE

Eu ia ficar outra vez sem um ou dois dedos do pé. Estive sentada à porta de uma bomba de gasolina fechada durante quase uma hora, a esfregar os pés que formigavam, à espera de Lyle. Sempre que passava um carro, escondia-me atrás do edifício, caso fossem Crystal e Diondra à minha procura. Se me encontrassem agora, eu não poderia fugir. Apanhar-me-iam e eu estaria arrumada. Durante anos eu desejara morrer, mas, ultimamente, não, e muito menos às mãos daquelas cabras.

De uma cabina que havia à porta da bomba de gasolina, que eu nem sabia se estaria a funcionar, telefonara a Lyle, uma chamada a cobrar no destino, e ele começara a conversa antes mesmo de a operadora sair de linha: Ouviu? Ouviu? Não, não ouvi. Nem quero ouvir. Só quero que me venhas buscar. Desliguei antes que ele começasse a fazer perguntas.

— O que é que aconteceu? — disse Lyle quando finalmente chegou e deparou comigo a bater os dentes e a tremer, no ar gelado. Atirei-me para dentro do carro, com os braços cruzados como uma múmia para me proteger do frio.

— A Diondra está decididamente viva. Leva-me para casa, preciso de ir para casa.

— Precisas de ir ao hospital, tens a cara, tens a cara... Já viste o aspeto da tua cara?

— Puxou-me para debaixo da luz do tejadilho para eu me ver ao espelho.

— Sinto o estado em que ela está.

— Ou será melhor ir à polícia? O que é que aconteceu? Eu sabia que devia ter ido contigo. Libby. Libby, o que é que aconteceu?

Contei-lhe. A história toda, deixando-o destringar os pormenores por entre os meus ataques de choro, terminando com: e depois elas, depois elas tentaram matar-me... as palavras jorrando como mágoa, uma menina a contar à mãe que alguém foi mau para ela.

— Portanto, a Diondra matou a Michelle — disse Lyle. — Vamos à polícia.

— Não, não vamos. Só preciso de ir para casa. — As minhas palavras estavam coalhadas de ranho e lágrimas.

— Temos de ir à polícia, Libby.

Comecei a gritar, coisas horríveis, a bater com a cabeça no vidro, a berrar até me sair saliva pela boca, o que deixou Lyle ainda mais convencido de que me ia levar à polícia.

— Vais ver que é melhor ir à polícia, Libby. Quando eu te contar o que tenho para te contar, além disto tudo, vais querer ir à polícia.

Eu sabia que era exatamente que precisava de fazer, mas o meu cérebro estava infetado pelas recordações do que acontecera depois de a minha família ter sido assassinada: as longas horas esgotantes passadas a repetir vezes sem conta a minha história à polícia, as minhas pernas penduradas de cadeiras demasiado grandes, chocolate que deveria ser quente mas estava frio em copos de esferovite, eu incapaz de me aquecer, desejosa simplesmente de dormir, aquela exaustão total, em que até o rosto parece dormente. E uma pessoa pode dizer o que quiser, que não faz diferença nenhuma, porque de qualquer maneira estão todos mortos.

Lyle ligou o aquecimento no máximo e apontou todas as saídas de ar para mim.

— Muito bem, Libby, eu tenho novidades. Acho que, enfim, bom, vou contá-las simplesmente e pronto. Está bem?

— Estás a assustar-me, Lyle. Diz de uma vez o que se passa. — A luz do teto não era suficiente para nos iluminar, não parava de olhar para o parque de estacionamento a toda a volta para me certificar de que não vinha ninguém.

— Lembras-te do Anjo da Dívida? — começou Lyle. — Que o Kill Club andava a investigar? Ele foi apanhado num subúrbio de Chicago. Foi apanhado a tentar ajudar um idiota qualquer do mercado bolsista a encenar a sua própria morte. Devia parecer um acidente a cavalo. O Anjo foi apanhado num dos trilhos equestres, a atacar o tipo com uma rocha, a esmagar-lhe a cabeça. Chama-se Calvin Diehl. Costumava ser agricultor.

— Está bem — disse eu, mas sabia que vinha lá mais.

— Muito bem, acontece que ele anda a ajudar a matar pessoas desde os anos 80. Era esperto. Tem bilhetes manuscritos de toda a gente que assassinou, trinta e duas pessoas, a jurarem que o contrataram.

— Está bem.

— Um desses bilhetes era da tua mãe.

Dobrei-me pela cintura, mas sem tirar os olhos de Lyle.

— Ela contratou-o para a matar. Mas devia ser só a ela. Para vocês ficarem com o dinheiro do seguro de vida e salvarem a quinta. Para vos salvar a vocês, ao Ben. Eles têm o bilhete.

— Sim, e daí? Não, isso não faz sentido. A Diondra matou a Michelle. Ela tinha o diário. Acabámos de dizer que foi a Diondra...

— Pois, é precisamente isso. Este Calvin Diehl está a armar-se em herói do povo. Olha que nos últimos dias tem estado uma multidão à porta da cadeia, pessoas com cartazes a dizer coisas do género Diehl é Baril. Daqui a nada estão a escrever músicas sobre ele: que ajudava pessoas com dívidas a morrer para os bancos não ficarem com as propriedades, que lixava as companhias de seguros para elas pagarem as apólices. As pessoas estão a engolir a história. Mas, hum, ele diz que se recusa a confessar que assassinou essas trinta e duas pessoas, diz que foram suicídios assistidos. Morrer com dignidade. Mas aceitou as culpas pela morte da Debby. Diz que confessa ter matado a Debby, diz que ela o apanhou em flagrante e que as coisas descambaram. Diz que é a única pessoa de quem tem pena.

— E a Michelle?

— Ele diz que nem sequer viu a Michelle. Não há motivo nenhum para ele mentir.

— Dois assassinos — disse eu. — Dois assassinos na mesma noite. Só mesmo os Day para terem tanto azar.

Entre o momento em que me escondi na floresta e depois estive a choramingar na bomba de gasolina e depois a berrar no carro de Lyle e finalmente a convencer um ensonado assistente do xerife local de que não era louca (É irmã de quem?), passaram-se sete horas. No dia seguinte de manhã, já Diondra e Crystal se tinham evaporado e, quando digo evaporado, é no sentido literal. Encheram a casa de gás e ficou tudo reduzido a cinzas

antes mesmo de os camiões dos bombeiros terem podido sair do quartel.

Contei a minha história muito mais vezes e a história foi recebida com um misto de perplexidade e dúvida e, por fim, com uma ponta de crédito.

— Vamos precisar de mais qualquer coisa para a ligar ao assassinato da sua irmã, entende? — disse um dos detetives, enfiando-me um copo de esferovite com café frio na mão.

Passados dois dias, apareceram uns detetives à minha porta. Traziam fotocópias de cartas da minha mãe. Queriam saber se eu reconhecia a caligrafia dela, queriam saber se eu as queria ver.

A primeira era muito simples, um bilhete de uma página, absolvendo Calvin Diehl do seu assassinato.

A segunda era para nós.

Queridos Ben, Michelle, Debby e Libby,

Julgo que esta carta nunca vos chegará às mãos, mas o senhor Diehl disse que a guardava e acho que isso me dá um certo reconforto. Não sei. Os vossos avós sempre me disseram: leva uma vida útil. Acho que não consegui fazer isso, mas pelo menos posso ter uma morte útil. Espero que todos vocês me perdoem. Ben, aconteça o que acontecer, não se recriminem. As coisas fugiram ao nosso controlo e era isto que precisava de ser feito. A situação parece-me muito clara. De certa maneira, estou orgulhosa. A minha vida foi tão determinada por acidentes que me parece simpática a ideia de um «acidente de propósito» vir consertar as coisas agora. Um acidente feliz. Tomem conta uns dos outros, sei que a Diane tratará de vocês. Só fico triste ao pensar que não chegarei a ver as pessoas boas que vocês se vão tornar quando crescerem. Mas não preciso. Acredito piamente em vocês.

Com amor,

Mãe

Senti-me esventrada, vazia. A morte da minha mãe não foi útil. Senti uma descarga de raiva contra ela e depois imaginei aqueles derradeiros momentos sangrentos na casa, quando ela percebeu que o plano tinha corrido mal, vendo Debby, moribunda, no chão, e que era o fim, o fim da sua vida de má qualidade. A raiva cedeu lugar a uma estranha ternura, a que uma mãe sentiria por um filho, e pensei: pelo menos, ela tentou. Tentou, naquele último dia, com todas as forças de que uma pessoa era capaz.

E eu tentaria encontrar paz de espírito nisso.

04h12

Foi uma estupidez a maneira como as coisas descambaram tão depressa. E ele só tinha ido fazer-lhe um favor, à ruiva da quinta. Fogo, e ela nem sequer lhe tinha deixado dinheiro suficiente; acordaram dois mil dólares e ela deixou-lhe um envelope só com oitocentos e doze dólares e setenta e cinco centavos. Tudo naquela noite foi mesquinho e tacanho e estúpido. Um desastre completo. Ele fora desleixado, arrogante, indulgente e isso levava a... Ainda por cima, teria sido tão fácil despachá-la. A maior parte das pessoas era picuinhas sobre a maneira como queria morrer, mas a única coisa que ela pedira fora para ele não a afogar. Não queria morrer afogada, por favor. Ele podia ter resolvido o assunto de tantas maneiras simples, como sempre fizera. Mas fora tomar um copo ao bar, nada de especial, estavam sempre a passar camionistas por ali, ele nunca dava nas vistas. Mas o marido dela estava lá e era um idiota tão merdoso, um rato de esgoto tão inútil, que Calvin deu por si a tentar perceber qual era a onda daquele tal Runner, e as pessoas fartaram-se de contar histórias sobre ele, que tinha arruinado a quinta, arruinado a família, que estava endividado até ao pescoço. E Calvin Diehl, um homem de honra, tinha pensado: porque não?

Apunhalava a mulher no coração, na entrada de casa dela, e fazia aquele Runner passar um mau bocado. A polícia que interrogasse aquele merdas que não assumia as suas responsabilidades na vida. Ele que apanhasse um susto. Em última instância, o crime seria rotulado de fortuito, tão credível como qualquer outro esquema que ele armara, acidentes de viação e quedas de vagões. Perto de Ark City, afogara um homem no seu próprio trigo, fizera as coisas de maneira a parecer uma descarga accidental. As mortes de Calvin funcionavam sempre ao sabor das estações: afogamento durante as cheias de primavera, acidentes de caça no outono. Janeiro era o mês dos assaltos a casas e violência. Fim do Natal, o Ano Novo lembrava às pessoas o quão pouco a vida delas tinha mudado e, meu Deus, em janeiro a raiva toda vinha ao de cima.

Portanto, a ideia era apunhalá-la no coração, depressa, com uma grande faca de caça Bowie. Em trinta segundos estava despachada e a dor não era assim tão má, segundo diziam. Seria um choque enorme. Ela morria e era a irmã que a encontrava, ela certificava-se de que a irmã passaria lá por casa de manhã cedo. Nesse sentido, era uma mulher atenciosa.

Calvin precisava de voltar para sua casa, do lado de lá da fronteira com o Nebraska, e lavar o cabelo. Limpava-se com bocados de neve, tinha a cabeça a fumegar do frio. Mas ainda estava pegajosa. Não devia ter ficado com sangue na roupa e o no corpo e precisava de se livrar dele, sentia o cheiro a sangue no carro.

Encostou na berma da estrada, com as mãos a suar dentro das luvas. Pensou que tinha

visto uma criança, a correr na neve mais à frente, mas percebeu que estava simplesmente a ver a menina que matara. Uma coisinha rechonchuda, com o cabelo todo entrançado, a correr, e ele entrou em pânico, viu-a não como uma menina, não naquela altura, mas como uma presa, uma coisa que tinha de ser abatida. Não queria matá-la, mas ninguém podia ver a sua cara, acima de tudo ele tinha de se proteger e teve de a apanhar antes que ela acordasse os outros putos; ele sabia que havia mais putos e sabia que não tinha coragem de os matar a todos. Não era essa a sua missão, a sua missão era ajudar.

Viu a menina virar-se para fugir e, de repente, ele tinha o machado nas mãos. Também viu a caçadeira, mas pensou: o machado faz menos barulho, ainda vou a tempo de fazer isto discretamente.

E depois, talvez ele se tenha passado da cabeça, estava tão furioso com a menina — esquartejou uma menina! —, tão furioso com a ruiva por ela ter lixado aquilo tudo, por não ter morrido como devia. Matou uma menina com um machado. Rebentou com a cabeça de uma mãe de quatro filhos, a tiro, em vez de lhe ter dado a morte que ela merecia. Os últimos momentos de vida foram um horror para ela, um verdadeiro pesadelo, em vez de ele a ter simplesmente abraçado enquanto ela se esvaía em sangue na neve e morria com o rosto de encontro ao peito dele. Esquartejou uma menina.

Pela primeira vez na vida, Calvin Diehl viu-se como um assassino. Afundou-se no banco do carro e soltou um berro.

LIBBY DAY
TEMPO PRESENTE

Treze dias depois do desaparecimento de Diondra e Crystal, a polícia ainda não as encontrara, ainda não encontrara provas físicas que ligassem Diondra a Michelle. A caça ao homem começou a reduzir-se a um mero caso de incêndio criminoso, começou a esmorecer.

Lyle veio a minha casa ver televisão comigo, o seu novo hábito. Eu permitia que ele viesse desde que ele não falasse muito, deixei bem claro que ele não podia falar muito, mas tinha saudades dele nos dias em que não aparecia. Estávamos a ver um reality show qualquer particularmente grotesco, quando de repente Lyle se endireitou no sofá.

— Ei, essa camisola é minha.

Eu tinha vestido um daqueles pullovers dele demasiado justos, que lhe tirara da mala do carro um dia qualquer, e a verdade é que me assentava muito melhor a mim do que a ele.

— Fica-me muito melhor a mim do que a ti — disse eu.

— Meu Deus, Libby, não custava nada pedires. — Virou-se novamente para a televisão, onde umas mulheres estavam a engalfinhar-se umas com as outras como cães num canil. — Libby Dedos Adesivos. É uma pena não teres roubado a escova da Diondra quando foste a casa dela. Agora teríamos o ADN dela.

— Ah, o ADN mágico, mágico — disse eu. Deixara de acreditar no ADN.

Na televisão, uma loura agarrou noutra loura pelos cabelos e arrastou-a por uma escada abaixo e eu mudei de canal para um programa sobre crocodilos.

— Oh, oh, meu Deus — exclamei, saindo da sala a correr.

Quando voltei, pousei o batom e o termómetro da Diondra com força em cima da mesa.

— Lyle Wirth, és genial — disse eu, e dei-lhe um abraço.

— Bem — começou ele, e riu-se. — Uau. Hum, genial. A Libby Dedos Adesivos acha que sou genial.

— Completamente.

O ADN encontrado em ambos os objetos era igual ao da colcha da cama de Michelle. A caça ao homem inflamou-se. Não era de admirar que Diondra tivesse insistido tanto para nunca ter a menor ligação com Ben. Todos aqueles avanços científicos, um atrás do outro, a tornarem cada vez mais fácil comparar ADN: de ano para ano, ela devia sentir-se cada vez mais em perigo e não menos. Ótimo.

Apanharam Diondra numa agência de transferência de dinheiro em Amarillo. De Crystal não havia sinais, mas Diondra foi presa, embora tenham sido precisos quatro polícias para a enfiarem no carro. Portanto, Diondra estava na cadeia e Calvin Diehl tinha confessado. Até um tipo repulsivo que emprestava dinheiro foi apanhado e bastou o nome dele para eu ficar nervosa: Len. Perante isto tudo, seria de pensar que Ben tivesse sido libertado, mas

as coisas não são assim tão rápidas. Diondra não confessou absolutamente nada e, até o julgamento dela se desenrolar, as autoridades iam manter o meu irmão na prisão, uma vez que ele se recusava a implicá-la nos crimes. Fui visitá-lo no final de maio.

Ele parecia mais gordo, desalentado. Dirigiu-me um sorriso sem forças quando me sentei.

— Não sabia se me querias ver — disse eu.

— A Diondra teve sempre a certeza de que tu ias acabar por a encontrar. Sempre. Pelos vistos, tinha razão.

— Pelos vistos.

Nenhum de nós parecia com vontade de ir mais além. Ben protegera Diondra durante quase vinte e cinco anos e eu estragara tudo. Ele parecia magoado, mas não triste. Talvez sempre tivesse tido esperança de que ela fosse desmascarada. Eu queria acreditar nisso, para meu próprio bem. Foi fácil não o interrogar sobre essa questão.

— Vais sair daqui em breve, Ben. Consegues imaginar uma coisa dessas? Vais sair da prisão. — Isto era tudo menos uma informação segura. Uma faixa de sangue nos lençóis de uma menina morta é uma coisa boa, mas uma confissão seria melhor. Ainda assim, eu tinha esperança. Ainda assim.

— Não me importava nada — respondeu ele. — Acho que talvez já esteja na hora. Acho que vinte e quatro anos talvez seja suficiente. Suficiente por... ter ficado parado a ver. Sem fazer nada para impedir.

— Acho que sim.

Lyle e eu tínhamos juntado as peças daquela noite a partir do que Diondra me dissera: eles foram lá a casa, estavam prontos para fugir, e aconteceu qualquer coisa que fez Diondra passar-se da cabeça e ela matou Michelle. Ben não a impediu. O meu palpite era que Michelle tinha descoberto, de alguma maneira, a gravidez de Diondra, o bebé secreto. Um dia, pediria a Ben para me contar os pormenores. Mas, por agora, sabia que ele não me diria nada.

Os dois Day ficaram sentados a olhar um para o outro, a pensar coisas e a engoli-las. Ben coçou uma borbulha no braço, o Y da tatuagem Polly a espreitar por baixo da manga.

— Portanto: a Crystal. O que é que me podes dizer sobre a Crystal, Libby? O que é que aconteceu naquela noite? Ouvi versões diferentes. Ela tem... ela tem alguma coisa de errado? É má?

Portanto, agora era a vez do Ben se perguntar o que tinha acontecido numa casa solitária e fria nos arredores da cidade. Palpei as duas cicatrizes em forma de lágrima na minha maçã do osso, marcas das saídas de vapor do ferro de engomar.

— Ela é esperta para ter conseguido fugir à polícia este tempo todo — disse eu. — A Diondra nunca há de dizer onde ela está.

— Não foi isso que eu perguntei.

— Não sei, Ben, ela estava a proteger a mãe. A Diondra disse que contava tudo à Crystal e acho que era mesmo verdade. Tudo: Matei a Michelle e ninguém pode saber. O que é que faz à cabeça de uma miúda saber que a própria mãe é uma assassina? Fica obcecada, tenta dar sentido a isso, recorta fotografias dos familiares mortos, lê o diário da tia morta até conseguir citá-lo de cor, conhece todos os pormenores, passa a vida

pronta para defender a mãe. E de repente apareço eu e é a Crystal que estraga tudo. O que é que ela faz? Tenta emendar o erro. Eu quase a compreendo. Dou-lhe um desconto. Ela não há de ir para a prisão por minha causa.

Eu tinha sido muito vaga em relação a Crystal quando falei com a polícia. Eles queriam falar com ela sobre o incêndio, mas não sabiam que ela me tinha tentado matar. Eu não ia denunciar mais um membro da minha família, não ia, mesmo que este fosse, de facto, culpado. Tentei convencer-me de que ela não era tão perturbada como isso. Podia ter sido um ataque de loucura passageira, fruto do amor. Mas, verdade seja dita, foi exatamente o que aconteceu à mãe dela e a minha irmã morreu por causa disso.

Espero nunca mais ver Crystal na vida, mas, se por acaso isso acontecer, a única coisa que posso dizer é: ainda bem que tenho uma arma.

— Dás-lhe mesmo um desconto?

— Sei um bocadinho o que é tentar fazer a coisa certa e, em vez disso, arranjar uma bronca dos diabos — acrescentei.

— Estás a falar da mãe? — perguntou o Ben.

— Estava a falar de mim.

— Podias estar a falar de todos nós.

Ben encostou a mão ao vidro. O meu irmão e eu comparámos o tamanho das nossas palmas.

No outro dia, quando estava parado no pátio da prisão, sentiu cheiro a fumo. Viu fumo a pairar numa corrente de ar, a cerca de dois metros e meio acima da cabeça, e lembrou-se dos incêndios florestais de outono, quando era miúdo, chamava a marcharem pelo solo fora em linhas trémulas, a queimar o que não servia para nada. Na altura, odiara ser um rapaz do campo, mas agora só pensava nisso. A vida lá fora. À noite, quando os outros homens estavam a fazer os seus barulhos viscosos, fechava os olhos e via hectares de milho-miúdo a agitarem-lhe contra os seus joelhos com aquelas suas missangas castanhas e brilhantes, como joias de miúdas. Via os montes Flint do Kansas, com os seus cumes fantasmagóricos e achatados, como se cada monte estivesse à espera que o seu próprio coitado uivasse do cimo dele. Ou então fechava os olhos e imaginava o seu pé, atolado em lama, a sensação da terra a sugá-lo, a agarrar-se a ele.

Uma ou duas vezes por semana, Ben era tomado por um momento de embriaguez em que quase se ria. Estava na prisão. Para o resto da vida. Por ter assassinado a família. Podia isso ser verdade? Por essa altura, já ele pensava em Ben, no Ben de quinze anos, quase como se fosse seu filho, um ser completamente diferente, e às vezes tinha vontade de esganar o puto, o puto que não tinha garra. Imaginava-se a abanar Ben até a cara dele ficar desfocada.

Mas, outras vezes, sentia-se orgulhoso.

Sim, naquela noite fora um cobardezinho inútil e chorão, um menino que deixara as coisas acontecerem sem fazer nada para o impedir. Assustado. Mas, depois dos crimes, talvez as coisas se tenham encaixado. Ficaria calado para salvar Diondra, a sua mulher, e o bebé. A sua segunda família. Não conseguira sair daquele quarto e salvar Debby e a mãe. Não conseguira deter Diondra e salvar Michelle. Não conseguira fazer nada a não ser ficar calado e aguentar. Ficar quieto e aguentar. Isso ele podia fazer.

Seria esse tipo de homem.

Tornar-se-ia famoso por ser esse tipo de homem. Primeiro, foi o gajo satânico e mau, toda a gente doida para fugir dele, até os guardas tinham medo, e depois tornou-se o recluso educado e incompreendido. Recebia montes de visitas de mulheres e tentava não falar demais, deixá-las imaginar o que lhe iria na mente. Geralmente, imaginavam que ele estava a pensar coisas boas. Às vezes, estava. E outras vezes, pensava no que teria acontecido se aquela noite tivesse corrido de maneira diferente: ele e Diondra e um bebé berrão algures no oeste do Kansas, Diondra a chorar de raiva num quarto de motel tipo cela suja e gordurosa de comida, que alugavam à semana. Ele tê-la-ia matado. A dada altura, talvez isso tivesse acontecido. Ou talvez tivesse pegado no bebé e fugido, e ele e Crystal seriam felizes em qualquer parte, ela já na universidade, ele a gerir a quinta, a máquina do café sempre ligada, como em casa.

Talvez agora fosse a vez dele de sair da cadeia e a vez de Diondra ser presa, e ele sairia em liberdade e encontraria Crystal, onde quer que ela estivesse, a miúda tinha vivido

a vida toda num casulo, não podia desaparecer para sempre, ele havia de a encontrar e tomar conta dela. Seria bom tomar conta dela, fazer qualquer de útil além de ficar calado e aguentar.

Mas ainda nem tinha acabado de pensar nisto e já sabia que teria de fixar objetivos mais modestos. Fora isso que aprendera com a vida até aí: fixa sempre objetivos mais modestos. Nascera para ficar sozinho, eis o que sabia de certeza. Quando era miúdo, quando era adolescente, e indubitavelmente agora. Às vezes, tinha a sensação de que estivera fora a vida toda — no exílio, longe do lugar onde devia estar — e que, como acontecia com os soldados, estava mortinho por que o mandassem regressar. Com saudades de um lugar onde nunca estivera.

Se saísse em liberdade, iria ter com Libby, talvez. Libby que era parecida com a mãe, que era parecida com ele, que tinha aqueles ritmos todos que ele conhecia, conhecia sem ter de fazer uma só pergunta. Podia passar o resto da vida a pedir perdão a Libby, a zelar por Libby, a sua irmãzinha, algures lá fora. Num lugar qualquer pequeno.

Era só isso que ele queria.

Os arabescos do arame farpado da prisão cintilaram, amarelos, quando cheguei ao meu carro, distraída a pensar em todas as pessoas que tinham sido lesadas: intencionalmente, acidentalmente, mercidamente, injustamente, ligeiramente, completamente. A minha mãe, Michelle, Debby. Ben. Eu. Krissi Cates. Os pais dela. Os pais de Diondra. Diane. Trey. Crystal.

Perguntei-me se seria possível remediar alguma coisa, se seria possível alguém sarar ou pelo menos ser reconfortado.

Parei numa bomba de gasolina para pedir indicações, porque me tinha esquecido do caminho para o parque de rulotes de Diane e, que se lixe, ia visitá-la. Penteei o cabelo com os dedos à frente do espelho da casa de banho da estação de serviço e pus um pouco de batom do cieiro que quase roubara e acabara por comprar (mas ainda não me sentia muito bem com essa decisão). Depois, atravessei a povoação e entrei no parque de rulotes rodeado por uma vedação de madeira branca onde Diane morava. Havia narcisos amarelos em flor em toda a parte.

Fiquem sabendo que por acaso até há parques de rulotes bonitos.

A casa de Diane ficava exatamente onde eu me lembrava e parei o carro e buzinei três vezes, o ritual dela sempre que nos ia visitar, nos velhos tempos. Ela estava no seu pequeno quintal, a mexericar nas tulipas, com o grande traseiro virado para mim, uma mulherona com o cabelo ondulado cor de aço.

Ela virou-se ao ouvir as buzinelas e piscou os olhos descontroladamente quando saí do carro.

— Tia Diane? — chamei.

Ela atravessou o quintal em grandes passadas firmes, de rosto tenso. Quando chegou junto de mim, agarrou-me e abraçou-me com tanta força que fiquei sem ar nos pulmões. Depois, deu-me duas palmadas vigorosas, segurou-me à distância de um braço esticado e voltou a puxar-me para si.

— Eu sabia que tu conseguias, Libby, eu sabia que tu conseguias — murmurou ela com o rosto enterrado no meu cabelo, quente e a cheirar a fumo.

— Conseguiu o quê?

— Esforçar-te um bocadinho mais.

Fiquei duas horas em casa de Diane, até começarmos a esgotar o assunto, como acontecia sempre connosco. Ela abraçou-me outra vez rudemente e mandou-me voltar no sábado. Precisava de ajuda para instalar uma bancada.

Não me meti diretamente na autoestrada, dirigi-me lentamente para o sítio onde a nossa quinta costumava ficar, a tentar lá chegar por mero acaso. Tinha sido uma primavera chocha, mas agora tive de abrir as janelas. Cheguei ao fundo do longo troço de estrada que levaria à quinta, preparando-me para ver bairros de habitação ou centros

comerciais. Em vez disso, deparei com uma velha caixa do correio de lata, com o nome «Muehler» pintado em letras cursivas. A nossa quinta voltara a ser uma quinta. Um homem caminhava ao longo dos campos. Ao fundo, junto do lago, uma mulher e uma menina observavam um cão a chapinhar na água, a menina a agitar os braços como um moinho à volta da cintura, entediada.

Observei-os durante uns minutos, a tentar acalmar o cérebro, a tentar ficar longe do Lugar Escuro. Sem gritos, sem tiros de caçadeira, sem guinchos de gaios-azuis. A ouvir o silêncio. O homem reparou finalmente em mim e acenou-me. Eu disse-lhe adeus, mas afastei-me quando ele começou a andar em direção a mim, num gesto de bom vizinho. Não queria conhecê-lo e não queria apresentar-me. Queria ser simplesmente uma mulher qualquer, a caminho de casa no Meio de Nenhures.

Agradecimentos

Como cresci em Kansas City, no Missouri, onde, a vinte minutos de automóvel, encontramos amplos campos abertos de milho e trigo, sempre me senti fascinada por quintas. Fascinada, mas não, digamos assim, conhecedora do assunto. Deixo aqui um enorme obrigado aos agricultores e especialistas que me explicaram as realidades da agricultura, tanto na época da crise dos anos 80 como atualmente: Charlie Griffin da Kansas Rural Family Helpline (Linha de Apoio às Famílias Rurais do Kansas); Forrest Buhler da Kansas Agriculture Mediation Service (Serviço de Mediação Agrícola do Kansas); Jerrold Oliver; a minha prima Christy Baioni e o marido, David, agricultor desde sempre no Arkansas. Tenho uma gigantesca dívida de gratidão para com Jon e Dana Robnett: o Jon não só me deixou brincar aos agricultores durante um dia, nas suas terras do Missouri, como respondeu a infindáveis perguntas sobre agricultura: desde silos a castração de touros. Só não me explicou com todos os pormenores como é que se sacrificava uma vaca num ritual satânico, mas está perdoado por esse gesto de bom gosto.

O meu irmão, Travis Flynn, um dos melhores atiradores da região do Missouri-Kansas, foi incrivelmente generoso com o seu tempo e explicou-me o período e personalidade das armas e deixou-me experimentar uma série delas, desde uma caçadeira de calibre .10 a uma Magnum .44. Obrigada a Ruth, a mulher dele, por nos ter aturado.

Quanto às minhas perguntas sobre locais de crimes, recorri uma vez mais ao tenente Emmet B. Helrich. Quanto ao rock, virei-me para Slayer, Venom e Iron Maiden. O meu primo, o advogado Kevin Robinett, respondeu às minhas perguntas do foro jurídico com o seu estilo inconfundível, um misto de humor e inteligência. Um enorme agradecimento ao meu tio, o ilustre Robert M. Schieber, que levou com os meus estranhos e macabros interrogatórios sobre Lugares Escuros durante dois anos e arranja sempre tempo para discutir o que podia acontecer, o que poderá acontecer e o que provavelmente aconteceria no que toca à lei. A sua opinião foi inestimável. Quaisquer erros relativos a agricultura, armas ou leis são da minha responsabilidade; espero que os meus conterrâneos de Kansas City me perdoem as poucas liberdades poéticas que tomei em relação à nossa velha cidade.

No campo editorial, agradeço a Stephanie Kip Rostan, em cujo humor, inteligência e sensibilidade confio plenamente. Obrigada à minha editora, Sarah Knight, que acredita em mim e ao mesmo tempo me desafia — uma bela combinação —, e sabe organizar um excelente programa para uma rapariga se divertir à noite na cidade. No Reino Unido, Kirsty Dunseath e a sua equipa da Orion são infinitamente generosos. Um último agradecimento ao inimitável Shaye Areheart, que apostou em mim há uns anos!

Tenho um belo grupo de amigos e familiares que me dão um apoio constante. Um especial agradecimento a Jennifer e Mike Arvia, Amie Brooks, Katy Caldwell, Kameron Dannhauser, Sarah e Alex Eckert, Ryan Enright, Paul e Benetta Jensen, Sean Kelly, Sally Kim, Steve e Trisha London, Kelly Lowe, Tessa e Jessica Nagel, Jessica O'Donnell, Lauren Oliver, Brian Raftery, Dave Samson, Susan e Errol Stone, Josh Wolk, Bill e Kelly Ye, e ao

maravilhoso e talentoso Roy Flynn-Nolan, que me ajudou a criar belíssimas frases como: nfihsahnfiojfiõs343254nfa.

À minha grande família do Missouri-Kansas-Tennessee: os Schieber, os Dannhauser, os Nagel, os Welsh, os Basler, os Garrett, os Flynn e à minha avó Rose Page. A minha tia Leslie Garrett e o meu tio Tim Flynn dão-me um especial apoio e muitas opiniões esclarecedoras sobre a minha escrita «feminista pouco convencional».

À família do meu marido: James e Cathy Nolan, Jennifer Nolan e Megan e Pablo Marroquin, por terem sido sempre tão queridos em relação ao livro, por me fazerem rir em momentos inesperados, e por me deixarem comer as vossas sobremesas todas. Não me podia ter calhado uma família mais divertida.

E ao meu grupo de grandes amigos literários: Emily Stone tem um olho genial para analisar os pormenores e lembra-me sempre as alegrias do processo de escrita, por vezes tão lento. Scott Brown lê e relê e faz-me sempre sentir brilhante. Além disso, ele sabe quando se deve parar de escrever e ir visitar capoeiras assombradas no Alabama.

Aos meus pais, Matt e Judith Flynn. Pai, admiro profundamente o teu sentido de humor, a tua criatividade e a tua bondade. Mãe, és a pessoa mais elegante e generosa que conheço e um dia escreverei um livro em que a mãe não é 1) má ou 2) assassinada. Mereces mais! Obrigada a ambos por me terem acompanhado em várias viagens pelo Missouri-Kansas e por me dizerem sempre que têm orgulho em mim. Nenhum filho pode pedir mais do que isso.

Por fim, obrigado ao meu marido brilhante, divertido, de coração enorme e ultra sexy, Brett Nolan. O que posso eu dizer a um homem que sabe as coisas tenebrosas que me passam pela cabeça e ainda assim continua a dormir ao meu lado com as luzes apagadas? A um homem que me faz as perguntas que me ajudam a encontrar o caminho certo? A um homem que lê vorazmente, cozinha às mil maravilhas, fica tão elegante de smoking e assobia melhor do que Bing Crosby? A um homem que tem um encanto à moda antiga tão grande como Nick Charles¹, como é que é possível! O que é que eu posso dizer sobre nós? Duas palavras.

¹ Lendário apresentador desportivo da CNN. (N. da T.)